

# MICHAEL CUNNINGHAM



UMA CASA NO FIM  
DO MUNDO

«UM MAPA DO TERRITÓRIO EMOCIONAL CONTEMPORÂNEO.»

Vince Pasceri, Newsday

gradiva

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Uma Casa no Fim do Mundo**

Michael Cunningham

Título original inglês: *A Home at the End of the World*  
1990, by Michael Cunningham

O aclamado romance de Michael Cunningham conta a história de dois amigos: Jonathan, solitário, inseguro e introspectivo, e Bobby, sombrio e silencioso. Depois de uma adolescência na modorra e desolação de uma cidade do interior, a relação encontra em Nova Iorque um novo espaço de crescimento com a cumplicidade de Clare, uma veterana das guerras eróticas da cidade. Jonathan, Bobby e Clare são os três vértices de um triângulo em desequilíbrio. Juntos procurarão construir um novo tipo de família, testando os limites da amizade e do amor, enfrentando os riscos da desilusão e do abandono. Com a precisão e vivacidade que caracterizam a sua escrita, Michael Cunningham descreve magistralmente a fragilidade e tensão das relações afectivas no mundo urbano do nosso tempo.

Este livro é dedicado a Ken Corbett

Comecei a escrever Uma Casa no Fim do Mundo numa época difícil da minha vida. Pela altura em que concluí o livro, quase seis anos depois, as coisas tinham melhorado um pouco. Pela melhoria das circunstâncias agradeço ao National Endowment for the Arts e à revista The New Yorker.

Contudo, devo reservar a maior parte da minha gratidão a diversos amigos cuja generosidade salvou literalmente o livro durante as suas fases iniciais, numa época em que nem sempre era fácil obter encorajamento, abrigo, ou mesmo uma máquina de escrever em condições. Agradeço, com amor, a Judith E. Turtz, Donna Lee, Cristina Thorson e Rob e Dale Cole.

De ajuda inestimável foram ainda Jonathan Galassi, Gail Hochman, Sarah Metcalf, Anne Rumsey, Avery Russell, Lore Segal, Roger Straus, a Yaddo Corporation e, como sempre, a minha família.

O Poema Que Tomou o Lugar de uma Montanha  
Ei-lo, palavra por palavra,  
O poema que tomou o lugar de uma montanha.  
Ele respirava no seu oxigénio,  
Mesmo quando o livro jazia voltado sobre o pó da mesa.  
Recordava-lhe o quanto tinha precisado De um destino para o seu  
próprio rumo,  
Como tinha reordenado os pinheiros,  
Movido as pedras e escolhido um caminho por entre as nuvens,  
Pela perspectiva que mais lhe convinha,  
Onde se acharia inteiro numa inexplicada inteireza:  
A exacta rocha onde as suas inexactidões  
Descobririam, por fim, a vista para a qual tinham avançado,  
Onde poderia deitar-se, fitando o mar lá em baixo, E reconhecer a sua  
única e solitária casa.

Wallace Stevens

# PARTE I

## BOBBY

Certa vez o meu pai comprou um descapotável. Não me perguntem como. Eu tinha cinco anos. Comprou-o e guiou-o até casa com toda a naturalidade, como se trouxesse consigo um pedaço de estrada pedregosa. Imaginem a surpresa da minha mãe. Uma mulher que guardava os elásticos nas maçanetas das portas, que lavava os sacos de plástico usados e os punha a secar na corda da roupa, uma fiada de alforrecas insípidas a flutuar ao sol. Imaginem-na a esfregar o cheiro do queijo de um saco de plástico usado pela terceira ou quarta vez e o meu pai a chegar de Chevy descapotável - em segunda mão, mas nem por isso menos imponente -, uma paisagem de metal veloz, pára-choques cromados e acres daquilo que parece ser carne de prata moldada. O pai tinha visto o descapotável estacionado no centro da cidade com um letreiro que dizia vende-se e decidira ser o tipo de homem que compra um carro por capricho. No momento em que se aproxima compreendemos que a alegria maníaca que o possuía tinha começado a desvanecer-se. O carro é já um embaraço. O pai avança pelo caminho de acesso à casa com um sorriso gelado que condiz com a grelha do Chevy.

Claro que teria de devolver o carro. A mãe não chegou a entrar lá dentro. Mas eu e Carlton, o meu irmão mais velho, somos convidados a dar uma volta. Carlton, louco de excitação, põe-se de pé no banco da frente e tem de ser obrigado a sentar-se. Eu ajudo.

O pai agarra-o por um dos lados do cinto de cowboy e eu pelo outro. Gosto daquilo. Agarrar o meu irmão faz-me sentir útil.

Passamos por uma grande quinta. Os estábulos e celeiros estão ancorados num mar de trigo oscilante, as tábuas brancas derretendo na luz

tardia, nebulosa. Todos nós, mesmo Carlton, caímos em silêncio ao passar pela quinta. O sítio tem qualquer coisa de familiar. As vacas pastam, as árvores outonais projectam as suas sombras oblongas. Digo a mim próprio que somos agricultores e que temos dinheiro que chegue para conduzir um descapotável. O mundo explode de possibilidades. Sempre que ando de carro à noite, acredito que a Lua me segue.

- Chegámos a casa - grito ao passar pela quinta. Já nem sei o que estou a dizer. São os efeitos combinados do vento e da velocidade na minha cabeça. Mas nem o pai nem Carlton me fazem perguntas. Mergulhamos num silêncio vibrante. Nesse momento tenho a certeza de que partilhamos o mesmo sonho. Levanto os olhos para descobrir que a Lua, branca e engelhada no azul gasoso do céu, está de facto a seguir-nos. Carlton levanta-se outra vez no banco, berrando contra o vento, e nós voltamos a puxá-lo para baixo, para o santuário daquele carrão.

## JONATHAN

As pessoas juntaram-se ao anoitecer no relvado que escurecia. Eu tinha cinco anos. O ar cheirava a relva acabada de cortar e os montículos de areia eram luminosos. O meu pai levava-me aos ombros. Eu era piloto e prisioneiro da sua enormidade. As minhas pernas nuas roçavam-lhe o rosto áspero como lixa e agarrava-me às orelhas dele, conchas grandes, macias e peludas.

A boca e as unhas vermelhas da minha mãe pareciam negras no crepúsculo. Estava grávida - a barriga começava a notar-se - e as pessoas apartaram-se para lhe dar passagem. Montámos o nosso pequeno acampamento numa zona plana, com duas cadeiras de alumínio. Os festejos tinham atraído multidões. O fumo dos fogareiros portáteis adensava o ar. Sentei-me no colo do pai e ele deu-me um golinho de cerveja. A mãe agitava o jornal como um leque. Os mosquitos esvoaçavam em círculos no éter violeta.

Nesse quatro de Julho a cidade de Cleveland tinha contratado dois



célebres irmãos mexicanos para lançarem fogo de artifício sobre o campo de golfe municipal. Os dois mexicanos percorriam as festas estaduais e religiosas do mundo inteiro. Vinham do México profundo, onde se coziam pães em forma de caveiras e Virgens e onde o fogo de artifício era considerado a mais elevada forma de expressão artística.

O espectáculo começou antes do aparecimento da primeira estrela. Começou de modo pouco espectacular. Os irmãos estavam a provocar a audiência, lançando primeiro os fogos mais fáceis: as habituais florações duplas e triplas, espirais, feixes coloridos que deixavam atrás de si nuvens monótonas de fumo colorido. Nada de especial. Depois, ao fim de uma pausa, começaram a sério. Um foguete subiu a direito no espaço, arrastando um fio de luz prateada e florescendo purpúreo no final do arco, um lírio incandescente de cinco pontas, cada uma das pétalas rebentando numa nova flor. A multidão arrulhou de satisfação. O pai pousou a mão enorme e castanha na minha barriga e perguntou-me se estava a gostar. Fiz que sim com a cabeça. Na base do pescoço dele, um tufo de cabelos alourados despontava-lhe do colarinho da camisa de madraço.

Novos lírios explodiram, vermelhos, amarelos e cor de malva, de longos caules prateados. Depois vieram as serpentes, cuspidas chamas alaranjadas, doze de cada vez, grandes curvas ondulantes que se entrelaçavam e separavam, silvando sem parar. Seguiram-se enormes flocos de neve silenciosos, corpos cristalinos do mais puro branco, e depois uma constelação na forma da Estátua da Liberdade, de olhos azuis e lábios de rubi. Os milhares de espectadores sustiveram a respiração e aplaudiram. Lembro-me do pescoço do meu pai, salpicado de pontinhos de sangue seco, as pregas soltas da pele revestindo o grande mecanismo bojudo que lhe subia e descia na garganta enquanto engolia a cerveja. Sempre que eu estremecia com uma detonação mais violenta ou uma dispersão de brasas coloridas que pareciam cair directamente sobre nós, o pai tranquilizava-me, garantindo-me que nada tinha a temer. Sentia no estômago e nas pernas a vibração daquela voz. Os braços esguios do meu pai, indolentemente bissectados por uma única veia, mantinham-me firme no meu lugar.

Quero falar sobre a beleza do meu pai. Bem sei que não é um tema habitual para um homem - quando falamos dos nossos pais, o mais provável é que contemos histórias de coragem ou fúria colossal, ou mesmo de ternura. Mas eu quero falar sobre a simples, intacta beleza do meu pai: a poderosa simetria dos seus braços, loiros e ágeis, como se tivessem sido

esculpidos em madeira crua; a suave, cadenciada graciosidade dos seus movimentos. Era um homem compacto, fisicamente digno; o proprietário de uma sala de cinema tranquilamente apaixonado pelos filmes. A minha mãe sofria de enxaquecas e de ataques de ironia, mas o meu pai era sempre alegre, estava sempre a caminho de qualquer lugar, sempre certo de que as coisas se resolveriam da melhor maneira.

O pai saía para o trabalho e eu ficava em casa com a mãe. Ela inventava os jogos com que nos entretínhamos, pedia-me ajuda para fazer bolinhos. Não gostava de sair, especialmente no Inverno. O frio dava-lhe dores de cabeça. Era uma rapariga de Nova Orleas, de ossos estreitos e movimentos precisos. Tinha casado muito jovem. Por vezes levava-me para a janela, de onde ficávamos a observar a rua, esperando um momento em que a paisagem gelada revelasse qualquer coisa de comum em que ela pudesse confiar tão serenamente quanto aquelas robustas, exuberantes mães de Ohio que conduziam carros enormes carregados de mercearias, bebés e parentes idosos. As canadianas deslizavam pela nossa rua como tanques condecorados celebrando vitórias em guerras estrangeiras.

- Jonathan - murmurava ela. - Eh, miúdo. Em que estás a pensar?

Era uma das suas perguntas preferidas.

- Não sei.

- Diz qualquer coisa. Conta-me uma história. Eu tinha consciência da sua necessidade de falar.

- Aqueles rapazes vão levar o trenó para o rio - disse eu, referindo-me a dois rapazes mais velhos da vizinhança - rapazes que eu temia e adorava - que atravessavam a rua de bonés axadrezados, arrastando atrás de si um maltratado trenó. - Vão deslizar no gelo. Mas é preciso ter cuidado com os buracos. Um rapaz pequenino caiu num buraco e afogou-se.

A história não era grande coisa. Era o melhor que conseguia arranjar de um momento para o outro.

- Quem te contou isso? - perguntou ela. Encolhi os ombros. Supunha que tinha inventado a história, mas às vezes era difícil distinguir entre o que acontecia e o que podia acontecer. - Essa história mete-te medo?

- Não - respondi. Imaginava-me a deslizar sobre uma vasta planície de gelo, evitando habilmente os buracos de bordos serrados nos quais caíam outros rapazes com chapas tristes, derrotados.

- Aqui estás em segurança - disse ela, afagando-me a cabeça. - Não te preocupes com coisa nenhuma. Estamos os dois perfeitamente seguros aqui

dentro. - Fiz que sim com a cabeça, se bem que pudesse distinguir um certo tom de incerteza na voz dela. O rosto da minha mãe, de queixo forte e nariz pequeno, reflectia a luz invernal que saltava da rua gelada e fazia ricochete de sala em sala, riscando as pratas no aparador, colorindo o pequeno candeeiro prismático. - E se me contasses uma história cómica? - sugeri ela. - Vinha mesmo a calhar, não achas?

- Está bem - concordei, embora não soubesse histórias cómicas. O humor era um mistério para mim; só sabia narrar aquilo que via. A velha Miss Heidegger, a vizinha do lado, saiu de casa envergando um casaco que parecia feito de peles de rato. Apanhou uma folha de jornal que o vento arrastara para o relvado e voltou a entrar. Graças aos comentários privados dos meus pais, eu sabia que Miss Heidegger era cómica. Era cómica na sua determinação em manter o quintal imaculadamente limpo e nas suas convicções sobre os comunistas, que controlavam as escolas, a companhia telefónica e a igreja luterana. O meu pai gostava de dizer, imitando a voz chilreante de Miss Heidegger: «Aqueles comunistas enviaram-nos outra conta de electricidade. Acreditem no que vos digo, estão a tentar expulsar-nos das nossas próprias casas.» A mãe ria-se, mesmo nas alturas de pagar as contas, quando o medo se lhe imprimia mais claramente em redor dos lábios e dos olhos.

Nesse dia em que estávamos sentados à janela decidi ser eu próprio a imitar Miss Heidegger.

- Oh, aqueles malvados dos comunistas sujaram-me o relvado com esta folha de jornal - disse eu, numa voz aguda e trémula não muito diferente da minha verdadeira voz. Ergui-me e caminhei rigidamente até à mesinha do café. Peguei num exemplar da revista Time e agitei-a sobre a cabeça. - Seus comunistas - crocitei. - Não se metam connosco. Estão a tentar expulsar-nos das nossas próprias casas, mas é bom que parem com isso.

A mãe riu-se, deliciada.

- Oh, és tão mauzinho - disse ela.

Voltei para a janela e a mãe coçou-me carinhosamente a cabeça. A luz da rua iluminava as cortinas de gaze, enchia a taça azul pousada na mesa junto ao sofá. Estávamos em segurança.

O meu pai trabalhava o dia inteiro, vinha jantar a casa e depois regressava ao cinema para a sessão da noite. Não sei o que fazia durante todas aquelas horas - tanto quanto sei, o funcionamento de uma única e impróspera sala de cinema não exige a presença do proprietário desde

manhã cedo até às primeiras horas da madrugada. Mas a verdade é que o meu pai se ausentava durante todas essas horas e nós não lhe fazíamos perguntas. Era ele que ganhava o dinheiro e mantinha a casa que nos protegia dos Invernos de Cleveland. Não precisávamos de saber mais nada.

Quando chegava para o jantar, o pai trazia o cheiro do frio agarrado ao casaco. Era grande e inevitável como uma árvore. Ao despir o casaco, os pêlos finos dos antebraços levantavam-se-lhe, electrizados, no ar tépido e macio da casa.

A mãe servia o jantar que tinha preparado. O pai acariciava-lhe a barriga, agora redonda e dura como uma bola de basquete.

- São trigêmeos - disse ele certa noite. - Vamos precisar de uma casa maior. Dois quartos não chegam, nem de perto.

- Para já, preocupa-te com a conta do petróleo - respondeu ela.

- Mais um ano - disse ele. - Dentro de um ano estaremos em condições de comprar uma casa como deve ser.

O pai aludia frequentemente a uma mudança na nossa situação. Se nos dispuséssemos a ser de determinada maneira, as coisas acabariam por acontecer. Mas tínhamos de atentar ao modo como nos movíamos, àquilo que dizíamos.

- A ver vamos - disse a mãe calmamente.

O pai levantou-se da cadeira e massajou-lhe os ombros. As mãos dele cobriam-lhe completamente os ombros. Por pouco não conseguia rodear-lhe o pescoço com uma só mão.

- Preocupa-te com o bebé e nada mais - disse ele. - Não adoeças. Eu trato do resto.

A mãe submetia-se às carícias dele, mas não as apreciava. Era a cara dela que mo dizia. Sempre que o pai estava em casa, a mãe punha aquela expressão cautelosa que exhibia quando nos sentávamos à janela. A presença dele enervava-a, como se uma parte do mundo exterior tivesse conseguido entrar em casa à força.

O pai esperou que ela dissesse qualquer coisa, algo que desse novo alento à conversa familiar. Mas a mãe continuou sentada em silêncio, de ombros tensos sob as atenções dele.

- Bom, está na hora de voltar ao trabalho - disse ele por fim. - Até mais logo, companheiro. Toma conta da casa.

- Está bem - respondi. O pai deu-me uma palmada nas costas e beijou-me rudemente na bochecha. A mãe levantou-se e começou a lavar os pratos.

Fiquei sentado a olhar para o pai, que voltou a esconder os braços musculosos no casaco e saiu.

Mais tarde nessa noite, enquanto a minha mãe via televisão na sala, levantei-me da cama, esgueirei-me para o quarto dos pais e experimentei o batom. Apesar da escuridão, compreendi que o efeito era mais carnavalesco do que sedutor. Mesmo assim, era uma revisão da minha aparência. Fiz círculos vermelhos de rouge nas bochechas e desenhei riscos pretos nas sobrancelhas loiras.

Caminhei em pontas de pés até à casa de banho. Do andar de baixo chegava-me o som de risos e música. Pousei o banco no sítio onde o meu pai costumava barbear-se e subi para poder ver-me ao espelho. Os lábios que eu tinha desenhado eram enormes e disformes, as manchas de rouge estavam tortas. Não me considerava bonito, mas acreditava que tinha em mim a possibilidade da beleza. Teria de atentar ao modo como me movia, àquilo que dizia. Lentamente, para não fazer barulho, abri a porta do armário dos remédios e tirei a lata de espuma de barbear. Sabia perfeitamente o que fazer: agitei a lata com um gesto impaciente, enchi a palma da mão esquerda com um montículo de espuma e apliquei-a imprudente e extravagantemente, na cara e no pescoço. A aplicação de maquilhagem exigia toda a concentração necessária à desactivação de uma bomba; o barbear era um acto apressado e impreciso que produzia pintinhas de sangue na cara e deixava o lavatório cheio de pêlos minúsculos.

Depois de ensaboar a cara fiquei a olhar para o espelho durante muito tempo, examinando o efeito final. Os meus olhos enegrecidos cintilavam como aranhas sobre a abundante espuma branca. Eu não era efeminado nem viril. Era outra coisa qualquer, completamente diferente. Havia tantas formas diferentes de beleza.

A barriga da minha mãe inchava cada vez mais. Durante uma saída para fazer compras exigi, e recebi, uma boneca de borracha cor-de-rosa, de lábios finos e olhos cor de cobalto que se fechavam quando a deitava de costas com o estalido peremptório de janelas minúsculas. Suspeitava de que os meus pais debatiam entre si a questão da boneca. Julgo que decidiram que ela me ajudaria a lidar com os meus sentimentos de exclusão. A mãe ensinou-me a mudar-lhe as fraldas e a dar-lhe banho no lava-louças da cozinha. Até o pai manifestava interesse pelo bem-estar da boneca.

- Que tal está a criança? - perguntou ele uma noite depois do jantar, enquanto eu a tirava, de membros rígidos, da água do banho.

- Está bem - respondi. As articulações da boneca escorriam água. A cabeleira cor de enxofre, plantada no escalpe perfurado, emanava um cheiro a algodão húmido.

- Que lindo bebé - comentou o pai, esticando um dedo para lhe acariciar a bochecha de borracha dura. Fiquei deliciado. Ele parecia gostar tanto do bebé.

- Pois é - disse eu, embrulhando a coisa inerte numa toalha grossa branca.

O pai acocorou-se junto a mim, expelindo uma golfada de ar condimentada pelo seu odor.

- Jonathan? - disse ele.

- Que foi?

- Tu sabes que os rapazes não costumam brincar com bonecas, não sabes?

- Sei.

- Tens um bebé - disse ele. - E não há problema nenhum nisso, aqui em casa. Mas se a mostrares aos outros rapazes, é muito possível que eles não compreendam. Por isso é melhor que brinques com ela só aqui. Está bem?

- Está.

- Ótimo. - Fez-me uma festa no braço. - Então estamos combinados. Só brincas com a boneca dentro de casa, percebeste?

- Sim - respondi. Erguido à frente dele na minha pequenez, segurando a boneca embrulhada na toalha, senti a primeira verdadeira humilhação da minha vida. Reconheci em mim próprio uma profunda inadequação, uma tolice. Claro que sabia que a boneca era apenas um brinquedo, e ligeiramente embaraçoso por sinal. Um brinquedo errado. Como pudera acreditar noutra coisa?

- Estás bem? - perguntou o pai.

- Estou.

- Está bem. Escuta. Tenho de ir embora. Toma conta da casa.

- Papá?

- Sim?

- A mamã não quer ter o bebé - disse eu.

- Claro que quer.

- Não quer nada. Foi ela que disse.

- Jonathan, o papá e a mamã estão muito felizes com a chegada do bebé. E tu? Não estás feliz?

- A mamã detesta o bebé - continuei. - Ela disse-me. Disse que tu queres o bebé, mas ela não.

Olhei para a cara gigantesca do meu pai e percebi que tinha conseguido estabelecer um qualquer tipo de contacto. Os olhos dele brilhavam com mais intensidade e o delta de capilares que se lhe espalhavam pelo nariz e bochechas tornou-se mais nítido e rosado sob a pele pálida.

- Isso não é verdade, companheiro - disse ele. - Às vezes a mamã diz coisas sem querer. Acredita que ela está muito feliz com a chegada do bebé, tal como tu e eu. - Não respondi. - Olha, estou atrasado - disse ele. - Confia em mim. Vais ter uma irmãzinha ou um irmãozinho e vamos todos gostar muito dela. Ou dele. E tu vais ser o irmão mais velho. Vai correr tudo às mil maravilhas. - Houve um silêncio. - Toma conta das coisas enquanto eu estiver no trabalho, está bem? - acrescentou. Acariciou-me a bochecha com o polegar achatado e saiu.

Nessa noite fui acordado pelo som de uma discussão sussurrada. Ao fundo do corredor, por detrás da porta fechada do quarto, as vozes dos meus pais silvavam. Permaneci deitado na cama, à espera - de quê? Em breve voltei a adormecer, e até hoje continuo sem saber se terei ou não sonhado o som dessa discussão. Por vezes continua a ser difícil distinguir entre o que aconteceu e o que podia ter acontecido.

A minha mãe foi para o hospital num fim de tarde em Dezembro e eu fiquei em casa, entregue aos cuidados de Miss Heidegger, a vizinha do lado. Miss Heidegger era uma velha alma desconfiada, de olhos turvos, o cabelo grisalho e tão ralo que mal lhe cobria a curva rosada do crânio.

Fiquei a observar o carro dos meus pais que se afastava. Miss Heidegger estava imóvel atrás de mim, emanando um ténue perfume a rosas murchas.

- A mamã não vai ter nenhum bebé - disse-lhe eu, depois de o carro ter desaparecido.

- Não? - retorquiu agradavelmente Miss Heidegger, que não fazia a mínima ideia de como falar com crianças quando estas se punham a dizer coisas estranhas.

- Ela não quer - expliquei.

- Tenho a certeza de que vais gostar muito do bebé, querido - disse Miss Heidegger. - Espera e verás. Quando os teus pais o trouxerem para casa, verás que é a coisinha mais linda deste mundo.

- A minha mamã não gosta de ter bebés - respondi. - Não o queremos.

Perante isto, o sangue que restava à pobre Miss Heidegger afluiu-lhe ao rosto e ela dirigiu-se à cozinha para tratar do jantar, emitindo um som semelhante ao sussurro do papel de seda. Cozinhou uma coisa flácida e cozida, que eu, com a minha devoção infantil por comidas moles, adorei.

Quando o pai ligou do hospital já passava da meia-noite. Miss Heidegger e eu alcançámos o aparelho ao mesmo tempo. Ela pegou no auscultador e permaneceu de pé no seu roupão de banho azul, abanando a cabeça mirrada. Compreendi que acontecera qualquer coisa de errado pela expressão dos olhos dela, que assumiram uma fragilidade e um brilho semelhantes ao de um rio gelado prestes a derreter-se, quando não é mais do que a memória do gelo pairando um último instante sobre a água castanha e agitada.

Mais tarde explicar-me-iam o bebé como uma espécie de bilhete cancelado, um bolo tirado do forno antes do tempo. Só depois de adulto conheceria a verdadeira história do cordão estrangulador e da carne rasgada. A mãe esteve morta durante quase um minuto e depois, miraculosamente, ressuscitou. Tiveram de lhe extrair grande parte do útero. O bebé, uma menina, viveu o tempo suficiente para soltar um único balido sob o tecto fluorescente da sala de partos.

Suponho que o pai não estava em condições de falar comigo. Entregou a tarefa a Miss Heidegger, que pousou o auscultador e ficou a olhar para mim com uma expressão de confusão aterrada, semelhante àquela com que provavelmente acolhemos a própria morte. Compreendi imediatamente que tinha acontecido qualquer coisa de pavoroso.

- Oh, coitados, coitados - disse ela num murmúrio. - Oh, coitadinho de ti.

Embora não soubesse ao certo o que tinha acontecido, percebi que era um momento de dor. Tentei mostrar-me inconsolável, mas, na verdade, sentia-me excitado e bastante satisfeito pela oportunidade de agir adequadamente numa situação complicada.

- Vamos, não te aflijas, meu querido - disse Miss Heidegger. Havia verdadeiro horror na voz dela, uma espécie de gargarejo húmido. Tentei conduzi-la a uma cadeira e descobri com surpresa que ela me obedecia. Corri para a cozinha e regresssei com um copo de água, que era, na minha opinião, aquilo que devia oferecer-se a uma pessoa em estado de agitação emocional. - Não te aflijas, eu estou aqui contigo - disse ela, enquanto eu trazia uma base para o copo e a pousava na mesa ao lado do sofá. Miss



Heidegger tentou sentar-me no colo dela, mas eu não estava interessado nisso. Continuei de pé junto dela. Acariciou-me o cabelo e eu afaguei-lhe os ossos magros e complicados dos joelhos cobertos pela flanela do roupão. - Oh, mas ela parecia uma mulher tão saudável - comentou Miss Heidegger, desamparada, num tom vagamente interrogativo. - Parecia perfeitamente bem. - Encorajado, peguei-lhe na mão, que era frágil, quebradiça. - Oh, coitadinho - disse ela. - Não te aflijas, eu estou aqui.

Continuei de pé à frente dela, segurando-lhe os ossos da mão. Miss Heidegger sorriu-me. Haveria algum traço de prazer no sorriso dela? Provavelmente não; suponho que o imaginei. Massagei-lhe suavemente a mão. Permanecemos assim durante muito tempo, vergados, resolutos e vagamente satisfeitos, como duas solteironas que aprenderam a encontrar consolo no insondável sofrimento do mundo.

A minha mãe regressou a casa uma semana mais tarde, silenciosa e tímida. Ela e o pai ficaram a olhar em volta como se a casa lhes fosse desconhecida, como se alguém lhes tivesse prometido qualquer coisa melhor. Na ausência da mãe, Miss Heidegger tinha instituído um odor próprio, onde um aquoso perfume de rosas se misturava com o cheiro de cozinhados desconhecidos.

Apertou as mãos dos meus pais e saiu, discreta e apressada. Era como se lhe tivessem dito em segredo que a casa deflagraria em chamas a qualquer momento.

Depois de Miss Heidegger ter saído, os meus pais ajoelharam-se para me abraçarem. Cercaram-me, sepultando-me na sua carne, nos seus cheiros vivos, conhecidos.

O pai chorou. Nunca tinha vertido uma única lágrima na minha presença e agora chorava extravagantemente, grandes soluços mucosos que lhe obstruíam a garganta com os sons estrangulados de um cano entupido. Experimentalmente, pousei-lhe a mão no braço. Não se afastou nem me repeliu. Os pêlos loiros do braço dele brotavam, hirsutos, por entre os meus dedos.

- Não faz mal - murmurei, se bem que fosse improvável que ele conseguisse ouvir-me no meio dos seus lamentos. - Não faz mal - repeti, em voz alta. As minhas palavras não pareciam proporcionar-lhe qualquer conforto aparente.

Olhei para a mãe. Não estava a chorar. O rosto dela fora drenado de cor e expressão. Parecia um corpo desocupado, aguardando, estupefacto, a

infusão de uma alma humana. Mas quando me viu a olhar para ela, agarrou-me bruscamente, de um modo vigoroso e sonâmbulo, e apertou-me contra o peito. Aquele abraço apanhou-me desprevenido e eu soltei o braço do meu pai. Enquanto a mãe me esmagava o rosto contra as pregas do casaco, perdi completamente o contacto com o pai. Fui arrastado para o fundo, para as profundezas do casaco dela. Enchia-me o nariz e as orelhas. Os soluços do pai tornaram-se cada vez mais abafados e longínquos à medida que eu mergulhava mais profundamente nas roupas da minha mãe, atravessando a camada superficial e fria em direcção ao âmago perfumado, familiar. Resisti por uns momentos, tentei regressar para junto do pai, mas ela era demasiado forte. Desapareci. Abandonei-o e entreguei-me ao sofrimento mais voraz da minha mãe.

Depois disso, a mãe tornou-se mais avessa do que nunca a sair de casa. Às vezes, durante a manhã, levava-me para a cama dela, onde ficávamos a ler ou a ver televisão até meio da tarde. Brincávamos juntos, contávamos histórias. Julgo que sei o que andávamos a fazer nesses longos dias de isolamento - praticávamos para um tempo em que o pai já não estaria connosco, em que viveríamos sós.

Eu fazia imitações para a divertir, se bem que já não me sentisse inclinado a imitar Miss Heidegger. Comecei a imitá-la a ela, o que por vezes a fazia guinchar de riso. Punha lenços e chapéus e imitava-lhe o sotaque de Nova Orleães, que, na minha versão, estava a meio caminho entre o modo de falar do Sul e as sonoridades do Bronx.

- Em que estás a pensar? - dizia eu, em voz lenta e arrastada. - Conta-me uma história, querido.

Ela ria até às lágrimas.

- Tens talento, amorzinho - dizia ela. - E se a gente te pusesse a trabalhar no palco, para que possas sustentar a tua velha mãe quando estiver senil?

Quando finalmente nos levantávamos, a mãe vestia-se apressadamente e punha-se a cozinhar e a limpar a casa com a implacabilidade de um artista.

O pai já não lhe massajava os ombros quando regressava do trabalho ao fim do dia. Já não lhe depositava na testa ou na ponta do nariz beijos sonoros e exagerados. Não conseguia. Desenvolvera-se em torno dela um escudo transparente e sólido como o vidro. Eu via-a erguer-se no momento em que o meu pai chegava a casa com o cheiro extravagante do mundo

exterior agarrado ao casaco. Com o escudo de protecção activado, a mãe não parecia minimamente diferente - o rosto dela continuava a ser inteligente, ligeiramente febril, e os seus movimentos precisos como os de um cirurgião enquanto servia o jantar perfeito que tinha preparado -, mas tornava-se intocável. Sabíamo-lo, o pai e eu, com uma certeza visceral que era tão real quanto inexplicável. A mãe tinha poderes. Jantávamos (o talento dela para a cozinha não parava de se expandir), falávamos de coisas comuns. O pai beijava o ar à nossa volta enquanto se preparava para regressar ao exterior.

Uma noite nos finais da Primavera fui acordado pelo som de uma verdadeira discussão. Os meus pais estavam no andar de baixo. Embora estivessem enfurecidos, esforçavam-se por falar em voz baixa, pelo que eu só conseguia ouvir uma ou outra palavra desgarrada. O efeito era semelhante ao de duas pessoas aos gritos dentro de um saco de pano grosso. Ouvi o pai dizer «castigo» e, ao fim de um minuto, a mãe respondeu «o que tu queres... coisa... egoísta».

Fiquei deitado no escuro, à escuta. A seguir ouvi passos - os do pai - pelas escadas a cima. Julgando que fosse entrar no meu quarto, fingi um sono angélico e elaborado, a cabeça no meio da almofada e os lábios entreabertos. Mas o pai não me procurou. Dirigiu-se ao quarto que partilhava com a mãe. Ouvi-o entrar e mais nada.

Passaram-se alguns minutos. A mãe não o seguiu. A casa estava silenciosa, cheia de um silêncio gélido, invernos, se bem que as folhas dos lilases e cornisos afagassem as vidraças das janelas. Permaneci cautelosamente deitado, sem saber o que devia esperar nem o que me era permitido fazer numa noite assim. Tentei voltar a adormecer, mas não consegui.

Finalmente levantei-me e atravessei o corredor em direcção ao quarto dos meus pais. A porta estava entreaberta. A luz do candeeiro da mesinha de cabeceira - uma luz entre o rosa e o ouro, tingida pelo quebra-luz de pergaminho - alastrava, difusa, à semiobscuridade do corredor. Conseguia ouvir a mãe a partir nozes na cozinha, uma série de estalidos vivos, musicais.

O pai estava deitado diagonalmente na cama, numa atitude de refinado, quase modesto, abandono. Tinha o rosto voltado para a parede, onde uma rua azul e verde de Paris, despovoada, se suspendia numa moldura prateada. Tinha um dos braços fora da cama, os dedos balouçando

extravagantemente. O peito dele subia e descia no ritmo regular do sono.

Permaneci sob o umbral da porta durante algum tempo, reflectindo sobre a minha posição. Esperava que ele me ouvisse, que me olhasse e começasse a preocupar-se com o facto de me terem perturbado. Como permanecesse imóvel sobre a cama, resolvi entrar silenciosamente no quarto. Era a minha vez de falar, mas não me ocorria nada para dizer. Imaginara que a minha simples presença surtisse qualquer efeito. Olhei à minha volta. Lá estava a cómoda, com os artigos de maquilhagem e os perfumes da mãe dispostos num tabuleiro de madrepérola. Lá estava o espelho na sua moldura de carvalho, exibindo um retalho do papel florido que revestia a parede em frente. De mãos vazias, sem uma oferenda, aproximei-me da cama e toquei cuidadosamente no cotovelo do pai.

Ele ergueu a cabeça e olhou-me como se não me reconhecesse; como se nos tivéssemos encontrado uma vez, há muito tempo, e estivesse a tentar lembrar-se do meu nome. A expressão da cara dele aterrou-me.

Por uns momentos acreditei realmente que ele nos tinha abandonado; a sua qualidade paternal desaparecera e, em vez dela, havia apenas um homem, grande como um carro, mas inexpressivo e desprovido de escrúpulos como uma criança, capaz de tudo. Estaquei sob o olhar fixo da sua nova estranheza, sorrindo timidamente no meu pijama amarelo.

Finalmente o pai obrigou-se a regressar. Reapossou-se do seu rosto e pousou uma mão meiga no meu ombro.

- Olá - disse ele. - Que estás a fazer acordado a estas horas? - Encolhi os ombros. Mesmo hoje, enquanto adulto, não me recordo de um único momento em que não tenha hesitado e ponderado antes de dizer a verdade. O pai podia ter-me agarrado e içado para a cama. Esse gesto podia ter-nos salvo aos dois, pelo menos por alguns momentos. Desejava ardentemente que ele o fizesse. Daria tudo o que imaginasse possuir, nas minhas mais ambiciosas fantasias, para ser abraçado por ele, como naquele quatro de Julho em que o céu explodira sobre nós. Mas ele sentia-se certamente embaraçado por ter sido apanhado a discutir. Agora era um homem que acordara o filho durante uma discussão com a mulher, um homem que se atirava para cima da cama como uma adolescente de coração destroçado. Podia vir a ser outras coisas, mas continuaria a ser isso para sempre. - Volta para a cama - disse ele, num tom de voz mais rude do que teria pretendido. Julgo que acreditava que a situação ainda podia ser desfeita. Se agisse com suficiente determinação, talvez pudéssemos recuar no tempo e remendar o

tecido rasgado do meu sono. Eu acordaria na manhã seguinte com a vaga memória de um sonho e nada mais.

Recusei-me a obedecer. Desejava confortá-lo e não me contentaria com menos. Ele voltou a mandar-me para a cama e eu tornei-me obstinado e impertinente. Estava prestes a rebentar em lágrimas. O pai começava a impacientar-se. Queria que ele exigisse a minha presença. Precisava de saber que, por meio da minha bondade e perseverança, sairia vitorioso da prolongada batalha pelo amor dele.

- Jonathan - disse ele. - Vá lá, Jonathan...

Deixei-me transportar de regresso ao meu quarto. Não tinha alternativa. Ele pegou em mim ao colo e, pela primeira vez, não exultei perante o toque, o cheiro forte, o lustro curvo e amplo da testa do meu pai.

Nesse momento compreendi a reticência da mãe, a sua necessidade de distância. Eu tinha aprendido a imitá-la e agora, subitamente, não conseguia fazer outra coisa. Se o pai me massajasse os ombros doridos, ficaria tenso; se ele entrasse de rompante, da rua cheia de neve, pensaria nervosamente no colapso do meu soufflé de espinafres.

O pai deitou-me na cama com meiguice apesar das circunstâncias. Aconchegou-me nos cobertores, mandou-me dormir. Não me tratou com dureza. Mas eu saltei da cama num acesso de fúria e corri para a arca dos brinquedos. Era dominado por sentimentos estranhos que me deixavam ligeiramente tonto.

- Jonathan - disse o pai severamente. Começou a correr atrás de mim, mas eu era demasiado rápido. Revistei o fundo da arca, sabendo perfeitamente o que procurava. Puxei a boneca por uma das pernas de plástico e embalei-a furiosamente nos braços.

O pai hesitou, inclinado sobre a minha pequena cama. No espaldar havia o desenho de um coelho que dançava, extático, num campo de flores cor-de-rosa de quatro pétalas.

- É minha - disse eu, num tom de insistência quase histérica. O chão parecia estremecer sob os meus pés e abracei a boneca como se só ela pudesse impedir que eu perdesse o equilíbrio e caísse.

O pai abanou a cabeça. Tanto quanto me lembro, foi a única vez em que a sua benevolência soçobrou. O mundo tornara-se pequeno aos olhos do meu pai, que sonhara com tanto. A mulher desprezava-o, o negócio não era um sucesso e o único filho - não haveria outros - gostava de bonecas e de brincar dentro de casa.

- Valha-me Deus, Jonathan - gemeu ele. - Valha-me Deus. Que raio se passa contigo?

Fiquei mudo. Não sabia responder àquela pergunta, embora compreendesse que ele esperava uma resposta.

- É minha - foi tudo o que pude oferecer-lhe como resposta. Apertava a boneca com tanta força que as suas pestanas duras me picavam o peito através do pijama.

- Pronto, está bem - disse ele mais calmamente, em tom derrotado. - Está bem. É tua.

E saiu do quarto.

Ouvi-o descer as escadas, tirar o casaco do bengaleiro do hall. Ouvi o silêncio da minha mãe, na cozinha. Ouvi-o fechar a porta da rua, com um cuidado e intencionalidade que sugeriam o fim de qualquer coisa.

Dormiu no sofá do escritório e regressou a casa na manhã seguinte. Seguiu-se um período incómodo, após o qual retomámos uma vida familiar normal e a nossa antiga alegria. Os meus pais inventaram um relacionamento cordial e bem humorado que não envolvia beijos nem discussões. Começaram a viver juntos com a familiaridade simples e casta de dois irmãos. O pai não voltaria a fazer-me perguntas às quais não sabia responder, se bem que a primeira continuasse a crepitar no fundo da minha memória, como uma ligação eléctrica defeituosa. Os cozinhados da mãe tornar-se-iam célebres. Em 1968, a nossa família seria fotografada para o suplemento de Domingo do Post de Cleveland: a mãe encetando uma caçarola de camarão enquanto o pai e eu a observávamos, orgulhosos, expectantes e impecavelmente vestidos.

## BOBBY

Nessa época vivíamos em Cleveland, no meio de tudo. Estava-se nos anos 60 - os rádios cantavam o amor o dia inteiro. Tudo isso passou à história, claro. Aconteceu antes da falência da cidade de Cleveland, antes de o rio pegar fogo. Éramos quatro. A mãe, o pai, Carlton e eu. Carlton fez

dezasseis anos no ano em que eu fiz nove. Entre ele e eu houve diversos irmãos e irmãs, pequenas chamas que se extinguiram no útero da minha mãe. Não éramos um ramo fecundo. O nome da nossa família é Morrow.

O meu pai era professor de música no liceu. A minha mãe ensinava crianças ditas «especiais», o que significava que algumas sabiam dizer em que dia da semana calhava o Natal do ano 2000, mas não se lembravam de abrir a braguilha antes de mijar. Vivíamos num bairro chamado Woodlawn - filas ordenadas de casas de um e dois andares, pintadas de cores optimistas. O bairro ficava junto de um cemitério. Por detrás do nosso quintal das traseiras havia um barranco coberto de silvas e, do outro lado, o campo de lápides lisas e polidas. Cresci perto do cemitério e isso nunca me incomodou. Às vezes era bonito. Um único anjo de pedra, de peito estreito e aspecto obstinado, erguia-se por entre as lápides simples, as que ficavam mais próximas da nossa casa. Um pouco mais longe, numa secção mais rica, mesquitas e parténons em miniatura falavam silenciosamente a Cleveland dos duradouros triunfos humanos. Em pequenos, Carlton e eu costumávamos brincar no cemitério e, mais tarde, juntávamo-nos aí para fumar charros e beber Southern Comfort. Graças a Carlton, fui o miúdo de nove anos com mais experiência criminal da minha turma. Fazia coisas. Mas não dava um passo sem me aconselhar com ele.

Eis Carlton diversos meses antes de morrer, num momento tão vivo de neve que a terra e o céu parecem igualmente brancos. Ele avança com esforço por entre as lápides e eu corro atrás dele, picado pela neve, perseguindo a luz do seu gorro de lã vermelha. Carlton prendeu o cabelo num pequeno e económico rabo de cavalo, uma perfeita pinha de cabelo. É um rapaz frugal à sua maneira.

Tínhamos tomado ácido com o sumo do pequeno-almoço. Ou antes, Carlton tomou uma dose e eu, atendendo à minha juventude, tomei metade. Este ácido chama-se «vidraça». Dá claridade de visão, tal como o Vicks descongestiona o nariz. Os pais estão no trabalho, a ganhar o pão de cada dia. Decidimos sair para o frio, de modo a que a casa, quando voltarmos a entrar, nos choque com o seu calor e integridade. Carlton acredita em choques.

- Acho que estou a sentir qualquer coisa - grito. Carlton usa o blusão de pele de bode, brilhante de tão coçado. A namorada coseu-lhe um olho azul eléctrico nas costas, sobre as omoplatas. Enquanto caminhamos, converso com o olho azul. - Acho que estou a sentir qualquer coisa - digo.

- Ainda é cedo - responde Carlton. - Descontra-te, Frisco. Vais perceber quando o efeito chegar.

Estou excitado e aterrado. Andamos a tomar droga a sério. Carlton tomou ácido meia dúzia de vezes, mas para mim é a primeira vez. Tínhamos metido as pastilhas na boca ao pequeno-almoço, enquanto a mãe fritava o bacon. Carlton gosta de correr riscos.

A neve junta-se nas letras gravadas das lápides. Inclino-me sobre o vento, tentando perceber se é a droga que torna as coisas estranhas, ou se elas são realmente assim. Três semanas antes, uma família que vivia no outro lado da cidade estava a ver televisão quando um monomotor se despenhou sobre a casa. A neve rodopia à nossa volta, parecendo cair para o céu e não apenas para o chão.

Carlton abre caminho para o nosso sítio, o átrio entre colunas de um sepulcro. É um palácio. Cupidos de pedra reúnem-se no telhado bicudo, de asas geladas e rostos de matronas.

Sob o telhado há uma varanda e portas de ferro forjado que conduzem à casa dos mortos. No Verão, a varanda é fresca. No Inverno abriga-nos do vento. É onde guardamos a garrafa de Southern Comfort.

Carlton pega na garrafa, desatarraxa a tampa e bebe um grande gole. Está coberto de flocos de neve. Passa-me a garrafa e eu bebo um gole mais moderado. Mesmo no Inverno, o sepulcro cheira a musgo, como um poço. Agitadas pelo vento, as folhas secas e uma embalagem vazia de M&M's arranham o chão de mármore. - Estás com medo? - pergunta Carlton. Faço que sim com a cabeça. Nunca lhe minto. - Não estejas, pá - diz ele. - O medo estraga tudo. As drogas não te fazem mal se não tiveres medo.

Faço que sim com a cabeça. Estamos abrigados, partilhando a garrafa. Inclino-me sobre Carlton como se ele fosse uma fonte de calor.

- Em Woodstock podemos tomar ácido o ano inteiro - digo eu.

- Podes crer. A Nação Woodstock. Uau.

- A sério que as pessoas ainda lá vivem? - pergunto.

- Eh pá, estás sempre a perguntar a mesma coisa. O concerto acabou, mas há malta que ficou por lá. É a nova nação. Acredita.

Volto a acenar com a cabeça, satisfeito. Há um país diferente onde podemos viver. Eu próprio já sou um miúdo diferente chamado Frisco. O meu antigo nome era Robert.

- E podemos tomar ácido sempre que nos apetecer - insisto.

- Podes crer. - A cara de Carlton, cercada de neve e mármore, está



iluminada. Os olhos dele brilham como néon. Algo neles me diz que Carlton consegue ver o futuro? esse fantasma que paira sobre a cabeça de toda a gente. No futuro de Carlton todos nós seremos libertados dos nossos empregos e escolas. Em breve conheceremos uma alegre e perfeita simplicidade. Uma vida entre as árvores junto ao rio. - Como te sentes, pá? - pergunta ele.

- Ótimo - respondo, e é a pura verdade. As pombas levantam voo de uma árvore nua e mudam de direcção no mesmo instante, aço convertido em prata na luz salpicada de neve. Compreendo nesse momento que a droga está a fazer efeito. As coisas à minha volta assumem subitamente, esplendorosamente, a sua própria verdade. Carlton tinha razão. - Oh - murmuro. Carlton pousa a mão no meu ombro.

- Relaxa, Frisco - diz ele. - Não tens de ter medo de nada. O mundo é belo. Eu estou aqui. Não estou com medo.

Estou perplexo. Até então ainda não tinha percebido a que ponto tudo é real. Sobre as lajes de mármore aos meus pés vejo um galho com um cacho de bagas duras e castanhas. A ponta quebrada do galho é crua, branca, carnuda. As árvores estão vivas. - Eu estou aqui - repete Carlton, e é verdade.

Horas depois estamos refastelados no sofá em frente à televisão, como dois miúdos comuns. A mãe está na cozinha a fazer o jantar. Ouvimos o retinir da tampa de uma panela. Somos agentes secretos. Eu faço os possíveis para dissimular o meu assombro.

O pai está a montar um relógio de sala. Quer deixar-nos uma herança qualquer, algo que a gente possa doar aos nossos filhos. Podemos ouvi-lo na cave, a serrar e a martelar. Sei aquilo que pousou na mesa de carpinteiro - uma caixa de madeira comprida na qual vai colando ornatos elaborados. Uma única pérola de suor corre-lhe pela testa enquanto trabalha. Acabo de descobrir a minha capacidade para ver tudo o que acontece em cada compartimento da casa de uma só vez. Um rato mordisca qualquer coisa dentro da parede. Os fios eléctricos enroscam-se por detrás do estuque, escondidos e pacientes como cobras.

- Chiu - digo eu a Carlton, que não abriu a boca. Carlton está a ver televisão através dos dedos entreabertos. As balas zunem, levantam nuvens de cal numa parede de betão. Não faço ideia do que estamos a ver.

- Meninos? - chama a mãe, da cozinha. Com os meus novos ouvidos consigo ouvi-la a fazer pastéis de carne. - Ponham a mesa, como bons

cidadãos - diz ela.

- Está bem, mãe - replica Carlton, numa bela imitação de normalidade. O pai martela na cave. Ouço o tiquetaque do coração de Carlton. Ele faz-me uma festa na mão, para me garantir que está tudo bem.

Pomos a mesa. Colheres, facas, garfos, guardanapos de papel dobrados em triângulo. Sabemos os movimentos de cor. Depois de acabarmos, faço uma pausa para examinar a paisagem do papel de parede: uma quinta dourada contra um fundo montanhoso. Há vacas a pastar, árvores outonais que projectam sombras douradas. A cena repete-se três vezes, em três paredes.

- Zap - sussurra Carlton. - Zzzzzum.

- Fizemos tudo bem? - pergunto-lhe.

- Está tudo perfeito, filhinho. Que tal te sentes? - Faz-me uma festa na cabeça.

- Ótimo, acho eu. - Estou a olhar para o papel de parede como se pretendesse entrar por ele adentro.

- Achas? Não tens a certeza? Tu e eu vamos viajar até outro planeta, pá. Chega aqui.

- Aonde?

- Aqui. Chega aqui. - Carlton conduz-me à janela. Lá fora a neve cai, nervosa e prateada, sob a luz dos candeeiros. As casas de estilo rústico retêm o seu calor, sangram luz sobre a neve. É uma rua em Cleveland. A nossa rua.

- Tu e eu vamos voar, pá - murmura Carlton junto ao meu ouvido. Abre a janela. A neve entra, cintila sobre a alcatifa. - Voa - diz ele, e nós voamos. Por uns momentos esforçamo-nos por subir no ar, com o vento negro da noite a bater-nos no rosto - erguemo-nos sobre a alcatifa cor de cacau, de lã e poliéster, uma fracção de centímetro. Doce glória. É nisto que reside o segredo do voo - temos de o fazer imediatamente, antes que o nosso corpo compreenda que está a desafiar as leis. Continuo a acreditar nisto até hoje. Ambos sabemos que tínhamos abandonado temporariamente a terra. Isto não nos parece extraordinário, não mais do que a queda de um monomotor sobre uma casa, ou do facto de sempre termos vivido nesta casa. Voltamos a sentar-nos. Carlton toca-me no ombro. - Espera e verás, Frisco - diz ele. - Estão a acontecer milagres, pá. Milagres.

Aceno com a cabeça. Carlton fecha a janela, que se sela com um suspiro. Os nossos rostos fitam-nos do vidro frio e escuro. Na cozinha, a

mãe pouça os hambúrgueres no grelhador. Sob a lâmpada da cave, o pai inclina-se sobre a mesa de carpinteiro, preparando a caixa de madeira onde depositará mecanismos, um pêndulo, um mostrador. Um avião zune por cima da casa, invisível entre as nuvens. Olho nervosamente para Carlton. Ele sorri para me reconfortar e aperta-me a nuca.

Março. Depois do degelo. Atravesso o cemitério a pensar na minha vida infinita. Uma das maravilhas de se viver em Cleveland é que o progresso parece estender-se em todas as direcções.

Decorei o mapa. Pelos meus cálculos, estamos a cerca de 560 quilómetros de Woodstock, que fica no estado de Nova Iorque. Neste dia novo e cru caminho para leste, para o sítio onde Carlton e eu guardamos a garrafa. Tenciono beber um trago matinal para celebrar o meu brilhante futuro.

Quando chego ao nosso sítio, ouço gemidos abafados. Vêm de trás do sepulcro. Imobilizo-me, ponderando sobre as alternativas. O som é um prolongado lamento com uma espécie de silvo no fim, um dó agudo final, qualquer coisa como «aaaaaaaau». O uivo de um lobo ao contrário. Aquilo que me leva a decidir pela investigação em detrimento da fuga é a necessidade de fazer parte de uma história. Nas histórias preferidas do meu irmão, as pessoas optam sempre pela alternativa estouvada, arriscada. Descubro que consigo tomar decisões dessa forma, imaginando-me como uma personagem de uma história contada pelo meu irmão.

Contorno furtivamente o monumento, cauteloso como um texugo, rente às paredes de mármore. Espreito por cima do ombro efeminado de um querubim. Aquilo que vejo é o Carlton deitado no chão com a namorada, numa confusão incerta de roupas e carne nua. O blusão de Carlton, o do olho azul, está pousado numa pedra, vigilante.

Escondo-me atrás da estátua. Consigo ver os braços nus da rapariga e os ossos familiares da espinha de Carlton. Gemem em uníssonos na erva fria do Inverno. Não consigo ver a expressão da rapariga, mas o rosto de Carlton está torcido num esgar, os tendões do pescoço retesados. Nunca me tinha ocorrido que a experiência pudesse ser dolorosa. Observo-os, tentando aprender. Apoio-me às asas frias do querubim.

Não passa muito tempo antes que Carlton me veja. Os olhos dele vagueiam por uns breves momentos, extáticos, na direcção do céu, e eis que pousam na pequena cabeça do irmão, a despontar por detrás de um querubim. Fitamo-nos e passamos um segundo a tentar decidir o que fazer.

A rapariga continua a arranhar as costas magras de Carlton. Ele decide sorrir-me. Decide piscar-me o olho.

Desato a correr tão depressa que levanto tufos de erva. Esquivo-me por entre as lápides, salto o barranco, abro o portão e entro na santidade doméstica do quintal das traseiras. Foi qualquer coisa naquela piscadela de olho. O meu coração bate depressa como o de um pardal.

Entro na cozinha e encontro a mãe a lavar fruta. Pergunta-me o que se passa. Não lhe digo nada. Nem uma palavra.

Ela suspira sobre a imperfeição de uma maçã. As cortinas da cozinha têm bules azuis estampados. A mãe esfrega a maçã com uma escova. Está convencida de que vêm cobertas por uma camada de veneno.

- Onde está o Carlton? - pergunta ela.

- Não sei - respondo.

- Bobby?

- Que foi?

- Importas-te de me dizer o que aconteceu?

- Nada - digo eu. O meu coração alcança o ritmo cardíaco dos colibris, mais zumbido do que pulsação.

- Alguma coisa deve ser. Importas-te de me responder a uma pergunta?

- O que é?

- O teu irmão anda a tomar drogas?

Descontraio-me um pouco. Conheço a razão daquela pergunta.

Ultimamente, os carros da polícia têm andado a rondar a nossa casa como tubarões. Param, observam, voltam a arrancar. Uma denúncia de um vizinho vingativo. Carlton é famoso no bairro.

- Não - respondo.

A mãe observa-me com a escova numa mão e a maçã na outra.

- Não serias capaz de me mentir, pois não? - Está convencida de que há um problema qualquer. Os nervos dela atravessam a casa inteira. É capaz de sentir o pó a assentar nas mesas, o leite a azedar no frigorífico.

- Não - respondo novamente.

- Alguma coisa é - suspira ela. É uma mulher pequena e eficiente que olha para as coisas como se emitissem uma luz dolorosa. Cresceu numa quinta no Wisconsin e passou a infância a colher feijões, atormentada pelos efeitos do sol e da chuva. Continua a tentar superar o hábito de esperar pouco da vida. Saiu da cozinha, fingindo um interesse súbito pelo gato. A mãe segue-me, de escova na mão. Tenciona chegar à verdade com uma boa

escovadela. Persigo o gato de cauda preta erecta e ânus cor-de-rosa. - Não me vires as costas quando estou a falar contigo - diz ela. Continuo a andar, só para ver até onde consigo ir, chamando «bichano, bichano».

No hall o relógio caseiro do pai bate a meia hora. Avanço para o relógio. Consigo chegar à planta de plástico antes de ela me agarrar pelo pescoço. - Disse-te que não me virasses as costas - diz ela e bate-me com força com a escova. Apanha-me a orelha, que começa a retinir. O gato põe-se a salvo num piscar de olhos.

Detenho-me por uns momentos, para que ela saiba que compreendi a mensagem. Depois recomeço a andar. A mãe volta a bater-me, desta vez na nuca, com força suficiente para me fazer ver cores. Mesmo assim, continuo a andar. A casa balouça de um lado para o outro. A cada passo estou mais perto da quinta de Yasgur.

Carlton entra em casa a assobiar. A mãe trata-o como um hóspede indesejável. Ele não se importa. Está perdido no seu optimismo. Faz-lhe festas na cara e chama-lhe «professora». Trata-a como se fosse inofensiva, e ela torna-se inofensiva.

A mãe nunca lhe bate. Suporta-o tal como uma rapariga do campo suporta um corvo ladrão, com um ressentimento tão infinito e antigo que roça a reverência. Dá-lhe uma maçã acabada de esfregar e diz-lhe que não suje a alcatifa de lama.

Eu estou à espera dele no quarto. Carlton traz consigo o cheiro do cemitério, o cheiro da neve velha e da caruma húmida. Revira os olhos quando me vê, trinca a maçã.

- Que tal vai isso, Frisco? - pergunta-me. Estou deitado na cama, fingindo indolência, tentando tirar da harmónica um som ao estilo de Dylan. Sempre acreditei que é possível chegar ao conhecimento por meio do bluff. Ofereço a Carlton um aceno de cabeça digno. Carlton atira-se para cima da cama. Vejo um croco esmagado, o primeiro do ano, agarrado à sola de borracha preta da bota dele. - Pois é, Frisco - diz ele. - Agora já és um homem. Volto a acenar com a cabeça. Não haverá mais nada a dizer? - Uau - diz Carlton. Ri-se, satisfeito com o mundo e consigo próprio. - Foi perfeito. - Sopro algumas notas de «Blowing in the Wind». - Pá, quando te vi no cemitério a olhar para nós, pensei: «Sim. Agora estou mesmo aqui.» Percebes o que quero dizer? - Carlton agita o caroço da maçã.

- Percebo - respondo.

- Foi a primeira vez para ela e para mim, Frisco. Quer dizer, já

tínhamos falado sobre o assunto. E quando decidimos mesmo fazê-lo, zás, apareces tu. O meu irmão. Como se soubesses. - Aceno com a cabeça, desta vez com entusiasmo. Aquilo que aconteceu foi uma aventura que tivemos juntos. Ótimo. A história começa a fazer sentido. - Oh, Frisco - diz Carlton. - Vou arranjar-te uma rapariga. Tens nove anos. És virgem há demasiado tempo.

- A sério?

- Podes crer, pá. Vou arranjar-te uma miúda do sexto ano, uma miúda com alguma experiência. Podemos fumar um charro todos juntos e depois vamos curtir para o cemitério. Quero assistir ao teu desfloramento, pá. Vais precisar da ajuda do teu irmão.

Estou a pontos de o interrogar, tão descontraidamente quanto possível, sobre a relação entre o amor e o sofrimento físico, quando a voz da mãe entra pelo quarto adentro.

- Olha para isto - grita ela. - Encheste a alcatifa de lama!

Segue-se uma desavença caseira. A mãe apela ao pai, que aparece e fica especado sob o umbral da porta, reunindo provas. O pai foi em tempos um homem bem-parecido. Mas a cara dele foi entretanto devastada pelo excesso de paciência. Ultimamente tem andado a adoptar um estilo mais informal - uma barbicha, botas de couro de vitela. A mãe aponta para o trilho de meias-luas lamacentas que liga a porta do quarto à cama de Carlton. Os réus balouçam fora do colchão, voluptuosamente enlameados, com os pés de Carlton ainda lá dentro. - Estás a ver? - diz ela. - Estás a ver o respeito que ele tem por mim? - O pai, um homem razoável, sugere que Carlton limpe a alcatifa. A mãe acha que é pouco. O que ela quer realmente é que Carlton desfaça aquilo que fez. - Não peço grande coisa - diz ela. - Não lhe pergunto o que anda a fazer o dia inteiro. Não lhe pergunto por que é que a polícia parece tão interessada na nossa casa ultimamente. Só lhe peço que não suje o chão de lama. Só isso. - Semicerra os olhos sob a luz ofuscante daquele ultraje.

- Acho que o melhor é limpares já essa porcaria - diz o pai a Carlton.

- E pronto? - insiste a mãe. - Se ele limpar a porcaria, está perdoado?

- Bem, que queres tu que ele faça? Que limpe o chão com a língua?

- Quero que mostre alguma consideração - diz ela, voltando-se para mim, desamparada. - É isso que eu quero. - Eu encolho os ombros, perdido. Compreendo a posição da mãe, mas não pertenço à equipa dela. - Muito bem - diz a mãe. - Vou deixar de me preocupar com a casa, pronto. Entrego

tudo nas vossas mãos. Vou sentar-me na sala a ver televisão e a atirar papéis para o chão.

Sai disparada do quarto, cortando o ar como uma lâmina. A meio do caminho pega num copo com lápis e atira-o ao chão. Os lápis caem como pauzinhos de adivinhação, aos pares e cruzados.

O pai sai atrás dela, chamando-a. O nome dela é Isabel. Podemos ouvi-los a atravessar a casa, o pai a chamar «Isabel, Isabel, Isabel», enquanto a mãe, satisfeita com o aspecto dos lápis a cair, vai atirando outras coisas para o chão.

- Só espero que não parta a televisão - comento.

- Ela lá sabe o que tem de fazer - responde Carlton.

- Odeio-a - digo eu. Não estou muito seguro desta afirmação. Mas quero testar o som, só para ver se é verdade.

- Tem mais tomates do que qualquer um de nós, Frisco. Atenção ao que dizes sobre ela. - Calo-me. Passado um momento levanto-me e começo a apanhar os lápis, porque é melhor do que continuar deitado na cama a tentar perceber o emaranhado das nossas relações familiares. Carlton vai buscar uma esponja e começa a esfregar as nódoas de lama. - Quem suja a alcatifa tem de a limpar - diz ele. - É simples.

A oportunidade para fazer perguntas sobre o amor tinha passado e eu não tenciono forçar o assunto. Sei que haverá outra oportunidade. Faço um belo ramalhete de lápis. A mãe atravessa a casa numa fúria.

Mais tarde, depois de a mãe ter atirado ao chão todas as coisas que lhe apeteceu e de nós as termos apanhado, deito-me na cama a pensar na vida. Carlton está a falar ao telefone com a namorada, em voz baixa. A mãe, apaziguada mas ainda perigosa, prepara o jantar. Canta sobre o cozinhado, uma qualquer balada dos anos 40, provavelmente em voga na época em que o avião do primeiro marido dela se despenhou sobre o Pacífico. O pai toca clarinete na cave. É onde costuma ensaiar, lá em baixo, entre as ferramentas, os martelos e as sovelas perfeitamente ordenados que projectam sombras enormes sob a luz da única lâmpada. Se encostar o ouvido ao chão consigo escutá-lo, soprando do clarinete um longo e grave gemido de gato. Descubro um estranho consolo ao encostar o ouvido à alcatifa para ouvir a música que atravessa o soalho. Deitado, de ouvido colado ao chão, acompanho a música do pai com a minha harmónica.

Nessa Primavera os meus pais deram uma festa para celebrar o regresso do Sol. Tinha sido um Inverno longo e frio e as primeiras margaridas

silvestres começavam agora a despontar nos relvados e entre as campas.

As festas dos pais são reuniões de gente bem comportada. Os amigos deles, todos professores, trazem vinho e violas. São a malta moderna do Ohio. Embora tenham empregos e casas compradas a crédito, vêem-se a si próprios como espíritos independentes, espiões em território estrangeiro. Aceitaram disfarçar-se de professores até conseguirem escrever os seus romances e dissertações, ou juntarem dinheiro suficiente para escaparem de Cleveland.

Carlton e eu somos os lacaios. Guardamos os casacos, servimos bebidas. É o que temos feito em todas as festas desde pequenos, tirando vantagem da nossa precocidade. Sabemos de cor este número fraternal. Uma mulher corpulenta de lábios pintados, que dedicou a juventude ao ensino da matemática, chama-me «Senhor Ideal». Um dos assistentes do vice-reitor, de gorro de pele à russo, pergunta-nos se vamos votar nos democratas ou nos socialistas. Vou roubando uns goles de vinho até ficar meio bêbado.

Contudo, a previsibilidade do serão é estilhaçada pelo aparecimento de meia dúzia de amigos de Carlton. Batem à porta e eu atendo, como um intrujão de feira, ansioso por ver quem mais irá engolir a ilusão de que sou uma grave e atenciosa criança de nove anos. Contava ver gente adulta e qual não é o meu espanto ao deparar com uma alcateia de jovens marginais, de botas grossas e cabelo revoltado. A namorada de Carlton encabeça o grupo, envergando um vestido quase inteiramente feito de franjas.

- Olá, Bobby - cumprimenta-me, confiante. É de Nova Iorque e tem imenso estilo.

- Olá - retribuo. Deixo-os entrar, não obstante um impulso retrógrado para fechar a porta e telefonar à polícia. São três raparigas e quatro rapazes. Passam por mim numa nuvem de fumo de marijuana, com saudações zombeteiras.

Invadem a festa. Carlton encontra-se num dos cantos da sala cheia de gente, a escolher o próximo disco, e a namorada atravessa a multidão direita a ele. Tem a constituição óssea e a maneira fluida de andar que algumas pessoas consideram belas. Atravessa a sala como se a tivessem encarregado de ensinar uma lição aos presentes.

A expressão de Carlton faz-me compreender que aquela intrusão fora combinada. A mãe quer saber o que se passa. Usa um vestido vermelho escuro e comprido que lhe destapa os ombros. Quando se arranja



compreendemos onde está, ou onde esteve, o seu encanto. É ela a responsável pela beleza de Carlton. Eu herdei a cara do meu pai.

Carlton apressa-se a explicar. Não obstante os protestos da mãe, a presença dos invasores é tolerada. Um dos rapazes, um tal Eddie Haskell, de cabedal e juba, diz à mãe que está muito bonita. Ela parece disposta a aceitar o elogio.

Assim, os invasores recebem carta branca e começam a circular pela sala. Abro caminho em direcção ao meu irmão, ladeado pela namorada. Tenciono dizer qualquer coisa irónica e divertida, qualquer coisa que nos una contra o resto dos presentes. Consigo vislumbrar a forma do comentário que tenho em mente, mas, sendo um putito de nove anos ligeiramente bêbado, não consigo pronunciá-lo.

- Merda, pá - é tudo o que digo.

A namorada de Carlton ri-se. Acha divertido ouvir um miúdo da minha idade a dizer «merda». Apetece-me dizer-lhe que ando de olho nela, mas só tenho nove anos e perdi três quartos da minha personalidade em alguns copos de Tom Collins. Não tenho jeito para dizer piadas, nem mesmo quando estou sóbrio.

- Aguenta-te, Frisco - diz Carlton. - Isto ainda pode transformar-se numa festa como deve ser.

Pela luz nos olhos dele compreendo o que se passa. Orquestrou um encontro surpresa entre os amigos dos pais e os dele. É um projecto woodstockiano - está a engendrar um futuro que permita a convivência entre novos e velhos. Aceno com a cabeça e dirijo-me à cozinha na esperança de conseguir umas goladas de gin.

Encontro o pai encostado ao frigorífico. Um semicírculo de imãs em forma de borboleta rodeia-lhe a cabeça.

- Estás a gostar da festa? - pergunta ele, coçando a barbicha. Ainda não se habituou completamente à ideia de ser um homem com barba.

- Estou.

- Eu também - diz ele em tom desanimado. Nunca planeara ser um professor de música do liceu. A questão do dinheiro embaraçara-lhe os movimentos.

- O que achas desta música? - pergunta ele. Carlton tinha posto a tocar um disco dos Stones. Mick Jagger canta «19th Nervous Breakdown». O pai gesticula de modo a abranger a sala, a festa, a casa inteira - tudo o que a música toca.

- Gosto dela - respondo.

- Eu também. - O pai mexe a bebida com o dedo e leva o dedo à boca.

- Gosto imenso - digo eu, em voz demasiado alta. Quero agarrar a música às mãos-cheias e metê-la na boca.

- Não sei se posso dizer que gosto imenso desta música - diz ele. - Não sei. Diria apenas que simpatizo com as suas intenções. Diria apenas que, se é esta a direcção que a música está a tomar, não tenho quaisquer objecções.

- Pois - respondo. Sinto-me ansioso por regressar à festa, mas não quero magoá-lo. Se o pai sentir que estou a evitá-lo pode mergulhar num dos seus ataques de desculpas, mais aterradores do que as fúrias da mãe.

- Parece-me que tenho sido demasiado severo com os meus alunos - diz o pai. - Talvez este Verão vocês, miúdos, possam ensinar-me algumas coisas sobre a música que as pessoas ouvem hoje em dia.

- Está bem - concordo, em voz alta. Há um minuto de silêncio durante o qual tentamos pensar em mais qualquer coisa para dizer.

- Vocês são felizes, não são? - pergunta ele. - Estão a gostar da festa?

- Estamos a divertir-nos muito - respondo.

- Bem me parecia. Eu também.

Por essa altura já tinha conseguido colocar-me a um passo de distância da porta.

- Bem, adeus - digo eu e volto a mergulhar na festa. Tinha acontecido qualquer coisa na minha breve ausência. A festa

começara a rolar. Chamem-lhe um acidente da história e do clima. Os amigos de Carlton estão a portar-se como deve ser e os amigos dos pais decidem abandonar temporariamente a música folk para ouvirem qualquer coisa de novo. Carlton está a dançar com a mulher do vice-reitor. Um dos amigos de Carlton, Frank, com cara de criança idosa e a rondar os 60, dança com a minha mãe. Reparo que o pai me seguiu até à sala. Fica espedado na margem da festa; eu salto para o meio dela.

Convido a professora de matemática de lábios cor de fúcsia para dançar. Ela aceita com prazer. É grande e vistosa como um carro alegórico e eu conduzo-a sem esforço para o centro de tudo. A minha mãe, que é conhecida na escola pela sua disciplina siciliana, dança livremente, surpreendendo toda a gente. A beleza dela é incontestável.

A noite continua a subir cada vez mais alto. A festa torna-se turbulenta. Carlton põe mais discos - Janis Joplin, the Doors, Grateful Dead. O futuro brilha para toda a gente, enriquecido pela possibilidade de outras noites

como esta. Até mesmo o meu pai é persuadido a dançar, movendo-se como uma ave incapaz de voar, agitando os braços e espetando a pança. Enfim, pelo menos está a dançar. A mãe atira-lhe um beijo.

Desabo finalmente no sofá, feliz sob o peso do álcool. Estou a sonhar com voos quando a minha mãe aparece e me toca no ombro. Sorrio ao seu rosto afogueado e sorridente.

- São mais que horas de ires para a cama - diz ela com meiguice maternal. Aceno com a cabeça. Não posso contestar o facto.

Ela continua a apertar-me o braço. Preciso de um ou dois minutos para compreender: ela quer realmente que eu abandone a festa e vá dormir.

- Não - protesto.

- Sim - diz ela, sorrindo.

- Não - repito, cordialmente, experimentalmente. A nova mãe sabe dançar e namoriscar. Quem sabe o que mais poderá permitir?

- Sim. - Já não há vestígios de meiguice na voz dela. Está a falar a sério, como de costume. Tenho de ir para a cama, sem mais um pio. Tenho exactamente nove anos e fujo da hora de dormir como da própria morte.

Corro para Carlton em busca de protecção. Ele está a dizer umas piadas à namorada, um anel de cabelo suado colado à testa. Lanço-me para ele com tanta força que quase o atiro ao chão.

- Eh lá, Frisco - diz ele. Agarra-me por debaixo dos braços e põe-me a girar à volta dele. A mãe arrebatou-me das mãos de Carlton e pousou-me no chão, mantendo uma mão bem apertada, à velha maneira do campo, na minha nuca.

- Despede-te das pessoas, Bobby - diz ela. Acrescenta, em benefício da namorada de Carlton: - O Bobby devia ter ido para a cama antes do começo da festa.

- Não - grito eu. Tento soltar-me da mão dela, mas a minha mãe é capaz de partir nozes com os dedos.

A namorada de Carlton lança o cabelo para trás dos ombros.

- Dorme bem, bebé. - Sorri vitoriosamente. Afasta o anel de cabelo da testa de Carlton.

- Não - volto a gritar. Foi qualquer coisa na forma como ela tocou no cabelo do meu irmão. A mãe chama o pai, que pega em mim ao colo e atravessa a sala, segurando-me como a bomba viva que sou. Troco um último olhar com Carlton.

- Adeusinho, pá - diz ele, encolhendo os ombros. O pai leva-me à força

para fora da sala. Não suporto aquele revés com dignidade. Saio a esbracejar, demasiado furioso para conseguir chorar, babando um fio pegajoso de cuspo infantil.

Pouco depois estou deitado na cama estreita a ouvir a vibração da música nas molas do colchão. A vida está a explodir em nossa casa, ali mesmo. As pessoas estão a mudar. Amanhã ninguém será como dantes. Como puderam obrigar-me a perder aquilo? Sonho vingar-me dos meus pais e desejo o pior dos destinos para Carlton. Ele podia ter-me salvo. Podia ter tomado o meu partido. Não consigo perdoar-lhe aquele encolher de ombros, aquele indiferente «adeusinho, pá». Carlton juntou-se aos adultos. Fez-se maior à custa da minha pequenez. Enquanto os Doors tocam «Strange Days» desejo que qualquer coisa de horrível lhe aconteça. Digo-o para mim próprio.

Por volta da meia-noite o idiota do Frank anuncia que viu um disco voador a pairar sobre o quintal das traseiras. Consigo ouvir a voz dele, grave e excitada. Diz ele que é como uma nuvem luminosa. Ouço metade dos convidados a tentarem sair ao mesmo tempo pela porta de correr envidraçada. Estão todos tão bêbados que a ideia de um disco voador a pairar sobre o quintal se torna perfeitamente plausível. Era de esperar que uma festa tão animada atraísse visitantes de outro mundo.

Saio da cama e desço sorrateiramente para o hall. Não perderia um visitante extraterrestre por nada deste mundo, nem à custa da fúria da mãe e do desapontamento do pai. Mas detenho-me a meio do hall, embaraçado por estar de pijama. Se de facto houver extraterrestres no quintal, vão considerar-me o mais insignificante dos elementos da casa. Enquanto tento decidir se devo voltar ao quarto para me vestir, as pessoas começam a entrar novamente na sala, falando de aviões e ilusões ópticas. Recomeçam a dançar.

Carlton deve ter saltado a vedação do quintal. Provavelmente quis destacar-se, para o caso de os extraterrestres decidirem levar alguém com eles. Daqui a algumas noites visitarei o lugar onde ele deve ter estado. Na outra margem do barranco, agora um rio de neve derretida, o cemitério brilhará como uma cidade perdida. Será noite de lua cheia. Andarei por aí, como Carlton, hipnotizado pela luz prateada das lápides, o anjo branco erguendo os braços na outra margem do rio.

De acordo com os pais, o mistério é a razão que o terá levado a correr para casa a tal velocidade. É possível que se tenha assustado com qualquer

coisa que viu no cemitério, que tenha tentado escapar ao próprio medo. Mas eu acho que há uma resposta mais provável. Depois de alguns minutos de solidão, Carlton devia estar simplesmente ansioso por regressar à música e às pessoas, à imparável turbulência da vida.

Alguém tinha fechado a porta de correr envidraçada. A namorada de Carlton está a olhar indolentemente para fora, encostando o rosto ao seu próprio reflexo. Eu também olho. Vejo Carlton a correr em direcção à casa. Hesito. Depois decido que merece bater com o nariz no vidro. Será uma bela partida. Deixo-o continuar a vir. A namorada vê-o através do seu próprio reflexo, começa a gritar um aviso no preciso instante em que Carlton embate no vidro.

É uma explosão. Triângulos de vidro brilhante atravessam a sala. Julgo que para o meu irmão o choque foi mais surpreendente do que doloroso, como bater na água depois de uma longa queda. Carlton fica de pé a pestanejar durante uns momentos. A festa pára e toda a gente o fita. Bob Dylan canta «Just Like a Woman». Carlton ergue a mão para puxar o estilhaço de vidro que se lhe enterrou na garganta e é então que o sangue começa a sair. Em jorros. A mãe grita. Carlton dá um passo em direcção aos braços da namorada e caem juntos no chão. A mãe lança-se sobre ele e a rapariga. As pessoas gritam o que sabem sobre primeiros socorros. Não o levantem. Chamem uma ambulância. Eu fico a olhar do hall. O sangue de Carlton esguicha, ensopando a alcatifa, salpicando a roupa das pessoas. O pai e a mãe tentam bloquear a ferida com as mãos, mas o sangue continua a jorrar por entre os dedos deles. Carlton parece mais perplexo do que outra coisa, como se não conseguisse compreender inteiramente aquela viragem no curso da noite.

- Está tudo bem - diz o pai, tentando estancar-lhe o sangue. - Está tudo bem, não te mexas, está tudo bem.

Carlton acena com a cabeça e agarra a mão do pai. Os olhos dele inundam-se de espanto.

- Ninguém faz nada? - grita a minha mãe. Aquilo que escorre de Carlton torna-se mais escuro, quase negro. Eu olho. O pai aperta o pescoço de Carlton enquanto este continua a tentar agarrar-lhe a mão. O cabelo da mãe está ensopado de sangue. O sangue corre-lhe pela cara toda. A namorada de Carlton aperta-o contra o peito, toca-lhe o cabelo, murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Carlton morre antes da chegada da ambulância. A vida escoá-se de

dentro dele. No momento em que o rosto de Carlton se descontraí, a mãe grita. Uma parte dela voa pela casa aos gritos, agora e para sempre. A mãe passa por mim a caminho da ambulância. Cobro o corpo de Carlton com o corpo dela.

Carlton está enterrado no cemitério por detrás da nossa casa. Passaram-se anos - agora vivemos no futuro, que é muito diferente do que tínhamos planeado. A mãe instalou-se no quarto das visitas, onde vive uma vida à parte. O pai murmura uma saudação quando passa pela porta dela.

Numa noite de Abril, quase um ano depois da morte de Carlton, ouço passos cautelosos na sala de estar. Passa da meia-noite. Desço ansiosamente, imaginando fantasmas, mas encontro apenas o meu pai de pijama castanho. Fita o ar negro à sua frente, indeciso.

- Olá, pai - cumprimento, da porta. Ele olha na minha direcção.

- Sim?

- Sou eu. O Bobby.

- Oh, Bobby - diz ele. - Que estás a fazer acordado a estas horas, rapaz?

- Nada - respondo. - Pai?

- Diz, filho.

- Acho que é melhor voltares para a cama. Está bem?

- Tens razão - concorda. - Desci para beber um copo de água, mas acho que me perdi no escuro. Sim, é melhor voltar para a cama.

Pego-lhe na mão e conduzo-o pelo corredor até ao quarto dele. O relógio de sala bate o quarto de hora. - Desculpa - diz o pai. Meto-o na cama.

- Pronto - digo eu. - Estás bem?

- Perfeitamente. Não podia estar melhor.

- Está bem. Boa noite.

- Boa noite. Bobby?

- Sim?

- Por que não ficas mais um pouco comigo? - sugere. - Podíamos ter uma conversa, nós os dois. O que te parece?

- Está bem - digo eu. Sento-me na beira da cama. Ouço o tiquetaque do relógio da mesinha de cabeceira.

Consigo ouvir o gemido surdo da respiração do meu pai. Em torno da casa, a noite do Ohio estala e zumba. A pequena lápide cinzenta de Carlton ergue-se entre as outras, perante os olhos brancos e vazios do anjo. Por cima de nós, os aviões e os satélites cintilam. Há pessoas a caminho de

Nova Iorque e da Califórnia para começarem vidas de invenção e risco.

Fico ali até que o pai mergulha num sono balbuciante.

A namorada de Carlton mudou-se para Denver há um mês. Nunca cheguei a saber que coisas murmurou ao ouvido do meu irmão. Se bem que na altura tivesse conseguido manter o sangue frio de modo admirável, a rapariga quase perdeu o juízo depois daquela noite. No funeral chorou tanto que teve de ser levada do cemitério pela mãe - uma versão ruiva, mais velha, dela própria. Começou a consultar um psiquiatra três vezes por semana. Todas as pessoas, incluindo os meus pais, diziam o quanto tinha sido difícil para ela, tão jovem, amparar um rapaz moribundo. Estou-lhe grato por ter abraçado o meu irmão nos seus últimos momentos. É verdade que tinha vivido uma experiência terrível, mas pelo menos estava viva. Pelo menos tinha-se protegido ao tentar avisá-lo. Posso respeitar as complexidades do seu sofrimento. Mas enquanto viveu em Cleveland nunca mais consegui olhá-la directamente nos olhos. Não conseguia falar das feridas que tinha sofrido. Nem sequer consigo escrever o nome dela.

## JONATHAN

Nesse Setembro o nosso sétimo ano era composto por alunos que tinham sido transferidos de diversas escolas elementares para um único liceu centralizado, um edifício colossal de tijolos amarelos, com o nome suspenso sobre a entrada principal em letras de alumínio de um metro tão parcas e austeras quanto os meus próprios receios sobre a vida que teria ali dentro. Tinha ouvido os boatos: quatro horas de trabalhos de casa ao serão, algumas aulas inteiramente faladas em francês, lutas com navalhas nas casas de banho. Era o fim da infância.

No primeiro dia, ao almoço, reparei num rapaz de cabelo preto que praticamente lhe roçava os ombros. Estava atrás de mim e do meu amigo Adam na fila da cantina. O rapaz tinha um aspecto rude e bravio: uma emanção do perigoso coração da própria escola.

- Olá - disse ele.

Não percebi se estava a falar comigo, com o Adam, ou com qualquer outra pessoa nas proximidades. Os olhos dele, vermelhos e húmidos, pareciam fixar-se em qualquer coisa vagamente surpreendente que pairava junto aos nossos pés.

Acenei com a cabeça. Parecia-me a resposta certa, o equilíbrio possível entre o medo de parecer pretensioso e o terror de me mostrar demasiado acessível. Tinha tomado algumas resoluções em relação à minha nova vida.

Adam, um rapaz prático de formato cilíndrico que eu conhecia desde a segunda classe, esfregou uma nódoa invisível na camisa axadrezada. Era filho de um taxidermista e tinha um precoce sentido de desconfiança por tudo o que não conhecia.

A fila avançava lentamente. Segurávamos tabuleiros de plástico amarelo.

- Que seca - disse o rapaz. - Quer dizer, há quanto tempo estão aqui à espera?

Estava definitivamente a falar connosco, se bem que os olhos dele ainda não tivessem pousado nos nossos. Agora podia olhar para ele com justa causa. O rapaz tinha uma cara atraente, larga, um nariz estreito e fendido na ponta e um queixo suficientemente pesado para sugerir sangue índio. Tinha auréolas de penugem loira sobre os lábios e no queixo.

- Há uma eternidade - respondi eu. O rapaz acenou com a cabeça, contemplativamente, como se eu tivesse dito qualquer coisa de ambíguo e intrigante. Passou um momento. Adam suportaria qualquer conversa com o desconhecido fingindo uma bem-educada surdez. Eu fazia os possíveis para me mostrar calmo e seguro. Um silêncio caiu e pegou - um desses silêncios amistosos e prolongados que se abatem sobre as conversas ocasionais entre desconhecidos para permitir a todos os envolvidos regressarem, incólumes, à familiaridade dos seus próprios pensamentos. Adam fitou ostensivamente o início da fila, como se qualquer coisa de delicioso e inaudito estivesse a decorrer aí. Mas então, esquecendo as minhas resoluções, reincidi num velho hábito, uma das deficiências pessoais que tinha jurado corrigir.

Comecei a falar. - Pois é, cá estamos nós finalmente, no liceu - disse eu. - Até este ano as coisas têm sido mais ou menos fáceis, quer dizer, éramos putos. Não sei de que escola vens, mas em Fillmore tínhamos recreio, quer dizer, intervalos para lanchar, e agora, bem, já vi por aí alguns tipos que eram capazes de me esganar só com uma mão. Ainda não fui à casa de banho, mas ouvi dizer que há uns tipos do oitavo ano que ficam lá dentro à



espera dos miúdos do sétimo e depois agarram-nos pelos pés e enfiam-nos de cabeça nas retretes. Já ouviste falar disso?

Adam tirou um borboto da gola da camisa, impaciente. Senti as orelhas a arder.

- Não, pá - disse o rapaz desconhecido ao fim de algum tempo. - Não ouvi dizer nada disso. Estive a fumar um charro antes da terceira hora e não tive problema nenhum.

Não havia sugestão de troça na voz dele. Por essa altura tínhamos chegado ao balcão, onde uma mulher de cara vermelha servia macarrão com uma concha.

- Bem, talvez seja mentira - disse eu. - Mas, sabes, este sítio é perigoso. Assassinaram um miúdo aqui no ano passado.

Adam lançou-me um olhar impaciente, como se eu fosse uma nova nódoa que lhe tivesse surgido inesperadamente no peito da camisa. Eu tinha traído a minha segunda resolução. Estava não apenas a tagarelar, como também a mentir.

- Ah, sim? - disse o rapaz. Parecia achar a história interessante, mas não excepcional. Usava uma camisa coçada de sarja azul e um blusão de cabedal castanho com franjas sujas nas mangas.

- É verdade - prossegui. - Era um miúdo do sétimo ano, um caloiro. A história saiu em todos os jornais. Ele era, bem, bastante gordo. E um bocadinho burro. Andava sempre de pasta e usava um daqueles elásticos pretos para prender os óculos. Bom, o rapaz veio para o liceu e uns tipos do oitavo ano começaram a meter-se com ele. No princípio era só, estás a ver, gozo normal, e se o miúdo tivesse ficado de bico calado o mais certo era que eles se chateassem daquilo e o deixassem em paz. Mas o miúdo tinha mau feitio. E quanto mais se metiam com ele, mais furioso ficava.

Seguimos a fila ao longo do balcão, reunindo pequenas tigelas de milho cozido, pacotes de leite e quadrados de bolo descorado com creme amarelo. Sentámo-nos juntos não porque o tivéssemos decidido formalmente, mas porque a história do rapaz assassinado ainda não tinha chegado ao fim. Fi-la render ao longo da maior parte do almoço. Não omiti qualquer pormenor sobre as torturas do bando - os óculos roubados, a bomba de carnaval no cacifo, o gato morto enfiado na pasta - nem sobre a crescente, impotente raiva da infeliz vítima. Adam ouvia a história em silêncio e fitava as pessoas sentadas à nossa volta com a imperturbável frontalidade de alguém convencido de que a sua própria importância o torna invisível. Tínhamos

acabado o milho e o macarrão e começado o bolo antes que a vítima pudesse tentar a sua vingança, sob a forma de um arame esticado, à altura do pescoço, sobre o caminho onde os rapazes mais velhos costumavam pedalar nas suas bicicletas enlameadas.

Pela altura em que acabámos a sobremesa, o rapaz estava a pôr em prática o mal engendrado plano de vingança - o arame atado aos troncos das árvores não ficara bem esticado -, e estávamos já a caminho da aula seguinte quando a polícia o descobriu a boiar num tanque, de óculos novos bem seguros pelo elástico preto.

Caminhámos juntos até à sala onde Adam e eu teríamos aula de matemática. Acabei de contar a história junto à porta da sala.

- Eh, pá - disse o rapaz desconhecido. Abanou a cabeça e não disse mais nada.

- Chamo-me Jonathan Glover - disse eu.

- E eu sou o, hum, Bobby Morrow.

- Adam Bialo? - disse Adam ao fim de uns segundos, como que incerto da verosimilhança de semelhante nome. Era a primeira vez que abria a boca.

- Bom, a gente vê-se por aí - disse eu.

- Pois. Claro, pá. Vemo-nos depois.

Ele afastou-se e nós ficámos a olhar para o olho azul desbotado nas costas do blusão dele.

- Que esquisito - comentou Adam.

- Pois é.

- Pensei que ias deixar de dizer mentiras - lembrou. - Pensei que tivesses jurado.

Na verdade, tínhamos trocado juramentos. Eu não voltaria a inventar histórias e ele deixaria de inspeccionar as roupas em busca de imperfeições.

- Foi só uma patranha - disse eu. - Não foi bem uma mentira.

- Es esquisito - disse Adam. - Es quase tão esquisito como ele.

- Bem - respondi, com uma certa satisfação -, talvez seja.

- Eu acho que és - respondeu Adam. - Não tenho dúvida nenhuma.

Ficámos calados por uns momentos a olhar para o olho no blusão do desconhecido que se afastava pelo corredor cor de bolacha.

- Esquisito - repetiu Adam num tom de genuína indignação que traía a sua firme insistência na observação de regras universais de limpeza e modéstia. Uma das principais qualidades de Adam era o modo exasperado -

mas, no fundo, voluntário - como se submetia ao meu domínio. O seu aspecto comum tornava-me mais exótico do que na realidade era; na companhia de Adam, eu podia ser o mais ousado. Quando narrava as nossas pequenas aventuras, Adam surgia como uma espécie de híbrido de Becky Thatcher e Sancho Panza, ao passo que eu era o Huck, o Tom Sawyer e a Nancy Drew todos juntos. Para Adam, nadar completamente nu no rio ou roubar um rebuçado era ultrapassar os limites, algo que eu estava sempre pronto a fazer. Adam ajudou-me a estabelecer o meu próprio ideal romântico, se bem que ultimamente eu tivesse começado a compreender que as nossas transgressões eram pateticamente triviais e que Adam não me seguiria para águas muito mais fundas.

Bobby estava à nossa espera para almoçar no dia seguinte. Ou melhor, arranjou maneira de voltar a aparecer atrás de nós na fila da cantina. Tinha um talento especial para conferir às suas acções a qualidade da arbitrariedade - a vida dele, vista de uma certa distância, não parecia ser mais que uma série de coincidências. Não exercia vontade aparente. E, contudo, lá estava ele junto a nós outra vez.

- Ei - cumprimentou Bobby. Os olhos dele estavam ainda mais vermelhos, remelentos e desfocados do que no dia anterior.

- Ei - disse eu. Adam curvou-se para tirar um fio solto da manga do casaco de bombazina.

- É o segundo dia, pá - comentou Bobby. - Já só faltam mil e quinhentos. Uau.

- A sério? Ainda temos mil e quinhentos dias de aulas? - perguntei. - Estiveste mesmo a contá-los?

- Estive - respondeu. - É mais ou menos isso.

- Os dias vão-se somando, não é? Seis anos aqui e mais quatro na faculdade. Ena. Mil e quinhentos dias.

- Não estava a contar com a faculdade, pá. - Sorriu, como se a ideia fosse grandiosa e ligeiramente absurda, a visão de um serviço de chá de prata cintilando no meio da selva.

- Ah, pois.

Uma vez mais houve um silêncio. Uma vez mais, desafiando o olhar de Adam ferozmente concentrado no início da fila - onde a mulher de rosto vermelho servia uma espécie de triângulos castanhos mergulhados em molho castanho -, comecei a contar uma história. Nesse dia falei de um novo e experimental tipo de faculdade onde se ensinava às pessoas tudo que

precisavam de saber para sobreviverem no mundo: como viajar com pouco dinheiro, como tocar blues ao piano e como reconhecer o verdadeiro amor. Enfim, nada de especial - eu era um mentiroso apenas competente, não brilhante. A minha técnica de invenção tinha mais a ver com a persistência do que com a inspiração. Dizia mentiras tal como Grouxo Marx dizia piadas, umas atrás das outras, na esperança de que a minha simples perseverança lançasse uma certa luz de credibilidade sobre todo o conjunto.

Bobby escutava-me com absorção acrítica. Não insistia na diferença entre o credível e o absurdo. Parecia acreditar que todas as manifestações terrenas - desde os pêssegos da cantina a boiarem nos seus charcos privados de calda à minha história sobre a faculdade que obrigava os candidatos a passarem uma semana em Nova Iorque sem dinheiro nenhum - eram igualmente bizarras e divertidas. Nessa altura eu ainda não sabia avaliar adequadamente os efeitos de quatro charros por dia.

Bobby limitava-se a escutar, a sorrir vagamente e a emitir um ocasional «pois» ou «ena».

Voltou a sentar-se à nossa mesa para almoçar. Voltou a acompanhar-nos até à sala de aula.

- Afinal estava enganado - disse Adam, depois de Bobby ter ido embora. - Tu és mais esquisito do que ele.

Um mês foi quanto bastou para que Adam e eu compreendêssemos que a nossa amizade era já uma recordação de infância. Ainda tentámos transportá-la connosco para o futuro, já que, à nossa maneira impertinente e mutuamente reprovadora, gostávamos realmente um do outro. Tínhamos partilhado segredos e promessas, mas chegara a hora de nos separarmos. Durante uma visita a uma loja de discos, quando lhe sugeri que roubássemos um álbum do Neil Young, Adam fitou-me com o desprezo de um contabilista, baseado não tanto na desonestidade da minha proposta como no meu fascínio por um certo tipo de vida fortuita e desordenada.

- Ainda nem sequer ouviste o disco - objectou.

- Oh, esquece - retorqui, e abandonei a esfera dos seus cautelosos, alfabetizados hábitos para me aproximar de um grupo de estudantes guedelhudos que conversavam sobre Jimi Hendrix, de quem nunca tinha ouvido falar. Roubei o Electric Ladyland depois de Adam, com um suspiro de exasperada virtude, ter saído da loja.

Não chegámos à ruptura sem algum ressentimento e rancor. Ao contrário de Adam, eu tinha arranjado de imediato um novo amigo. A nossa

última conversa aconteceu na paragem do autocarro do liceu numa manhã quente de Outubro. A luz outonal caía de um céu abobadado azul-pólvora que exibia, aqui e ali, nuvens tão inchadas e densas que dir-se-iam cheias de leite. Afastei Adam do bando de miúdos que esperavam o autocarro e mostrei-lhe os dois comprimidos de um amarelo pálido que tinha roubado do armário dos medicamentos da minha mãe.

- Que comprimidos são esses? - perguntou ele.

- O rótulo dizia Valium.

- O que é isso?

- Não sei - respondi. - Um tranquilizante, acho eu. Pega. Vamos tomá-los para ver o que acontece.

Adam olhou-me, confuso.

- Tomar os comprimidos? - perguntou. - Agora?

- Fala baixo, pá - protestei.

- Tomar os comprimidos antes de ir para as aulas? - perguntou ele, em voz mais alta.

- Sim - disse eu. - Vá, toma.

- Nem sequer sabemos que efeito têm.

- Mais uma razão para experimentar. Vá lá. A minha mãe toma-os. Não podem ser assim tão perigosos.

- A tua mãe é maluca - disse ele.

- Não é mais maluca do que a maior parte das pessoas - respondi. Os comprimidos, discos amarelos do tamanho de cabeças de pregos, repousavam na palma da minha mão, reflectindo a luz suburbana. Para pôr fim à discussão, engoli um deles.

- És esquisito - comentou Adam, em tom pesaroso. - Esquisito. - Virou costas e foi postar-se ao lado dos miúdos que esperavam o autocarro. Voltaríamos a falar doze anos mais tarde, quando o encontrei, acompanhado pela mulher, na semiobscuridade vermelha de um bar de hotel em Nova Iorque. Disse-me que tinha aberto uma lavandaria especializada nos serviços mais difíceis: vestidos de casamento, rendas antigas, tapetes com décadas de sujidade. Pareceu-me absolutamente satisfeito com a sua vida.

Meti o segundo comprimido no bolso e passei o resto da manhã mergulhado numa sonolenta beatitude que combinava às mil maravilhas com o tempo.

Quando encontrei Bobby ao almoço, sorrimos e dissemos «ei, pá» um ao outro. Dei-lhe o comprimido que Adam recusara. Bobby meteu-o na

boca com gratidão, sem fazer perguntas. Nesse dia não lhe contei nenhuma história; na verdade, mal abri a boca. Descobri que Bobby achava tão divertido ouvir-me contar histórias como ficar sentado ao meu lado em silêncio.

- Gosto dessas botas - disse eu, quando Bobby se sentou pela primeira vez no chão do meu quarto, enrolando um charro. - Onde as arranjaste? Espera lá. É o tipo de pergunta que não se deve fazer, não é? Não importa, essas botas são o máximo.

- Obrigado - disse ele, selando eficientemente o charro com a ponta da língua. Eu nunca tinha fumado marijuana, embora afirmasse que o fazia regularmente desde os onze anos.

- Parece material do bom - observei, referindo-me ao saco de plástico cheio de marijuana verde-dourada que Bobby tinha tirado do bolso do blusão.

- Bem, é o normal, acho eu - respondeu ele, acendendo o charro. Não havia desdém nas suas frases telegráficas, apenas um tom de entorpecimento e espanto. Bobby lembrava vagamente um amnésico debatendo-se para recuperar a memória.

- Gosto do cheiro - disse eu. - Acho que vou abrir a janela. Para o caso de a minha mãe aparecer.

Naturalmente eu partira do princípio de que precisávamos de inimigos comuns. O governo dos Estados Unidos, o liceu e os meus pais podiam desempenhar esse papel.

- É simpática - comentou ele. - A tua mãe.

- Mais ou menos.

Bobby passou-me o charro. Claro que tentei manuseá-lo de modo entendido, profissional. Claro que me engasguei a tal ponto que quase vomitei.

- Está bastante forte - avisou Bobby. Voltou a pegar no charro, inalou uma boa golfada de fumo e devolveu-me sem mais comentários. Engasguei-me de novo, e, depois de ter recuperado de mais um acesso de tosse, aceitei o charro pela terceira vez, como se fosse tão experiente como fingia ser. À terceira tentativa saí-me um pouco melhor.

E foi assim que, sem apontar a minha inexperiência, Bobby começou a ensinar-me os hábitos da nossa era.

Passávamos o dia inteiro juntos. Era o tipo de amizade absoluta e repentina característica daqueles que são jovens, solitários e ambiciosos.

Gradualmente, peça a peça, Bobby foi trazendo para o meu quarto os seus discos, posters e roupas. Em casa dele só ficávamos o tempo suficiente para eu compreender aquilo a que Bobby pretendia escapar: o cheiro rançoso da roupa suja e da comida atrasada, um pai que bebia demais, deslizando de sala em sala com exagerada cautela. Bobby dormia muitas vezes no chão do meu quarto, enfiado num saco-cama. Ficava a ouvi-lo respirar no escuro. Por vezes ouvia-o gemer nos seus sonhos.

De manhã, ao acordar, Bobby olhava à sua volta com uma expressão de espanto. Depois compreendia onde estava e sorria. A luz que entrava obliquamente pela janela do quarto tingia-lhe de cobre os pelos loiros do peito.

Comprei umas botas iguais às dele. Comecei a deixar crescer o cabelo.

Com o tempo, Bobby começou a falar com mais fluência.

- Gosto desta casa - disse ele uma tarde em que estávamos indolentemente sentados no meu quarto, a fumar erva e a ouvir the Doors. Os flocos de neve batiam no vidro da janela, caíam sobre a rua vazia e silenciosa. Os the Doors tocavam «L. A. Woman».

- Quanto achas que custa uma casa como esta? - perguntou ele.

- Não deve ser muito cara - respondi. - Não somos ricos.

- Um dia vou ter uma casa como esta - disse ele, entregando-me o charro.

- Não vais nada - contrariei. Tinha outras coisas em mente para os dois.

- Vou, sim - insistiu. - A sério. Gosto deste sítio.

- Não gostas nada - respondi. - Pensas que gostas porque estás pedrado.

Bobby inalou o fumo. Tinha um modo cultivado, quase feminino, de manusear os charros, entalando-os com precisão entre o polegar e o dedo médio.

- Então quero estar sempre pedrado - disse ele depois de expelir o fumo. - Porque assim vou gostar desta casa e de Cleveland e de tudo tal como gosto agora.

- Não é má ideia - comentei.

- Tu não gostas? - perguntou ele. - Devias gostar. Não sabes apreciar aquilo que tens.

- Aquilo que tenho - disse eu -, é uma mãe que me pergunta logo de manhã o que quero comer ao jantar e um pai que passa a maior parte do tempo fora de casa.

- Pois é, pá. - Bobby arreganhou os dentes.

Pousou casualmente um braço sobre os joelhos. O braço era sólido, coberto de pêlos dourados, e ficou apenas ali pousado, como se não fosse nada de especial.

Julgo que sei o momento em que o meu interesse se transformou em amor. Uma noite no princípio da Primavera eu e Bobby estávamos sentados no meu quarto a ouvir Grateful Dead. Era um serão normal na minha nova vida. Bobby entregou-me o charro e, ao recolher o braço, olhou para um sinal acastanhado, cor de fígado, na parte inferior do pulso. O rosto dele exprimia alguma incredulidade - aparentemente, não tinha ainda notado a presença daquele sinal particular ao longo dos treze anos de convivência com o próprio corpo, embora eu já o tivesse visto em diversas ocasiões, uma descoloração ligeiramente assimétrica sobre a bifurcação de uma veia. O sinal surpreendeu-o. Suponho que o facto de estranhar a própria carne o assustava um pouco. Tocou no sinal, com curiosidade, com o indicador direito. Pôs um ar abertamente contrafeito e irritado, como um bebé. Enquanto Bobby inspeccionava, preocupado, aquela pequena imperfeição, compreendi que habitava o corpo tão plenamente como eu, com a mesma mistura de espanto e confusão. Até esse momento eu acreditara - se bem que nunca o confessasse, nem mesmo a mim próprio - que as outras pessoas eram ligeiramente menos reais do que eu; que as suas vidas eram uma espécie de sonho composto por cenas e emoções que se assemelhavam a fotografias: descontínuas e inequívocas, evidentes por si mesmas, planas. Bobby tocou no sinal do pulso com ternura e medo. Era um gesto mínimo; assistir a isso não era mais dramático do que ver alguém olhar para o relógio e exprimir surpresa pelo adiantado das horas. Mas, nesse momento, Bobby revelou-se-me. Conseguia vê-lo - Bobby estava ali. Atravessara o mundo mergulhado no seu caos privado, assustado e perplexo, para estar precisamente ali, naquele momento, num quarto forrado com painéis de pinho.

O momento passou e eu compreendi que tinha acontecido qualquer coisa. A partir dessa noite - uma terça-feira - deixei de poder regressar a um estado que não envolvesse pensar em Bobby, sonhar com Bobby. Ele tornara-se-me mais real em cada uma das suas qualidades e eu não conseguia deixar de me perguntar, a cada momento, como seria exactamente estar na pele dele.

Vagueávamos pelas ruas noite após noite, como espiões. Fizemos amizade com um vagabundo chamado Louis, que vivia num caixote de



papelão e nos comprava vinho a troco de comida que roubávamos à minha mãe. Subíamos as escadas de incêndio até aos telhados dos arranha-céus pela simples estranheza de estar num lugar alto. Tomávamos ácido e deambulávamos horas a fio por um ferro-velho que luzia como uma mina de diamantes, cheio de cavernas, cintilações estranhas e planaltos que emitiam uma luz pálida, lunar, que eu tentava agarrar com as mãos. Fomos à boleia até Cincinnati só para ver se conseguíamos ir e voltar antes que os meus pais se apercebessem da nossa ausência.

Certa vez, numa noite de quinta-feira, Bobby levou-me ao cemitério onde estavam sepultados o irmão e a mãe. Sentámo-nos junto às campas deles, partilhando um charro.

- Os cemitérios não me metem medo, pá - disse Bobby. - Os mortos são só pessoas que quiseram as mesmas coisas que tu e eu queremos.

- O que é que nós queremos? - perguntei, incerto.

- Oh, pá, tu sabes - disse ele. - Queremos o mesmo que as pessoas que estão aqui enterradas quiseram.

- Mas o quê?

Bobby encolheu os ombros.

- Viver, acho eu.

Fez correr os dedos pela erva. Entregou-me o charro molhado de saliva, a dele e a minha, e eu soprei uma corrente de fumo branco para o céu, onde as Plêiades pulsavam e luziam. Cleveland também emitia as suas pequenas luzes - televisões e candeeiros. Um carro passou na estrada, deixando no ar frio da noite alguns compassos de «Helter Skelter».

Estávamos no princípio de Abril. Ainda não era tempo para nadar, mas eu convenci Bobby a acompanhar-me ao lago da pedreira assim que as últimas crostas de neve se derreteram nos recantos sombrios. Sabia que nadaríamos nus. Decidi antecipar a nova estação.

Era um desses dias de Primavera que emergem limpos do gelo, com um céu cristalino como a neve derretida. As primeiras flores, destemidas, de caules grossos, despontavam da terra. O lago da pedreira, que ficava a cinco quilómetros da cidade, reflectia o céu numa superfície negra e imóvel como a obsidiana. À excepção de uma solitária vaca cor de caramelo que descera de um pasto para beber água, Bobby e eu éramos os únicos seres vivos naquele lugar. Era como se estivéssemos num lago gelado dos Himalaias.

- Lindo - disse ele. Estávamos a fumar um charro. Um gaio azul levantou voo, com um grito estrídulo e interrogativo, de um freixo ainda em

botão.

- Temos de dar úm mergulho - incitei. - A sério.

- Ainda está muito frio - disse Bobby. - Essa água deve estar gelada, pá.

- Não interessa. Anda lá. É o primeiro mergulho oficial do Verão. Se não nadarmos hoje, amanhã volta a nevar.

- Quem te disse isso?

- Toda a gente sabe que é assim. Anda lá.

- Talvez vá - disse ele. - Mas a água deve estar fria como o caraças.

Por essa altura tínhamos alcançado o leito de cascalho miúdo que passava por praia, onde a vaca, cerimoniosamente imóvel junto à água, nos fitava com olhos cor de carvão. A pedreira era em forma de ferradura, com escarpas de calcário que se erguiam num semicírculo irregular em torno do lago.

- Não está nada fria - disse eu. - É como a água das Bermudas nesta época do ano. Olha para mim.

Temendo que nos limitássemos a fumar um charro completamente vestidos junto ao círculo de água negra, comecei a subir a vertente xistosa que conduzia às escarpas. Os penhascos mais próximos tinham menos de seis metros de altura e, no Verão, os nadadores mais valentes mergulhavam daí para a água profunda. Até esse momento nunca me ocorrera saltar dos penhascos. Não era um rapaz valente. Nesse dia, porém, pus-me a escalar a vertente, nas minhas botas de cowboy que ainda me esfolavam os calcanhares, em direcção a uma plataforma de calcário fendido de onde brotavam, aqui e ali, crocos de um amarelo-lívido.

- Aqui em cima é Verão - gritei a Bobby, que ficou sozinho na margem do lago, protegendo o charro com a mão. - Anda daí - gritei. - Não te ponhas a experimentar a temperatura da água com os dedos. Anda aqui para cima. Temos de mergulhar.

- Não, Jon - respondeu ele. - Desce daí. - Comecei a despir a roupa, excitado e feliz. Era um Jonathan mais ousado, mais confiante, esse que se erguia no alto das rochas aquecidas pelo Sol, despindo a roupa perante o olhar perplexo de uma vaca. - Jon - chamou Bobby, com mais urgência.

Despi a camisa e descalcei as botas e as meias com uma sensação de despreocupação e liberdade que me era absolutamente nova. A sensação foi crescendo à medida que expunha o corpo à luz e ao ar frio e brilhante. Sentia-me mais leve, mais cheio de possibilidades, a cada movimento. Desajeitadamente, desembarcei-me das calças de ganga e das cuecas e

fiquei imóvel durante algum tempo, magro, nu e estouvado, tocado pelo sol frio.

- É agora! - gritei.

- Eh, pá, não... - começou Bobby a dizer, lá de baixo. E então, por Bobby, pela minha nova vida, mergulhei.

Uma fina camada de gelo cobria ainda a superfície da água, não mais que uma membrana, invisível até ao momento em que a atravessei. Ouvi o estalar do gelo, senti-o estilhaçar-se à minha volta, e vi-me mergulhado numa frialdade inimaginável, uma frialdade que me cortou a respiração e pareceu paralisar-me, durante um longo momento, o coração. A minha pele encolheu-se, agarrando-se aos ossos num pânico animal, e eu pensei, com perfeita claridade, «estou morto. A morte é assim».

Depois regresssei à superfície, quebrando o gelo pela segunda vez. A minha consciência abandonou-me, flutuou sobre a água, e, em retrospectiva, tenho a distinta impressão de me ver a nadar em direcção à margem, arquejante, os pulmões apertados como punhos, rasgando a superfície a cada braçada, lançando diamantes de gelo para o ar.

Bobby entrou na água até às coxas para me ajudar a sair. Lembro-me de o ver de calças molhadas, escuras e coladas às pernas. Lembro-me de pensar que estragaria as botas.

Precisei de mais uns momentos para compreender que Bobby estava a gritar comigo, mesmo enquanto me ajudava a sair da água.

- Raios te partam, Jonathan - gritou ele, muito perto do meu ouvido. - Ah, raios te partam. - Eu estava demasiado ocupado com o simples processo da respiração para conseguir responder-lhe. Bobby arrastou-me até ao cascalho da praia, bem longe da água, antes de se lançar num sermão furioso. O melhor que pude fazer foi ficar ali parado, ofegante e trémulo, enquanto ele vociferava. Bobby pôs-se a andar para a frente e para trás num padrão rígido, como que tocando duas metas invisíveis a três metros de distância uma da outra. - Seu cabrão, seu cabrão estúpido - gritava.

Enquanto gritava, o percurso entre as metas tornou-se cada vez mais curto, e Bobby começou a mover-se em círculos apertados, seguindo o padrão de uma mola em espiral. Tinha a cara vermelha. Finalmente estacou e girou três vezes sobre os calcanhares, como se a mola continuasse a torcer-se dentro dele. Não parou de gritar um só momento. Deixou de me insultar e começou a emitir sons incompreensíveis, uma corrente de palavras furiosas que não parecia dirigir a mim, mas antes ao céu e aos

penhascos, às árvores mudas. Fiquei a olhar para ele, entorpecido. Nunca tinha visto semelhante manifestação de ira e jamais imaginara que podia ocorrer na vida comum de todos os dias. Restava-me esperar e rezar para que aquilo acabasse. Ao fim de algum tempo, sem explicações, Bobby trepou pelos penhascos para recuperar as minhas roupas. Embora a fúria dele tivesse amainado um pouco, estava ainda longe de se ter extinguido. Fiquei parado sobre o cascalho, à espera dele. Quando regressou, lançou as roupas numa pilha aos meus pés. - Veste-te depressa - disse ele, num tom de profunda reprovação. Obedeci.

Quando acabei de me vestir, Bobby tirou o blusão e embrulhou-me nele.

- Não. Vais precisar dele - protestei. - Tens as calças todas molhadas...  
- Cala-te - disse ele, e eu calei-me.

Começámos a andar em direcção à auto-estrada, com a intenção de pedir boleia para a cidade. Durante o caminho, Bobby pousou o braço em torno dos meus ombros e apertou-me contra ele.

- Cabrão estúpido - resmungava. - Estúpido, estúpido. Estúpido. - Continuou a abraçar-me enquanto pedíamos boleia na berma da estrada e durante toda a viagem no banco traseiro de um Volkswagen conduzido por dois estudantes de Oberlin. Não parou de resmungar durante todo o caminho. De volta a minha casa, Bobby abriu as torneiras da banheira e preparou-me um banho de água a esquentar. Ajudou-me a despir e ordenou-me que entrasse na banheira. Depois de eu ter acabado e de estar enrolado numa toalha, Bobby despiu finalmente as roupas molhadas e meteu-se na banheira. Entre as nuvens de vapor da casa de banho, a pele nua de Bobby era rosada e brilhante. Quando emergiu da banheira, cintilando, salpicado de gotas de água, os pêlos loiros do peito colavam-se-lhe à pele. Fomos para o meu quarto, pusemos um disco do Jimi Hendrix e fumámos um charro. Ficámos sentados a fumar, embrulhados nas toalhas. - Estúpido - murmurou ele. - Podias ter morrido. Tens ideia de como eu me ia sentir se tivesses morrido?

- Não - disse eu.

- Ia sentir-me como se... Oh, não sei.

E então olhou-me com uma angústia sem fim. Pousei o charro no cinzeiro e, num acto de coragem que superava amplamente o mergulho de um penhasco para a água gelada - que suplantara todos os meus gestos de coragem juntos -, estendi a mão e pousei-a no braço de Bobby. Ali estava o

braço dele, duro e coberto de pêlos loiros, sob os meus dedos. Olhei para o chão - para as tranças do tapete e as tábuas do soalho cor de abóbora. Bobby não se mexeu.

Passou um minuto. Tinha de acontecer alguma coisa - ou coisa nenhuma. Aterrado, sentindo as pulsações do sangue na garganta, comecei a acariciar-lhe o braço com a ponta do indicador. Agora ele vai compreender, pensei. Agora vai recuar, de horror e repugnância. Mas continuei a acariciá-lo levemente, num estado de medo tão intenso que era indestrinçável do desejo. Bobby não me repeliu nem me retribuiu a carícia.

Consegui finalmente olhá-lo no rosto. Os olhos de Bobby eram brilhantes e fixos como os de um animal; tinha os lábios entreabertos. Percebi que também estava assustado e foi o medo dele que me permitiu acariciar-lhe o braço até ao ombro. A pele arrepiou-se-lhe sobre a curva ampla da omoplata. Podia senti-lo respirar.

Rapidamente, porque a coragem me começava a faltar, movi a mão até à coxa dele. Bobby estremeceu, fez um esgar, mas não se retraiu. Meti a mão por baixo da toalha. O rosto dele foi atravessado por expressões de medo e prazer.

Uma vez que não tinha ideia do que devia fazer, reproduzi as carícias que fazia a mim próprio. Quando o senti endurecer na minha mão acreditei que ele me tinha finalmente perdoado.

Bobby estendeu a mão e, com uma delicadeza surpreendente, tocou-me também. Não nos beijámos. Não nos abraçámos. Jimi Hendrix cantava «Purple Haze». A caldeira rosnava nas profundezas da casa. O vapor assobiava nos canos.

No fim limpámo-nos com lenços de papel e vestimo-nos em silêncio. Uma vez vestidos, Bobby reacendeu o charro e começou a falar em voz normal sobre coisas normais: o próximo concerto dos Dead, o nosso plano para arranjar um emprego e comprar um carro a meias. Partilhámos o charro e ficámos sentados no chão do meu quarto como dois rapazes americanos comuns, numa casa vulgar cercada pelo tédio e o verde renascido de uma Primavera de Ohio. Foi outra lição no processo contínuo da minha aprendizagem: como qualquer outra prática ilegal, o amor entre rapazes deve ser tratado como uma trivialidade. As boas maneiras ditam que esses actos inábeis e desajeitados não sejam assunto de comentários, como se de facto se tivesse agido com a calma destreza de um criminoso nato.

# ALICE

Jonathan apareceu com ele lá em casa. Nessa altura tinham ambos treze anos. O rapaz tinha um aspecto esfomeado de cão vadio, esquivo e perigoso. Estava sentado à nossa mesa a devorar galinha assada.

- Então Bobby - perguntei-lhe -, vives em Cleveland há muito tempo?

O cabelo dele era um ninho electrizado. Usava botas e um blusão de cabedal decorado nas costas com um olho humano de um azul-cobalto desmaiado.

- A minha vida inteira - respondeu ele, roendo o osso de uma coxa de galinha. - Mas tenho sido invisível. Só ultimamente decidi aparecer.

Perguntei-me se os pais dele lhe dariam de comer. Bobby olhava em volta com semelhante apetite que por momentos me senti como a bruxa da história de Hansel e Gretei. Quando era pequena, em Nova Orleães, tinha visto as térmitas a pastar nos arabescos de madeira que adornavam as janelas e descobrira que as delicadas esculturas se desfaziam nas minhas mãos como açúcar.

- Nesse caso, bem-vindo ao mundo material - disse eu.

- Obrigado.

Não sorriu. Mordeu o osso com força suficiente para o rachar.

- Esse rapaz é um ponto, não é? - perguntei a Jonathan depois de Bobby ter saído. - Onde o encontraste?

- Foi ele que me encontrou - respondeu Jonathan com exagerada paciência, um dos traços particulares da sua adolescência. Se bem que ainda imberbe e de voz aguda, Jonathan adoptara uma brusca sobranceria como forma de aceder à idade viril.

- Como é que ele te encontrou? - perguntei suavemente. Ainda sabia tirar proveito da minha inocência sulista, mesmo ao fim de tantos anos a viver em Ohio.

- Veio ter comigo no primeiro dia de aulas e depois começámos a andar juntos.

- Achei-o um pouco estranho, sabes - comentei. - Para dizer a verdade,

ele assusta-me um bocadinho.

- Eu acho-o muito porreiro - retorquiu Jonathan, categórico. - Tinha um irmão mais velho que foi assassinado.

Em Nova Orleães tínhamos um termo para designar as pessoas como Bobby, gente de aspecto pouco próspero e cujos familiares revelavam uma propensão especial para morrerem de forma violenta. Mesmo assim, concedi que Bobby era, de facto, muito porreiro.

- Que dizes a uma partida de copas antes de ir para a cama? - perguntei.

- Não, mãe. Estou farto de jogar cartas.

- Vá lá, só uma partidinha - insisti. - Tens de me dar uma oportunidade para vingar a minha última derrota.

- Pronto, está bem. Uma partida.

Levantámos a mesa e demos as cartas, mas eu joguei pessimamente. Não conseguia deixar de pensar naquele rapaz, naquela expressão de avidez e cobiça. Jonathan ganhava as vazas todas. Subi ao quarto para vestir uma camisola, mas continuava com frio.

Jonathan venceu o primeiro jogo.

- Tem cuidado, mãe - disse ele. - Esta noite ninguém me pára.

A vitória dava-lhe um prazer tão simples e infantil que se esqueceu por algum tempo da sua nova petulância. Custava-me a crer que não fosse mais popular na escola. Era inteligente e mais bonito do que a maior parte dos rapazes da idade dele. Talvez a minha influência sulista o tivesse tornado demasiado brando e educado; não era suficientemente bruto para aquela dura cidade do Midwest. Mas é claro que não poderia julgar com imparcialidade as qualidades de Jonathan. Haverá alguma mãe que não esteja um pouco apaixonada pelo próprio filho?

Ned chegou tarde a casa, depois da meia-noite. Eu estava a ler na cama quando o ouvi meter a chave na porta. Resisti a um impulso para desligar a luz e fingir que dormia. Em breve faria trinta e cinco anos. Tinha prometido a mim própria mudar algumas coisas no nosso casamento.

Ouvi a respiração dele nas escadas. Endireitei-me contra a almofada, dei um jeito à alça da camisa de noite. Ned deteve-se à porta do quarto, um homem de quarenta e três anos, ainda atraente de acordo com os padrões comuns. Estava a ficar grisalho nas têmporas, à maneira das estrelas de cinema.

- Ainda estás acordada - disse ele. Estaria contente ou aborrecido?

- Tornei-me escrava desta coisa - disse eu, indicando o livro. Mau

começo. A resposta certa seria: «Tenho estado à tua espera.» Contudo, fora de facto o livro que me mantivera acordada. Gostava de pensar que podia mudar a minha vida sem abrir mão das pequenas verdades do dia a dia.

Ned entrou no quarto, desabotoando a camisa e expondo o peito, salpicado de pêlos pretos e grisalhos.

- Parece que o Deliverance é um pouco forte demais para Cleveland - disse ele. - Três pais telefonaram a protestar esta noite.

- Não sei por que decidiste exibi-lo.

Ned despiu a camisa e meteu-a no cesto da roupa suja. Tinha as axilas brilhantes de suor. Quando se voltou reparei nos pêlos que lhe tinham nascido nas costas. Pareciam delinear uma espécie de mapa simétrico de África.

Não. Concentra-te na meiguice dele, no seu humor benevolente. Concentra-te na forma das coxas, ainda esguias, sob as calças largas de gabardina.

- Tive muita sorte em conseguir uma cópia - comentou. - Vai ser um sucesso. Na sessão das sete a sala estava quase cheia.

- Ótimo - disse eu. Pousei o livro na mesinha de cabeceira. Emitiu um som suave mas surpreendentemente audível ao bater no tampo de madeira.

Ned despiu as calças. Se eu fosse outro tipo de pessoa teria dito, em tom bem-humorado: «Querido, tira primeiro as meias. Se há coisa que não suporto é a visão de um homem só de cuecas e meias.»

Mas eu não era esse tipo de pessoa. Ned pendurou cuidadosamente as calças e deteve-se por uns momentos à luz do candeeiro, de cuecas e meias pretas e lisas. As meias tinham-lhe depilado as canelas. Quando as tirasse, deixariam a impressão do elástico na carne nua.

Ned vestiu as calças do pijama e sentou-se na cama para descalçar as meias. Fora da banheira, raramente se mostrava completamente nu.

- Uff. Estou estafado.

Estendi a mão para lhe acariciar as costas, que estavam húmidas de suor. Ned sobressaltou-se.

- Não tenhas medo - disse eu. - Não te faço mal. - Ele sorriu. - O Jonathan trouxe um novo amigo cá a casa. Devias conhecê-lo.

- Pior que o Adam? - perguntou ele.

- Oh, muito pior. De um tipo completamente diferente. Este rapaz é um bocadinho, bem, um bocadinho assustador.

- Assustador como?



- Sujo - expliquei. - Calado. Com um ar esfomeado. - Ned abanou a cabeça.

- Quanto a isso, podemos confiar no Jonny - comentou. - Não há dúvida de que sabe escolhê-los.

Senti uma pontada de irritação. Ned nunca estava em casa. Tudo o que acontecia na ausência dele transformava-se numa espécie de comédia doméstica; um filmezinho simpático apresentado a uma pequena plateia no outro lado da cidade. Continuei a afagar-lhe as costas.

- Mas este rapaz é assustador de uma forma mais adulta - esclareci. - O Adam e os outros eram apenas crianças. Este rapaz é diferente. Acho que seria capaz de roubar, seria capaz de fazer todo o tipo de coisas. Tenho estado a pensar, sabes. O próprio Jonathan está a mudar. Vai haver raparigas e carros e sabe Deus o que mais.

- Claro que vai, avozinha - disse Ned, bem-humorado, e meteu-se debaixo dos lençóis.

Eu sabia de que modo Ned visualizava o problema: uma comédia para adolescentes, inofensiva e divertida, cheia de namoricos e amigos hippies. Talvez tivesse razão. Mas eu não conseguia ver o mesmo filme.

Para mim, a casa e a família eram uma experiência diária e contínua. Não conseguia explicar-lhe como era diferente a minha percepção das coisas. E, se tentasse, acabaria por parecer a mãe do filme: uma personagem excessivamente dramática; aquela que nunca percebe as piadas.

- Importas-te que eu desligue a luz? - perguntou. - Ou queres continuar a ler?

- Não. Podes desligar. - Ficámos deitados lado a lado, a respirar no escuro. Estranhamente, não parecia haver grande coisa sobre o que falar. Talvez a grande surpresa da vida conjugal fosse a sua persistente formalidade. Conhecíamos a carne e os hábitos do outro melhor do que os nossos, mas, não obstante toda a familiaridade, continuávamos a agir como um par de namorados durante um encontro que não estava a correr particularmente bem. - Esta noite fiz galinha com estragão - disse eu. - Devias tê-lo visto a devorar tudo. Parecia que já não comia há uma semana.

- O amigo? - perguntou Ned.

- Sim.

- Como se chama o rapaz?

- Bobby. - Da rua chegou-nos o gemido de um dos gatos dos vizinhos. Desde que Miss Heidegger morrera, a casa fora já arrendada por três

famílias diferentes, todas elas dadas a partidas súbitas e a animais de estimação subalimentados e barulhentos. A vizinhança ia de mal a pior. - Ned? - chamei.

- Sim?

- Achas que pareço muito mais velha?

- Não te dou mais que dezasseis - disse ele.

- Céus, onde já vão os meus dezasseis anos. Antigamente, trinta e quatro parecia ser imenso. Agora não parece nada. Mas a verdade é que tenho um filho que vai começar a fazer a barba não tarda nada. Vai começar a esconder-me coisas e a andar por aí de carro.

Não sabia como explicar-lhe aquilo de um modo que ele compreendesse: eu sentia que ia deixar de ser uma das personagens principais. Mas não podia dizê-lo naquelas exactas palavras. Não passariam no ar doméstico do quarto.

- Trinta e quatro não é nada, miúda - disse ele. - Esqueceste-te de com quem estás a falar? Eu já nem me lembro de quando tinha trinta e quatro.

- Tens razão. Estou a ser frívola e tola.

Estendi a mão por baixo do cobertor e acariciei-lhe o peito. Uma vez mais, senti a pele dele arrepiar-se sob os meus dedos. Ned não estava habituado àquele tipo de atenções da minha parte.

- Estás com óptimo aspecto - assegurou. - Estás na flor da idade.

- Ned?

- Sim?

- Eu amo-te, sabes. A sério. Meu Deus, há quanto tempo não te dizia isto?

- Oh, querida. Eu também te amo.

Fiz descer os dedos pelo braço dele e continuei a acariciá-lo.

- Esta noite estou a ser lamechas - confessei. - Estou a abrir mão da minha frieza.

- Tu não és fria - disse ele.

- Esta noite não - respondi calmamente. Não o disse com doçura, mas também não fui seca ou matronal. Ned entrelaçou os dedos nos meus. Tinha imaginado o casamento de uma de duas maneiras: ou amávamos um homem e copulávamos com ele alegremente, ou não. Jamais considerara a hipótese de amar alguém sem sentir uma correspondente inclinação carnal.

Ned pigarreou para aclarar a garganta. Debrucei-me sobre ele para o beijar e ele deixou-se beijar com uma passividade que era virginal, quase

feminina. Isso enteneceu-me, se bem que a barba dele me arranhasse a pele. - Esta noite não - voltei a dizer, desta vez em voz profunda e ofegante. Fora uma bela simulação de luxúria, uma simulação que poderia tornar-se real se ele me acariciasse com a mesma timidez com que recebera os meus beijos.

- Hum - um gemido grave ressoou-lhe no fundo da garganta. Senti um arrepio na boca do estômago, uma sensação de crescente possibilidade que há muito não sentia com Ned. Ainda podia acontecer.

E então Ned retribuiu-me o beijo, erguendo a cabeça da almofada e comprimindo a boca contra a minha. Senti a pressão dos dentes dele. O desejo extinguiu-se dentro de mim, mas não desisti. Respondi ao beijo de Ned, apertei-lhe o ombro nu. Estava húmido de suor. Sentia os pêlos ásperos e encaracolados dos ombros de Ned na palma da mão. Os dentes dele, apenas ligeiramente protegidos pelo lábio superior, morderam-me avidamente a boca. E percebi que não conseguiria fazê-lo nessa noite. Senti-me cair para fora de cena. A minha consciência abandonou-me e afastou-se para um dos cantos do quarto, de onde ficou a observar, reprovadora, um homem de quarenta e três anos a beijar rudemente a mulher, apalpando-lhe as costas e coxas com as mãos húmidas. Podia ter-me sujeitado, mas teria sido apenas isso e nada mais. Teria sofrido as atenções de Ned com essa raiva latente que as mentiras provocam.

Desviei a boca, beijei-o levemente no pescoço, uma rápida sucessão de pequenos beijos.

- Querido - sussurrei. - Abraça-me só. Está bem?

- Claro - disse ele calmamente. - Claro. - Para falar com franqueza, acho que Ned se sentiu aliviado.

Ficámos abraçados durante algum tempo, até que Ned me beijou a cabeça com ternura e se virou para o outro lado para dormir. Nunca dormíamos nos braços um do outro. Em breve estava a respirar regularmente. Ned adormecia com facilidade. Na verdade, fazia quase tudo com facilidade. Tinha um talento especial para ajustar as suas expectativas às circunstâncias.

Talvez essa noite fosse um princípio. Talvez conseguisse avançar um pouco mais na noite seguinte.

Não queria ser o monstro da casa - a mãe implicativa, a esposa frígida. Repeti as promessas a mim própria e só consegui adormecer quando a primeira luz tingiu as janelas de azul.

Jonathan persistiu no seu fascínio por Bobby, que se tornou uma presença habitual à nossa mesa. Ned tolerava-o, porque a tolerância fazia parte da natureza dele. Ned mantinha uma zona de ar neutral entre si próprio e o mundo, de modo a que tudo lhe chegasse filtrado e rarefeito.

Era eu que mantinha a vigilância.

Bobby não parecia ter outros planos. Estava sempre disponível. Nunca convidava o Jonathan para casa dele, o que pouco me incomodava, se bem que me suscitasse algumas dúvidas.

- Bobby, o que faz o teu pai? - perguntei-lhe uma noite.

Estávamos sentados à mesa de jantar. Bobby devorava o que restava da sua beurre blanc com a terceira fatia de pão caseiro antes que Jonathan, Ned ou eu tivéssemos começado a comer.

- É professor - respondeu ele. - Num liceu em Roosevelt.

- E a tua mãe?

- Morreu. Há coisa de um ano.

Bobby meteu o pão na boca e pegou noutra fatia.

- Lamento muito.

- Não tem nada a lamentar - respondeu. - Nem sequer a conhecia.

- Estava a falar num sentido mais geral. Queria dizer que lamento a tua perda.

Mastigando vorazmente, Bobby fitou-me como se eu tivesse acabado de falar em sânscrito.

- Como é que fez este molho? - perguntou ele ao fim de algum tempo.

- Com manteiga e vinagre - expliquei. - E limão e um pouco de vermute. Não é nada de especial.

- Nunca tinha provado um molho assim - disse ele. - E o pão? É feito por si?

- Fazer pão é um dos meus passatempos - respondi. - Consigo fazê-lo até de olhos fechados.

- Ena - disse ele, abanando a cabeça de admiração e servindo-se de uma quarta fatia.

Depois do jantar os rapazes subiram para o quarto. Momentos depois ouvimos música, uma percussão estranha que fazia estremecer as tábuas do soalho. Bobby tinha trazido um dos seus discos.

- Valha-me Deus - disse Ned -, o miúdo é órfão.

- Não é nada - corrigi. - Ainda tem pai.

- Acho que percebeste o que eu queria dizer. O miúdo deve ter passado

um mau bocado.

Ergui-me e comecei a levantar a mesa. Quando era pequena havia certas partes de Nova Orleães onde nunca íamos. Eram zonas sombrias, áreas em branco no mapa.

- Sim. E é por isso que o Jonathan gosta tanto dele - disse eu. - E se ainda por cima fosse coxo, mudava-se cá para casa definitivamente.

- Espera lá. Isso nem parece coisa tua.

Pousei o prato de Bobby sobre o de Jonathan. Jonathan tinha distribuído artisticamente a comida pelas margens do prato, para dar a ilusão de que tinha comido. Estava a pontos de se tornar transparente de tão magro. O prato de Bobby estava imaculadamente limpo, como se o tivesse lambido. Não se via uma única migalha em torno do lugar onde estivera sentado.

- Tens razão - disse eu. - Lamento imenso tudo o que lhe aconteceu, a sério que sim. Mas há qualquer coisa naquele rapaz que me assusta.

- É um miúdo um pouco bravio, só isso. Um miúdo que está a crescer sem mãe, ao Deus dará. Penso que temos recursos suficientes para lhe dar algum apoio, não te parece?

- Claro que temos. - Levei as travessas para a cozinha. Eu era a Alice amarga e dura, casada com Ned, o bom.

Ned seguiu-me, transportando os pratos.

- Não te preocupes - disse ele, nas minhas costas. - Não há nenhum miúdo que não apareça em casa com um amigo mais esquisito.

Independentemente disso, o Jonathan é um rapaz às direitas.

- Mas é claro que me preocupo com o Jonathan - disse eu, abrindo as torneiras do lava-louça. - Tem treze anos. Isto é como se... Oh, não sei. É quase como se me apercebesse de repente de uma qualidade desconhecida do Jonathan. Uma coisa que ele tem escondido de nós desde sempre.

- Estás a exagerar.

- Achas que sim?

- Acho. Se tivesse tempo contava-te a história do Robby Cole. Foi o meu melhor amigo na escola primária. Adorava-o porque ele conseguia abrir garrafas com os dentes. Entre outras coisas.

- E vê só naquilo que deste.

- Bem, casei-me contigo.

- Uma proeza admirável. Se bem que deixe um pouco a desejar como objectivo de vida.

- Casei contigo e sou dono da melhor sala de cinema de Cleveland. E tenho de ir embora.

- Adeus.

Ned enlaçou-me a cintura e beijou-me ruidosamente o pescoço. Por uns breves momentos fui visitada pelo cheiro dele, uma mistura de odor pessoal e aftershave com limão. Era como entrar na sua esfera de ar desabitado; enquanto aí permanecesse, poderia partilhar a sua convicção de que todos os males acabariam por passar, de que o mundo conspirava para nos fazer felizes. Voltei-me e beijei-lhe levemente a cara áspera.

- Não te preocupes tanto - disse ele.

Prometi tentar; na presença dele, parecia possível. Contudo, assim que Ned saiu de casa, a possibilidade afastou-se como a luz de uma lanterna que ele transportasse consigo. Fiquei a observá-lo através da janela da cozinha. Talvez a característica mais notável de Ned fosse a sua capacidade para caminhar serenamente pelas ruas de pedra cinzenta e tijolo amarelo de Cleveland, onde os ventos que sopravam do lago nos oprimiam o coração.

Abri o livro de cozinha tradicional francesa que tinha acabado de comprar e comecei a planear a refeição do dia seguinte.

Bobby demorou-se até muito depois das dez horas.

- Meninos, amanhã é dia de aulas - gritei da sala. O tom maternal da minha voz continuava a surpreender-me, mesmo ao fim de treze de prática.

Estava a ler o jornal quando Bobby desceu.

- Boa noite - disse ele.

Os seus modos de falar e agir eram como os de um estrangeiro a aprender os costumes do país que o acolhera. Era como um refugiado de um lugar longínquo, subalimentado e desesperado por agradar. Aquele «boa noite» era uma imitação perfeita do meu modo de falar.

- Bobby? - chamei. Na verdade, não tinha nada para lhe dizer. Mas ele ficara ali parado à minha frente, tímido e expectante.

- Diga.

- A sério que lamento muito a morte da tua mãe - confessei. - Não quero que penses que o disse apenas por uma questão de boa educação.

- Oh, não faz mal.

- Como se têm desenrascado, tu e o teu pai? Jantam como deve ser?

Têm alguém para ajudar na lida da casa?

- Vai lá uma mulher uma vez por semana.

- Por que não trazes o teu pai para jantar connosco uma destas noites? -

sugeri. - Talvez no princípio da próxima semana, se for conveniente.

Bobby fitou-me, sombrio e incerto, como se eu tivesse violado um dos tabus do seu país; era como se estivesse a tentar perceber se eu o tinha insultado deliberadamente ou se se tratara apenas de um choque entre culturas diferentes.

- Oh, não sei... - disse ele.

- Bom, deixa lá. Eu depois telefono ao teu pai. Agora é melhor ires para casa, já é tarde.

- Está bem.

Tive a impressão de que ficaria ali parado eternamente se eu não o mandasse embora.

- Boa noite - voltei a dizer, e ele devolveu-me o cumprimento numa versão juvenil e masculina da minha própria voz.

Depois de Bobby sair, subi ao primeiro andar e bati à porta do quarto de Jonathan.

- Sim? - disse ele.

- Sou eu. Posso entrar?

- Podes.

Jonathan estava deitado na cama a ouvir música - uma voz masculina nasalada, acompanhada por uma guitarra acústica. A janela estava aberta, embora estivéssemos no início de Novembro e fizesse muito frio. Julguei detectar um cheiro estranho, qualquer coisa adocicada e fumarenta que o ar gelado não tinha ainda dissipado.

- Passaram um serão agradável? - disse eu.

- Claro.

- O Bobby tem tido uma vida difícil, não tem? - perguntei.

- Não deves ter pena dele.

- Já sabias que a mãe dele tinha morrido?

- Já - respondeu Jonathan.

- Sabes como morreu?

- Mais ou menos. Parece que tomou demasiados comprimidos para dormir. Mas tinham sido receitados pelo médico, há muito tempo que ela os tomava. Parece que começou a dizer que já não faziam efeito. Por isso pode ter sido um acidente.

- O Bobby também teve um irmão que morreu, não teve? Jonathan acenou com a cabeça.

- Mas isso foi um acidente. Afinal não foi assassinado. Foi depois da

morte dele que a mãe começou a tomar comprimidos para dormir.

Jonathan apresentava-me os factos com uma ponta de orgulho, como se representassem os triunfos de Bobby.

- Meu Deus. As coisas que acontecem às pessoas. - Dirigi-me à janela para a fechar. O quarto estava tão frio que quase se via o vapor da nossa respiração.

- A nós nunca acontece nada - comentou Jonathan. - Nada de mal.

- Temos tido muita sorte.

Voltei-me e vi o blusão de cabedal de Bobby pousado nas costas de uma cadeira. O olho de pano, ciclópico, de íris do tamanho de um disco de hóquei, fitava-me do cabedal coçado.

- O Bobby esqueceu-se do blusão - disse eu.

- Emprestou-mo - respondeu Jonathan. - Era do irmão dele. Eu emprestei-lhe o meu hoje à tarde, no liceu.

- O teu blusão novo? Trocaste o teu blusão por aquilo?

- Troquei. O Bobby fala muito do irmão. Parece ter sido um tipo impecável. Quando morreu, a família foi-se completamente abaixo.

- Tens ideia de quanto custou aquele blusão? - perguntei. Jonathan fitou-me à sua nova maneira, levantando o queixo, desafiador. Os olhos dele tinham um brilho frio.

Decidi esquecer o assunto. Achei que era melhor dar-lhe algum espaço de manobra.

- E se eu fizesse um guisado de vitela para o jantar de amanhã? - perguntei-lhe. - É uma receita nova que eu gostava de experimentar. Vitela com cogumelos e cebolinhas. Que te parece?

- Tanto faz. - Jonathan encolheu os ombros.

Apertei os braços contra o peito. Aquele quarto estava gelado.

- Que dizes a uma partida de póquer antes de dormir? - perguntei. - Ando tristíssima, sabes. A última vez que jogámos perdi de tal maneira que mal consigo andar de cabeça erguida.

- Hoje não, mãe. Estou estourado.

- Só uma partida, vá lá.

- Não, mãe.

- Está bem, pronto.

Continuei parada no meio do quarto, embora fosse claramente o momento de o deixar sozinho. A luz do candeeiro da mesinha de cabeceira, que eu tinha comprado há dez anos, tocava-lhe o cabelo claro e as feições



precisas, esculpidas. Jonathan era parecido comigo, mas de um modo idealizado. As minhas feições, demasiado austeras, tinham surgido suavizadas no rosto dele.

- Boa noite - disse ele.

- Boa noite. Dorme bem.

Demorei-me um pouco mais. Sabia que a minha presença começava a irritá-lo, mas não conseguia deixar de o olhar.

Faltava-me a coragem para lhe dizer: «Não sejas assim. Por favor, não comeces a odiar-me. Podes ter tudo o que quiseres sem precisares de me expulsar da tua vida.» Saí calmamente do quarto, tão preenchida por ele como nos tempos em que o trazia no ventre.

Convidei Bobby e o pai para jantar na terça-feira seguinte. Chegaram meia hora atrasados, com duas garrafas de vinho.

- Desculpem - disse o pai de Bobby. - Demos volta à cidade inteira à procura de um Chardonnay decente. Espero que gostem de Chardonnay.

Disse-lhe que gostávamos muito.

O pai de Bobby usava uma barbicha de bode e um casaco cor de mostarda com botões de latão reluzentes. Tinha um rosto vermelhusco, um caos de capilares deteriorados. Era um Bobby devastado pelos anos e pelo álcool.

Chamava-se Burton. Quase não tocou na comida. Bebeu vinho, fumou Pall Malls, interrompendo ocasionalmente estas actividades para comer um pouco de solha; erguia o garfo no ar por uns segundos antes de o meter na boca, com a mesma falta de curiosidade e interesse que um carpinteiro dedica a um prego comum.

- Que tal são os miúdos em Roosevelt? - perguntou-lhe Ned. Burt Morrow olhou para ele interrogativamente. Reconheci aquela expressão.

- Às vezes são difíceis - respondeu ele, ponderadamente. - Não são maus miúdos, mas nem sempre são fáceis de levar.

- Compreendo - disse Ned ao fim de um momento.

- Tentamos dar-nos uns com os outros - explicou Burt. - Procuo lidar com eles da melhor maneira possível. Tento não os ofender e suponho que sou bem sucedido na maior parte dos casos. - Voltou-se para o filho. - Que te parece, Bobby? Achas que me saio bem como professor?

- Acho que sim, pai - respondeu Bobby. Olhava para o pai sem afecto nem desdém. Tinham o mesmo ar aturdido, a mesma forma de responderem a uma pergunta como se esta lhes fosse sussurrada do éter por uma entidade

incorpórea. Eram como os irmãos de bom coração, mas um pouco estúpidos, dos contos de fadas - aqueles que desperdiçavam os desejos e os encantamentos. Jonathan estava sentado entre eles, de olhos azuis cintilando de inteligência.

- É exactamente isso que eu tento fazer - concordei. - Tento não me meter no caminho do Jonathan, deixá-lo experimentar a vida. Não sou uma boa disciplinadora, nem nada que se pareça. Por vezes eu própria ainda me sinto uma criança. - Bobby e Burton fitaram-me, estupidificados e perplexos. - Casei muito nova - continuei. - Não era muito mais velha do que estes miúdos. E é claro que não tinha planeado apaixonar-me por um nortenho chamado Ned Glover e mudar-me com ele para o Ohio. Qual quê? Com este vento canadiano a soprar do lago? Brrr. Não que esteja arrependida, obviamente. Se pudesse voltar atrás, faria exactamente o mesmo.

- Eu chamo-lhe a Helena da Louisiana - disse Ned, com uma piscadela de olho. - Continuo à espera que um bando de sulistas me deixem um cavalo de madeira no relvado da frente.

Burt acendeu outro cigarro. O fumo desprendeu-se-lhe dos lábios entreabertos e ele ficou a vê-lo serpentear sobre a mesa.

- Eu não faria exactamente o mesmo - declarou. - Julgo que mudaria algumas coisas. Sim.

Eu não era uma mulher ignorante no que toca à psicologia. Sabia que Jonathan precisava de escapar aos pais, de cortar os laços: assassinar-nos, de certa forma, e ressuscitar-nos mais tarde, depois de adulto, quando tivesse a sua própria vida e nós estivéssemos mergulhados na inconsequência da senilidade. Não era cega, nem estúpida.

Contudo, era demasiado cedo e Bobby parecia ser o veículo errado. Aos treze anos tomamos demasiadas opções sem pensar nas consequências e no modo como podem arrastar-se pelas décadas. Aos treze anos decidi conscientemente ser extrovertida e um pouco rebelde, para me certificar de que os silenciosos jantares dos meus pais, os seus longos, livrescos, serões - marcados apenas pelas badaladas do relógio - não teriam efeitos duradouros sobre mim. Acabara de completar dezassete anos quando conheci Ned Glover, um homem atraente e bem-humorado na casa dos vinte, proprietário de um Chrysler descapotável, cheio de histórias do Norte.

- Bom, pelo menos já sabemos de onde vem o Bobby - disse eu a Ned nessa noite, na cama.

- Em que sentido?

- Em todos. Ficou explicada a personalidade dele. Ou a sua misteriosa ausência.

- Não suportas mesmo o miúdo, pois não?

- Não lhe quero especialmente mal - respondi. - A questão é que, bem, trata-se de um momento importante na vida do Jonathan. Acho que não devia andar com um rapaz do género do Bobby. Não achas que ele pode ser um pouco atrasado?

- Querida, a paixoneta vai acabar por se extinguir. Tens de ter mais confiança no nosso filho. Temos vindo a educá-lo há treze anos, com certeza que lhe ensinámos alguma coisa de jeito.

Não respondi. Aquilo que me apetecia dizer era: «Eu ensinei-lhe alguma coisa de jeito; tu tens estado enfiado naquele cinema.» Mas não abri a boca. Preparámo-nos para dormir. Nessa noite não haveria sexo. Eu estava a milhas de distância dessa possibilidade. Mesmo assim, estava convencida de que ainda tínhamos tempo.

Talvez eu tenha lutado com demasiado ardor pela amizade do meu filho. Talvez devesse ter-me afastado. Mas custava-me a acreditar que a criança com quem tinha brincado e trocado segredos - a criança penosamente vulnerável que me contava todas as histórias que lhe passavam pela cabeça - tivesse agora de ser tratada com a firmeza polida que poderíamos dedicar a um hóspede.

Os nossos jogos de copas chegaram ao fim, bem como as nossas sessões de compras aos sábados. Bobby continuou a usar o blusão azul de Jonathan e começou a aparecer com algumas das suas camisas. Dormia frequentemente no quarto de Jonathan, numa cama de campanha. Era sempre cordial comigo, à sua maneira ensaiada, estrangeira.

Uma manhã em Março eu estava na cozinha a cortar uma toranja para o pequeno-almoço. Jonathan estava sentado à mesa. Era uma das manhãs em que o Bobby não estava connosco.

- Está um belo dia para quem gosta de chuva - comentei eu. Passou um momento.

- Está um belo dia para quem gosta de chuva - repetiu Jonathan, como um eco.

Estava a zombar da minha voz, do meu sotaque sulista. Devia ter deixado passar o insulto. Devia tê-lo ignorado e servido a toranja. Em vez disso, voltei-me para ele e perguntei alegremente:

- Que foi que disseste? - Jonathan limitou-se a sorrir, profundamente satisfeito consigo mesmo. - Que foi que disseste, querido? - voltei a perguntar. - Acho que não percebi bem.

Jonathan levantou-se e caminhou para a porta.

- E eu acho que perdi o apetite, querida - respondeu, saindo da cozinha.

Enquanto se afastava, aquele olho de pano fitava-me das costas do blusão.

Ao serão, em frente à televisão, deu-se outro incidente do mesmo género. Nessa ocasião Bobby estava connosco. Ned estava no cinema. Eu e os rapazes víamos um episódio repetido do Caminho das Estrelas.

- O Mr. Spock não deve ser muito divertido nas festas - disse eu -, mas é dele que eu gosto mais.

- Está em missão de cinco anos no espaço profundo - disse Jonathan. - Se tivesses casado com ele ias precisar de uma dúzia de filhos para te fazerem companhia.

Podia ter-me rido, como uma boa camarada, mas ainda não estava habituada àquela nova crueldade, directa e frontal.

- Pensei que fizessemos companhia um ao outro.

- Pois é - retorquiu Jonathan. - Os rapazes adoram fazer compras e cozinhar.

Bobby estava sentado no chão, como de costume. Parecia ter qualquer coisa contra a mobília.

- Pára com isso, Jonathan - protestou.

- Estou só a brincar - disse Jonathan.

- Está bem, mas pára.

E Jonathan parou. Ficou a ver o programa sem mais comentários. Os pés dele pareciam enormes e mortíferos naquelas botas de cowboy pretas que insistira em comprar.

Bobby tinha começado a cortar as unhas e a pentear o cabelo. Parecia ter abandonado as botas em favor de simples ténis pretos.

Bobby era sempre educado comigo. Na verdade, era mais do que educado: era cortês, à sua maneira. Perguntava-me que tal tinha passado o dia, interessava-se pelos meus cozinhados. Responder nem sempre era fácil, já que eu nunca soube ao certo com quem estava a falar. Bobby retinha teimosamente a sua qualidade estrangeira, se bem que, com o passar do tempo, começasse a simular com mais perfeição a normalidade limpa de uma personagem televisiva. Ensaiara bem as suas cenas. Começou a cortar

o cabelo e a aparecer com roupa nova que não tinha pertencido originalmente a Jonathan.

Uma noite de Maio, ao passar pelo quarto de Jonathan, ouvi música menos estrídula e violenta que o costume. Habitara-me ao ruído incessante das músicas deles, como alguém que se habitua aos latidos de um cão. As guitarras eléctricas e as baterias tinham-se tornado uma nova espécie de silêncio para mim; contudo, aquela música - uma melodiosa voz feminina acompanhada ao piano - era claramente audível.

Hesitei junto à porta do quarto. Depois decidi bater e o som tímido dos meus dedos na madeira surpreendeu-me. Jonathan era meu filho e vivia em minha casa. Eu tinha o direito de bater à porta do quarto dele. Voltei a bater, com mais força.

- Sim? - disse Jonathan lá de dentro.

- Sou eu - respondi. - Posso entrar por um minuto? Seguiu-se um silêncio, preenchido pelo tilintar das teclas do piano. Ao fim de uns momentos, Bobby abriu a porta.

- Olá - cumprimentou com um sorriso. Usava calças de ganga e uma camisa engomada, às riscas, que lhe dava um aspecto bastante estranho e incaracterístico. Jonathan estava sentado num canto, mal-humorado, de botas pretas e T-shirt.

- Não tinha intenção de vos incomodar, meninos - desculpei-me, aborrecida pelo tom inseguro da minha própria voz. Sentia-me como um parente pobre a aparecer para o jantar anual da família.

- Tudo bem - disse Bobby. - Não está a incomodar.

- Eu só, bem, fiquei um pouco curiosa em relação a essa música. Parece tão... diferente.

- Gosta? - perguntou Bobby.

Hesitei, imaginando que a resposta errada poderia expor-me ao ridículo. Depois, afastando os meus receios juvenis, respondi como uma mulher de trinta e cinco anos.

- Gosto imenso. Quem é?

- Laura Nyro - respondeu Bobby. - É ótima, não é? Este disco já tem uns anitos. Quer entrar para ouvir um pouco?

Lancei uma olhadela a Jonathan. Claro que devia ter recusado o convite. Devia ter regressado aos meus afazeres nos bastidores, onde me aguardava uma pilha de toalhas e lençóis para dobrar.

- Está bem, só por uns minutos - acabei por dizer, entrando com

gratidão num quarto ao qual costumava ter livre acesso. Ao longo do ano anterior Jonathan tinha coberto quase integralmente as paredes com posters de bandas de rock, gente cabeluda de aspecto ameaçador. A voz de Laura Nyro, aguda e melancólica, vibrava subtilmente no quarto, cercada por todos aqueles duros olhares masculinos.

Jonathan estava sentado no chão com os joelhos apertados contra o peito e as mãos sobre as canelas. Sentava-se daquela maneira desde os quatro anos - era a sua posição amuada. Compreendi, talvez pela primeira vez, que o homem emergente estivera sempre ali, dentro do rapaz. Jonathan transportaria aqueles gestos até à idade adulta. Fiquei um pouco surpreendida com a ideia, se bem que fosse bastante comum. Preferia imaginar um Jonathan transformado enquanto adulto, surgindo um belo dia sob a forma de um desconhecido afectuoso e solícito. Percebi que estivera simultaneamente certa e errada quanto a isso.

Bobby pegou na capa do álbum e estendeu-ma, como se eu tivesse vindo com a intenção de o comprar.

- É este disco - disse ele. No momento em que peguei na capa, Bobby corou, de orgulho ou embaraço.

A capa do disco era escura e baça, cor de chocolate. Incluía o retrato de uma mulher bastante desengraçada, de testa alta e pálida e cabelo preto e liso, de risca ao meio. Podia ter sido uma dessas raparigas poéticas e impopulares no liceu, um objecto de piedade mais que de ridículo. Eu tinha conhecido muitas raparigas assim. Na verdade, sentira-me em perigo de me transformar numa delas, pelo que me obrigara a mudar. A ser extrovertida e a correr riscos, a namorar com rapazes que não podia apresentar à minha mãe. Ned Glover tinha vindo do Michigan num descapotável azul-eléctrico, um homem cortês e bem-humorado, demasiado velho para mim.

- Um encanto - disse eu. - Ela tem uma voz tão bonita. - Fora exactamente a reacção de uma cerimoniosa mulher de meia-idade. Devolvi-lhe a capa, como se estivesse para lá das minhas posses.

- Ela deixou de cantar - informou Bobby. - Casou-se e mudou-se para o Connecticut ou coisa do género.

- Que pena.

Ficámos ali parados, num silêncio incómodo, como dois desconhecidos numa festa. Podia sentir a força do desejo de Jonathan empurrando-me para fora do quarto. Sentia-a fisicamente, uma pressão na testa e nos ombros.

- Bom - disse eu. - Obrigado por me terem deixado entrar. A velhota

agradece.

- De nada - disse Bobby. Uma canção tinha acabado e outra começado, um tema mais mexido que me pareceu familiar. Sim. Era «Jimmy Mack», em tempos cantado por Martha and the Vandellas.

- Conheço esta canção. Já a ouvi.

- Ah, sim? - disse Bobby.

E então fez uma coisa estranha. Começou a dançar.

Suponho que recorreu à dança porque não lhe ocorreu mais nada para dizer. Fê-lo automaticamente, como se fosse uma extensão lógica da conversa. Começou a sacudir as ancas e a mexer os pés ao ritmo da música. Os ténis dele chiavam sobre as tábuas do soalho.

- Sim, tenho a certeza de que já a ouvi - disse eu. - É uma canção antiga.

Olhei para Jonathan, que parecia surpreendido. Ele devolveu-me o olhar e, por uns segundos, redescobrimos a nossa antiga cumplicidade. Estávamos unidos na nossa consternação perante os hábitos da população local. Quase esperei que, quando ficássemos a sós, pudesse fazer uma imitação de Bobby - a dançar, grandalhão e apatetado - só para me fazer rir.

Mas então Bobby pegou-me na mão e puxou-me gentilmente para junto dele.

- Venha dançar - convidou.

- Oh, não. Nem pensar.

- Não aceito uma recusa - disse ele animadamente. Não me largou a mão.

- Não - voltei a dizer. Mas a minha recusa não tinha força. Talvez fosse a minha educação sulista; a minha inveterada determinação para evitar ser antipática a qualquer custo. Sem querer, ri-me um pouco ao dizer não.

Bobby fez-me girar à volta dele suavemente, movendo-se ao ritmo da música. Era melhor dançarino do que os seus modos faziam prever. Eu tinha sido uma excelente dançarina na minha juventude - fora uma das minhas resoluções, uma das características proeminentes da pessoa em que pretendia tornar-me - e reconheci os sinais. Havia rapazes em quem podíamos confiar na pista de dança; sabíamos-lo imediatamente, mais por instinto que por outra coisa.

Certos dançarinos transmitiam ao próprio ar um sentimento de confiança e inevitabilidade. Possuíam uma graciosidade generosa que nos acolhia; diziam-nos, através de um simples toque, que seríamos incapazes

de dar um passo em falso. Bobby era esse tipo de dançarino. Não teria ficado mais surpreendida se ele tivesse tirado um bando de pombas das mangas da camisa às riscas.

Respondi aos seus movimentos. Peguei-lhe na outra mão e dancei o melhor que pude naquele quarto atravancado, sob o olhar reprovador do meu filho e os cenhos carregados dos músicos de rock. Bobby sorria timidamente. A cantora percorria as notas com dolorosa vivacidade, como uma prima tristonha e acanhada num breve e delirante momento de libertação.

Quando a canção terminou, soltei-me das mãos de Bobby e toquei no cabelo.

- Valha-me Deus - disse eu -, vê só o que levaste uma velhota a fazer.
- Você sabe dançar - disse Bobby. - É boa dançarina.
- Costumava ser. No início do Pleistoceno.
- Oh - protestou Bobby. - Não exagere.

Voltei a olhar para Jonathan e vi o que esperava ver: a cumplicidade tinha desaparecido do rosto dele. Fitava-me não propriamente com ressentimento, mas como se não me reconhecesse, como se eu fosse uma mulher meramente parecida com a mãe dele.

- A meia-noite já soou - disse eu. - Adorava ficar mais tempo, mas tenho de ir dobrar os lençóis.

Saí apressadamente do quarto. Em menos de um minuto, a mulher melancólica foi substituída por uma enérgica voz masculina e uma cacofonia de guitarras eléctricas.

Ned chegou tarde a casa nessa noite, depois de eu adormecer. Acordei e dei com ele deitado ao meu lado, respirando profundamente e franzindo o sobrolho nos seus sonhos. Em tempos, Ned tinha sido uma criança. O facto surpreendia-me ligeiramente, se bem que eu já tivesse visto algumas fotografias: o pequeno Ned a sorrir sob um enorme chapéu de coco; Ned na praia, magricela, de sandálias. Eu própria tinha arrumado num caixote os carrinhos de metal e os soldadinhos de chumbo da infância dele. Contudo, a ideia nunca se imprimira verdadeiramente na minha consciência. Aquele homem ali deitado tinha sido um rapazinho. Na altura em que nos conhecemos, Ned tinha vinte e seis anos e eu dezassete; na minha maneira de ver, ele era já praticamente de meia-idade. Era como se tivesse nascido já adulto. Aquelas fotografias e brinquedos podiam ser os artefactos de uma criança que morrera cedo, o habitante anterior de uma velha casa que, ao



morrer, levava consigo as suas esperanças e possibilidades. Aquilo que restava era porcelana arrumada atrás dos vidros e a paciência das violetas africanas - uma vida adulta e calma. Mas agora, como que pela primeira vez, deitada ao lado de Ned, conseguia ver o rapazinho na curva daquele cotovelo sob a almofada, os jovens músculos de um peito que se tornara peludo e flácido. Pobrezinho, pensei. Pobre menino.

Estendi a mão para lhe tocar o ombro. Podia tê-lo beijado. Podia ter-lhe acariciado o peito peludo. Mas a minha nova percepção da beleza inocente de Ned era ainda demasiado frágil. Se ele acordasse e me beijasse com força, se me apalpasse o peito, podia perdê-la para sempre. Assim, limitei-me a olhar para ele e a acariciar-lhe a redondez macia e peluda do ombro.

## BOBBY

O meu pai comprou uns óculos novos - estilo aviador, de aros finos dourados e cor-de-rosa. Aparece à porta do meu quarto e posa, satisfeito consigo mesmo, de cotovelo encostado à ombreira.

- Que achas, Bobby? - pergunta ele.

- Ah? - Tenho estado deitado no escuro com os phones nos ouvidos, a fumar um charro e a ouvir Jethro Tull. A música esvaziou-me o pensamento, preciso de alguns minutos para regressar a um mundo de causa e efeito.

- Que achas, Bobby? - volta a perguntar.

- Não sei - acabo por dizer. Vai ter de me dar mais algum tempo para responder.

O pai aponta para a cabeça. Está parado na claridade, envolvido por raios de 100 watts que atravessam a obscuridade do quarto.

Que acho eu da cabeça dele? É, de facto, uma pergunta complicada, provavelmente para lá do meu alcance.

- Bem - digo eu. Deixo a sílaba suspensa no ar.

- Os meus óculos - explica. - Comprei uns óculos novos, Bobby. - Um momento passa. - Que achas? Serei demasiado velho para este tipo de óculos?

- Não sei - respondo. Tenho consciência de como pareço tolo e vazio. Mas sinto-me impotente perante as perguntas dele. O pai é como um anjo a falar por enigmas.

Ele suspira, um silvo lento, entrecortado.

- Tudo bem - diz ele. - Vou começar a fazer o jantar.

- Boa, pai - digo eu, tentando dar à voz um tom alegre e cooperativo.

Faço um esforço de memória - é a vez dele ou a minha de fazer o jantar? É terça-feira. A vez dele. Pelo menos não me enganei quanto a isso.

Só quando a silhueta do meu pai se retira da ombreira da porta compreendo que as perguntas dele são simples. Tinha trocado os óculos de aros de tartaruga por um modelo mais moderno e precisa de uma palavra de encorajamento. Sinto que devia segui-lo até à cozinha para retomar o assunto. Mas não o faço. Cedo ao peso do meu egoísmo e permito-me regressar à música e à escuridão.

Um pouco mais tarde, o pai chama-me para jantar. Fez fricassé de carne e batatas aos cubos. Bebe scotch de um copo decorado com rodela de laranja redondas e simétricas como rodas de carroças.

Comemos em silêncio durante alguns minutos. Assim que se estabelecem, os nossos silêncios são difíceis de romper. São duros e inteiriços como a casca de um camarão.

- Esses óculos são giros - comento, por fim. - Gosto deles.

- Se calhar são demasiado juvenis para mim - diz ele. - Desconfio que um homem da minha idade fica com um ar um pouco tolo com óculos assim.

- Não. Toda a gente os usa. Ficam-te bem.

- Achas mesmo?

- Acho.

- Bom - diz ele. - Fico contente por saber. Fico contente por ouvir a opinião de um jovem sobre o assunto.

- A sério que ficam bem. São muito giros.

- Ótimo.

Os talheres tilintam. Ouço-o engolir a comida.

O pai começou a pintar o cabelo há algumas semanas. Segue um plano gradual, madeixa a madeixa - de tempos a tempos, pinta um pouco mais. Desta forma espera dar um ritmo natural à mudança, como se fosse a vítima involuntária de uma inversão do tempo.

Foi esta a solução que encontrou - envelhecer em camisas de golas

bicudas e coletes de cabedal, experimentar cada combinação de bigode, barba e patilhas. Vi-o nas velhas fotografias dos tempos de namoro, de braços grossos, em T-shirt, um músico inconstante e beberrão que colidiu contra os limites do seu próprio talento e se apaixonou por uma rapariga do campo, uma viúva que conhecia os segredos das sementes e das colheitas.

Depois, subitamente, lembro-me. Faz hoje dois anos que a mãe morreu.

O pai volta a encher o copo.

- Deixa-me fazer-te outra pergunta - diz ele.

- Diz lá.

- E se comprássemos um carro novo? Que te parece?

- Não sei - respondo. - O nosso já não serve?

O pai pousa o copo na mesa com força suficiente para salpicar a toalha de scotch e gelo.

- Tens razão - diz ele. - Tens toda a razão. Não há necessidade de mudar seja o que for. Não podia estar mais de acordo.

Ouçõ o tiquetaque do relógio de sala.

- Comprar um carro novo é capaz de ser boa ideia, pai - comento.

- Estava a pensar num modelo mais vistoso - diz ele. - Talvez um modelo estrangeiro, com um daqueles tectos de abrir.

- Sim. Boa ideia.

- Uma coisa que deixasse entrar o ar.

- Pois.

Continuamos a jantar. O pai põe uma expressão misteriosa e optimista enquanto come. Está a desembaraçar-se dos cabelos brancos, um a um. Os olhos dele nadam por trás das lentes ovais dos óculos novos.

A mãe abandonou-nos gradualmente antes da partida oficial. Vivia no quarto das visitas, fazia raras e silenciosas aparições na sala, embrulhada num roupão turquesa-claro. Certa vez, a caminho da casa de banho, deteve-se por uns momentos no corredor para me fazer uma festa na cabeça. Não abriu a boca. Olhou-me como se estivesse num apeadeiro, num país plano e seco, e eu seguisse viagem para um mundo alpino.

Depois de a termos encontrado, o pai fez alguns telefonemas e sentámo-nos os dois na sala vazia. Deixámo-la em paz - parecia ser o mais correcto. Ficámos sentados em silêncio, à espera da polícia e dos paramédicos. Não falámos.

Nas paredes da sala de jantar, a cena rústica outonal não mudou. As vacas continuam a projectar sombras alaranjadas, as árvores exibem ainda

folhas amarelas.

O pai mastiga gravemente a carne, não toca nas batatas. Acabo de comer, levo o meu prato para a cozinha e pouso-o na pilha de pratos sujos. Uma varejeira enorme, iridescente, percorre em êxtase uma nódoa de gordura de cordeiro. As cortinas continuam a exhibir bules azuis.

Mais tarde, depois de o pai se ter deitado, levanto-me e ponho-me às voltas pela casa. Tinha tomado Dexedrina depois das aulas, na esperança de que me desse energia suficiente para arrumar a casa. Em vez disso, mergulhara na música. Dois charros não me acalmaram o suficiente para me porem a dormir; assim, logo que o meu pai acaba a garrafa e se mete na cama, ponho-me a cirandar pela casa, de cabeça a estalar e a arder como uma lâmpada. Sob a crescente desordem há uma réplica perfeita de uma casa, semelhante a essas reproduções que se exibem nos museus das pequenas cidades. Eis a sala de estar, um sofá cor de cereja, em tempos considerado moderno, e a velha selha de cobre onde se guardava a lenha para a lareira. Cá está a porta da frente, de carvalho amarelo, com o seu postigo de vidro fosco através do qual os visitantes podem ser vistos, mas não identificados. E cá está o quarto dos brinquedos, forrado a madeira, com um tapete de trapos, redondo como um alvo, sobre o chão de linóleo castanho.

Depois do acidente, o pai tentou vender a casa. Mas, em seis meses, o único interessado ofereceu ligeiramente menos de metade do seu valor real. Esta zona de Cleveland não se valorizou.

A música ressoa na minha cabeça. Atravesso o corredor até à porta do quarto do pai. A minha cabeça é como um rádio iluminado - por uns momentos acredito que a música vai acordá-lo. Fico parado em frente à porta, observando a textura da madeira. Abro a porta e entro à socapa.

O pai ressona ligeiramente. O relógio digital assinala os segundos a vermelho. Fico ali parado a ver o tempo correr na mesinha de cabeceira. Ouço «Aqualung» dentro da cabeça. Nesse momento julgo compreender os assassinos psicopatas. Podia pegar na cabeça do meu pai, afagar-lhe o cabelo preto. Podia esmurrá-lo e sentir os dentes dele quebrarem-se como cubos de açúcar, ouvi-los rolar pelo chão. Julgo compreender o silêncio negro do mundo, a música e a luz que rebentam dentro de mim. É como se estivesse dentro de um fato espacial.

Posso ter entrado aqui para matar o meu pai. Agora, neste preciso momento, nada me impede de o sufocar com uma almofada. Está

demasiado bêbado para se debater. Consigo imaginar-me a fazê-lo. O filme rola na minha cabeça, com banda sonora dos Jethro Tull. Uma almofada branca como a neve e o meu corpo sobre ela; uma breve luta e depois o êxtase dos afogados. Aqualung myfriend, don't you start away uneasy.

Ou posso beijar a cabeça atormentada do meu pai. Está demasiado bêbado para se aperceber. Posso trepar para a cama, perder-me no calor almiscarado, nos cheiros a álcool, suor e British Sterling. Detenho-me um minuto à cabeceira da cama, ponderando as possibilidades.

Aquilo que faço, por fim, é sair. Abandono o quarto do pai, atravesso o corredor, abro a porta da frente e saio para a noite estrelada e luminosa de Cleveland.

Os Glovers vivem a menos de uma milha, numa casa com janelas em forma de losango. Um baloiço de verga branca oscila ruidosamente no alpendre, quebradiço como renda gelada. Observo a casa, imóvel entre as íris. É o início de Junho; as flores sussurram em redor dos meus joelhos. Cuidadoso como um ladrão, observo a casa e os relvados, colado às sombras. Há luz no quarto de Jonathan, o brilho ténue, cor de marfim, do candeeiro da mesinha de cabeceira. Jonathan está a ler John Steinbeck para as aulas e ficou de me contar a história. Espreito por detrás de uma amoreira. A luz da cozinha projecta um longo rectângulo na erva; lá dentro, Alice enxuga as colheres e os copos graduados. Não consigo vê-la, mas conheço-lhe os movimentos - ela é rápida e certa como a própria ciência, embora se preocupe mais com a perfeição do que com a ordem. Os potes de ferro estão sempre oleados, mas o jornal de Domingo fica em cima da mesinha da sala até ao meio da semana seguinte. Os Glovers mantêm uma casa acolhedora e arrumada que tem pouco que ver com o alinho. Ali dentro, as coisas agarram-se e entranham-se.

Fico à espera, respirando no escuro, enquanto ela desliga a luz da cozinha e sobe para o quarto. Ned só deverá regressar dentro de uma ou duas horas. Acende-se a luz no quarto de Alice. Olho para essa janela e para as outras, aquelas que se abrem para espaços vazios. Por detrás de um par de janelas negras fica a escuridão da sala de jantar, onde o serviço de chá em prata emite um brilho gelado. Por detrás de uma terceira janela, mais pequena, fica a lavandaria, com o seu cheiro a água. No andar de cima, Alice é uma breve sombra que atravessa as persianas.

Aguardo, vigilante, até ver o carro de Ned aproximar-se. Vejo-o sair da garagem e caminhar para a porta da frente, de camisa branca a brilhar sob a

luz do alpendre, moedas a tilintar dentro dos bolsos. Ned penteia o cabelo com Vitalis; usa calças Sansabelt. Ouço o estalido da chave a entrar na fechadura - encaixa perfeitamente. Ned desliga a luz do alpendre e sobe para o quarto. Alice está à espera dele, o cabelo apanhado sobre a nuca. Jonathan continua a ler no quarto, seguindo a história que irá contar-me amanhã.

Sento-me no meio dos arbustos até todas as luzes se apagarem, até a casa adormecer. Depois caminho em redor da casa, lentamente, sob as estrelas e os planetas que brilham lá no alto. Sobre nós, sóis brilham e desaparecem rumo a outros mundos, abrindo buracos na galáxia, arrastando as suas caudas de luz. Aqui em baixo, numa noite terrena preenchida pelo zumbido dos insectos, eu orbito a casa dos Glovers.

## ALICE

Bobby mudou de voz; substituiu o tom monótono, metronómico, por uma cadência musical e pueril, terminando as frases numa nota mais alta, pelo que qualquer afirmação soava como uma pergunta ansiosa, hesitante. Submeteu às tesouras de um barbeiro a juba eléctrica, que se transformou no cabelo curto, vulgar, dos rapazes da sua idade, ligeiramente seco e desordenado, com uma certa tendência para arrebitar no alto da cabeça. Uma manhã, no alpendre, reparei que tinha escondido o acne sob uma camada de creme da cor da pele.

Contudo, Bobby nunca conseguiu concluir a transformação. Manteve uma qualidade subversiva, ligeiramente perigosa, algo de voraz e vigilante que emergia geralmente à hora do jantar, enquanto ele limpava o prato, mas também na sua insistente, inabalável, delicadeza. Só um fugitivo seria capaz de tão constante e impecável cortesia. Além disso, o rapaz que Bobby pretendia ser jamais dançaria como ele.

Começou a trazer discos que, na opinião dele, me poderiam agradar - uma música mais doce e melódica que o tipo de música que Jonathan preferia. De vez em quando abria a porta do quarto e chamava por mim.

- Mrs. Glover? Venha ouvir esta música, se não estiver muito ocupada?

Eu ia quase sempre. Como poderia estar muito ocupada, eu, que não fazia outra coisa além de lavar roupa e cozinhar?

Aprendi uma série de novos nomes: Joni Mitchell, Neil Young, Boz Scaggs. Por vezes limitava-me a ficar sentada entre os rapazes, a ouvir a música. Outras vezes, quando aparecia uma canção mais ritmada, aceitava o convite de Bobby para dançar.

A dançar, Bobby era digno de admiração. O seu sentido de ritmo não tinha nada que ver com as cornijas de granito e as sebes de buxo de Cleveland. A dançar, era um original - as ancas dele balançavam com uma certeza voluptuosa mais graciosa que lasciva, as pernas e os braços traçavam padrões vivos e surpreendentes no espaço confinado do quarto de Jonathan. Quando a canção chegava ao fim, Bobby sorria e encolhia os ombros, como se a dança tivesse sido uma fraqueza de espírito ligeiramente embaraçosa. Regressava, pouco a pouco, à sua imitação dos rapazes pálidos e suburbanos que as mães supostamente adoram.

Por vezes Jonathan juntava-se a nós, relutante, outras vezes amuava, de joelhos apertados contra o peito. Eu não era tola - sabia que nenhum rapaz de quinze anos acolheria com prazer a participação da própria mãe na sua vida social. Mas era Bobby quem insistia. E, além disso, Jonathan e eu sempre tínhamos sido bons amigos, não obstante o nosso laço de sangue. Supunha que não fazia mal em aceitar os pequenos convites de Bobby. Eu própria tinha sido um pouco turbulenta na idade de Jonathan, não há tanto tempo assim.

Jonathan deixou crescer o cabelo quase até aos ombros, desafiando as regras do liceu. Usava remendos de cores vivas nas calças de ganga e continuou a vestir o velho blusão de cabedal de Bobby, mesmo depois de o ter rompido nos cotovelos. Em casa era quase sempre silencioso. Por vezes o silêncio dele era petulante, outras vezes era simplesmente inexpressivo. Por mais que tentasse, Jonathan não conseguia tornar-se um estranho aos meus olhos. Conhecia-o demasiado bem. A sua forma de dançar era tão hesitante e desajeitada como a do pai, e a crueldade irreverente a que recorria não passava de uma afectação momentânea. Apanhado desprevenido, Jonathan era sempre aquiescente, quase sem o pretender. Sorria antes de se lembrar de franzir as sobrancelhas.

Uma noite em Janeiro Bobby chamou-me para ouvir o novo disco de Van Morrison. Sentei-me no chão com os rapazes, abanando a cabeça ao

som da música. Bobby estava sentado à minha esquerda, de pernas cruzadas e costas direitas, como um yogi em meditação. Jonathan estava um pouco mais longe, mal-humorado, de peito apoiado nos joelhos.

- Isto é giro - disse eu. - Gosto deste Van Morrison.

- Van, the Man? - Bobby arreganhou os dentes. Por vezes o sentido do que dizia permanecia inescrutável, não obstante as suas boas intenções. Muitas vezes limitava-me a sorrir e a acenar com a cabeça, como faria perante um estrangeiro que me falasse amavelmente num inglês incompreensível.

Por vezes, mesmo nos seus acessos de bem intencionada incoerência, Bobby não era mistério nenhum. Era simplesmente um forasteiro, esforçando-se por assimilar. Eu própria não fora também transplantada para aquela cidade invernosa onde a maior parte das mulheres da minha idade tinham peso a mais e cultura a menos? Anos antes, na altura em que tentava ainda adaptar-me, as outras mulheres da associação de pais e do centro paroquial costumavam dar-me receitas estranhíssimas, parfaits de pudim e rebuçado, salsichas ensopadas em mostarda e geleia de uva. Não podia censurar Bobby pela sua dificuldade em lidar com os costumes locais.

- O Van é porreiro - comentou Jonathan. - Para quem gosta deste tipo de coisas.

- Que tipo de coisas? - perguntei.

- Bem, coisas tradicionais. Folclóricas. Não passa de um bom rapaz a cantar sobre o amor de uma boa mulher.

- Não sei, Jon - disse Bobby. - Acho que o Van é, bem, um pouco melhor que isso?

- É porreiro - repetiu Jonathan. - Mas um bocado lamechas. Escuta, mãe, queres ouvir um pouco de verdadeira música?

- Esta parece-me bastante verdadeira - argumentei. Jonathan olhou para Bobby, cujo sorriso adquirira uma qualidade rígida, preocupada.

- Isso é o que tu pensas - replicou Jonathan. Dirigiu-se ao gira-discos e levantou a agulha, interrompendo a canção a meio. Procurou outro disco nos caixotes de plástico cor de laranja encostados à parede.

- Este é o Jimi Hendrix - anunciou. - O melhor guitarrista morto do mundo.

- Jon - disse Bobby.

- Vais adorar isto, mãe. A sério. Vou aumentar um pouco o volume.



Para podermos apreciar o Jimi, o som tem de estar bem alto.

- Jon - disse Bobby. - Não sei se...

Jonathan pousou a agulha no vinil e o quarto explodiu de guitarras eléctricas. Guinchavam e ganiam como animais torturados. Depois começou a ouvir-se uma linha de baixo, tão sonora e insistente que conseguia senti-la na espinha. Tive a impressão de estar a ficar despenteada.

- Giro, não? - gritou Jonathan. - O Jimi era o maior. - Entrelhámo-nos através da tempestade de som. Jonathan tinha o rosto afogueado, os olhos brilhantes. Compreendi aquilo que ele queria. Queria arremessar-me para fora do quarto, atirar-me às cambalhotas pelas escadas a baixo em direcção à santidade caseira da louça suja e do aspirador do pó. No disco, uma voz masculina cantava: You know you're a cute little heartbreaker. - É o maior - gritou Jonathan. - Muito melhor que Van, the Man.

Tomei uma decisão. Levantei-me e disse:

- Bobby, vamos dançar.

Bobby juntou-se a mim imediatamente. Dançámos juntos no caos da música. Não era assim tão má, desde que não parássemos de nos mexer. Sentia-me leve e aturdida como um pardal apanhado numa corrente de ar ascendente - uma sensação simultânea de ataque e libertação. Podíamos gritar a plenos pulmões contra aquela música. Remexia-nos de tal forma que quase nem precisávamos de fazer esforço para nos movermos.

Pelo canto do olho percebi que Jonathan ficara desapontado. A mãe não se tinha acovardado perante a violência daquela música. Uma vez mais, vislumbrei a criança escondida no pequeno homem - por um breve instante, a expressão de Jonathan recordou-me os seus momentos de frustração infantil, quando uma certa jogada de damas não surtia o efeito pretendido, ou ninguém engolia a sua patranha do dia 1 de Abril. Se ele o permitisse, ter-me-ia aproximado para lhe beliscar a bochecha.

Acabou por se juntar a nós. Que mais poderia ele fazer? Enquanto nos agitávamos ao som da música, o pequeno quarto parecia tão apinhado de gente como Times Square, repleto pelo peso e intensidade do momento. Jimi Hendrix rosnava «Foxy lady» e pareceu-me uma alcunha apropriada.

Uma mulher mais velha, astuta, que não se assusta com facilidade. Que se recusa a regressar às tarefas domésticas e a começar a engordar.

Depois disso, comecei a visitar os rapazes com mais frequência. Abandonei a velha regra de esperar que me convidassem. Aparentemente já tínhamos ultrapassado essa fase. Quando as minhas tarefas comuns me

levavam ao andar de cima, batia à porta e entrava para ouvir uma ou duas músicas. Nunca me demorava muito tempo.

Uma noite, ao bater à porta, detectei um breve alvoroço no interior do quarto. Nenhum dos rapazes me respondeu imediatamente. Pareceu-me ouvi-los murmurar.

- Entra, mãe - respondeu Jonathan por fim.

Senti o cheiro no momento em que entrei - aquele fedor adocicado, fumarento. O quarto estava azul de fumo. Bobby estava imóvel numa atitude de pânico e Jonathan continuou sentado no seu sítio habitual junto ao radiador.

- Hum... Mrs. Glover? - disse Bobby.

- Entra, mãe - repetiu Jonathan, num tom de voz calmo, quase delicado. - Vem experimentar um bocadinho disto. - Estendeu um cigarro fumarento, enrolado à mão, na minha direcção. Continuei imóvel, incerta, no umbral da porta. Por um longo momento perdi a noção de mim própria e limitei-me a pairar, como um fantasma, observando friamente o meu filho a estender-me um cigarro deformado, patético, de ponta a brilhar cor de laranja, na luz difusa do candeeiro em forma de bola de basquete que eu lhe tinha oferecido no seu sétimo aniversário. Sabia o que devia fazer. Devia exprimir choque e ultraje ou, pelo menos, falar-lhe calma, mas firmemente, sobre os limites da minha tolerância. De uma forma ou de outra, seria o fim das nossas relações íntimas - das nossas festas improvisadas - e o princípio de um período mais austero e formal. O silêncio esticou-se até ao ponto de ruptura. Jonathan repetiu o convite. - Experimenta, mãe - insistiu. - Não fazes ideia do que andas a perder.

- O teu pai teria um ataque cardíaco - disse eu, calmamente.

- O meu pai não está aqui - replicou Jonathan.

- Mrs. Glover? - disse Bobby, desamparado.

Foi a voz dele que me levou a decidir, aquela aterrada entoação do meu nome de casada.

- Suponho que tens razão - concordei. - De outro modo, como poderei saber o que ando a perder?

Avancei três passos para dentro do quarto e aceitei o pequeno cigarro.

- Boa, mãe - disse Jonathan. A voz dele era animada e opaca.

- Como se fuma isto? - perguntei. - Eu nunca fumei sequer um cigarro normal, sabem.

- Hum, só tem de puxar o fumo directamente para os pulmões -

explicou Bobby -, e aguentá-lo o mais que possível?

Ao levar o cigarro aos lábios podia ver-me a mim própria, parada no meio do quarto, de saia e blusa azul clara, prestes a cometer o primeiro acto manifestamente ilegal da minha vida. Inalei. O fumo era tão forte e amargo que quase morri asfixiada. Os olhos encheram-se-me de lágrimas. Não consegui reter o fumo nos pulmões, como Bobby me dissera para fazer. Soltei imediatamente uma nuvem espessa de fumo que se suspendeu no ar durante um segundo antes de se dissipar.

Apesar de tudo, os rapazes aplaudiram a minha tentativa. Entreguei o cigarro a Bobby.

- Consegui, Mrs. Glover - exclamou ele. - Deu uma passa.

- Agora já posso dizer que vivi - respondi. A minha voz soou entrecortada e tensa.

Bobby inalou rapidamente, sem esforço, apertando o cigarro entre o polegar e o dedo médio. A ponta inflamou-se. Quando exalou, apenas uma estreita corrente de fumo escapou para o ar.

- Está a ver? - disse ele. - Tem de aguentar o fumo durante mais tempo?

Voltei a entregar-me o cigarro.

- Outra vez? - perguntei.

Bobby encolheu os ombros, sorrindo à sua maneira assustada, surpreendida.

- Força, mãe - disse Jonathan. - Fuma o charro inteiro. Uma passa não chega.

Charro. Aquilo era um charro e não um cigarro.

- Bom, só mais uma - aceitei. Voltei a tentar e, dessa vez, consegui reter o fumo nos pulmões durante uns momentos. Uma vez mais expeli uma nuvem desordenada de fumo, nada que se parecesse com o trilho esbranquiçado, elegante, de Bobby.

Voltei a estender o charro na direcção de Bobby.

- Ei, eu também existo - exclamou Jonathan.

- Oh, desculpa. - Entreguei-lhe o charro. Jonathan recebeu-o avidamente, como em tempos recebera as pequenas prendas que eu lhe dava durante as nossas sessões de compras.

- Mas afinal que efeitos tem isto? - perguntei. - Que devo esperar, ao certo?

- Vai dar-lhe vontade de rir - respondeu Bobby. - Mais nada. Vai sentir-se alegre e, bem, um bocadinho tola?

- Não é nada de especial, mãe - disse Jonathan. - As costeletas de cordeiro não vão começar a falar contigo, nem nada que se pareça. - Jonathan inalou o fumo com experimentada desenvoltura e estendeu o charro a Bobby. Quando este me voltou a oferecer o charro, abanei a cabeça.

- Acho que já chega - disse eu. - Façam-me só um favor.

- O que é? - disse Bobby.

- Deixem-me ouvir uma canção da Laura Nyro. Depois deixo-vos em paz e vou tratar das minhas coisas.

- Está bem.

Pôs o disco a tocar e ficámos os três a ouvir, em silêncio. Preparei-me para começar a sentir o que quer que houvesse a sentir. Mas, pela altura em que a canção chegou ao fim, compreendi que a marijuana não produzia qualquer efeito além de uma secura irritante na garganta. Sentia-me simultaneamente aliviada e desiludida.

- Muito bem - disse eu. - Obrigada pela hospitalidade, rapazes.

- Sempre às ordens, mãe - respondeu Jonathan. Não consegui ler a voz dele. Podia ser trocista, ou arrogante, ou simplesmente amigável.

- Nem uma palavra ao teu pai - disse eu. - Prometes? Juras? Por uns momentos acreditei que a marijuana me tinha afectado.

Mas era apenas o sobressalto da minha própria culpa.

- Prometo - concordou. - Juro.

- Mrs. Glover? - disse Bobby. - Eu acho que você, bem, não sei. Acho que você é muito porreira. Uau!

- Oh, por amor de Deus, chama-me Alice - disse-lhe. E deixei-os sozinhos.

Cerca de uma semana depois voltei a fumar erva (chamava-se erva e não marijuana) e descobri que, se insistíssemos, tinha de facto alguns efeitos. Fazia-me sentir tonta e agradavelmente imprecisa. Esbatia a nitidez das minhas percepções.

Numa tarde de quarta-feira em Fevereiro, enquanto um silêncio branco e gelado pousava sobre o mundo, sentei-me a partilhar um charro com Jonathan e Bobby. Era o quarto da minha carreira, pelo que já tinha adquirido uma certa experiência. Conseguia reter o fumo, sentindo-lhe o peso e calor dentro dos pulmões. Na aparelhagem, Bob Dylan cantava «Girl from the North Country». O candeeiro brilhava tenuemente contra a luz do entardecer e as paredes apaineladas tinham adquirido a cor rica do mel.

- Sabem - disse eu -, isto devia ser legalizado. Quer dizer, é uma coisa tão agradável e inofensiva, não é?

- É - respondeu Jonathan.

- Devia ser legalizado, sim - repeti. - Se o Nixon fumasse um charrito de vez em quando, o mundo seria um lugar melhor.

Bobby soltou uma gargalhada e depois olhou para mim, embaraçado, para se certificar de que eu pretendia ter graça. A expressão dele era tão insegura - Bobby atormentava-se tanto com a mais simples das transacções sociais - que eu desatei a rir. O meu riso provocou em Bobby novas gargalhadas e Jonathan acabou por se juntar a nós, rindo de qualquer piada privada. Era essa uma das melhores qualidades da erva: sob a sua influência podíamos começar a rir pelo mais pequeno pretexto e alimentar o riso com uma simples olhadela em redor do quarto. Era tudo absurdo e cómico - o queimador de incenso em forma de Buda pousado na secretária ao lado de um boneco de corda; o aspecto dócil, canino, dos sapatos de camurça castanha de Bobby.

Durante essa época pensava por vezes na Wendy do Peter Pan - a mãe insular de um bando de meninos perdidos. Mas não comecei a fazer figura de tola. Não comecei a comprar saias de gaze, jóias indianas ou sandálias mexicanas. Não deixei crescer o cabelo. Mas agora havia um sentimento diferente no ar. Eu tinha um novo segredo, um segredo melhor. Anteriormente, os meus únicos segredos consistiam nos factos de recear o sexo e de não conseguir sentir qualquer interesse em travar conhecimento com os nossos vizinhos. Sentia-me frágil e magra ao ponto da transparência, uma figura insubstancial que sofria de dores de cabeça por causa do frio e de sinusite por causa do calor.

Mas aquele novo segredo era alegre, hilariante - se fosse revelado, provocaria um escândalo na vizinhança. O segredo dava-me forças enquanto percorria os corredores dos supermercados. Eu era uma mãe que se pedrava com o filho. As mulheres de Cleveland - mulheres corpulentas que empurravam carrinhos de compras cheios de doces e gelados, nacos de carne cor-de-rosa e flocos de cereal açucarados - considerar-me-iam incapaz, escandalosa, degenerada. Eu sentia-me jovem e elegante, cheia de estranhas promessas. Haveria outra vida além de Cleveland.

E, talvez melhor que tudo, descobri que era possível recuperar a intimidade com Ned quando estava pedrada. A erva descontraía-me. Se Ned me beijasse ou me acariciasse avidamente o corpo, eu conseguia deixar-me

arrastar para um estado nebuloso e fluido completamente diferente daquilo a que antes chamava excitação. O sexo sempre produzira em mim uma espécie de tensão interior que convertia rapidamente o prazer em pânico e o pânico em dor; enquanto Ned se contorcia, suado, em cima de mim, eu limitava-me a ficar ali deitada, inquieta e furiosa, repetindo silenciosamente: «Acaba, acaba, acaba.» Mas agora conseguia acolhê-lo com um langor que não produzia nem prazer nem dor, mas antes uma sensação coceguenta, inocente, que me parecia ligeiramente cómica. A erva miniaturizava o sexo; o acto deixava de ser uma obrigação ruidosa para se converter numa pequena comédia carnal, terna e divertida. Aquele homem que movia os quadris e gemia era Ned, apenas Ned, um menino que se tornara grande e desajeitado. Era Ned e eu, uma mulher capaz de se surpreender a si própria.

As coisas mantiveram-se assim até à Primavera. Na minha nova vida eu era uma mulher ousada, inconventional, de espírito aberto e sexualmente generosa - era a personagem que queria ser. Essa personagem sobreviveu ao degelo e aos primeiros rebentos de Abril, altura em que a pereira do quintal das traseiras se cobriu de flores brancas. Na noite de sábado antes da Páscoa, depois de ter temperado o pernil de porco, saí para ver a pereira do quintal. Era quase meia-noite e eu estava sozinha em casa. Ned tinha acrescentado uma sessão suplementar às sextas e sábados à noite para competir com as salas de cinema dos centros comerciais. Bobby e Jonathan tinham saído para qualquer lado.

Vestira uma velha camisa de fazenda de Ned sobre a minha camisola. O ar cheirava a terra crua, húmida, e a pereira erguia-se no meio do pequeno quintal, esplêndida e surpreendente como um vestido de noiva, as pequenas flores emitindo um ténue brilho branco. Detive-me por uns momentos nos degraus da cozinha. Era uma noite sem Lua, límpida o bastante para revelar a faixa da Via Láctea entre a multidão de estrelas. Nessa noite até o modesto quintal parecia repleto de boas promessas. Se o futuro fosse uma nação, aquela seria a sua bandeira: uma árvore em flor contra um fundo de estrelas.

Caminhei para a relva, se bem que os meus sapatos fossem demasiado finos para aquele tempo. Queria pisar as ervas, senti-las estalar sob os pés. Passei-me sob os ramos da pereira, para lá dos canteiros onde as tulipas tinham começado a rebentar. Pela altura em que a árvore perdesse as flores, os lilases teriam desabrochado. Um dia viveríamos numa casa com vista para o mar. Passei os dedos pela casca escamosa de um ramo mais baixo;

caíram-me no cabelo algumas pétalas.

Ao fim de algum tempo apercebi-me de que os rapazes estavam dentro do meu carro. O carro estava estacionado na área coberta de cascalho miúdo entre a garagem e a casa, protegido por um toldo de alumínio, numa bolsa de escuridão tão profunda que jamais os teria visto se não estivesse na posição certa. As cabeças deles eram silhuetas negras entre o pára-brisas e o vidro traseiro.

A presença dos rapazes pareceu-me estranha, mas maravilhosa. Talvez estivessem a brincar, a imaginar uma viagem através do país. Estava demasiado apaixonada pela noite para fazer perguntas. Vê-los ali pareceu-me, simplesmente, um golpe de sorte. Talvez pudéssemos fumar um charro juntos e enfeitar o cabelo com as flores da pereira. Avancei para o carro sem hesitação. Enquanto me aproximava comecei a ouvir música. O rádio estava ligado. Derek and the Dominós. Abri a porta do condutor e disse:

- Ei, meninos, dão-me uma boleia?

Passámos, todos três, por um silêncio chocado preenchido pelo recontro das guitarras. Fumo adocicado desprendia-se do interior do carro. Jonathan estava sentado ao volante. Vi o pénis dele, branco e erecto à luz das estrelas.

- Oh - disse eu. Apenas isso.

Os olhos de Jonathan pareciam sobressair das órbitas, como que empurrados do interior do crânio. Apesar das circunstâncias, lembrei-me nitidamente da cara dele aos dois anos, quando eu lhe negava uma embalagem de rebuçados no supermercado. Era a mesma expressão.

- Desaparece daqui - disse ele num tom trémulo de fúria contida que atravessou a música como um arame rasgando o nevoeiro. Era uma voz completamente adulta. - Como te atreves?

- Jon? - disse Bobby. Apressou-se a puxar as calças para cima, mas não foi suficientemente rápido. O pénis dele era maior que o de Jonathan, mais escuro.

Jonathan gesticulou para afugentar o som do seu próprio nome.

- Desaparece daqui - repetiu. - Ouviste? Compreendeste? Eu estava demasiado estupefacta para argumentar. Limitei-me a

fechar a porta do carro e a voltar para dentro de casa. A casa estava iluminada e quente. Fiquei parada no hall, respirando. Via a sala de estar vazia com perfeita clareza: as revistas dispostas em leque sobre a mesinha junto ao sofá, uma almofada que exibia ainda a moosa de um cotovelo. Uma

mosca percorria o bojo verde-pálido do jarrão da minha avó.

Subi as escadas e preparei um banho quente. Não me ocorreu mais nada. Quando entrei na água senti uma espécie de alívio. Aquilo era real e definitivo - água a escaldar, no limite do suportável. Sentia os pés a arder, como que picados por alfinetes. Sentia as coxas, as nádegas e o sexo a escaldar, mas resisti ao impulso para saltar da banheira.

O incidente não era inteiramente uma surpresa. Pelo menos no que dizia respeito a Jonathan. Certamente que já tinha percebido. Mas nunca pensara conscientemente: «O meu filho nunca casará.» Tinha pensado: «O meu filho é mais meigo que os outros rapazes, mais brando, mais sensível.» Eram algumas das suas virtudes. Sabia que a violência e brutalidade dos rapazes estavam ausentes da sua natureza. Mergulhei mais fundo na banheira, de modo a que a água me cobrisse os ombros e queimasse o queixo. Quando começou a arrefecer, voltei a abrir a torneira da água quente.

Como pudera ignorar os sinais? Jonathan e Bobby tinham quinze anos, mas nunca falavam de raparigas. Não colavam fotografias de mulheres nuas nas paredes. Mas, não obstante qualquer suspeita, jamais imaginara, em parte alguma do meu ser, as implicações carnis daquele amor. Para mim, Jonathan era uma eterna criança; um inocente. Aquilo a que não conseguia habituar-me era à imagem da sua pequena erecção e da erecção maior de Bobby.

De que modo tinha eu contribuído para aquilo? Sabia muito sobre psicologia, mas, pelos vistos, não o suficiente. Teria eu sido o tipo de mãe que afasta o filho das mulheres? Tê-lo-ia efeminizado ao insistir obstinadamente em ser amiga dele?

Jonathan entrou em casa horas mais tarde, depois de Ned ter regressado e adormecido. Imaginei que talvez batesse à porta do meu quarto, mas claro que não podia fazê-lo, estando o pai presente. Ouvei-o entrar no quarto dele, o som habitual das botas na carpete do corredor. Desejava ir ter com ele, confortá-lo, dizer-lhe que estava tudo bem. Desejava ir ter com ele e puxar-lhe o cabelo até fazer sangue.

Era Páscoa, cumprimos os deveres e movimentos do dia. Ned, Bobby e Jonathan assaltaram os cestos, exclamando de alegria perante os pequenos brindes, enchendo a boca de gomas e caramelos. Jonathan mordeu as orelhas de um coelho de chocolate com tal apetite que me provocou um inesperado calafrio. Ned ofereceu-me um vaso de esporas-bravas, que me



agradou muito, e um lenço de seda às flores do género normalmente usado por mulheres mais velhas quando saem para almoçar na cidade. Deve ter-se apercebido do meu ar desiludido no momento em que desembulhei o lenço.

- Que percebo eu de lenços? - disse ele suavemente. - Comprei-o nos Irmãos Herman, podes trocá-lo por outra coisa qualquer.

Beijei-o.

- É lindo - respondi. - É um lenço muito bonito.

Não pude deixar de pensar que Jonathan saberia escolher um lenço para mim.

Jantámos, falámos de coisas normais. Depois do jantar, Ned saiu para o trabalho.

- Nós vamos à sessão das oito, pode ser? - perguntou-lhe Jonathan enquanto ele se dirigia para a porta.

- Com certeza - respondeu Ned, com uma flagrante piscadela de olho. Depois de ele ter saído, os rapazes lavaram a louça. Tentei ajudá-los, mas Jonathan expulsou-me da cozinha. Da sala, onde me sentei a folhear uma revista, ouvia-os falar em voz baixa, indecifrável. De vez em quando riam-se.

Quando acabaram de lavar a louça, subiram para o quarto.

- O jantar estava óptimo, mãe - disse Jonathan, enquanto atravessavam a sala de estar.

- Uau! - acrescentou Bobby. - Foi, bem, o melhor de sempre? - Não me convidaram a subir com eles. Não ligaram o gira-discos.

Ao fim de uma hora voltaram a descer de casacos vestidos. Saíram imediatamente.

- Adeus, mãe - gritou Jonathan do relvado.

- Boa noite, Mrs. Glover - acrescentou Bobby.

Fiquei a observá-los a descerem a rua de mãos metidas nos bolsos. O andar de Bobby era ligeiro e seguro; Jonathan arqueava ligeiramente as pernas, à maneira dos rapazes adolescentes que exibem arrogância à falta de convicção. Atrás de mim, a casa estava vazia, os pratos lavados e arrumados.

Esperei uma oportunidade para falar a sós com Jonathan. Esperei quase uma semana inteira. Finalmente, numa ocasião em que regressou a casa sozinho de uma das suas saídas nocturnas, apanhei-o a meio das escadas. As botas dele faziam uma barulheira infernal sobre os degraus.

- Jonathan? - chamei. - Posso falar contigo um minuto?

- O que é? - Jonathan deteve-se a meio das escadas e inclinou-se sobre o corrimão, como um cowboy encostado ao balcão de um bar. O cabelo caía-lhe, liso, sobre a cara.

- Importas-te de descer? - pedi-lhe. - Não me apetece fazer uma cena de varanda.

- Está bem - disse ele, em tom bem-humorado. Seguiu-me até à sala de estar, onde nos sentámos.

- Bem - disse eu. Não sabia como começar aquela conversa. Até então, sempre falara com ele com a mesma facilidade com que falava comigo própria.

- Sim? - disse ele.

- Jonathan, querido, eu sei que gostas muito do Bobby. - Começara mal. O tom era neutro, professoral. Tentei rir, mas a gargalhada fraquejou, converteu-se num pequeno guincho. - Mesmo muito - acrescentei. Outro erro. Agora o meu tom fora demasiado entendido, demasiado sugestivo. No fim de contas, eu ainda era a mãe dele. Jonathan acenou com a cabeça, fitando-me de rosto inexpressivo, sereno. - Bem, querido - disse eu. - Para falar com franqueza, tenho-me perguntado se será boa ideia passares tanto tempo com o Bobby. Não achas que devias arranjar mais amigos?

- Não - respondeu ele.

Voltei a rir, desta vez com mais sucesso.

- Pelo menos és franco - comentei.

Jonathan encolheu os ombros e enroscou um dedo numa madeixa de cabelo.

- Quando tinha a tua idade, andava sempre com o meu grupo de amigos - disse eu. - Estávamos todos mais ou menos apaixonados uns pelos outros e éramos sete ou oito. Rapazes e raparigas. Ou seja, penso que sei o que é estar perdidamente apaixonada por um amigo.

- Tudo bem - disse ele, naquilo que me pareceu ser uma voz menos impenetrável, uma voz de menino obediente. Desconfiei - soube - que aquele amor por Bobby o assustava. De facto, podia até ser a causa daquela atitude arrogante, daquelas barulhentas botas da tropa.

- Escuta - disse-lhe. - Eu sou tua amiga. Acho que compreendo o teu afecto pelo Bobby. Ele pode ser muito... sedutor. Mas tenho de te dizer isto. Não te prendas demais. Ainda és muito novo.

Jonathan fitou-me por detrás da cortina de cabelo e eu vi na cara dele um resquício do meu pequeno Jonathan, atormentado por dúvidas e quase

ostensivamente vulnerável a qualquer ofensa. Por uns momentos julguei ter conseguido tocá-lo.

- Oh, meu amor - continuei. - Eu sei como te sentes. A sério que sei. Por isso confia em mim. Virá o dia em que o Bobby será apenas uma pessoa que costumavas conhecer.

O rosto dele fechou-se. Foi um processo visível, como uma persiana cerrada com força sobre uma janela iluminada.

- Tu não percebes nada - disse ele. - Não sabes como me sinto e não conheces o Bobby. Eu é que o conheço. Deixa de tentar controlar a minha vida.

- Não estou a tentar controlar a tua vida.

- Estás, sim. Odeio isso. Consomes o oxigénio todo desta casa. Até as plantas estão sempre a morrer.

Fitei-o, incrédula.

- A vida é tua - disse-lhe. - Estou só a tentar dizer-te que estou do teu lado.

- Pois é, querida, mas no meu lado não há espaço para mais ninguém além de mim.

Esbofetei-o no preciso instante em que soube que o faria. Apanhei-o em cheio na cara, com força suficiente para lhe arrancar um fio de saliva do canto da boca. Fiquei com a palma da mão a arder.

Ao fim de um momento Jonathan sorriu e limpou a boca com as costas da mão. A bofetada parecia ter-lhe dado uma profunda satisfação, parecia ser a confirmação de uma velha suspeita.

- Desculpa - disse eu. - Não pretendia bater-te. Nunca te tinha batido, pois não?

Jonathan levantou-se sem uma palavra e começou a subir as escadas, transportando consigo aquela expressão de descoberta feliz. As botas dele ressoavam como tiros de canhão a cada passo.

A nossa velha amizade chegara ao fim. Jonathan e Bobby passavam cada vez mais tempo fora de casa, chegavam tarde e iam directamente para o quarto. Não voltaram a convidar-me para fumar charros, nem para dançar. Ned dizia-me que apareciam no cinema muitas vezes. Às vezes, dizia, sentava-se junto dele, assistindo a um filme que já tinham visto meia dúzia de vezes. Dizia que Jonathan era surpreendentemente perspicaz em relação aos filmes - talvez viesse a dar um bom crítico de cinema.

Eu sabia que não devia proibir Bobby de ir lá a casa. Os meus pais

tinham-me proibido de ver Ned, e o resultado foi o que se viu. Sinceramente, não saberia dizer o que me preocupava mais, se o amor de Jonathan pelos rapazes em geral, se aquela especial dedicação a Bobby. Embora alimentasse ainda a esperança de que Jonathan viesse a ter uma vida normal - que conhecesse uma rapariga, casasse com ela e tivessem filhos -, sabia que essa decisão estava já além dos meus poderes de intervenção. Jonathan traçaria o seu próprio percurso. Mas Bobby, um rapaz dócil e inseguro, de inteligência limitada e sem ambições conhecidas... Se Jonathan permanecesse ligado a Bobby nunca viria a saber o que o mundo tinha para lhe oferecer. Bobby era, inelutavelmente, um rapaz de Cleveland e eu conhecia o futuro que Cleveland lhe reservava. As ruas do centro estavam cheias de homens jovens que não tinham conseguido partir: homens de gravatas garridas e baratas, barrigudos aos vinte e cinco anos, mandriando pelas lanchonetes antes de regressarem às luzes fluorescentes dos escritórios.

Uma semana passou antes que Bobby e eu pudéssemos ter a nossa conversa.

Eu tinha descido à cozinha depois da meia-noite com a intenção de preparar a massa para umas tartes. Nas últimas semanas andava a dormir mal e o problema não era facilitado pelo ressonar asmático de Ned. Finalmente, resignada, descí à cozinha em camisa de noite, na esperança de que uma qualquer tarefa culinária me predispusse ao sono.

Limitei-me a acender a luz ténue do exaustor, sem que precisasse realmente dela. Seria capaz de fazer tartes numa mina de carvão.

Estava quase a terminar quando Bobby apareceu. Parecia aturdido de sono, se bem que com ele fosse difícil de saber ao certo. Deteve-se no umbral da porta, grande, pálido e muscular, de boxers.

- Oh, olá - murmurou. - Não sabia que estava aqui. Eu só, hum, descí para beber um copo de água.

Havia água suficiente nas torneiras da casa de banho. Eu sabia por que razão tinha descido: o gin que guardávamos no armário da cozinha era já metade água por essa altura. Mesmo assim, fingi que acreditava.

- Não conseguia dormir - disse eu. - Por isso decidi que mais valia fazer qualquer coisa de útil.

- Pois. - Continuava parado sob o umbral da porta, encurralado entre o perigo de avançar e o embaraço de recuar. Enchi um copo com água da torneira e estendi-lho.

- Obrigado - disse ele. Quando entrou na cozinha para pegar no copo trouxe consigo o seu cheiro particular, o odor de um jovem macho com uma leve sugestão a metal frio. Bebeu a água, um gorgolejar ritmado perfeitamente audível.

- Bobby?

- Sim?

- Bobby, nós somos amigos, não somos? Pensei que fôssemos amigos, tu e eu.

Por pouco não deixou cair o copo. Sorriu, numa agonia de nervosismo.

- Bem, é claro que somos - respondeu. - Quer dizer, eu acho que você é, bem, muito fixe.

- Obrigada. Fico contente por saber que me achas fixe. Mas ultimamente não nos temos visto muito, pois não?

- Não - disse ele. - Sabe, tenho andado muito ocupado... - Não consegui reprimir uma gargalhada irónica.

- Não és propriamente o presidente da General Motors - respondi. - Não nos enganemos um ao outro, está bem? É um simples desperdício de tempo.

O sorriso dele emurcheceu. Encolheu os ombros, desamparado.

- Bem - começou. - Você sabe. O Jonathan...

- O Jonathan quê?

- Bem, ele acha que... você sabe. Você é, bem, a mãe dele.

- Exactamente. Sou a mãe dele. Ou seja, uma pessoa que pode ser enganada com desculpas esfarrapadas.

Bobby esboçou outro breve sorriso, como se eu tivesse dito uma piada. Compreendi que não valia a pena continuar a discutir o assunto com ele. Limitava-se a seguir instruções. Fiquei parada à frente dele com os braços cruzados sobre o peito. Podia ter-lhe dito: «Sai imediatamente desta casa e não voltes a aparecer.» Podia ter confirmado o seu estatuto romântico.

- O que está a fazer? - perguntou Bobby, num esforço evidente para mudar de assunto.

- O quê? Oh, são tartes. Vou cozer duas tartes de noz para amanhã.

- Você é uma excelente cozinheira - disse ele animadamente. - Nunca tinha comido cozinhados tão bons como os seus. Quer dizer, são tão bons como os dos restaurantes.

- Oh, não são nada de especial. Compreendi pela expressão dele que aquilo não era afinal uma mera conversa de circunstância. Bobby estava

genuinamente interessado no facto de eu ter descido à cozinha, à meia-noite, para fazer tartes.

- Um dia gostava de abrir um restaurante - confessou. - Quer dizer, acho que seria espectacular ter um restaurante. Num casarão antigo em qualquer lado.

Olhou com sincera admiração para a massa das tartes, um círculo pálido, lúcido, pousado sobre a tábua de amassar.

- Se quiseres posso ensinar-te a cozinhar - ofereci. - Não há truque nenhum. É um simples processo de aprendizagem. Não tem nada que ver com a magia.

- Não sei... - disse ele, hesitante.

- Olha, ainda não estiquei este pedaço de massa. Queres experimentar?

- Posso?

- Chega aqui. Vais ficar espantado quando vires como é fácil, depois de um pouco de prática.

Bobby aproximou-se da banca e ficámos muito perto um do outro. Meti o círculo de massa numa das formas, voltei a polvilhar a tábua com farinha e pousei nela a bola de massa que restava.

- Lição número um - disse eu. - Devemos mexer o menos possível na massa. Não é como a massa do pão. Essa temos de a espancar para lhe dar vida. Mas com a massa das tartes acontece o contrário. É preciso tratá-la com muito cuidado. Repara. Vai-se esticando de dentro para fora, levemente. Não devemos esborrachá-la.

Bobby pegou no rolo e pressionou-o contra a bola de massa mole.

- Estica-a ao de leve. Muito bem. É assim mesmo.

- Nunca tinha feito isto - disse ele. - A minha mãe nunca fazia tartes.

- Vais aprender depressa - encorajei-o. - Pelo que vejo, tens jeito para a coisa.

- Sabe fazer aqueles enfeites nos cantos? - perguntou ele.

- Claro que sei - respondi.

Durante o ano seguinte ensinei a Bobby tudo o que sabia sobre culinária. Tivemos longas sessões na cozinha, passando das empadas para o pão e do pão para os pastéis de massa folhada. Quando as obras dele saíam com êxito do forno, inchadas, douradas e fumegantes, Bobby contemplava-as com uma expressão de franco, inesgotável assombro. Nunca conheci ninguém com semelhante entusiasmo pela arte da pastelaria. Parecia acreditar que era possível criar a própria vida a partir de ingredientes tão

humildes e inertes como a farinha, a manteiga e o fermento.

Jonathan assistia por vezes às nossas sessões de culinária, mas o espírito dele vagueava para outros lugares. Não tinha paciência para as medições precisas e a lentidão das cozeduras. Na verdade, faltava-lhe um interesse fundamental pela própria ideia de alimentação. Desde bebé que era mais ou menos indiferente à comida.

Ficava connosco na cozinha durante algum tempo e depois subia para o quarto e punha um disco a tocar. Por vezes era um disco do Jimi Hendrix ou dos Rolling Stones, outras vezes eram discos novos que eu não conhecia.

Nenhum dos rapazes voltou a convidar-me para ouvir música. Agora, em vez disso, Bobby trotava pela cozinha adentro, dizendo «Ouça, encontrei esta receita de um peixe que é assado, bem, dentro de uma espécie de pão.» Ou: «Ei, sabe fazer uma coisa chamada brioche?»

Jonathan concorreu a diversas universidades e foi aceite pela Universidade de Nova Iorque e a Universidade de Oregon. Nenhuma das universidades a que concorreu ficava a menos de mil e quinhentos quilómetros de Cleveland.

Bobby não concorreu a nenhuma - nem sequer referiu a possibilidade. Continuou a aparecer lá em casa com novas receitas e a oferecer-me acessórios de cozinha cada vez mais sofisticados. Comprou-me um Cuisinart e um jogo de facas alemãs tão finas e afiadas que podiam cortar o papel de parede sem perturbar o estuque subjacente.

Em Junho Ned e eu assistimos à cerimónia de formatura dos rapazes na companhia de Burt Morrow, que não víamos há mais de um ano. Desde o nosso último encontro, Burt tinha trocado a barbicha por grandes patilhas curvas. Usava um casaco desportivo verde e uma camisola de gola alta, com um medalhão de ouro suspenso numa corrente ao pescoço.

Sentámo-nos numa das filas do fundo do auditório do liceu, um salão enorme, pálido, cor de salmão, que cheirava levemente a comida e a cimento fresco. À medida que anunciavam os nomes dos alunos, estes subiam ao palco para receberem os diplomas, acompanhados pelos gritos e assobios dos colegas. Era possível medir a popularidade de cada um pela algazarra que o seu nome produzia. Bobby e Jonathan não inspiraram qualquer reacção na audiência - dir-se-ia que eram estranhos aos colegas -, se bem que Burt tenha emitido um assobio surpreendentemente agudo ao som do nome de Bobby.

Depois da cerimónia, Jonathan e Bobby entraram com os colegas no

autocarro do liceu com destino a uma festa que se prolongaria a noite inteira, num parque de diversões. Ned e eu convidámos Burt para tomar uma bebida. Não podíamos deixá-lo regressar a casa sozinho.

- Uma bebida? - disse ele. - Sim, uma bebida com os adultos seria muito agradável. Excelente ideia, sim.

Os olhos dele eram baços como ágatas.

Fomos a um bar sossegado junto ao lago, com mesas de cobre e jovens empregadas de mesa vestidas de Mother Hubbard. Pedi meio copo de vodka, que me foi servido sobre um paninho decorativo em vez de um guardanapo.

Ned ergueu o copo.

- À nova geração - brindou. - As maiores felicidades. Brindámos e bebemos à nova geração.

Uma banda tocava «MoonRiver» através de colunas de som invisíveis. Era como se estivéssemos no sítio menos importante do planeta.

- O Jonathan optou pela Universidade de Nova Iorque, não foi? - perguntou Burt Morrow.

- Foi - respondeu Ned. - Uma decisão estritamente baseada em razões económicas. A Universidade de Nova Iorque é mais cara que a de Oregon.

Burt pestanejou e acendeu um cigarro.

- Vai sair-se muito bem, tenho a certeza - disse ele. - O Bobby não parece muito interessado em continuar a estudar.

- Ainda é jovem - comentou Ned. - Sabe-se lá o que pode acontecer num ano ou dois.

- Seja o que for que ele decidir, tem o meu apoio - disse Burt. - Não quero interferir na vida dele. Oh, não. Nem me passaria pela cabeça fazer semelhante coisa. O Bobby fará aquilo que quiser.

- Suponho que é a atitude mais acertada - concordou Ned. - A decisão tem de ser deles.

Burt acenou com a cabeça, inalou profundamente o fumo do seu Pall Mall como se estivesse a sugar a substância da própria vida.

- Com certeza - disse ele sabiamente. - Com certeza que sim. Foi o modo como disse a palavra «certeza» que me irritou. Fizera-o soar como uma criança precoce entregue ao nosso cuidado.

- A decisão não tem de ser deles coisa nenhuma - disse eu enfaticamente.

- Bem - defendeu Burt -, desde que não prejudiquem ninguém...



- Burt - disse eu -, quando o Jonathan começou a andar com o teu filho era um rapaz dócil e aberto, e agora, três anos mais tarde, transformou-se numa pessoa que eu mal reconheço. Foi sempre um excelente aluno até conhecer o Bobby e a partir dessa altura as notas dele nunca mais foram o mesmo. Pode dar-se por muito feliz por ter entrado na universidade.

Burt olhava-me, pestanejando, através do fumo do cigarro.

- Vá lá, Alice... - interrompeu Ned.

- Oh, está calado - disse eu. - Quero fazer uma pergunta ao Burt. Quero que ele me diga o que fiz eu de errado.

- Não creio que tenhas feito nada de errado - respondeu Burt.

- Nesse caso, que estou eu a fazer aqui? - perguntei. Tinha começado a tamborilar no copo com as unhas. Ouvia o tilintar ritmado como se fosse um ruído irritante produzido por outra pessoa. - Por que estou eu a viver numa cidade que abomino? Como cheguei ao ponto de ter um filho que me detesta? Julguei que estivesse a fazer as coisas certas pela ordem correcta, e parecia-me tudo lógico na altura. Mas o facto de estar aqui sentada neste momento diz-me o contrário.

- Bem - murmurou Burt, tragando fumo. Eu continuava a ouvir a minha própria unha a bater no copo.

- Queríamos uma família, só isso - continuei. - Tínhamos as melhores intenções do mundo.

- Bem - respondeu Burt -, as coisas vão funcionar. Tens de ter um pouco de fé.

- A fé é para a gente nova - repliquei. - Já li tudo o que havia para ler. Já não sou bonita.

- Calma aí - disse Ned. - Se não és bonita, não sei para quem têm estado a olhar metade dos homens que aqui estão.

- Não me paternalizes. Não te atrevas. Podes desprezar-me, podes irritar-te ou chateares-te de morte comigo, mas não me paternalizes como se eu fosse uma espécie de pequena esposa. É a única coisa que não poderia suportar. Ouviste? Compreendeste? - Sem abrir a boca, Ned pousou a mão sobre a minha para silenciar o tilintar da unha contra o copo. Olhei-o no rosto. - Ned. - Disse apenas isso. O nome dele.

- Não faz mal. Vamos pagar as bebidas e voltar para casa.

- Desculpa - disse eu.

- Não tem importância - garantiu ele. - Tivemos um dia muito agitado. Foi a formatura do nosso único filho.

Manteve a mão sobre a minha. Olhei para Burt, do outro lado da mesa, que tinha fixado em mim um olhar de franca, aterrada compreensão.

Depois de Jonathan ter partido para Nova Iorque, Bobby arrendou um apartamento num austero edifício de calcário na outra ponta da cidade. Matriculou-se numa escola de culinária e arranjou trabalho à noite como empregado de mesa. Planeava abrir um restaurante a meias comigo.

- Um sítio familiar - disse ele. - Os restaurantes são um bom negócio, não achas? E podíamos trabalhar todos juntos. - Concedi que podia vir a dar uma razoável lavadeira de pratos. - Qual quê, tu vais ser a cozinheira-chefe - disse ele. - Estava a pensar, bem, num restaurante à moda do Sul, o único de Ohio?

Em breve começou a preparar jantares para mim e Ned lá em casa. Tornara-se, de facto, um bom cozinheiro e parecia ter algumas ideias coerentes sobre a gestão de um restaurante.

Disse-lhe que seria a sua primeira cliente caso chegasse a abrir o restaurante, mas que não contasse comigo para cozinheira-chefe. Bobby fez aquele sorriso que eu conhecia dos velhos tempos - um sorriso que sugeria que eu tinha começado a falar numa língua incompreensível.

Nesse Inverno arranjei emprego como secretária numa empresa imobiliária. Precisávamos do dinheiro. Com a abertura de diversos cinemas na periferia da cidade, a sala de Ned rendia menos que nunca. As pessoas evitavam o centro da cidade depois do anoitecer. O néon cor-de-rosa do cinema de Ned acendia-se numa avenida mal iluminada, onde manequins nus sorriam por detrás das montras sombrias de um armazém falido.

Embora o meu trabalho não fosse excitante, nem mesmo especialmente interessante, agradava-me tanto ter uma ocupação diária que comecei a temer os fins-de-semana. Para passar o tempo, comecei a plantar um jardim de ervas medicinais no quintal das traseiras.

De vez em quando almoçava com Bobby no centro da cidade, já que a escola de culinária não ficava longe da empresa onde eu trabalhava. Tinha-se feito um homem bastante atraente, de um modo convencional, de feições regulares, e devo confessar que tinha prazer em encontrar-me com ele naqueles restaurantes cheios de gente, onde o ruído da clientela esfomeada electrificava o ar.

Durante esses almoços Bobby falava animadamente sobre o projecto do restaurante. De um momento para o outro tinha-se transformado no jovem asseado e bem-parecido que fingira ser, tirando certos momentos em que os

olhos lhe brilhavam febrilmente e a pele adquiria o lustro do suor. Nessas alturas fazia-me pensar num vendedor de bíblias, um desses fanáticos sulistas insuportavelmente cordiais que eu conhecia demasiado bem da minha infância. No seu entusiasmo, Bobby assumia essa qualidade, mas acabava sempre por cair em si; ria apologeticamente e baixava o tom de voz, pelo que o efeito final era sempre juvenil e encantador - o ímpeto da juventude submetido a controlo.

Falava-lhe das minhas preocupações e permitia-me por vezes uma queixa ou duas sobre a minha própria situação, já que detestava sobrecarregar Ned. O seu problema de asma piorara muito com o declínio do cinema e tinha começado a beber um pouco demais.

- Os financiadores vão acabar por aparecer e teremos o restaurante aberto dentro de um ano, dois no máximo - disse Bobby certa vez, como era hábito. - Podemos trabalhar todos juntos. As coisas vão correr bem, verás.

- Para ti é fácil falar - respondi. - És jovem.

- Tu também és - respondeu. - Quer dizer, és jovem para a tua idade. Vais adorar ser a cozinheira-chefe. Espera e verás.

- Não vou ser chefe de coisa nenhuma.

- Vais, sim. Espera até veres o restaurante que eu vou construir para ti. Vá lá, Alice... diz-me que estás comigo e eu construo-te o melhor restaurante de Ohio.

Um homem sentado na mesa vizinha deitou-nos uma olhadela. Era um cinquentão elegante, de aspecto próspero e bem sucedido no seu fato cor de ardósia. Consegui ler a suspeita nos olhos dele: uma mulher mais velha, de rosto severo, mas ainda atraente, almoçando com um rapaz enérgico e bem-parecido. Por uns momentos segui o fio da imaginação dele; via-nos sair do restaurante e subir para um quarto alugado onde a luz da tarde atravessava os estores e caía obliquamente sobre a cama.

Bobby inclinou-se para a frente, as grandes mãos abertas sobre o tampo da mesa. Estendi a mão e apertei-lhe os dedos largos e rugosos.

- Está bem - aceitei. - Se estás assim tão determinado a abrir um restaurante, conta comigo. Farei tudo o que puder para te ajudar.

- Ótimo - disse Bobby. E a emoção chegou mesmo a humedecer-lhe os olhos.

Menos de um ano depois, Bobby abriu o restaurante. Na minha opinião, precipitou-se. As coisas teriam corrido melhor se tivesse aprendido um pouco mais sobre o negócio. Mas ele dizia que estava mais que

preparado. Desconfio que os problemas financeiros de Burt tiveram a sua influência sobre o sentido de urgência de Bobby. O principal investidor era um sujeito de aspecto bastante dúbio chamado Beechum, um homem de cabelo crespo penteado de modo a disfarçar a calva e dedos magros e brancos carregados de anéis de prata e turquesa. Beechum possuía, ou afirmava possuir, uma próspera cadeia de lavandarias e previa, ou assim afirmava Bobby, similar sucesso no ramo dos cozinheiros à moda do Sul.

Sob a orientação de Beechum, Bobby arrendou uma loja num pequeno centro comercial dos subúrbios, entre uma boutique barata e uma padaria que exibia na montra um enorme bolo de casamento. Exprimi as minhas dúvidas quanto ao local, mas Bobby tinha compilado uma lista de vantagens que não permitiam contestação.

- Fica perto de uma série de hipermercados - dizia ele gravemente. - O Penney's, por exemplo, onde se arranjam as coisas ao melhor preço. E o Sears fica logo ao virar da esquina. Há mais supermercados na zona. E é barato. Quer dizer, temos de começar por algum lado, não achas?

Não será necessário alongar-me muito sobre o auspicioso início do restaurante e o seu imediato declínio. Bastará dizer que Bobby lhe chamou «Alice's» e fez o que pôde com a sala de luzes fluorescentes e tecto acústico que acolhera já uma série de estabelecimentos falidos. Decorou as paredes com posters emoldurados de Nova Orleães - as varandas de ferro forjado do Bairro Francês, um homem negro tocando trompete - e comprou velhas mesas e cadeiras de madeira em diversas vendas de garagem. Eu e Bobby experimentámos novas receitas e temperos, mas era Beechum quem prevalecia geralmente, apelando à necessidade de minimizar as despesas e advertindo-nos contra os gostos pouco aventureiros da gente de Ohio. O menu final acabaria por ser uma versão nortenha da cozinha do Sul: sopa de carne, bolinhos de milho, toda a espécie de receitas com camarão congelado. As sobremesas eram excelentes. Eu fazia questão de passar pelo restaurante sempre que possível.

Por vezes encontrava mais dois ou três clientes - gente que andava às compras, solitárias empregadas de balcão na sua hora de almoço -, e outras vezes era a única pessoa na sala. Nessas ocasiões, Bobby sentava-se à mesa comigo, enquanto a empregada limpava louça já limpa ou folheava uma revista de cinema encostada ao frigorífico.

Durante toda aquela aventura, Bobby nunca perdeu a sua alegria de vendedor de bíblias.

- As coisas são sempre lentas ao princípio - justificava. - A casa ainda não é conhecida. Mas as pessoas que aqui vêm saem totalmente satisfeitas e recomendam o sítio aos amigos. Temos de dar tempo ao tempo.

- A comida é óptima, Bobby - dizia eu. - Gosto de acreditar que as pessoas acabam sempre por reconhecer a qualidade.

- É claro que sim - dizia ele. - Se há qualidade, as pessoas acabam por aparecer. É só uma questão de tempo.

Ficávamos a conversar na sala vazia, sob as lâmpadas fluorescentes. As pessoas passavam em frente à imaculada vitrina do restaurante e olhavam para dentro com uma expressão que eu podia reconhecer: essa expressão bem-humorada e um pouco assustada que fazemos perante qualquer empreendimento condenado ao fracasso. Eu própria tinha olhado dessa forma através de incontáveis vitrinas para os despovoados interiores de pequenas lojas de prendas, charcutarias mal fornecidas, boutiques cheias de vestidos que tinham estado na moda cinco anos antes. As pessoas passavam apressadamente pelo restaurante, transportando sacos do Sears ou do Penney's, e eu compreendia os seus sentimentos; compreendia esse tipo particular de desdém nervoso inspirado por qualquer prova individual da incapacidade humana para transformar palha em ouro.

Numa noite invulgarmente quente de Novembro, seis meses depois da abertura do restaurante, Burt Morrow adormeceu de cigarro aceso na mão e morreu no incêndio que reduziu a cinzas metade da casa. Ned e eu fomos despertados pelas sirenes dos carros dos bombeiros, se bem que não conhecêssemos, evidentemente, o seu destino.

Mesmo assim tive um mau pressentimento, uma inexplicável sensação de desassossego que me manteve acordada muito depois de Ned ter regressado ao seu sono barulhento, quase doloroso.

Quando o telefone tocou, soube que tinha acontecido uma desgraça. Metemo-nos no carro e fomos para lá, de casacos vestidos sobre os roupões de banho.

Bobby viu-nos parar o carro. Não se moveu. Ficou imóvel no relvado, junto a um bombeiro enfarruscado. Enquanto corríamos para ele, Bobby observou-nos com a sua velha expressão aturdida e perplexa; aquela expressão de estrangeiro.

Abracei-o. Estava quieto como o sal.

- O meu pai morreu esta noite por volta da meia-noite e meia - disse ele em voz límpida e aguda.

Bobby tinha as mangas da camisa chamuscadas e desprendia-se-lhe do cabelo um horrível cheiro a queimado. Provavelmente tentara entrar na casa em chamas.

Afaguei-lhe o cabelo queimado. Ele aceitou o meu abraço, imóvel. Metade da casa estava reduzida a escombros; a outra metade permanecia obscenamente intacta. A porta da frente estava escancarada, revelando o papel às flores enegrecido de uma parede que sustentava ainda um espelho de moldura ornamentada.

Ned foi informar-se sobre Burt. Eu fiquei com Bobby, que em breve começou a tremer. Abracei-o com mais força, o que pareceu provocar nele tremores mais violentos. Os espasmos de Bobby assustaram-me, mas não o soltei. Lembrei-me dos primeiros meses de Jonathan, um bebé propenso a misteriosos ataques de choro que eu, na ignorância dos meus vinte e dois anos, me limitava a abraçar com força, perdida no meu próprio terror e insegurança.

Jonathan regressou a casa para o funeral. O cabelo loiro roçava-lhe ainda os ombros, mas começara a usar sapatos leves e casacos de tweed com as calças de ganga. Bobby vestia-se à maneira dos jovens trabalhadores de Cleveland: calças sintéticas muito vincadas, camisas em tons desmaiados com presilhas nos ombros.

Jonathan e Bobby deram longos passeios de carro, assistiram a filmes antigos na televisão. Bobby mostrava-se pálido e distraído, como se o interior do próprio crânio emitisse um ruído que só ele conseguia ouvir. Jonathan vigiava-o cautelosamente, sentava-se perto dele, tocava-lhe o ombro ou a mão.

Lembravam um doente em convalescença e o seu enfermeiro. Havia compaixão entre eles, mas nem ponta de romantismo. Não obstante a sua juventude, tinham adquirido uma qualidade anciã; sentados lado a lado no sofá, faziam-me pensar em colecções de raridades e janelas com gelosias. Bobby sentava-se sempre ao lado de Jonathan, infantilmente próximo dele. Um estranho não saberia distinguir entre o órfão e o melhor amigo. Ao fim de uma semana Jonathan regressou à sua nova vida em Nova Iorque.

Pouco depois Bobby fechou o restaurante, declarando falência como forma de se livrar das dívidas. Actualmente trabalha numa padaria. Parece sentir-se mais seguro entre os balcões enfarinhados, os ovos frescos e as bolas de massa crua.

Uma vez que já não podia pagar a renda do apartamento, mudou-se

para nossa casa. Dorme lá em cima, na cama estreita do antigo quarto de Jonathan.

A presença de Bobby não nos incomoda. Para falar com franqueza, a pequena mensalidade que paga pelo quarto dá-nos muito jeito, já que o cinema continua a render pouco e as despesas com Jonathan aumentaram. Ned começou a alugar filmes estrangeiros, o género de fitas que não passam nas salas dos centros comerciais. Remenda a alcatifa com fita adesiva.

Jonathan telefona aos domingos, como um filho cumpridor. Deixou o dormitório da universidade e arrendou um apartamento em Greenwich Village. Tento imaginar a vida dele: cinemas e cafés, música em bares subterrâneos. Sou obrigada a imaginar os pormenores, já que ele não nos conta nada. Limita-se a dizer que os estudos correm bem e que não precisa de mais lençóis, utensílios de cozinha ou roupas novas.

Por vezes apetece-me abandonar Ned. Apetece-me anunciar simplesmente o facto e partir, como uma miúda de dezassete anos. A verdade, porém, é que não consigo imaginar-me a fazer semelhante coisa. Uma das revelações da minha meia-idade é que amo Ned até à medula dos ossos. Ned inspira-me ternura, até piedade. Talvez conseguisse partir se o negócio dele corresse melhor.

Em vez disso, comecei a fazer novos esforços para me integrar na cidade. Voltei a frequentar o centro paroquial. Comecei a dar aulas de doçaria no ymca a mulheres casadas que desejam surpreender os familiares durante as quadras festivas. O meu curso atraiu um número surpreendentemente alargado de alunas. Muitas delas são alegres e afectuosas e, em alguns casos, julgo que conseguirei persuadi-las a desistir das gelatinas e dos pudins instantâneos. Quando o curso acabar, no Natal, três ou quatro continuarão provavelmente a ser companheiras de cozinhados.

É isto que fazemos. Tentamos construir um futuro a partir das matérias-primas disponíveis. De segunda a sexta sento-me a uma secretária a dactilografar documentos, duas vezes por semana ensino outras mulheres a bater ovos e a esticar massa tão fina que pode ler-se o jornal através dela. Tenho pouco tempo para a lida doméstica, mas Bobby mantém a casa imaculada na minha ausência. Tirando as horas que passa na padaria, está sempre em casa. Sempre. Faz o jantar todas as noites. Depois do jantar, Ned volta para o cinema e Bobby e eu vemos televisão ou jogamos às cartas. Ficamos juntos até à hora de ir para a cama. Por vezes sugiro-lhe que saia

para ver o que se passa no mundo. Chego mesmo a oferecer-lhe algum dinheiro, mas ele responde sempre que está exactamente onde deseja estar. E ali ficamos, matando tempo. Para falar com absoluta franqueza, por vezes desejo que ele se vá embora. É tão fiel nas suas devoções, tão infinitamente atencioso.



# PARTE II

## JONATHAN

Não éramos amantes, mas quase. Ocupávamos a esfera superior do amor, onde as pessoas acarinhavam a companhia e excentricidades umas das outras, onde se querem bem. Uma vez que não éramos amantes no sentido carnal do termo, não tínhamos utilidade para os pequenos crimes. Clare e eu partilhávamos os piores segredos e os mais absurdos temores. Jantávamos juntos e fazíamos compras, avaliávamos as qualidades dos homens que se cruzavam connosco nas ruas. Em retrospectiva, diria que éramos como as irmãs das histórias tradicionais; as histórias em que a irmã mais nova e mais bonita não pode casar enquanto ninguém reclamar a mais velha e menos atraente. No nosso caso, contudo, éramos ambas as irmãs ao mesmo tempo. Partilhávamos uma vida de roupas, mexericos e auto-análise. Esperávamos, sem particular urgência, que alguém nos reclamasse para o outro, mais terrível, tipo de amor.

Vivemos juntos durante três anos no sexto andar de um prédio na East Third Street, entre as avenidas A e B, onde as mulheres porto-riquenhas discutiam em espanhol e os passadores de droga entravam e saíam constantemente dos apartamentos da cave. Rapazes drogados de uma beleza dilacerante dançavam nas esquinas ao som de grandes rádios. Vivíamos ali porque era barato e porque - como tínhamos admitido numa noite de bebedeira - o sítio nos parecia mais interessante do que as zonas mais seguras da cidade.

Além disso devo confessar que encarava o bairro como uma fonte de anedotas a serem contadas numa vida melhor que estava ainda por vir. Disse-o a Clare, que me lançou um olhar céptico.

- A fé no futuro é uma virtude que caiu em descrédito, não achas? É como meter um navio numa garrafa. Percebes o que quero dizer? É admirável, mas de uma forma um pouco sinistra.

Clare tinha trinta e seis anos, mais onze do que eu. Vivia de acordo com diversos pressupostos, que defendia com calma, mas inabalável veemência. Acreditava que James M. Cain era o maior escritor americano, que a sociedade tinha alcançado o apogeu em finais dos anos 30 e que não sobrara nenhum homem para uma mulher da sua idade e peculiaridades. Sempre que a contradiziam neste último tópico, Clare argumentava num tom de bem intencionada mas quase exausta paciência, como uma professora competente enfrentando o décimo milésimo aluno medíocre da sua carreira.

- Elimina os seguintes - dizia, contando pelos dedos. - Homossexuais. Homens casados. Homens com menos de vinte e cinco anos. Homens com mais de vinte e cinco anos que só se interessam por mulheres jovens e bonitas. Homens que continuam disponíveis porque são incapazes de se comprometer. Homens que são pura e simplesmente parvalhões. Violadores e psicopatas. Ora bem, sobra alguma coisa?

Clare cumpria as suas rotinas diárias com irónica alegria, como a segunda banana numa comédia dos anos 30. Como a sobrevivente de uma guerra, caminhando por entre os escombros de lábios pintados e saltos altos.

Nos seus momentos de depressão, falávamos em ter um filho juntos. Clare já tinha passado por um casamento, um aborto, dúzias de amantes e três mudanças de carreira. Eu acabara o curso três anos antes e escrevia sobre restaurantes para um semanário, seguro apenas do desejo que sentia pelo homem a quem chamava meu amante. Durante a noite a nossa rua cintilava de cacos de vidro. Todas as manhãs uma enorme mulher hispânica passava por baixo das nossas janelas a caminho do trabalho, cantando em voz alta velhas canções sentimentais.

Uma manhã nos inícios da Primavera, quando uma só folha de hera espreitava através da grade da janela da cozinha, encontrei Clare a suspirar sobre a chávena do café.

- Talvez volte a pintar o cabelo da minha cor natural - disse ela. - Uma mulher de certa idade deve deixar-se de tentar parecer excêntrica, não achas?

Usava um quimono que tinha comprado numa loja de roupa em segunda mão; não era uma peça de seda delicada e vaporosa, mas qualquer coisa sintética, de um vermelho vivo, provavelmente comprada no Havai ou

em Las Vegas cinco anos antes. Clare não era bonita e afirmava ser contra a beleza em geral.

- Não - respondi. - Uma mulher de certa idade ainda tem mais direito. - Estava parado no umbral da porta, já que a nossa cozinha só tinha espaço para uma pessoa de cada vez.

- A diferença entre os vinte e cinco e os trinta e seis anos - continuou -, é que aos vinte e cinco anos não conseguimos ter um ar patético. A juventude permite-nos tudo. Podemos vestir qualquer coisa, fazer seja o que for ao cabelo, sem deixar de ter um aspecto perfeitamente aceitável. Ainda estamos a tentar definir-nos, por isso não há problema. Mas há medida que os anos passam começamos a ser atraídos pelas nossas ilusões.

- Estás a preparar-te para mais um Sábado Negro? - perguntei-lhe.

- Ainda não sei. É demasiado cedo.

- Não sejas assim. O dia está lindo. E se fôssemos às compras e ao cinema em vez de ficarmos aqui a contemplar a hipótese do suicídio?

- Quando tivermos o bebé - perguntou-me -, que tipo de cabelo achas que vai ter?

- De que cor é o teu cabelo, afinal?

- Meu Deus, não sei se consigo lembrar-me. É uma espécie de castanho escuro e baço, acho eu. Cabelo de empregada de loja.

- Talvez o puto herde a minha cor. É surpreendente aquilo que os genes fracos mas obstinados conseguem fazer.

Clare bebericou o café.

- Para falar com franqueza - disse ela -, tenho a impressão de que os meus antepassados romenos vão cilindrar completamente os teus pensativos antepassados suecos.

- É isso que queres? Uma versão miniatura de ti própria?

- Valha-me Deus, nem pensar. Outra Clare? íamos odiar-nos. Para começar, quero que tenha a tua inteligência.

- Não sejas modesta - repreendi. - Tu és bastante inteligente.

- Se fosse - disse ela -, não me parece que daria por mim aos trinta e seis anos numa cozinha minúscula a tentar engendrar uma maneira de ter um bebé sem me apaixonar.

Falávamos muitas vezes sobre o bebé. Não fazíamos planos, mas falávamos imenso. Era assim que as coisas funcionavam connosco. Já tínhamos tido outras ideias: falámos em abrir uma empresa de fornecimento de pequenos-almoços e em ir viver para a costa de Espanha. Discutíamos

estes projectos com tanto pormenor que acabávamos sempre por ultrapassar uma fronteira invisível, começando a sentir que já os tínhamos realizado; ultimamente as nossas conversas tinham começado a assumir um certo tom de devaneio. Tínhamos ensaiado o transporte de Ovos Benedict desde Third Street até Park Avenue numa arca térmica (chegavam ao destino feitos numa papa coagulada); comprámos guias de viagens e cassetes com lições de espanhol. Não esperava que o projecto do bebé seguisse um percurso diferente.

- Gosto do nome Ethan para rapaz - dizia eu. - Ou Trevor.

- Por amor de Deus, querido - respondia Clare. - Nada de nomes amaricados. Se for rapaz, vai chamar-se Jon Júnior e pronto. E se for rapariga, Mary ou Ann.

- Por que não Clare Júnior?

- Já te disse. Quero que seja diferente de mim.

A rival de Clare era a imagem que tinha de si mesma, a elaborada personalidade que tinha construído. Clare vivia a uma variável, angustiada distância da sua capacidade para ser forte, irreverente e «interessante». Quando os seus gestos eram executados com demasiada perfeição podia parecer ligeiramente grotesca - experimentada e artilosa. Eu percebia o quanto isso a afligia. Por vezes assumia a sua personagem numa evidente atitude de desafio, olhando para o mundo como se dissesse: «Sou assim, e então?»; outras vezes assustava-se a si própria. Tinha-se tornado tão perita neste jogo que lhe era difícil desembaraçar-se da personagem.

Na minha opinião, contudo, o passado de Clare fora pleno e interessante, e eu não gostava de a ouvir depreciar-se a si própria. Tinha sido casada com um bailarino que vivia actualmente em Berlim e cuja companhia se apresentava periodicamente em Nova Iorque sob extravagantes aplausos da crítica.

Tinha sido amante de uma escritora bastante conhecida. Tinha tomado heroína, ópio e ácido em quantidades suficientes para ser internada numa clínica de Baltimore. Comparada com a dela, a minha vida parecia timorata e cautelosa. Detestava pensar que, fosse qual fosse a nossa opção - uma vida extravagante e perigosa ou uma existência segura e confortável de dedicação ao trabalho -, chegaríamos sempre à mesma vaga insatisfação e à esperança de que a geração seguinte conseguisse fazer mais e melhor.

- Qual é a tua opinião sobre os castigos corporais? - perguntei-lhe.

- Pessoalmente? Ou para o bebé?

- Para o bebé.

- Não seria capaz de lhe bater - respondeu. - Oh, não sei.

Provavelmente vou ser uma dessas mães que põem um ar ofendido e desapontado, quando tudo o que os putos desejam é que lhes dêem um estalo e acabem com aquilo.

Clare trabalhava para uma joalheria de St. Marks Place. Tinha talento para juntar coisas avulsas - fazia brincos e alfinetes de peito com imitações de diamantes, cacos de vidro, lata enferrujada e pequenas figuras de plástico que comprava nas lojas de quinquilharias. Clare tinha uma clientela limitada, mas fiel. Quanto a mim, tornara-me, inesperadamente, um crítico de restaurantes num semanário que começara por ser uma coisa «underground» e se tornara demasiado bem sucedido para as suas fracas instalações e pessoal inexperiente. Quando aceitei o emprego, acabado de sair da Universidade de Nova Iorque, vi-o como um primeiro passo rumo à minha verdadeira carreira numa revista de distribuição nacional; na verdade, como viria a provar-se, tinha tropeçado inadvertidamente - quase contra vontade - num pequeno projecto destinado ao sucesso. Ao fim de três anos, o semanário abandonou a sede húmida e fria no bairro das lojas de roupa e instalou-se num apartamento de Union Square. A equipa triplicou em número. Fui promovido de dactilógrafo a repórter ocasional e a colunista da secção sobre comida.

A piada residia nisto: eu não percebia patavina sobre comida. Cozinhar era uma das obsessões da minha mãe, mas eu sempre me recusara veementemente a aprender fosse o que fosse sobre o assunto.

Quando o editor decidiu introduzir no jornal uma coluna sobre restaurantes, e me encarregou de a escrever, disse-lhe que nem sequer sabia o que era uma quiche Lorraine.

- Precisamente - disse ele. - Há muita gente que também não sabe.

Deu-me um aumento e pediu-me uma coluna semanal com um mínimo de vinte e quatro polegadas. E foi assim que me tornei o João Comum, uma personagem de meios relativamente modestos que apreciava a boa comida, mas que não entrava em êxtase perante o inesperado efeito do cardamomo num puré de pimento vermelho; que gostava de jantar fora com os amigos uma ou duas vezes por semana e estava pronto a experimentar qualquer coisa de sofisticado quando as circunstâncias o exigiam. Escrevi sobre restaurantes polacos e chineses, esquadrinhei Manhattan em busca dos melhores hambúrgueres e pizzas. Identifiquei os restaurantes na moda que

tratavam bem não apenas as celebridades como também as pessoas comuns, aqueles que serviam doses ridiculamente pequenas e os mais adequados para impressionar os pais quando vinham à cidade. Clare e eu subsistíamos à base das refeições pagas pelo jornal, mas saldávamos a dívida com as excentricidades da nossa dieta. Numa semana comíamos apenas burritos, na semana seguinte nada mais que pato à moda de Pequim. Clare temia que este monismo alimentar pudesse prejudicar gravemente a nossa saúde. Comprava vitaminas, tónicos à base de aloés e as proteínas em pó supostamente favorecidas pelos culturistas, que sorriam e flectiam os braços nos rótulos de cores garridas.

Concordámos que devíamos ler constantemente ao bebé, mesmo antes de ter idade suficiente para compreender. Concordámos que os pais deviam ser, acima de tudo, honestos com os filhos, tanto no que dizia respeito aos factos mais sombrios, como aos mais agradáveis.

O meu outro amante, ou quase, chamava-se Erich. Tínhamos relações sexuais, se bem que ele não inspirasse em mim a urgência ou esse frémito doloroso, inebriante, que, aliado ao desejo, deverá definir o amor. Com Erich eu nunca perdia a cabeça. Para falar com franqueza, não tinha amado nenhum dos homens com quem dormira desde que deixara Cleveland - nunca me aproximara sequer desse sentimento, se bem que tivesse conhecido dúzias de corpos de todos os feitios e condições. Na verdade, a minha capacidade para o afecto estava concentrada em Clare e, hipoteticamente, em certos homens que se cruzavam comigo nas ruas da cidade: homens de aspecto vigoroso que não pareciam aspirar à fama ou felicidade convencionais, que cortavam o ar com categórica imprudência. Observava discretamente os punks de botas da tropa pretas, os carrancudos rapazes italianos, os miúdos bravios, cabeludos, recém-chegados das pequenas cidades do interior na esperança de que a sua má fama se mantivesse em Nova Iorque.

Estava consciente de que os meus interesses eram irrealistas e, provavelmente, pouco saudáveis. Mas persistiram obstinadamente - eram a geografia do meu desejo. Um certo rapaz que costumava encontrar junto ao quiosque da esquina, de cabelo sujo e expressão irritada, fazia-me estremecer quando lhe roçava a manga da camisa com o cotovelo. Nesses momentos, o homem com quem dormia tornava-se impreciso e remoto.

Erich e eu fazíamos amor uma ou duas vezes por semana, habitualmente no apartamento dele, nas East Twenties. Conhecera-o dois

anos antes, no restaurante onde ele trabalhava como empregado de bar. Nessa semana estava a escrever sobre restaurantes gay, avaliando os diversos lugares onde os homossexuais podiam jantar sem se coibirem de qualquer gesto de afecto em público. Na noite em que conheci Erich tinha jantado sozinho e parei no bar para beber um brandy antes de sair. Se bem que não houvesse grande movimento, o empregado demorou quase cinco minutos para me atender. Estava debruçado sobre a extremidade oposta do balcão, de braços cruzados sobre um tabuleiro como uma dona de casa flamenga, acenando enfaticamente à história que lhe era contada por um homem mais velho de jóias de ouro e lenço verde esmeralda. Enquanto esperava fitei o rabo do empregado, que era pequeno e compacto, estremeando num contra-ritmo aos acenos da cabeça.

Finalmente o velhote que contava a história inclinou a cabeça na minha direcção.

- Acho que tem um cliente - disse ele. O empregado voltou-se com uma expressão surpreendida. Tinha um rosto magro e um nariz e queixo demasiado afilados para poder ser considerado bonito. Contudo, tinha boa cor e olhos azuis tão claros e inocentes como os de uma criança. Era o tipo de rosto que, dada uma certa propensão para a vaidade, poderia passar horas de ansiedade em frente a um espelho - um rosto capaz de passar da beleza à fealdade e à beleza de novo. Nova Iorque está cheia de rostos assim, os rostos não propriamente atraentes de rapazes e raparigas estragados de mimos pelas mãos e que acreditam, com inflexível se bem que ligeiramente apologetica esperança, conseguir construir uma carreira com base nos seus atributos físicos.

- Oh, desculpe - disse ele. - Que deseja tomar? - Pedi um brandy.

- O negócio está um pouco parado esta noite - comentei. Ele acenou com a cabeça, servindo o brandy num cálice grande demais. O velho do lenço cor de esmeralda tirou um cigarro do maço que pousara sobre o balcão e fixou-o numa pequena boquilha de ouro com elaborada concentração.

- O negócio tem estado mais ou menos parado de uma maneira geral - respondeu o empregado.

Imaginei que o restaurante não sobrevivesse por muito mais tempo. Tinha uma certa atmosfera de declínio. Eu sabia mais ou menos aquilo que iria escrever no dia seguinte. Tinham-me já ocorrido algumas frases: «Um sítio desolado ao estilo dos anos 50 que serve comida formal, vagamente

embaraçosa»; «como um transatlântico fantasma que aporta à meia-noite de cem em cem anos». Era o tipo de sítio aonde poderíamos ser levados a jantar por uma velha tia, embora os clientes fossem velhotes e rapazes de olhos brilhantes e ar esfomeado em vez de viúvas ricas de casacos de peles e alfinetes de peito.

- Bem, para falar com franqueza - disse eu -, este sítio é um pouco assustador.

O empregado pousou o cálice à minha frente, sobre um guardanapo de cocktail, e lançou uma olhadela ao velhote, que expelia plumas de fumo através das narinas, languidamente.

- É um pavor, não é? - concordou, em voz baixa. - Já comecei à procura de outro emprego.

- Excelente ideia - respondi.

O empregado voltou a olhar para o fumador e instalou-se na extremidade do bar junto a mim. Dobrou os braços sobre o balcão e acenou com a cabeça.

- Nem imagina como é difícil arranjar emprego neste ramo. Quer dizer, em bons sítios. Nunca tinha vindo aqui, pois não?

- Não.

- Bem me parecia.

Os olhos claros do empregado assumiram, por breves instantes, uma profundidade analítica. Estava a tentar, sem grande convicção ou curiosidade, entender os verdadeiros motivos da minha presença. Imaginei que o bar fosse frequentado por jovens prostitutas e homens mais velhos, endinheirados. Mas eu não parecia ser nem uma coisa nem outra.

- Decidi entrar, só para experimentar - expliquei. - Não podemos ir sempre aos mesmos sítios.

Ele acenou com a cabeça, pouco convencido. Não era um restaurante informal; não era o tipo de lugar onde se entrava sem um motivo qualquer.

- Você, hum, trabalha nesta zona? - perguntou ele.

- Trabalho no centro da cidade - respondi. - Mas passei aqui perto. Sou escritor.

- A sério? O que é que escreve?

Disse-lhe o nome do jornal e ele acenou com a cabeça com especial entusiasmo. Nessa altura o jornal estava muito na moda.

- O que é que escreve? - voltou a perguntar.

- Oh, várias coisas. Ouça, a que horas sai?



- Bem, fechamos daqui a uma hora.
- E se bebêssemos um copo num sítio menos sinistro? - perguntei.
- Está bem - aceitou. - Claro que sim.
- Chamo-me Jonathan.
- Erich. Chamo-me Erich.

Acenou com a cabeça ao pronunciar o nome. Os olhos dele perderam aquela expressão de dúvida. Ali estava o meu motivo secreto - tinha entrado naquele sítio para engatar o empregado do bar.

Dei um passeio e encontrei-me com ele uma hora mais tarde num bar das Thirties. Erich chegara primeiro que eu. Estava de pé junto ao balcão com uma garrafa de Budweiser na mão, fingindo interesse pelo filme de Esther Williams projectado no ecrã. Cumprimentou-me e acenou ligeiramente com a cabeça, como que concordando com a sua própria saudação.

Pedi uma cerveja e começámos a conversar. Falámos de coisas comuns, trocámos informações gerais sobre as nossas origens e ambições.

Era quinta-feira, o bar estava quase vazio. No ecrã, coristas technicolor mergulhavam num mundo brilhante, verde azulado, enchendo a sala de uma semiobscuridade colorida, mutável. Erich era inquieto e desatento, o tipo de pessoa que se põe a rasgar guardanapos e a bater com os pés no chão, perdendo metade daquilo que lhe estão a dizer. O cabelo começava a rarear-lhe no alto da cabeça - fiquei surpreendido ao saber que era três meses mais novo do que eu.

Ao fim daquilo que nos pareceu ser um espaço de tempo apropriado - duas cervejas - fomos para o apartamento dele, na Twenty-fourth Street, onde me revelou a sua segunda surpresa.

Erich era óptimo na cama. Não há outra maneira de o dizer. Nada menos que uma verdadeira transfiguração. Em conversa era irrequieto e evasivo, propenso a pausas arrítmicas e a estranhos acessos de riso. Mas quando se despia adquiria a autoconfiança fluida de um bailarino. O corpo dele era magro e ossudo, de costelas salientes e braços atravessados por veias. Nessa primeira noite, no estúdio dele (um único compartimento com kitchenette e uma casa de banho), despiu-se tão repentinamente como se envergasse um desses fatos descosidos usados pelos comediantes nas suas rábulas. Estava vestido num momento e nu no momento seguinte, antes que eu pudesse acabar de desabotoar a camisa.

- Eh - exclamei. - Como fizeste isso?

Erich sorriu e ajudou-me a despir a roupa. Os movimentos dele eram rápidos e eficientes, mas meigos. Tinha trocado abruptamente os seus modos distraídos e irrequietos por uma concentração calma, uma suave, reflectida competência. Desabotoou-me e despiu-me as calças. Envolveu-me a cintura com os braços e levantou-me, sem esforço, transportando-me para a cama.

Erich não me excitava. Excitava-me a ideia de sexo, de prazer - tinha saído e engatado alguém, um homem disponível que era meu para o que me apetecesse. Admito-o - havia uma ponta de sadismo nos meus apetites. Havia um traço de vaidade. Escolhia homens de aspecto comum que não me rejeitariam, que se sentiriam felizes por me terem. Não me excitava tanto a visão do corpo deles - homens gordos ou escanzelados, mas sempre tímidos e gratos - quanto o facto de os seduzir. Quando Erich me deitou na cama, sentia-me excitado dessa forma vaga, geral, que se tornara familiar. Entregar-lhe-ia as rédeas do sexo, mas abandonaria o apartamento sem ser derrotado. Uma parte de mim tinha já partido para outro lugar no preciso momento em que os nossos peitos se tocaram pela primeira vez e as nossas pernas procuravam a melhor posição. Eu era mais importante do que aquilo. A minha excitação era nervosa, ligeiramente desagradável. Era como se tivesse um enxame de abelhas dentro do peito.

Erich encostou o nariz ao meu ombro, percorreu-me levemente as costelas com os dedos. Havia qualquer coisa de doce no seu fervor, na sua beleza fugidia. Havia também qualquer coisa de horrível.

Permaneceu deitado em cima de mim por uns instantes, cobrindo-me o peito de beijos. Depois, com um movimento hábil, moveu-nos aos dois de modo a que eu ficasse por cima. Pela primeira vez pude olhar bem para ele. Era magro, mas de ossos largos, de barriga mais peluda que o peito. O sexo dele inclinava-se para a direita, atravessado por uma veia sinuosa. Subitamente, aquela barriga magra e peluda e aquele sexo torto repugnaram-me. Com os desconhecidos havia normalmente um momento de choque como aquele, o momento em que tomava inteira consciência da privacidade dos seus corpos. Ao olhar para o torso magro de Erich, senti-me como se o tivesse surpreendido numa qualquer indiscrição. Perante a estranheza daquele corpo, a excitação transformou-se em aversão. O desejo abandonou-me, comecei a fazer de conta. Meti o sexo dele na boca, às cegas. Estava já a pensar voltar para casa e beber um copo com Clare. Aquilo era já uma história para lhe contar no preciso momento em que

aconteciam. Clare e eu abanaríamos a cabeça, desalentados, debateríamos as desconcertantes insuficiências do amor.

- Descontraí-te - sussurrou Erich. Não respondi, já que tinha a boca cheia. - Descontraí-te - disse ele outra vez.

- Estou perfeitamente descontraído, muito obrigado - respondi, erguendo a cabeça. Faria que ele se viesse depressa e regressaria à minha pele, à liberdade da rua.

Erich libertou-se de mim e mandou-me deitar de barriga para baixo no colchão.

- Estás demasiado tenso - observou. Obedeci, céptico, e ele começou a massajar-me as costas, percorrendo-me a curva dos ombros e a espinha com a ponta dos dedos. - Estás muito contraído - acrescentou. - Sinto-o nos dedos.

Contrafeito, entreguei-me nas mãos dele. Não gostava que me dissessem que estava tenso - era como se me apontassem um defeito. Durante o sexo eu assumia sempre uma identidade que não era bem a minha. Quando fazia amor transformava-me numa espécie de irmão mais velho de mim próprio, um homem forte, ligeiramente cínico, que vivia com arrojo, livre das dúvidas e medos que atormentavam o meu outro eu. No escritório ou no metro sonhava com homens vigorosos e agressivos que precisavam de mim para lhes acalmar as angústias. Na cama com humildes desconhecidos pensava apenas em orgasmos rápidos e em fugir dali.

Erich massajou-me as costas com calorosa delicadeza, os dedos dele seguindo, experimentados, as confluências de ossos e tendões. Elogiei-lhe a competência.

- Fiz um curso de massagista.

Como viria a saber, Erich acreditava na aquisição de habilitações. Era um estudante diligente do mundo em geral e gostava de dividir as coisas em sequências. Além das massagens, tinha feito cursos de francês, escrita criativa e manufatura de colchas.

Sob os seus cuidados, senti-me descontraír, quase contra vontade. E, involuntariamente, abruptamente, adormeci. Nem parecia coisa minha. Mas eu andava a fazer noitadas e a trabalhar muitas horas seguidas. Foi como se cedesse aos efeitos de um anestésico. Num momento estava acordado, a olhar para a fotografia de dois desconhecidos sobre a mesinha de cabeceira, e no momento seguinte estava a ser despertado por um beijo.

Estremeci e quase pulei para fora da cama. Por uns momentos perdi

completamente a noção de tudo. Onde estava eu e quem era aquele homem de rosto perfumado?

- Calma - sussurrou ele. - Está tudo bem.

- Oh, céus, adormeci? - perguntei. Estava atordoado e embaraçado.

Teria ressonado? Teria babado a almofada?

- Foi só durante uns minutos - disse ele. Beijou-me o pescoço e, de modo delicado mas firme, colocou-se entre as minhas pernas.

- Não posso acreditar. Nunca me tinha acontecido, sabes.

- Deixa-te estar descontraído. Faz de conta que isto é tudo um sonho.

Por qualquer razão, obedeci. Se bem que o meu instinto fosse regressar a mim próprio, desembaraçar-me rapidamente do sexo e retomar a minha vida normal, decidi permanecer descontraído. Encontrava aí um prazer surpreendente, voluptuoso. Deixei que Erich tomasse conta do assunto e o amor decorreu como se eu estivesse, de facto, a sonhar. Erich encarregou-se de tudo da forma como levava a cabo todos os seus projectos, com a escrupulosa atenção de um estudioso. Se bem que o acto não tivesse a entrega da verdadeira paixão, possuía uma solidez experimentada que era quase tão boa quanto isso. Erich sabia servir doses precisas de uísque. Sabia fazer colchas para camas de casal. E sabia até onde podia entrar, quando devia recuar e quando introduzir um movimento inesperado. Entreguei-me. Ele gostava de estar no comando e eu abri mão da minha própria vontade de impressionar.

Fizemos amor três vezes nessa noite. Ao fim da primeira vez não nos separámos para dormir. Não fugi do apartamento. Erich abraçou-me e eu acariciei-lhe a coxa quase sem pêlos. Sentia o cheiro do suor dele, que era acre, mas não desagradável. Ficámos abraçados em silêncio durante cerca de dez minutos.

- Estás pronto para mais? - perguntou ele por fim.

Pela altura em que voltei a vestir-me, o apartamento de Erich tinha perdido parte da sua estranheza. Não era, de modo algum, uma casa auspiciosa, nem mesmo particularmente confortável - era um único compartimento, sem vistas, num edifício de tijolos brancos que devia ter sido construído, às pressas, no início dos anos 60. Continha uma cama coberta por uma colcha, uma aparelhagem de som, um televisor e um sofá negro absurdamente grande que, ao nascer do dia, daria início à sua função quotidiana de absorver toda a luz que entrasse pela única janela. Na parede havia um póster numa moldura de metal com a reprodução de um quadro de

Matisse: uma sala forrada de panos garridos, vazia à excepção de três peixes vermelhos em forma de adaga flutuando num aquário de um azul brilhante. A casa de Erich podia ser a sala de espera de um consultório médico. Revelava muito pouco sobre o seu ocupante, além de uma vaga amargura. Mesmo assim, pela altura em que acabei de me vestir, e depois de ter anotado o número do telefone dele e de lhe ter deixado o meu num pedaço de papel, o apartamento tinha adquirido algum peso. Não parecia menos sombrio do que no momento em que entrara ali pela primeira vez; começava simplesmente a revelar-se como um sítio onde alguém morava. Uma luz vermelha piscava no gravador de chamadas, indicando novas mensagens. Detive-me junto à porta e atirei um beijo a Erich.

- Vemo-nos depois - murmurei. E desci os três lances de degraus em direcção à rua.

Geralmente era esse o momento de que eu mais gostava, quando o sexo acabava e eu regressava a mim próprio, ainda jovem e viável, livre para ir a qualquer lado. Nessa noite, porém, sentia-me irritado e vago; não parecia conseguir recuperar inteiramente o sentido de mim próprio. A rua estendia-se perante mim tranquilamente, banhada pela luz amarela dos candeeiros públicos. Uma prostituta solitária deambulava ociosamente, de meias pretas e casaco de peles, e a vitrine de uma loja de verduras, aberta toda a noite, exibia laranjas, maçãs de casca cerosa e cravos tingidos de verde para o dia de São Patrício. Sentia uma espécie de prazer corporal que se misturava, confusamente, com uma ténue sensação de pesar. Tinha perdido qualquer coisa, pelo menos nesse momento - uma certa medida de possibilidade. Percorri a pé os vinte quarteirões que me separavam de casa, mas não consegui desembaraçar-me desse sentimento. Seguiu-me como um ladrão.

Quando entrei em casa já passava das quatro da manhã. Clare dormia. Quando nos encontramos, no serão do dia seguinte, não me dispus a contar-lhe grande coisa sobre Erich. Clare e eu baseávamos as nossas conversas sobre homens numa atitude partilhada de irónico desdém e eu não me sentia seguro da forma como devia apresentar-lhe um homem como Erich. Não estava apaixonado por ele, mas, para variar, o sexo fora algo mais que uma comédia grosseira, desânimo e tédio.

- Acho-te muito calado em relação a esta história, Jonathan - disse Clare. - O que é que se passa ao certo?

- Não se passa nada. - Estávamos sentados no sofá a beber Pernod, a nossa mais recente descoberta. Tínhamos o hábito de alimentar breves mas

fanáticas devoções por diferentes bebidas exóticas.

- Estás a ser circunspecto - disse ela. - Nem parece coisa tua. Achas que este sujeito pode vir a tornar-se uma pessoa especial O que é que me estás a esconder?

- Este sujeito é mais um aspirante a actor que serve bebidas no inferno. Acontece simplesmente que é óptimo na cama.

- Querido, não debes menosprezar uma qualidade como essa. A última vez que conheci um homem assim foi... Quando? Em 1979? Dá-me alguns pormenores, por favor. Vá lá. Estás a falar com a tua tia Clare.

Bebeu uma grande golada e eu julguei ver, por debaixo daquela amistosa curiosidade, o simples medo de que eu a abandonasse, de que eu desaparecesse no amor. Via-lho nos olhos e na curva da boca, capaz de assumir um aspecto severo e reprovador não obstante o exuberante batom vermelho.

- Clare, querida, há certos lugares aonde nem mesmo os melhores amigos podem ir juntos - argumentei.

- Oh, isso é mentira - disse ela. - Não estás a falar a sério. Estás apenas embaraçado com o assunto. Estou certa?

Nós não tínhamos segredos - era essa a impetuosa, arrojada característica da nossa amizade. Talvez fosse um substituto para esse conhecimento prosaico que os outros casais retiram do sexo. Clare e eu confessávamos tudo um ao outro. Desnudávamos as nossas almas e enumerávamos os nossos defeitos. Conhecíamos as fantasias mais reprováveis um do outro; confessávamos ilusões e ganâncias, as mentiras piedosas com que nos iludíamos. Partilhávamos todos os nossos enredos sexuais e conhecíamos a condição dos intestinos um do outro.

E agora, pela primeira vez, eu queria guardar algo só para mim. Não sabia ao certo porquê. Talvez fosse precisamente essa incerteza que eu desejava preservar. A terna competência de Erich surpreendera-me. Havia nele qualquer coisa que me comovia - a sua nervosa alegria, as suas sombrias perspectivas de vida. Havia nele qualquer coisa que me enfurecia. Não estava seguro daquilo que sentia e não queria que me pedissem para dar um nome a esses sentimentos. Talvez temesse, ao descrevê-los tão prematuramente, esgotar-lhes o potencial para o crescimento e a mudança. Talvez tivesse razão.

Nessa noite, porém, decidi não cultivar segredos. Também eu temia a solidão e o abandono. Sabia que Erich e eu jamais conseguiríamos construir

uma vida juntos. Erich seria, na melhor das hipóteses, o primeiro passo em direcção a qualquer coisa de incerto que repousava além do círculo de calor doméstico que partilhava com Clare. Ela era o meu principal amor no mundo. Além dela, não tinha outros afectos dignos de nota.

Resolvi contar-lhe tudo. No final de contas, não havia grande coisa a dizer.

- Querido, encontraste um Doctor Feelgood, é tudo - comentou ela, quando acabei de falar. Cantou alguns versos de uma canção da Aretha. - Don't call me no doctor, fúling me up with ali of them pills, I got me a man named Dr. Feelgood, makes me feel real gooo-ood.

Parecia ser explicação suficiente. Erich seria o Doctor Feelgood. A partir dessa noite, quanto mais o chamava assim, mais adequado me soava o nome. Clare e eu mantivemos intacta a nossa lealdade, a nossa relação de irmãs. Eu tinha arranjado um pequeno e agradável esquema à parte. Clare aconselhou-me a aproveitar enquanto durasse, já que tais casos estavam inevitavelmente condenados a esmorecer. O conselho pareceu-me sólido.

E foi assim que Erich e eu começámos a namorar. Uma vez que ele trabalhava à noite, costumávamos encontrar-nos depois das onze. Bebíamos um ou dois copos num bar e íamos para casa dele.

Não soube muitos pormenores sobre a vida dele. Erich tinha uma ambição singular, uma ambição mal definida, mas persistente: ser reconhecido. Os meios pelos quais alcançaria tal reconhecimento eram imprecisos - estava simplesmente à espera de uma oportunidade, tentando posicionar-se o melhor possível para a agarrar. Fazia audições para tudo. Tentou os musicais da Broadway, se bem que não soubesse cantar. Trabalhava catorze horas por dia como figurante em qualquer filme rodado em Nova Iorque. No Natal disfarçava-se de soldado de corda para as festas de uma loja de brinquedos. Frequentava intermináveis cursos de representação, falava convincentemente da sua ambição de ser um bom actor, mas, à medida que o conhecia melhor, fui compreendendo que o verdadeiro interesse de Erich não se centrava propriamente na representação. Centrava-se nos aplausos. O papel que desempenhava na loja de brinquedos proporcionava-lhe mais ou menos a mesma mistura de angústia e satisfação que retiraria de um papel principal numa peça da Broadway. Erich apreciava a concretização metódica dos seus objectivos e adorava ser alvo de atenções; não aspirava à realização pessoal per se. Na sua vida quotidiana era praticamente invisível - usava calças de ganga e

camisas de pólo, era tímido e inseguro nas mais simples transacções sociais, vivia sozinho num estúdio vazio. Mas na loja de brinquedos, durante o Natal, nunca hesitava, nunca traía a rigidez de robô que o papel lhe exigia. De calções de ginástica, num dia de 30 graus, percorria quarenta e cinco vezes o quarteirão de Bleecker Street pelo simples prazer de ser uma figura esquiva, secundária, num filme que jamais chegaria às salas de cinema. À noite, com as luzes apagadas, era óptimo na cama.

Embora o visse uma ou duas vezes por semana, não cheguei a conhecê-lo. Julgo que Erich tinha medo de se dar a conhecer. Julgo que temia que isso pudesse travar de algum modo o movimento da sua vida - e confirmar a obscuridade do seu destino. Quanto a mim, receava que Erich estivesse a pontos de se entregar completamente à vontade de outra pessoa. Quando por fim desistisse de alcançar a fama, tornar-se-ia um mero admirador de outrem, encontraria um amante e abriria mão de qualquer resquício de vontade própria. Talvez o tivesse pressentido no primeiro momento em que o vi, acenando enfaticamente com a cabeça às histórias que um cliente lhe contava. Erich estava a ensaiar as suas capacidades de atenção. Eu não desejava que ele as concentrasse em mim com demasiado ardor.

Quando nos encontrávamos, dávamos primazia aos pormenores: os incidentes do trabalho, os bons e maus filmes que tínhamos visto. Finalmente, no nosso décimo ou décimo quinto encontro, enquanto repousávamos tranquilamente, suados, na carne um do outro, Erich disse:

- E então, hum, quem és tu afinal?

- O quê?

As orelhas dele enrubesceram. Imaginei que se tratasse de uma deixa tirada de um filme.

- Quer dizer, a verdade é que não sei grande coisa sobre ti - disse ele.

- Eu também não sei grande coisa sobre ti - respondi. - Só sei que és actor, que trabalhas como empregado de bar, que queres mudar de emprego mas ainda não fizeste grande coisa por isso, e que adoraste The Killing Fields.

- Bem, sou de Detroit.

- Eu também sou do Midwest.

- Eu sei. És de Cleveland. - Caiu um silêncio. - É muito interessante - disse Erich por fim. - Somos ambos do Midwest. E isso explica muita coisa, não achas?

- Não - disse eu. - Não explica nada.



Estava convencido de que aquela conversa significava o princípio do fim da nossa relação, mas o facto não me incomodava verdadeiramente. Adeus, Doctor Feelgood. Liberta-me. Devolve-me às ruas, à minha própria pele, ao velho sentimento de um futuro sem limites.

- Eu já fui músico - continuou, ao fim de algum tempo. - Quando era miúdo. Era doido por música. Sonhava com música. Tinha sonhos que eram só música, só... música.

- A sério? - perguntei. - E tocavas o quê?

- Piano. Violoncelo. Um pouco de violino.

- E ainda tocas?

- Não. Nunca. Eu não era, sabes, suficientemente bom. Era bom. Mas não o bastante.

- Compreendo.

Ficámos deitados, mergulhados num silêncio incómodo, à espera daquilo que se seguiria. Nesse momento não éramos amigos nem amantes. Fora da esfera do sexo, não tínhamos verdadeiro acesso um ao outro. Sentia o peso da infelicidade de Erich tal como um mergulhador sente o peso do oceano, mas não podia ajudá-lo. Era esse o preço a pagar por termos dormido juntos antes de nos conhecermos - partilhávamos uma intimidade desprovida de conhecimento ou afecto. Não podia ouvir as confissões de Erich; não o conhecia suficientemente bem para isso. Lembrei-me da admoção de Clare: aproveita enquanto dura.

- Escuta - comecei.

Erich pousou um dedo nos meus lábios.

- Chiu - sussurrou. - Não fales. Não é boa altura para falar. Começou a afagar-me a cabeça e a mordiscar-me o ombro.

A nossa relação reteve uma qualidade hesitante, formal. De cada vez que nos víamos era como se nos encontrássemos pela primeira vez. Meses mais tarde perguntei a Erich o que acontecera à sua velha paixão pela música.

- Isso acabou - limitou-se a dizer. - Passou à história. Foste ver algum filme esta semana?

De vez em quando a nossa conversa estagnava e os silêncios que se seguiam recusavam-se a assumir qualquer aspecto de conforto. Erich nunca tinha ido a minha casa, não conhecia Clare nem nenhum dos meus amigos. Eu abandonava a minha vida para visitar a dele.

Na companhia de Erich, desenvolvia uma nova personagem.

Transformava-me num homem duro e um pouco insensível; uma espécie de objecto. A nossa união só se operava ao nível corpóreo, o que acabou por fazer sentido para ambos. Qualquer avanço para lá dessa esfera seria considerado sentimental, forçado, indiscreto. A nossa relação era cordial e respeitadora. Nunca infringíamos as regras. Julgo que, de certa forma, nos desprezávamos mutuamente. Uma vez que nada mais transportava para a relação além dos meus músculos e nervos, descobri que conseguia ser surpreendentemente desinibido na cama. Atravessava o estúdio de Erich sem pedir desculpas, as minhas botas ressoando como golpes de machado. E conseguia ser um pouco cruel. Mordia-o com força suficiente para lhe deixar marcas vermelhas na pele. Alimentava fantasias que o envolviam - um homem desconhecido, algemado, humilhado, nu, acorrentado a uma máquina kafkiana que o sodomizava implacavelmente.

Na minha outra vida, saía com Clare para comer falafel ou frango de churrasco ou comida vietnamita. Falávamos sobre o nosso filho, debatíamos o número de horas de televisão por dia que devíamos autorizá-lo a ver. Concordávamos que a realidade mais crua das escolas públicas constituía uma educação em si mesma, compensando os falsos conhecimentos transmitidos pelos professores. Por vezes jovens e atraentes pais passavam junto às janelas dos restaurantes, empurrando carrinhos ou transportando os bebés adormecidos às costas. Ficava sempre a vê-los passar.

Era assim a minha vida em plena era Reagan.

E depois Bobby veio viver connosco em Nova Iorque.

## BOBBY

Vivi quase oito anos com Ned e Alice. O impulso para nada fazer e nada mudar converteu-se num hábito; durante esses oito anos limitei-me a decorar bolos de aniversário e a pensar naquilo que havia de fazer para o jantar. Os dias eram pacotes idênticos cuja beleza residia precisamente na sua perfeita similaridade. Como uma droga, a repetição altera a dimensão das coisas. Os dias em que os meus bolinhos de canela saíam perfeitos do

forno e em que a chuva dava lugar à neve eram cheios e completos. Escolhia melões na mercearia, descascava nozes à mão. Comprava discos. Não me apaixonei. Não visitei as campas da minha família, uma fila de três. Esperei pela época dos espargos e dos tomates e ouvi o Blonde on Blonde do Dylan até gastar os sulcos do disco. Continuaría a viver assim se Ned e Alice não tivessem partido para o Arizona.

O médico foi categórico: o ar de Ohio era demasiado húmido e pesado para os fatigados pulmões de Ned. Ou iam viver para o deserto, ou podiam começar a fazer os preparativos para o funeral. Foi o que ele disse.

De início pensei ir com eles. Mas Alice dissuadiu-me.

- Bobby, querido - disse ela. - Já vai sendo tempo de teres a tua própria vida. Que farias tu no Arizona?

Disse-lhe que podia arranjar emprego numa padaria. Disse-lhe que fazia o mesmo que sempre fizera em Cleveland, mas agora no Arizona.

Alice semicerrou os olhos. Uma ruga funda, vertical, atravessou-lhe a testa.

- Bobby, tens vinte e cinco anos. Não queres uma vida melhor que esta?

- Não sei - respondi. - Quer dizer, gosto bastante da vida que tenho.

Eu tinha consciência do modo como soava - lento e apatetado, como um miúdo rejeitado pelos companheiros que continua a brincar sozinho. Não conseguia explicar a Alice a beleza quotidiana da minha vida. Não conseguia explicar-lhe que nunca me cansava de ver a luz da madrugada em redor dos fios telefónicos. Quando era mais novo esperara conseguir eliminar a fractura entre aquilo que eu realmente era e aquilo que me ouvia dizer. Esperara vir a sentir-me mais completo como indivíduo.

- Querido, a vida é mais do que isto - insistiu ela. - Acredita no que te digo.

- Não queres que eu vá convosco para o Arizona - disse eu, na minha voz de miúdo teimoso. Contudo, era o que eu tinha a dizer.

- Pois não. Francamente, não. Estou a empurrar-te para fora do ninho, como já devia ter feito há bastante tempo.

Acenei com a cabeça. Estávamos na cozinha e eu conseguia ver o meu reflexo no vidro da janela. Nesse momento tinha um aspecto gigantesco, como um monstro de feira, de cabeça do tamanho de um capacete de rãguebi e braços que se suspendiam a alguns centímetros do chão. Era estranho, porque sempre me imaginara pequeno e agrotado, quase invisível.

- Compreendes aquilo que te estou a dizer? - perguntou ela.

- Compreendo.

Compreendia que a minha vida mudaria, quer eu concordasse, quer não. Compreendia que as reservas daquela droga particular - aqueles panos da louça aos quadradinhos vermelhos, aquele molho de colheres de pau - estavam prestes a esgotar-se.

Decidi ir para Nova Iorque. Era o único destino lógico. A minha vida em Cleveland dependia de Ned e Alice - precisava de lhes arrumar a casa, de lhes preparar o jantar. Precisava de os proteger e amar. Na ausência deles, Cleveland tornar-se-ia um lugar onde as coisas se recusam a acontecer. O ar tinha o cheiro do desânimo, tresandava a água espessa como xarope de bordo, a centros comerciais da cor das cinzas com metade das lojas desocupadas.

Uma padaria é um bom sítio para se conhecer a tristeza local. As pessoas entopem as mágoas de bolos, de queques e biscoitos às dúzias. A regularidade dos meus dias com Ned e Alice tinha o calor e o consolo de uma fogueira. Adorava aquela parte de Cleveland. Mas, sem eles, haveria apenas as paragens dos autocarros e o vento a soprar do Lago Erie. Ainda não estava preparado para me transformar num fantasma. Era demasiado cedo.

Telefonei a Jonathan. Sentia-me muito nervoso - por essa altura éramos mais parentes do que amigos. Trocávamos prendas e partilhávamos um charro antes das ceias de Natal. Era agradável, claro. Mas passávamos vários meses sem nos vermos e ele usava roupas que eu jamais imaginara vestir. Falava sobre peças de teatro; eu ia ao cinema com Ned e via televisão com Alice. Ficava deitado no quarto - que tinha sido o dele - durante horas a fio, a ouvir música. Jonathan era activo e inteligente, fazia coisas, e embora o amasse, as visitas dele embaraçavam-me. Na presença dele sentia-me como um primo tímido e desajeitado ou, pior, como um tio solteiro; um tipo jovial e cordato que apenas reconhece a superfície exterior das coisas. A presença de Jonathan diminuía-me de algum modo, e eu dava por mim a desejar que ele partisse. Sabia que a minha vida voltaria a assumir a sua verdadeira dimensão no dia em que Jonathan regressasse a Nova Iorque, que me seria possível percorrer as ruas de Ohio sem esse sentimento de refugiado.

Porém, quando a minha vida em Cleveland chegou ao fim, telefonei-lhe. Não queria uma arbitrária vida nova em Boston ou Los Angeles. Não

conseguia imaginar semelhante solidão. E embora tivesse boas relações com o pessoal da padaria, Rose, Sammi e Paul, não tinha na verdade amigos. Neste mundo não conhecemos necessariamente muitas pessoas. Principalmente se nos deixarmos distrair pela música e pela passagem das horas.

As primeiras vezes que marquei o número de Jonathan ouvi a gravação do atendedor de chamadas e não consegui dizer nada. Sempre que a máquina atendia, eu desligava com uma pequena pontada de culpa. Finalmente, ao fim de quase uma semana de tentativas, Jonathan atendeu em pessoa.

- Estou? - disse ele.

- Jon? Jonny?

- Sim?

- Jon. Sou eu. O Bobby.

- Bobby. Que surpresa. Está tudo bem?

Tínhamos chegado a esse ponto. Uma chamada telefónica minha implicava más notícias sobre os destinos da família.

- Oh, claro que sim - respondi. - Está tudo óptimo. Não podia estar melhor.

- Óptimo. E tu, como estás?

- Estou bem. Estou muito bem. E tu?

- Também - disse ele. - O costume. A vida não pára. Reprimi o impulso para dizer «bom, ainda bem, adeus» e desligar

o telefone. Uma cena do meu possível futuro em Cleveland passou-me pelos olhos. No meu próximo aniversário, o pessoal da padaria organizaria uma festa em minha honra. Rose, que teria então setenta anos, deixaria uma marca de batom na minha cara, chamando-me «bonitão». Haveria um bolo, que seria partilhado com os clientes. Cortaríamos uma grande fatia para George Dubb, um solteirão de cento e cinquenta quilos que costumava comprar napoleões e uma dúzia de biscoitos todos os dias.

- Escuta - comecei. - Hum. Já sabes que o Ned e a Alice vão mudar-se para o Arizona?

- Sim, claro. Claro que sei. Vai fazer-lhes bem. Andam a precisar de uma mudança de ares desde cerca de 1953.

- Pois. Bem, agora que eles estão de partida, tenho andado a pensar, sabes, que diabo fico eu a fazer aqui? Já fecharam a pista de patinagem, sabias?

- Não - disse ele. - Céus, há mais de dez anos que não pensava nesse sítio! Costumavas ir lá?

- Bem, não. Tu e eu fomos lá uma vez. Lembras-te? Tínhamos tomado ácido.

- Como poderia esquecer-me? Passei a noite inteira a calçar e a descalçar os patins para dar uma última volta.

- Bem, já não existe. Agora é um Midas Muffler.

- Ah.

- Jon?

- Sim?

- Importas-te que eu apareça por aí? Ou melhor, será que posso ficar contigo durante algum tempo? Só até arranjar um emprego e um apartamento?

Seguiu-se uma pausa. Ouvei o zumbido das linhas, o murmúrio de todas as vozes que cortavam o ar que nos separava.

- Queres mesmo vir para Nova Iorque? - perguntou ele.

- Quero. A sério. A sério que sim.

- É uma cidade violenta, Bobby. Na semana passada assassinaram uma pessoa a alguns quarteirões do sítio onde moro. Encontraram o corpo em quatro contentores do lixo.

- Bem sei que não é como Cleveland - disse eu. - Sei perfeitamente. Mas, Jonny. Estou enterrado em creme para bolos até ao pescoço. Acho que já fiz um milhão de queques.

Jonathan fez outra pausa.

- Se achas mesmo que queres experimentar viver em Nova Iorque - respondeu por fim -, claro que podes ficar cá em casa. Claro que sim. Verei o que posso fazer para te manter em segurança.

Decidi ir de comboio porque era mais barato e porque queria ter a noção exacta da distância que iria percorrer. Observei a paisagem durante toda a viagem, totalmente concentrado, como se estivesse a ler um livro.

Jonathan estava à minha espera na estação. Usava uma T-shirt preta, calças de ganga pretas e sapatões de cabedal preto com o lustro baço do alcaçuz. Era de esperar que vestisse qualquer coisa de inesperado.

Abraçámo-nos e Jonathan beijou-me levemente na cara. Conduziu-me para fora da estação. Ao vê-lo gesticular para atrair um táxi compreendi até que ponto nos tornáramos diferentes. Jonathan descera do passeio apinhado de gente com um braço esticado no ar, com a calma certeza de um general.

Era um pequeno gesto, mas traía um sentido de autoridade e confiança que eu não possuía. Eu tendia a mover-me como se pedisse desculpa.

Quando nos sentámos no banco traseiro do táxi, Jonathan beliscou-me o braço.

- Mal posso acreditar que estás aqui - disse-me.

- Eu também. Foi por isso que quis ver a Pensilvânia a ficar para trás. Para poder acreditar. Quer dizer, se eu me limitasse a descer de um avião, isto ia parecer-me, bem, uma espécie de alucinação.

- E é mesmo. Esta cidade é apenas um sonho - respondeu ele. E, durante o resto do percurso, não nos pareceu necessário dizer mais nada.

O táxi avançou por entre o trânsito do fim de tarde. Eu tinha estado em Nova Iorque uma única vez, alguns anos antes, na época em que Jonathan estava ainda na faculdade. A cidade interessara-me na medida em que nada tinha que ver comigo; ou antes, a relação era apenas a mais indirecta possível, a mesma que poderia estabelecer com uma auto-estrada ou um navio de guerra. Fiz as coisas que os turistas costumam fazer. Subi ao topo dos arranha-céus, passei pelas ruas de Greenwich Village e tomei um copo com Jonathan e os amigos dele num bar onde tinha morrido um poeta famoso. A pequenez do turista conviera-me; sentia-me satisfeito por estar num lugar fabuloso e por ter uma casa acolhedora e previsível à minha espera.

Agora, contudo, eu ia viver ali. Agora, Nova Iorque era uma cidade completamente diferente.

Tremeluzia. Foi a primeira coisa em que reparei. Em Nova Iorque as moléculas pareciam mais agitadas; as coisas tremiam e brilhavam de um modo que as tornava difíceis de ver. Os edifícios e as ruas emitiam mais luz que o céu - e as coisas explodiam perante nós, num turbilhão de estilhaços. Cleveland oferecia-se aos olhos de modo diferente, em fragmentos maiores. Em Cleveland viam-se os painéis de publicidade, as nuvens, os elmos erguidos sobre as suas próprias sombras. Ali, nos meus primeiros dez minutos em Nova Iorque, só podia estar seguro de ter visto o chapéu de palha vermelho de uma mulher, um bando de pombas e um leiteiro de néon onde se lia lola. Tudo o resto era uma permanente explosão, a cidade partia-se em mil bocados, uma e outra vez.

Quando chegámos ao apartamento de Jonathan as coisas assentaram, tornando-se mais visíveis. Jonathan morava num prédio castanho, numa rua castanha e estreita. Se Cleveland era sobretudo cinzenta - calcário e granito

-, Nova Iorque era castanha, toda ela ferrugem, chocolate desbotado, o amarelo-bege das escolas primárias.

- Cá estamos - anunciou Jonathan. - No Ninho da Tarântula.

- É o teu prédio - disse eu, como se Jonathan não tivesse bem a certeza disso.

- É, pois. Eu avisei-te. Anda daí. Lá dentro é mais bonito. Lá dentro as escadas flutuavam numa luz verde de aquário.

Um halo fluorescente pairava sobre cada patamar. Eu transportava uma mala e a mochila; Jonathan transportava a minha segunda mala.

Não trazia grande coisa para a minha nova vida. As malas estavam cheias de discos. A mochila continha as minhas roupas, as quais, como pressentira já, nada tinham que ver com a vida numa cidade como aquela. Sentia-me como um estudante estrangeiro num programa de intercâmbio escolar.

- Temos de subir até ao sexto andar - disse Jonathan. - Coragem.

Segui-o. Os patamares cheiravam a fritos. Música espanhola suspendia-se na luz pantanosa. Jonathan transportava a mala que Alice me emprestara, uma coisa azul e coçada. Fitei-a, amparada pela coxa preta de Jonathan. Até a mala parecia deslocada - triste, gasta e inocente como uma velha solteirona.

Quando chegámos ao sexto andar Jonathan abriu as três fechaduras e empurrou a porta de metal.

- Ta-da! - exclamou ele no momento em que a porta se abriu pesadamente, gemendo nas dobradiças.

- A tua casa - disse eu. Não parecia conseguir livrar-me do hábito de o informar que tínhamos chegado à casa dele.

- E tua também - disse ele. Encostou-se à porta para me dar passagem, com uma vénia.

De facto, o apartamento constituía uma mudança em relação à semiobscuridade subaquática das escadas e patamares do prédio. Entrava-se directamente para a sala de estar, pintada de um vermelho alaranjado, a cor de um vaso de barro. Havia um sofá coberto por uma manta estilo pele de leopardo e um grande quadro onde se via uma mulher azul nua torcendo-se, extática, para alcançar qualquer coisa que ficava além da moldura. A sala estava cheia de luz, que entrava pelas janelas gradeadas, ladeadas por cortinas grossas ao gosto dos anos 50, de folhas verdes e vermelhas estampadas. Se fechássemos as cortinas, a luz do sol apagar-se-ia como



uma lâmpada. Eram tão graves e pesadas como a porta de metal por onde tínhamos entrado.

- Uau - disse eu. E depois, sem querer, acrescentei: - É a tua casa.

- Foi a Clare, a amiga com quem vivo, que se encarregou da decoração - explicou. - Anda daí, vamos levar as tuas coisas para o meu quarto.

Atravessámos um pequeno corredor, passando por duas portas fechadas, em direcção ao quarto dele.

O quarto de Jonathan era branco, de paredes nuas. Tinha um futon sobre o soalho descoberto e um candeeiro de papel branco erguido sobre pernas de arame, finas como lápis.

- Entusiasmei-me um pouco com essa coisa do Zen - disse ele. - Precisava de algum alívio depois de tanta cor.

- Ah. Gosto do branco.

Pousámos as malas e suportámos um momento de silêncio difícil. Com o passar dos anos tínhamos perdido o nosso à-vontade; agora éramos como os parentes de dois velhos amigos mortos.

- Tenho um saco-cama onde podes dormir - disse ele. - E havemos de conseguir meter as tuas coisas no armário de alguma maneira.

- Está bem - concordei.

- Queres desfazer já as malas?

O desfazer das malas não me interessava, se bem que fosse o passo seguinte mais lógico. Nesse momento julguei compreender o passado. Num outro século, as visitas desfaziam as malas e descansavam antes de se vestirem para o jantar; desse modo, toda a gente tinha um longo período de tempo para ficar a sós. Nos tempos modernos era necessário enfrentar períodos mais longos de tempo ininterrupto.

- Está bem. Quero dizer, quase só trouxe discos. - Jonathan riu-se.

- É o que se costuma levar para um abrigo antiaéreo, não é? - brincou.

Eu abri a mala azul e tirei uma pequena pilha de discos.

- Já ouviste o disco novo da Joni? - perguntei.

- Não. É bom?

- Excelente. Olha, tens este Van Morrison?

- Não. Para falar com franqueza, acho que não voltei a ouvir o Van desde que saí de Cleveland.

- Ah, vais adorar este disco - assegurei-lhe. - O Van continua a ser um dos melhores. Vou pô-lo a tocar, pode ser?

- Não temos gira-discos. Só um leitor de cassetes. É pena.

- Oh, não faz mal.

Jonathan pousou a mão no meu ombro.

- Não te preocupes, Bobby - disse-me. - Nós também temos música.

Não vivemos no silêncio. Mas se o Van Morrison é uma prioridade, podemos sair imediatamente e comprar uma cassete. A maior loja de discos do mundo fica apenas a seis quarteirões daqui.

- Não tem importância, a sério - disse eu. - Quer dizer, vocês têm provavelmente uma série de coisas que eu nunca ouvi, não é?

- Claro. Claro que temos. Mas sê sincero. Precisamos de sair imediatamente para comprar a cassete do Van Morrison, não é?

- Não - respondi. - Não tem importância nenhuma, a sério. - Jonathan abanou a cabeça.

- Anda daí - disse ele. - Há que dar prioridade às coisas realmente importantes. Podemos desfazer as malas mais tarde.

Voltou a levar-me para a rua e conduziu-me a uma loja de discos na Broadway. Jonathan não tinha exagerado. Nada menos que a expressão «um sonho tornado realidade» se aplicava àquele lugar - era a materialização desse cliché. A loja cobria um quarteirão inteiro e tinha três andares. Em Ohio costumava frequentar a discoteca do centro comercial e o estabelecimento agonizante de um velho beatnik. Ali, entrava-se pelas portas giratórias para uma sala alta como uma catedral. O som das guitarras e de uma voz feminina, limpa como uma lâmina, pairavam sobre os incontáveis expositores de discos. Setas de néon flamejavam. Uma mulher de cabelo preto, que podia ter saído de um anúncio a um perfume, vasculhava os discos, ladeada por um rapazinho com uma T-shirt dos Sex Pistols. Era um lugar importante - sabê-lo-íamos mesmo que fôssemos cegos e surdos. Tê-lo-íamos cheirado no ar; tê-lo-íamos sentido formigar na pele. Era ali que a agitação das moléculas era mais pura e extática. Acreditei nessa altura que a loja era o coração de Nova Iorque. Continuo a acreditar nisso até hoje.

Descemos ao andar de baixo, à secção das cassetes, e encontramos o Van Morrison que procurávamos. Encontrámos também uma gravação antiga dos Rolling Stones que Jonathan não tinha, o Blonde on Blonde e uma colectânea dos maiores êxitos de Janis Joplin. Jonathan fez questão de pagar tudo com o cartão de crédito.

- É o meu presente de boas-vindas a Nova Iorque - disse ele. - Compre-me qualquer coisa quando arranjares um emprego.

Voltámos para casa com as cassetes num saco de plástico amarelo. Era o princípio da noite de um dia incomum - um dia quente de céu branco e inexpressivo, um desses dias que mais parecem noites iluminadas, em que apenas os relógios nos dizem se é manhã ou tarde.

Falámos sobre Ned e Alice enquanto percorríamos as ruas castanhas, coloridas, cheias de mercearias hispânicas e armazéns que tinham já começado a fechar as grades de metal. Com as cassetes bem seguras no saco e Jonathan a falar sobre os pais tive uma sensação prematura de pertença - a partir desse momento a minha história estava ligada à cidade. Era a minha primeira verdadeira experiência em Nova Iorque. Descíamos Great Jones Street enquanto uma embalagem de Wonder Bread, sacudida pela única rajada de vento desse dia, rodopiava atrás de nós como um animal de estimação estouvado.

Quando regressámos ao apartamento, a amiga do Jonathan, Clare, já estava em casa. Passámos a grande porta e ouvimo-la gritar «olá, querido». Como uma esposa.

A sala de estar estava vazia. Clare falava algures dos bastidores.

- Querida, temos uma visita - respondeu Jonathan.

- Oh - ouvimo-la dizer. - Tinha-me esquecido. É hoje, não é? Depois apareceu.

Não sei se saberei descrever Clare, se bem que consiga visualizá-la em todos os pormenores, mesmo no modo preguiçoso de gesticular quando nos conta uma história, sacudindo o pulso com a precisão letal de um pescador à linha. Vejo-a quando fecho os olhos e também quando os abro. Mas aquilo que vejo é uma maneira de andar e sorrir, uma maneira de se sentar numa cadeira. Clare imprime a sua marca a todos os movimentos - tem um modo particular de pousar o copo sobre a mesa, de erguer os ombros quando se ri. A aparência dela é difícil de definir. À primeira vista, Clare é como Nova Iorque em forma de mulher - continuamente mutável. Percebi imediatamente que era bela de um modo anguloso e narigudo que nada tinha que ver com as revistas de moda. Nessa época o cabelo dela era cor de laranja - eriçava-se-lhe como se tivesse o cérebro em chamas. Era vários centímetros mais alta que eu e tinha lábios pintados de vermelho escuro. Usava calças justas e uma blusa listrada que lhe destapava os ombros.

- Bobby, esta é a Clare - apresentou Jonathan.

Clare inclinou a cabeça à maneira de uma anfitriã e estendeu-me a mão, de longas unhas purpúreas.

- Bobby - disse ela. - Muito prazer em conhecer-te.

Soube mais tarde que tinha sido educada por uma competente mãe luterana em Providence, Rhode Island, e que nunca conseguira superar inteiramente o velho hábito das boas maneiras.

Disse-lhe olá e apertei-lhe a mão, que era forte e segura como a de um vindimador.

- Fomos às compras - disse Jonathan. - Decidimos que precisávamos urgentemente de uma cassette do Van Morrison.

Fiquei-lhe grato por ter explicado a questão como algo de que ambos precisávamos. Não gostaria de parecer caprichoso e peculiar na presença de uma mulher desconhecida.

- Adoro o Van Morrison - disse ela. - Costumava ter todos os discos dele. Mas, sabes, vão-se perdendo várias coisas com o fim das relações.

- Posso pô-la a tocar? - perguntei.

- Com certeza, querido - disse ela. - O leitor de cassetes está além.

Atravessei a sala em direcção à estante do leitor de cassetes, que era negro e luzidio. Na prateleira de cima havia uma colecção de crânios de animais que exibiam silenciosamente as órbitas vazias e diferentes configurações de presas e dentes. Jonathan e Clare discutiam pormenores domésticos. Libertei a cassette da capa de plástico, meti-a no aparelho e premi a tecla Play. Após alguns momentos de um suave zumbido mecânico, a voz de Van, cantando «Tore Down à la Rimbaud», inundou a sala. Respirei fundo, uma, duas vezes.

- Bobby? - chamou Jonathan. - Estás com fome?

- Acho que sim - respondi. Estava a observar os crânios de uma distância segura, rodeado pela voz do Van.

- Podemos ouvir a cassette durante uns minutos e depois saímos para jantar. O que te parece? - perguntou-me. - É o jornal que paga. Esta semana tenho de escrever sobre rolos de carne. Apetece-te?

- Claro - concordei. - Perfeito. - Estava perdido na música. Teria concordado comer rabo de castor.

Ficámos no apartamento até ao fim do lado A. Jonathan e Clare estavam a ser amáveis - gostavam bastante da música do Van, mas consideravam-na pano de fundo para uma conversa. Clare fez-me algumas perguntas sobre a viagem e a minha antiga vida com Jonathan, às quais suspeito ter respondido com nervosa, sorridente incoerência. Quando havia música no ar não conseguia concentrar-me nas conversas.

Quando o primeiro lado da cassete chegou ao fim, saímos para jantar. Clare vestiu um velho blusão de cabedal com o símbolo branco da paz pintado nas costas. De certo modo, Clare fazia sentido para mim, se bem que fosse a pessoa de aspecto menos razoável que jamais conhecera. Era de uma franqueza gritante - uma qualidade vagamente circense, sem vestígio de segundas intenções. Fazia-me sentir que podia pegar-lhe na mão enquanto descíamos a rua.

Fomos a um restaurante que não parecia um restaurante. Um transeunte inadvertido poderia julgar que se tratava de uma agência de seguros de terceira categoria; as janelas, ladeadas por gelosias, exibiam poeirentos troféus de bowling. Mas o interior estava apinhado de gente. A voz de Elvis Presley soava sobre a algazarra de gargalhadas e o retinir dos talheres. Na mesa junto à porta, uma mulher de vestido de peles e sotaque britânico disse qualquer coisa sobre gorilas.

Eu usava uns jeans Calvin Klein e uma camisa de rãguebi. Era a roupa mais interessante que possuía. Escolhemos uma mesa a um canto; estava de tal modo próxima das mesas vizinhas que tivemos de entrar de lado para nos sentarmos. As paredes estavam cobertas de pratos de souvenir, velhos postais, cabeças de veados, relógios de cozinha e álbuns antigos de Dusty Springsteen e dos Kingston Trio. Um letreiro sobre a minha cabeça dizia «Ignore Este Letreiro».

- Este sítio tem imenso décor - disse-me Clare.

- Pois é.

- Mais décor do que todo o estado do Maine - acrescentou Jonathan.

- Então, Bobby - disse Clare. - O que pensas fazer em Nova Iorque?

- Bem, tenho bastante experiência como pasteleiro - disse eu. - Acho que é isso que vou fazer. Quer dizer, é isso que sei fazer.

- Pensei que tivesses vindo para fugir ao ramo da pastelaria - disse Jonathan. - Pensei que estivesses farto de tantos bolos.

- E estou - confessei. - Acho que foi o que eu disse, sim. Mas, bem, na verdade não sei fazer mais nada. Quer dizer, não posso entrar num hospital e perguntar se precisam de mais cirurgias. - Sentia as orelhas a arder. Era como se estivessem a testar os meus conhecimentos numa matéria que não tinha estudado.

- Provavelmente percebes tanto do assunto como metade dos médicos daqui - disse Clare. - Agora, querido, escuta a tua tia. Uma das grandes qualidades de Nova Iorque é que podemos fazer seja o que for. É a Terra da

Oportunidade, com T e O maiúsculos.

Podes fazer a coisa mais disparatada que te passar pela cabeça e ganhar dinheiro com isso.

Acenei com a cabeça, reparando que ela estava a desenhar pequenos oitos com a ponta da unha no tampo de fórmica baça. Clare tinha olhos verdes que nunca vacilavam, nunca se fixavam na periferia quando falava connosco. Usava um complicado brinco de prata com quinze centímetros de comprimento. Clare tinha sobre mim um efeito semelhante ao da música. Perante o rosto dela, era-me difícil concentrar-me na conversa.

- Ela tem razão, Bobby - disse Jonathan. - Não precisas de aceitar o primeiro emprego que aparecer. Tens amigos ricos.

- Hum... O que é que tu fazes? - perguntei a Clare.

- Basicamente, divirto-me - disse ela. - Passeio pela cidade à procura de coisas para fazer jóias.

- A Clare é designer - esclareceu Jonathan.

- Tretas. Sou traficante de bagatelas, é o que eu sou. No dia em que as mulheres decidirem deixar de ter um aspecto ridículo, fico desempregada.

Olhei para aquele cabelo cor de tangerina e perguntei-me que tipo de mulheres Clare consideraria ridículas.

- Parece giro - comentei.

- Oh, é muito giro - concordou ela. - É uma aldrabice fantástica. E quando o bebé nascer vou poder trabalhar em casa.

- Vais ter um bebé?

- O Jonathan não te disse? Estamos de esperanças.

O rosto de Jonathan tornou-se sombrio. Elvis cantava «Jailhouse Rock».

- Não estamos nada de esperanças, querida - disse ele. - Ainda só estamos na fase dos planos.

- É a mesma coisa.

- Não sabia que vocês eram, hum...

- Namorados? - disse Jonathan. - Não somos. Estamos simplesmente a pensar tornar-nos pais.

- Ah.

- A maior parte dos pais não são namorados - explicou Clare. - Os meus não eram. Os meus pais eram apenas casados e nem sequer gostavam muito um do outro. Pelo menos, o Jonathan e eu somos amigos.

- São os tempos modernos - disse Jonathan, em tom de desculpa.

Acenei com a cabeça. Depois a empregada apareceu e tivemos de decidir o que íamos comer. Jonathan disse que estava obrigado, por dever profissional, a pedir rolo de carne, mas que eu e Clare podíamos comer o que nos apetecesse. Eu pedi frango frito com puré de batata e Clare optou pelo prato do dia - atum na caçarola, com batatas fritas por cima.

Depois do jantar demos um passeio. Caminhámos até à margem do Hudson e ficámos de pé no molhe a olhar por cima da água negra e agitada para New Jersey. Numa das pontas do molhe via-se um gigantesco anúncio de néon com uma chávena derramando continuamente uma gota vermelha de café. Clare e Jonathan eram bons conversadores. Pendurei-me na conversa deles como se fosse uma rede estendida entre os dois. Eram como actores e estavam satisfeitos por terem uma audiência - eu não precisava de falar muito. Falaram de bebés, de ir viver para o campo, de como sobreviver em Nova Iorque. Trocaram dicas sobre apartamentos, indicando um ao outro as zonas melhores e mais baratas.

- Querido - disse-me Clare -, no domingo vou levar-te ao Lower East Side. É onde se arranjam as melhores pechinchas.

- Não é nada - retorquiu Jonathan. - A Clare tem uma devoção especial por Orchard Street.

- O Jonathan faz compras nas grandes superfícies - disse ela. O seu tom de voz sugeria que se tratava de uma prática reprovável e possivelmente perigosa.

- O Lower East Side - esclareceu Jonathan -, é um belo sítio para fazer compras se quisermos parecer um rei do disco de 1975.

- Achas que eu pareço um rei do disco? - perguntou ela.

- Com as mulheres é diferente. O mundo não conspira da mesma maneira para as fazer passar por parvas.

- As pessoas que frequentam as grandes lojas não deviam fazer esse tipo de afirmações. Não lhe liguês, Bobby.

Deixei-me arrastar pela conversa deles. Silenciosamente, escutava a música que me enchia a cabeça.

Tomámos cappuccinos no jardim de um restaurante onde as luzes de Natal piscavam nas árvores e um menino de mármore fazia chichi para uma concha de mármore.

Depois voltámos para casa. Clare beijou-me na cara.

- Bem-vindo à Perdição - disse ela, e meteu-se no quarto. Jonathan estendeu o saco-cama verde no chão. Deu-me uma almofada depois de

estarmos deitados e de termos desligado a luz do candeeiro de papel. - Se te mostrar uma parte diferente da cidade todos os dias, julgo que vais conseguir orientar-te ao fim de uma semana.

- Sabes onde eu gostava de ir? - perguntei-lhe. - Hum... gostava de ir a Woodstock.

- Fica a mais de 150 quilómetros daqui.

- Eu sei. Eu sei que fica.

- Mas podemos ir lá um dia - disse ele. - Nunca lá fui. Tenho a certeza de que deve ser muito bonito. Cheio de velhos hippies, suponho.

- Pois. Escuta, tu e a Clare vão mesmo ter um bebé?

- Oh, não sei. Temos andado a pensar nisso.

- Gosto da Clare - disse eu.

- Eu também gosto. - Caiu um silêncio, nem fácil nem difícil. O barulho das ruas atravessava a janela. - Bobby? - chamou.

- Sim?

- Não sei. Sinto que há certas coisas de que temos de falar, mas não sei bem como. Não sei ao certo o que dizer.

- Hum... que coisas? - perguntei. Jonathan estava deitado de costas, com as mãos entrelaçadas sob a nuca. Às vezes adormecia naquela posição e os seus pensamentos mergulhavam directamente num sonho. Por vezes era-lhe difícil distinguir entre as memórias reais e as memórias sonhadas. Eu sabia isso sobre ele.

- Oh, tu sabes - disse ele. - As coisas que costumávamos fazer juntos. As coisas... bem, as coisas sexuais. Deixámos de as fazer depois do liceu e nunca falámos sobre o assunto. Por vezes pergunto-me o que pensas tu sobre tudo isso.

Conseguia ouvir o som da minha própria respiração. Era um assunto complicado. Por essa altura eu já tinha compreendido que não sentia aquilo a que os outros chamavam «desejo». Era uma das minhas lacunas. Sentia amor - a tensão e o calor do amor, o conforto animal misturado com o medo humano. Sentia amor por todos os Glovers, pelo Sammi da padaria, pelo Dylan quando cantava «Baby Blue». Mas nada acontecia no meu corpo. Nada se debatia para ser libertado. Tinha feito uma espécie de amor com Jonathan porque ele o desejara e porque eu o amava. Os orgasmos atravessavam-me como os espíritos de pessoas mais dedicadas ao corpo do que eu. Esses espíritos eram aprazíveis ao passar por mim, mas depois desapareciam sem deixar vestígios. Depois de Jonathan ter deixado



Cleveland, fiquei sozinho dentro de mim próprio. Foi provavelmente esta lacuna que tornou possível a minha vida em Cleveland. Não precisava de sensações além dos primeiros nevões em Novembro, do crepitar de uma agulha tocando o vinil.

- Éramos miúdos, Johnny - disse eu. - Isso foi há anos.

- Eu sei. Tiveste alguma relação desde essa altura?

- Não - respondi. - A minha vida foi trabalhar e ouvir música. É estranho, não é? Quer dizer, na minha idade...

- Bem, há coisas mais estranhas.

O assunto ficou por aí. Ficámos deitados em silêncio por alguns momentos a ouvir o ruído das ruas, os gritos e as buzinas dos carros. No momento em que estava prestes a adormecer ouvi um grupo de pessoas a passar na rua, rindo - parecia uma multidão, um coro de gargalhadas numa catedral.

## CLARE

Eu queria uma vida estável e uma vida escandalosa. Pensem em Van Gogh, ciprestes e pináculos de igrejas sob um céu de serpentes contorcidas. Eu era bem a filha do meu pai. Queria ser amada por alguém como a minha severa, judiciosa mãe - e queria atravessar as luzes aos gritos com uma garrafa na mão. Era essa a maldição da família. Tendíamos a alimentar rebanhos de desejos tresmalhados que se entrechocavam e se anulavam uns aos outros. A maldição implicava que, se não aprendêssemos a orientar os desejos em determinada direcção, o mais provável era acabarmos de mãos vazias. Olhem para o meu pai e a minha mãe hoje.

Casei com pouco mais de vinte anos. Quando o casamento se desfez apaixonei-me por uma mulher. Dessas duas vezes, bem como das outras, acreditei que tinha dado um sentido aos meus impulsos e embarcado numa longa vitória sobre a minha própria desorientação. Agora, aos trinta e seis, estava menos certa que nunca daquilo que queria. Em vez de uma juvenil crença na mudança, comecei a sentir um constrangimento nervoso que

pulsava dentro de mim como um relógio. Jamais pretendia chegar a esta idade em tão incerta condição.

Não tentei dormir com Bobby. Parecia-se demasiado com um homem que sofrera um acidente de desenho animado. Era como se tivesse estrelas e planetas a esvoaçar em torno da cabeça.

Ficava-se com a impressão de que entortava ligeiramente os olhos. Mesmo assim, Bobby comovia-me. Talvez por acreditar que estava sujeito a sofrer outro acidente se me descuidasse dele. Sorria entusiasticamente e cairia num buraco aberto no chão. Seria atingido por um piano em queda, emergindo dos destroços com a boca cheia de teclas em vez de dentes. Odiava pensar que, com a aproximação da meia-idade, estava a transformar-me numa mulher protectora. Odiava pensar que estava a desenvolver um fraco por homens apalermados, ineficientes, carentes de atenção e cuidados. Antes de perder a paciência, a minha mãe também cuidou do meu pai.

Embora não tivesse tocado em Bobby, não podia negar o seu encanto desgrehado de cavalinho perdido. Bobby tinha mãos grandes, quadradas, e uma cara franca e inexpressiva como uma pá. Se não fossem aqueles olhos, a sua inocência seria demasiado lunar para poder ser tocada. Eram os olhos que sobressaíam. Imaginem uma acolhedora casinha nos subúrbios, com um anão de gesso no relvado e petúnias nos canteiros das janelas. Depois imaginem uma figura antiga e pavorosamente triste a olhar para a rua através de uma das janelas do andar de cima. A cara de Bobby era assim. Era isso que o definia.

Contudo, limitei-me a reparar nele. Ultimamente era importunada pelo desejo do mesmo modo que um cavalo é importunado por moscas. Era uma irritação menor, se bem que persistente. Podia ser afugentada com um piparote.

Talvez tenha sido o dinheiro que me embaraçou os movimentos. A minha família tinha dinheiro; o lado da minha mãe. Não era dinheiro aristocrático, do Velho Mundo - o meu avô materno tinha feito uma fortuna no ramo das jóias de fantasia. Construiu a terceira maior casa de Providence. Mudou o nome de Stein para Stone, mandou a minha mãe para Wellesley. É a história do costume. O rei das imitações procura legitimar-se através do progresso dos seus descendentes. O avô ofereceu à filha uma educação esmerada, abriu uma conta para mim antes de eu nascer. De acordo com os seus planos, o sangue purificar-se-ia por meio de uma sólida

exposição ao dinheiro e os seus bisnetos seriam verdadeiros aristocratas, cheios de compostura e de confiança no seu próprio valor. Morreu quando eu tinha dez anos. Mas eu conhecia o futuro que ele imaginara.

No relvado da casa, um veado de ferro forjado erguia as hastes rígidas. Nos lavatórios das casas de banho, peixinhos banhados a ouro vomitavam água.

Contudo, o desejo frustrou-lhe os planos. A minha mãe não se interessou pelos rapazes que conheceu nas festas de Wellesley, ou estes não se interessaram por ela. Tinha feições austeras e os modos sombrios, reservados, de um joalheiro. Não gostava de namoriscar. Acalentava paixões operáticas, ou julgava que sim, e não se interessava por pequenas experiências tímidas. Se tivesse vivido cem anos antes seria considerada uma boa mulher. Em Wellesley, nos anos 40, só podia ser vista como uma chata. Atravessou num transe descontente os quatro anos de estudos e depois casou com o meu pai, que afirmava trabalhar «em vendas» e que tinha personalidade que chegasse para os dois. Foi a única aventura da minha mãe. Ela nunca mais desejou outra.

Não sei se o meu pai casou com ela por dinheiro. Não me parece que tenha sido tão simples quanto isso. O meu pai era um sedutor. Aborrecia-se com facilidade. A minha mãe deve ter-lhe parecido um desafio interessante, uma mulher que nunca forçava o riso, que não fazia concessões em prol das amabilidades sociais e que tinha sido aceite por todas as faculdades de Direito a que concorrera. O meu pai era um homem bonito e frívolo. Talvez julgasse que a minha mãe o conhecia melhor que ninguém e que podia redimi-lo por meio dos seus sisudos poderes de análise. Talvez planeasse mudá-la a ela, tornando-a mais aberta e tolerante.

Na minha juventude só tive relações com pessoas determinadas, possessivas. Denny, o meu marido, dançava seis horas por dia, mas não deixava de se considerar um diletante e desprezava-se por isso. A minha amante, Helene, tinha opiniões firmes sobre tudo, desde os direitos das mulheres à lavagem dos espinafres. Quanto a mim, custava-me até decidir se devia ou não usar um chapéu. Aos vinte anos via-me como uma criatura sem essência, vazia; se me tirassem a aparência, os hábitos e meia dúzia de ideias firmes, restaria um espaço em branco no lugar da alma. Parecia ser o meu pior segredo. Oferecia aos amantes a minha boa vontade e idiossincrasias - não parecia possuir mais nada. Mostrei-me doce e flexível com pessoas que acabaram por me expulsar das suas vidas devido a uma

qualquer indeterminada ofensa minha.

Pessoas que afirmavam morrer se eu as abandonasse e depois me esbofeteavam em fúria por ter comprado a marca de cerveja errada. Depois do divórcio passei de amante em amante, julgando a cada passo que não voltaria a cometer os mesmos erros. O amante seguinte teria sentido de humor. O amante seguinte não consumiria drogas. O amante seguinte seria uma mulher, ou um homem negro, ou um magnate dos computadores apaixonado pelo trabalho.

A partir dos trinta anos comecei a desistir do amor. Comecei a viver como uma criança, uma hora depois da outra, enquanto as mulheres da minha idade assistiam aos recitais e peças escolares dos filhos. Não era difícil deixar-me arrastar. Tinha uma ocupação pateta e uma herança choruda à minha espera quando completasse quarenta anos. Tinha amigos com quem sair à noite, companhia para um café ou uma ida ao cinema. O tempo corria agradavelmente. E agora - repentinamente - as empregadas das lojas chamavam-me «minha senhora». Os rapazes já não levantavam os olhos, automaticamente, quando passava por eles na rua; os seus radares já não registavam a minha presença.

Até certo ponto, a maneira como estava a envelhecer agradava-me. Tinha inventado a minha própria vida. Não era uma cerimoniosa mulher de carreira a viver com dois gatos numa casa cheia de mapas antigos. Não era uma alcoólica alternando entre bebedeiras e ressacas. Orgulhava-me disso. Contudo, esperara chegar aos trinta e seis anos com um mais geral sentido de orgulho em mim própria. Esperara poder dizer, a quem mo perguntasse, o que andava eu a fazer no mundo.

## BOBBY

Foi o princípio da minha segunda nova vida, numa cidade que tinha um ritmo próprio, uma órbita mais agitada dentro da calma rotação azul e verde da terra. Nova Iorque não acolhia o desalento que costuma vagar por lugares menos importantes. Ali, as pessoas desrespeitavam os semáforos.

Passavam à frente dos carros, praguejando.

Não encontrei um novo emprego imediatamente. Confesso que não me esforcei muito. Jonathan passava a maior parte do tempo no jornal. Por vezes só voltava depois da meia-noite. Dizia que a popularidade do jornal era uma catástrofe natural, um vulcão em erupção permanente que não permitia a reconstrução da aldeia. Os tipógrafos reviam os artigos, a recepcionista processava textos com seis chamadas em espera e três anunciantes a olharem para o relógio na nova sala de recepção, toda branca. Além da coluna semanal, Jonathan coordenava as páginas do entretenimento e escrevia críticas a filmes que não tinha visto, sob pseudónimo. Havia manhãs em que se limitava a beber apressadamente duas chávenas de café; saía porta fora e só regressava dezasseis horas depois.

Clare tinha uma vida mais fácil. Era uma dessas pessoas que têm mais dinheiro do que seria lógico, dado aquilo que fazem. Mas eu não fazia perguntas. Gostava da companhia dela.

Levantava-me sempre ao mesmo tempo que Jonathan. Fazia o café enquanto ele tomava duche. Falávamos e ouvíamos música enquanto ele se vestia de preto. Quando estava pronto beijava-me no rosto. Se Clare já estivesse acordada a essa hora, beijava-a também. «Adeus, meus amores», dizia ele. E desaparecia, com metade de um bolo na mão.

Depois da partida de Jonathan, a manhã assumia um ritmo mais tranquilo. A sua existência doméstica, diurna. Clare e eu sentávamo-nos à mesa da sala a beber café. Líamos a secção de classificados dos jornais. Às vezes Clare repintava as unhas com um verniz diferente. Às vezes víamos um concurso na televisão.

Clare saía para trabalhar às onze menos um quarto. Eu arrumava a casa, comprava as coisas para o jantar. Ia à loja de discos todos os dias. Não comprava nada. Ficava a ouvir a música que a gerência escolhia como pano de fundo para as compras. Via as pessoas a tentarem decidir o que comprar.

Clare chegava a casa às sete. Eu tinha sempre o jantar pronto. Jonathan comia fora todas as noites para poder escrever a coluna semanal.

Anteriormente Clare costumava jantar com ele, mas estava feliz por deixar de comer a mesma coisa todas as semanas. Às vezes Clare saía com os amigos dela depois do jantar; outras vezes ficava em casa comigo, a ouvir música e a ver televisão. Disse-me que sair à noite começava a parecer-lhe mais um emprego do que o seu próprio trabalho. Nas noites em que ficava

em casa fazíamos pipocas e bebíamos Diet Coke. Por vezes ela repintava as unhas pela segunda vez nesse dia. E, numa noite de quarta-feira em Junho, decidiu renovar o meu visual.

Começou por um corte de cabelo. Jonathan estava no jornal e nós tínhamos ido ao cinema. Clare levava-me a ver AU About Eve, chocada por eu não conhecer o filme. Era uma velha fita a preto e branco. Na sala de cinema, um rato corria por entre os nossos pés, lépido e penugento como um mau instinto.

Depois do cinema regressámos a casa e sentámo-nos entre as cores da sala de estar. Eu levantei-me para pôr a cassette do Van Morrison a tocar.

- Já ouviste Steve Reich? - perguntou ela. Disse-lhe que não. Disse-lhe que tinha estado a viver fora da zona da música, agarrando o que quer que os ventos empurrassem na minha direcção. - Vou pôr a cassette dele - disse ela. E pôs.

A música de Steve Reich era uma espécie de pulsação, com variações mínimas. Era o tipo de música electrónica que não recorre a instrumentos, que parece feita de interlúdios congelados de vibrações atmosféricas. Steve Reich era como alguém a gaguejar serenamente, sem conseguir acabar a primeira palavra e sem se importar muito com isso. Era preciso um certo esforço para entendermos o que pretendia, mas depois a beleza simples da música, a sua tranquila e sedutora uniformidade, tornava-se aparente. Fazia-me pensar na minha vida em Cleveland, nas pequenas variações sobre o luxo antigo da repetição.

Por essa altura Clare conhecia-me suficientemente bem para permanecer calada. Não se pôs a falar sobre coisas díspares durante a música, tal como não o faria durante um filme como Au About Eve.

- Uau - disse eu quando a cassette chegou ao fim.

- Bem me parecia que ias gostar.

- Oh, sim. É excelente. É como, sabes...

Tentei concluir a frase com um gesto que exprimisse mais ou menos a forma da música. Não sei se ela compreendeu o que estava a tentar dizer-lhe.

Clare acenou com a cabeça.

- Bobby - chamou.

- Sim?

- Nada. És mesmo um fanático, não és? - Encolhi os ombros. Não sabia de que modo o meu fanatismo se enquadrava na sua visão do mundo. Não

sabia se devia confirmar ou negar a afirmação. Olhei para as cores do tapete entre os meus pés. - Sabes o que eu acho?- perguntou-me. - Posso ser absolutamente franca contigo?

- Podes - respondi, curioso a propósito daquela absoluta franqueza e temendo-a com toda a minha alma.

- Acho que precisas de um novo corte de cabelo, é isso que eu acho.

Enfim, tratava-se de uma simples questão exterior, de uma questão de cosmética, e não de uma qualquer insuficiência pessoal.

- A sério? - perguntei.

- Quer dizer, a embalagem deve ser fiel ao conteúdo, não achas? Para ser totalmente franca, acho que o teu aspecto não condiz contigo. E se andares por aí com o aspecto de alguém que não és, podes acabar por arranjar o emprego errado, os amigos errados, e sabe Deus o que mais. Podes dar por ti a viver a vida de outra pessoa. - Voltei a encolher os ombros. Sorri-lhe.

- Esta é a minha vida - disse eu. - Não me parece que seja a vida errada.

- Mas é só o princípio. Não vais passar o resto da tua vida neste apartamento, a cozinhar e a limpar o pó.

- Pois não - concordei, se bem que, no fundo, tivesse mais ou menos planeado fazer precisamente isso.

- E, querido, esse corte estilo Bee Gees só pode induzir as pessoas em erro. Percebes o que eu quero dizer?

- Percebo. Está bem. Talvez amanhã vá a um barbeiro.

Senti um arrepio no estômago. Precisaria de pintar o cabelo como um palhaço para viver em Nova Iorque? Se o fizesse, não voltaria a encaixar em Cleveland, nem na casa do Arizona de Ned e Alice. Perderia as minhas alternativas de segurança.

- Eu posso tratar do assunto - disse ela. - De borla.

- A sério?

Pela gargalhada de Clare compreendi até que ponto a minha voz soara hesitante.

- Podes não acreditar, mas eu fiz um curso de cabeleireira - disse ela. - Ainda tenho as minhas tesouras e posso dar-te um novo visual imediatamente. Que te parece?

Hesitei. E depois decidi. Era apenas cabelo. Podia deixá-lo crescer outra vez e regressar ao meu emprego em Ohio; não perderia necessariamente o fio da minha antiga vida.

- Está bem - aceitei. - Vamos a isso.

Clare mandou-me despir a camisa. Foi o primeiro embaraço. Eu não estava em grande forma. Tinha exactamente o aspecto de alguém que trabalhara numa padaria. Mas Clare assumira já os modos concentrados de uma cabeleireira e não desviou os olhos da minha cabeça. Em tom firme e profissional, mandou-me molhar o cabelo no lava-loiças. Depois pousou-me uma toalha nos ombros e fez-me sentar numa cadeira, no meio da sala de estar.

- O barbeiro onde costumava ir limitava-se a aparar um pouco as pontas - disse eu.

- Bem, eu estava a pensar numa intervenção cirúrgica mais radical. Confias em mim?

- Não - respondi, antes que o impulso para dizer mentiras lisonjeiras pudesse dar sinal de si.

Clare riu-se.

- Bem, por que havias de confiar? Mas tenta relaxar, está bem? Deixa a mamã tratar de tudo.

- Está bem - disse eu. Tentei parar de me preocupar com o assunto. Clare começou o trabalho e eu lembrei a mim próprio que a vida é feita de mudanças que escapam ao nosso controlo. Era boa prática permitir que as pequenas alterações acontecessem. A tesoura retinia junto ao meu ouvido. Madeixas húmidas de cabelo, surpreendentemente inertes e soltas, caíam no chão à minha volta.

- Continua até ao fim, está bem? - disse eu. - Quer dizer, não vou olhar até teres acabado.

- Perfeito. - Interrompeu o trabalho por uns instantes e trocou a cassete de Steve Reich pela de Van Morrison, para me acalmar.

O corte demorou quase quarenta e cinco minutos. Eu sentia o calor e o ténue perfume a jasmim de Clare, os seus dedos rápidos e competentes na minha cabeça. A respiração dela fazia-me cócegas. Agora que tinha começado, desejava que o corte de cabelo se prolongasse pela noite inteira - desejava não ver o fim à minha transformação e permanecer ali sentado, sem camisa, entre os montículos crescentes de cabelos cortados, com o crepitar da perfumada presença de Clare pairando sobre mim.

E então, finalmente, Clare terminou.

- Voilà - exclamou com um profundo suspiro e um derradeiro golpe de tesoura. - Anda à casa de banho ver o resultado.



Deixei-me conduzir por ela, se bem que conhecesse o caminho. Queria permanecer um pouco mais naquela atmosfera de cooperação íntima, sem controlo sobre o estado do meu cabelo e do meu futuro. Clare abriu a porta da casa de banho, colocou-me em frente ao espelho e ligou a lâmpada.

- Ta-da - anunciou. E ali estava eu, pestanejando sob a luz. Tinha-me feito um corte à avião. Nos lados, o cabelo estava tão

curto que se via o brilho do escalpe; em cima havia uma plataforma de cabelo hirsuto. Ao ver a minha própria cara sob o novo corte de cabelo tive, pela primeira vez, uma ideia clara sobre o meu aspecto visto do exterior. As minhas orelhas eram pequenas, curvas.

Tinha olhos estreitos e brilhantes e um nariz grande que se dividia na ponta, como dois pequenos narizes. Estas feições sempre me tinham parecido inevitáveis. Agora percebia como me eram próprias. A olhar para aquele rosto sob a luz intensa, contra um fundo de azulejos brancos, eu podia ser alguém chamado para identificar o cadáver de um parente. Se somos de facto espíritos que levantam voo depois da morte, é talvez assim que olhamos para o corpo vazio - com o mesmo interesse e horror com que observamos a vítima de um acidente.

- Uau - exclamei.

- Estás lindo - disse Clare. - Mas vais precisar de algum tempo para te habituares à mudança. Bem sei que é um choque a princípio. Mas confia em mim. Vais começar a fazer parar o trânsito por estas bandas.

Eu não parava de fitar o rosto no espelho. Se aquele era o verdadeiro Bobby, eu não sabia o que fazer com ele. Era como se Clare me tivesse levado a uma cabina telefónica e me mandasse ligar para Júpiter.

Clare decidiu que tínhamos de esperar por Jonathan para lhe mostrarmos o novo eu. A ideia não me agradava particularmente. Sentir-me demasiado tolo a exhibir a minha vaidade, a minha vontade de mudar de aspecto. Mesmo assim, concordei. Como já disse, Clare tinha um efeito musical sobre mim. Entranhava-se-me no cérebro. Dava por mim não só a fazer aquilo que ela queria, como a perder a capacidade para distinguir entre os meus desejos e os dela.

Enquanto esperávamos por Jonathan fizemos o que começava a tornar-se habitual. Comemos pipocas e bebemos Diet Coke. Voltámos a ouvir Steve Reich e vimos um episódio repetido de Mary Tyler Moore. Descobri que o meu novo penteado não afectava a forma como me sentava, nem interferia nos meus velhos e incertos pensamentos. Sentia-me aliviado e

desiludido.

Jonathan regressou a casa depois da uma da manhã. Quando ouvimos a chave na porta, Clare mandou-me esconder na cozinha.

- Vou ficar aqui sentada com um ar muito normal - sussurrou ela. - Vou tentar retê-lo na sala. Ao fim de uns momentos, tu entras como se nada fosse.

Senti relutância em obedecer-lhe. Em evidenciar o meu interesse pelo novo visual. Mas Clare era demasiado alta e garrida para mim.

Lembrei-me difusamente de uma festa de anos onde um velhote de nariz vermelho e peruca cor de alface extraía moedas das minhas orelhas e um ramo de flores de papel da minha camisa. Sim, tinha fingido surpresa e delícia, se bem que me sentisse ligeiramente humilhado.

Dirigi-me à cozinha escura enquanto Jonathan entrava no apartamento. Ouvei o ronco porcino das dobradiças e a conversa habitual com Clare.

- Olá, querido.
- Olá, amor.
- Como correu o dia?
- Catastroficamente. O costume.

Soavam mais como marido e mulher do que qualquer casal que eu jamais conhecesse. Compreendi de que modo o bebé poderia parecer-lhes o mais lógico passo seguinte.

Fiquei a ouvi-los falar. A luz ténue do poço de ventilação entrava pela janela como nevoeiro. Pousados na banca, os frascos de ervas de Clare emitiam um brilho fosco. Tinham rótulos onde ela escrevera os nomes das ervas na sua caligrafia pontiaguda e apertada: foolscap, anis-estrelado, urtiga.

- Onde está o Bobby? - ouvi Jonathan perguntar.
- Oh, anda por aí - respondeu Clare.

Devia ser a minha deixa. Era o momento de entrar na sala como se nada de anormal tivesse acontecido. Contudo, aquilo que fiz foi continuar na cozinha. Fui distraído pela semiobscuridade, o zumbido do frigorífico e os frascos de ervas destinadas a curar dores de cabeça, insónias e má sorte. Eu era como um cadáver emparedado, escutando as conversas corriqueiras dos vivos. Ocorreu-me que a morte podia ser uma forma mais remota de participação na história contínua do mundo. A morte podia ser assim, uma presença e ausência simultâneas, enquanto os nossos amigos continuavam a conversar entre candeeiros e peças de mobiliário sobre alguém que já não

éramos. Pela primeira vez desde há muitos anos senti a presença do meu irmão. Senti-a, inconfundível - o propósito e particularidades de Carlton, uma qualidade que persistira após o desaparecimento da voz, da carne e de todas as outras consequências corporais. Senti-o naquela cozinha tão seguramente como o sentira numa tarde fria e branca no cemitério, há muitos anos, na época em que um alegre futuro rebrilhava ainda para lá das lápides, para lá da curva da terra. «Ele está aqui», disse para comigo, e soube que era verdade. Tinha adquirido o hábito de não pensar nele; de lidar comigo próprio como se tivesse nascido na casa de Ned e Alice depois da morte do meu pai. Agora pensava neles todos, mortos, em Cleveland. Nesse momento as campas deles deviam estar cobertas de margaridas e dentes-de-leão. A minha harmónica, que eu metera no bolso do casaco de Carlton, na casa funerária, devia ter escorregado através das costelas e tombado sobre as tábuas do caixão. Estava a viver não só o meu próprio futuro como também o futuro perdido do meu irmão. Representava-o aqui na terra, tal como ele me representava nesse outro, insondável, lugar. A passagem de Carlton da vida para a morte podia assemelhar-se à minha entrada na cozinha - no seu zunido nebuloso, na sua suave qualidade de lugar nenhum. Respirei o ar sombrio. Se eu podia sentir nesse momento uma espécie de morte serena e benévola, enquanto o meu coração pulsava e o ar me penetrava os pulmões, Carlton, nas profundezas da morte, poderia ter um similar sentido de vida. Lá fora, no poço de ventilação, havia uma corda com roupa a secar. Vi mangas vazias a balouçar. Percebi que podia perseguir uma vida e um futuro surpreendentes se me permitisse ser não apenas eu próprio, como também Carlton. Podia alentá-lo no seu outro mundo se tivesse a força, aqui na terra, para ser eu e ele ao mesmo tempo. Continuei parado no escuro enquanto Clare, da sala, me lançava deixo atrás de deixo. Olhei para uma camisa branca a balouçar suavemente, a seis andares do chão.

Finalmente Clare veio procurar-me. Perguntou-me se estava bem e eu respondi-lhe que sim. Que estava óptimo. Quando me perguntou o que se estava a passar, gesticulei incompetentemente na direcção da roupa a secar. Ela soltou uma gargalhada abafada, convencida de que eu sofrera apenas de um ataque de timidez, e puxou-me pela mão para a sala.

Jonathan gritou ao ver o meu cabelo. Disse que o novo corte me dava um aspecto perigoso.

- Um Bobby para os anos 80 - anunciou Clare, com orgulho, e eu não a

desdisse. Embora Jonathan estivesse exausto, decidimos levar o meu novo visual a passear pela Village. Bebemos um copo num bar gay, em St. Marks, e dançámos os três juntos. Era como se tivesse atravessado um vidro para alcançar a festa, depois de ter passado anos num cemitério, convencido de que estava vivo. Quando nos cansámos de dançar convenci-os a caminhar até ao molhe do Hudson para ver a grande chávina de néon derramando a sua gota de café. Depois disso Clare e Jonathan apanharam um táxi para casa e eu continuei a andar. Percorri a cidade inteira. Fui até Battery Park e vi a Liberdade erguendo o archote sobre o porto. Passei pelas filas de carruagens que aguardavam junto ao Plaza, esperançadas, a chegada de bêbados extravagantes e românticos. Estava na Quinta Avenida quando o céu começou a clarear. A carrinha de um padeiro passou devagarinho, com o condutor a cantar o «Crazy» da Patsy Cline em voz alta e desafinada, e eu acompanhei-o ao longo de meio quarteirão. Suponho que foi o corte de cabelo que motivou tudo aquilo; que estilhaçou a ordem comum das coisas e me revelou as possibilidades que sempre tinham existido, escondidas entre os desenhos do papel de parede. Noutros tempos costumávamos tomar ácido mais ou menos pela mesma razão.

Depois disso, mudar tornou-se fácil. Já não havia necessidade de continuar casado com a vida de todos os dias. Clare fez da minha mudança um hobby. Levou-me às lojas de roupa usada da Primeira Avenida, onde conhecia todas as empregadas e metade dos clientes. Quando fazia compras, Clare tinha a concentração de uma mãe águia a pescar trutas. Mergulhava sobre uma caixa de cartão cheia de trapos de poliéster - peças da Woolworth, cheias de nódoas, que já em novas tinham sido tristes e imprestáveis - e emergia com uma camisa de seda estampada com peixes amarelos eléctricos. Tinha um temperamento enérgico, mas necrófago; sabíamos pela expressão dos olhos dela que as coisas que procurava emitiam um brilho ténue, invisível para os outros. Deixei-a escolher à vontade e, ao fim de duas semanas, tinha um guarda-roupa novo e barato inteiramente constituído por peças velhas. Tinha umas calças largas dos anos 40 e camisas de seda artificial em tons de cimento e tabaco. Tinha calças de ganga pretas, um blusão de cabedal e um casaco desportivo negro de ombros quadrados, aleatoriamente atravessado por fios cinzentos. Tinha até calçado em segunda mão: sapatos castanhos de cabedal picotado, botas da tropa e um par de sapatilhas pretas salpicadas de tinta. E também tinha um brinco. Clare arrastou-me para uma joalharia de Eighth Street e, antes

que alguém pudesse dizer a palavra «mudança», um homem oriundo do Médio Oriente espetou-me um grampo de prata no lóbulo da orelha com uma pistola hidráulica. Não foi mais doloroso que a picada de um moscardo. Clare disse que me faria um brinco perfeito. O homem do Médio Oriente sorriu. Os dentes dele pareciam ter sido insculpidos num único pedaço de madeira.

Nessa época surpreendia-me a mim próprio sempre que me via reflectido no vidro de uma montra. Não parecia ser eu, mas o meu gémeo mau, chegado de um lugar mais perverso para infernizar a vida dos cidadãos honestos e trabalhadores. O homem cujo rosto via agora reflectido sobre os artigos das lojas jamais teria escrito a palavra «Parabéns» em dez mil bolos de aniversário. Jamais se teria contentado em viver num quarto com vista para o quintal dos vizinhos.

Clare apresentou-me aos amigos dela: Oshiko, o estilista de chapéus cínico; Ronnie, o pintor excitável que só abria a boca para dizer parágrafos inteiros; Stephen Cooper, que tinha um negócio de importação de marijuana e planeava comprar uma joalharia em Provincetown para poder dedicar mais tempo ao misticismo. Estas pessoas eram como filmes projectados à minha volta - via-as e ouvia-as tão esquecido de mim próprio como no cinema. Os amigos de Clare gostavam de ser as personagens que tinham inventado e não dependiam de mim para animar as conversas. Deixava-me arrastar. Sentado ou de pé, nas minhas novas roupas, via as coisas a acontecer. Se viesse a ter alguma reputação local seria a do mistério e total impassibilidade. Compreendi que os nova-iorquinos - pelo menos aqueles que Clare conhecia - valorizavam o silêncio nos outros. Ao fim e ao cabo, os seus dias e noites já estavam cheios de ruído. Os amigos de Clare pareciam dispostos a atribuir o meu silêncio a uma sabedoria interior, quando, na verdade, me limitava a observar e a não pensar em nada. De vez em quando fazia uma pergunta ou respondia a outra. Usava o brinco que Clare fizera para mim, uma argola de arame com uma lágrima de prata, um círculo de metal enferrujado e um pequeno cavalo alado de prata. Por vezes Clare perguntava-me, com algum nervosismo, se estava a divertir-me, e eu dizia-lhe sempre que sim. E era sempre verdade. Ir àqueles sítios - bares barulhentos de porta aberta, festas em sótãos brancos e vazios como os Himalaias - fazia-me pura e simplesmente feliz.

Tinha passado anos a fio num cemitério; e agora estava na festa. E, no meio de toda aquela vida, permanecia silencioso como um fantasma. Uma

rapariga bonita, de pele branca-azulada como o leite desnatado, passeava-se serenamente por entre os dançarinos com uma cobra gorda e malhada enrolada em torno da cintura. Encostados a um canto, dois rapazes de vestidos axadrezados e expressões graves davam as mãos, como se guardassem a entrada para um mundo mais austero e difícil.

Mas melhor que tudo eram as noites em que Jonathan se libertava do trabalho mais cedo e podíamos sair juntos. Por vezes saíamos só os dois, outras vezes Clare juntava-se a nós. íamos ao cinema e a seguir bebíamos um copo num dos bares de que gostávamos. Os amigos de Clare estavam mais interessados em dar às suas vidas uma qualidade fabulosa, turbulenta. Dedicavam-se ao movimento e precisavam de conhecer, a cada momento, os sítios certos, a festa dentro da festa. Eu conseguia compreender esse tipo de urgência. Mas Jonathan, Clare e eu preferíamos os bares mais antigos, aqueles que se tinham afundado sob o peso dos dias. A Village estava cheia deles nessa época, tal como hoje. Mergulhavam numa obscuridade bafienta, cor de cerveja. Serviam batatas fritas e amendoins. Os clientes - alcoólicos sossegados que acreditavam que o mundo ia de mal a pior e nunca armavam banzé - sentavam-se nos bancos ao balcão, direitos como galinhas no poleiro. Nós sentávamo-nos sempre nas mesas do fundo.

A partir de certa altura adoptámos a alcunha colectiva de Hendersons. Não me lembro ao certo de como começou essa mania - fazia parte de uma piada dita por Clare ou Jonathan e acabou por pegar. Os Hendersons eram uma família de gostos simples e expectativas modestas. Gostavam de ir ao cinema e de ver televisão. Gostavam de beber cerveja em barzinhos reles. Chamávamos às nossas saídas «Uma Noite com os Hendersons». Clare assumia a identidade da Mãezinha, eu era o Júnior e Jonathan o Tio Jonny. A história foi ganhando novos pormenores com o passar do tempo. A Mãezinha era quem mandava. Queria que nos portássemos bem e que nos sentássemos direitos nas cadeiras, fazia estalar a língua de modo reprovador sempre que um de nós dizia um palavrão. O Júnior era uma presença bem intencionada e indecisa, uma espécie de escuteiro simplório que podia ser persuadido a fazer fosse o que fosse. O Tio Jonny era a má influência. Tinha de ser vigiado.

- Júnior - dizia a Clare -, não te sentes demasiado perto do Tio Jonny. E ele não precisa de ir à casa de banho contigo, já tens idade suficiente para te desenrascares sozinho.

Vestíamos e despíamos as personagens. Era a história para onde nos

deixávamos arrastar sempre que perdíamos interesse pela nossa própria história, mais verdadeira e complicada. Às vezes, antes de sair para o trabalho, Jonathan dizia:

- Esta noite devo conseguir pirar-me a uma hora decente, será que os Hendersons estão interessados em ir ver um filme do Fassbinder?

Clare e eu concordávamos quase sempre, já que tínhamos vidas menos ocupadas. Preferíamos uma noite com os Hendersons a todas as outras distrações. Por vezes, quando estava a sós com Clare, ela dizia qualquer coisa na sua voz de mãezinha, uma versão mais aguda da sua verdadeira voz, com um quê de sotaque britânico. Mas, na ausência de Jonathan, os Hendersons não funcionavam. Sem o tio malvado éramos demasiado simples - apenas a mãezinha mandona e o rapaz que obedecia a todas as ordens. Precisávamos das três pontas do triângulo. Precisávamos de modos brandos, de perversidade e da voz da razão.

Arranjei emprego, um empregozinho insignificante como ajudante de cozinha num bar de omeletes no SoHo. Dizia às pessoas, e às vezes a mim próprio, que tencionava aprender o negócio dos restaurantes a partir da base, para que um dia pudesse voltar a ter um negócio meu. Mas não acreditava realmente nessa ambição. Só conseguia habitá-la durante alguns minutos de cada vez, concentrando-me nos pormenores: o futuro Bobby debruçado sobre o carrinho das sobremesas ou fazendo correr os dedos por um balcão de mogno luzidio e próspero como o flanco de uma égua prenha. Conseguia desejar esse futuro. Conseguia trazer esse ardor à superfície da pele. Mas, assim que me desconcentrava, regressava à minha vida presente, em Nova Iorque, com Clare e Jonathan, num emprego vulgar. Sentia-me plenamente satisfeito por passar os meus dias com o lavador de pratos mexicano na cozinha gordurenta do bar, cortando cogumelos e ralando queijo. Esse continuava a ser o meu embaraçoso segredo.

Numa noite quente de Agosto tomei um duche e entrei nu no quarto, convencido de que estava sozinho em casa.

Clare recebera a visita de um amigo de fora e andava a mostrar-lhe a cidade, e, tanto quanto sabia, Jonathan estava no jornal. O céu negro suspendia-se espesso e pesado como fumo, os mendigos deixavam silhuetas de suor nos passeios onde se deitavam. Entrei no quarto a cantar «Respect», salpicado de gotas de água, e encontrei Jonathan sentado no chão a descalçar os ténis.

- Olá - cumprimentou.

- Oh, olá. Pensei que estivesses no trabalho.

- O ar condicionado avariou-se e decidimos sair mais cedo. Se não houver jornal esta semana, tanto pior. Há certos limites, mesmo no jornalismo.

- Pois. - Fiquei especado, embaraçado, a dois passos da porta. Não sabia o que fazer com as mãos. Nenhum de nós tinha o hábito de se passear nu pela casa. Nunca o fazíamos. Senti a própria grandeza do meu corpo aquecer o ar. Se bem que Jonathan estivesse a olhar para mim com uma amigável expressão de interesse, só conseguia pensar no aspecto que teria aos olhos dele. Antigamente, quando éramos miúdos, mais nervosos que extáticos nas mãos um do outro, eu costumava ter orgulho no meu corpo. Tinha um peito chato, quadrado. A pele da barriga esticava-se sobre três quadrados de músculo. Agora transportava oito quilos a mais. Tinha desenvolvido uma versão precoce do corpo do meu pai - um tronco em forma de barril equilibrado sobre pernas magras. Fiquei ali de pé na minha carne peluda, virginal, soltando vapor de água para o ar.

- Estiveste a tomar um duche? - perguntou.

- Estive.

- Parece ser a diferença entre a vida e a morte. - Jonathan descalçou as meias e despiu a T-shirt preta. Desabotoou as calças pretas e deixou-as cair, dizendo-me que a redacção decidira desistir no momento em que a rosa da recepcionista inclinara a cabeça e deixara cair as pétalas.

- Como um canário numa mina de carvão - disse ele. Despiu-se completamente. Não o via nu desde que tínhamos dezasseis anos, mas o corpo dele era tal qual eu me lembrava. Magro e praticamente sem pêlos, sem músculos - o corpo de um rapazinho. Não tinha desenvolvido novos postos avançados de pilosidade ou gordura. Não tinha assumido a heróica forma em V de uma vida mais disciplinada. A pele de Jonathan era fresca e firme como massa lêveda.

Os mamilos rosados erguiam-se inocentemente sobre a curva pálida do peito. A única diferença era a pequena tatuagem no ombro, um dragão vermelho de corpo de serpente e expressão desconfiada. Jonathan sorriu, ligeiramente embaraçado, mas sem medo. Pensei em Carlton, o rapaz nu no cemitério sob um céu azul e duro. - Vou abrir a torneira da água fria no máximo - disse ele. - E aposto que mesmo assim a água me vai parecer tépida.

- Pois vai.



Nu, atravessou o corredor em direcção à casa de banho. Segui-o. Podia ter ficado no quarto e vestido a roupa, mas não o fiz. Sentei-me na tampa da sanita e conversámos enquanto ele tomava duche.

Depois fomos para a sala. Por essa altura a nossa nudez tinha perdido o interesse e o seu quê de incongruência, convertendo-se numa nova espécie de roupa.

- O problema deste lugar é que não há ventilação cruzada - explicou Jonathan. - Achas que estará mais fresco no terraço do prédio? - Disse-lhe que era provável. Jonathan pediu-me para esperar um pouco e foi à casa de banho buscar duas toalhas. - Toma - ofereceu, estendendo-me uma delas. - Por uma questão de decência, no caso de encontrarmos alguém.

- Queres ir lá para cima nesta figura?

- Já se fizeram coisas piores em casos de menor gravidade. Anda daí. - Tirou uma cuvette de gelo do congelador. Enrolámos as toalhas em torno da cintura e atravessámos o átrio descalços. O prédio estava tranquilo. Ventoinhas eléctricas zumbiam por detrás das portas fechadas e o som abafado de música latina pairava sobre as escadas. - Chiu - fez ele. Caminhou com exagerado cuidado pelas escadas que conduziam ao terraço, segurando a cuvette azul, que pingava. Segui-o de perto. Rodeado pelo frenesim eléctrico da cidade, o terraço era negro e vazio, revestido a alcatrão. Soprava um vento quente que arrastava um cheiro a lixo tão pútrido que se tornara adocicado. - É melhor que nada - comentou Jonathan. - Pelo menos o ar move-se.

Havia qualquer coisa de onírico no facto de estarmos ali de pé, quase nus, no meio de tudo. Sentia excitação e um medo titilante, agradável.

- Está-se bem aqui - disse eu. - É a modos que bonito.

- De certa forma - respondeu Jonathan. Tirou a toalha e estendeu-a no chão. No escuro, a pele dele era cinzenta como o gelo.

- As pessoas vêem-nos. - A dois quarteirões de distância, um arranha-céus resplandecia como uma cidade em si mesmo.

- Se nos deitarmos, não - respondeu ele. - Está bastante escuro. E, no fim de contas, que interessa se nos virem?

Deitou-se sobre a toalha, como se estivesse na praia. Estendi a minha toalha ao lado da dele. O ar que soprava de Third Street, cheio de buzinas de carros e de música hispânica, tocou-me as partes expostas.

Jonathan estendeu-me um cubo de gelo.

- Esfrega-o no corpo - disse ele. - Não é grande coisa, mas é tudo o que

temos.

Ficámos deitados lado a lado, passando o gelo pela pele suada. Ao fim de algum tempo Jonathan debruçou-se sobre mim e esfregou-me o cubo de gelo na barriga.

- Enquanto a Mãezinha não chega - disse ele -, deixa que o Tio Jonny tome conta de ti.

- Está bem - concordei. Passei o meu cubo de gelo pelo corpo dele, sem mais comentários sobre o assunto. Falámos sobre trabalho, música e Clare, sem deixarmos de esfregar cubos de gelo no corpo um do outro. Havia uma certa sugestão a sexo no ar, mas não o fizemos. O nosso amor era mais doce, mais fraternal. Era uma dedicação ao conforto um do outro, uma profunda familiaridade com as imperfeições dos nossos corpos. Quando um cubo derretia, pegávamos noutro. Jonathan refrescou-me as costas e eu retribuí-lhe a atenção. Sentia o nascimento de uma nova possibilidade a cada instante, enquanto gastávamos o que restava do gelo e dizíamos tudo o que nos passava pela cabeça. Algumas estrelas pálidas tinham surgido no céu abrasador, negro-azulado.

## CLARE

Desde os meus doze anos que sonhava ter um bebé. Mas não comecei a pensar a sério em ser mãe antes dos trinta e muitos. Jonathan e eu trocávamos piadas sobre o assunto - era o nosso método de namoro. Tínhamos sempre um qualquer projecto em curso. Era assim que descarregávamos a tensão emocional acumulada. É estranho que duas pessoas se amem sem a possibilidade de sexo. Dávamos por nós a planear viagens e a imaginar negócios. Escolhíamos cores para uma casa que jamais compraríamos e nomes para um bebé que nunca conceberíamos.

Ultimamente, porém, não me sentia tão certa disso. Receberia o dinheiro da herança dentro de um ano, mais de meio milhão, mas aos trinta e oito anos é difícil imaginar um novo princípio. A esperança assume uma certa fragilidade. Se pensarmos muito nela, desaparece. Sentia um

surpreendente vazio interior, o coração e o ventre suspensos em cordas, balouçando. Tinha-me dedicado inteiramente a cada momento. Imaginara que era o bastante - saborear o café e o vinho, sentir o sexo em cada nervo, ver todos os filmes. Acreditara que a questão da realização pessoal podia ser contornada desde que me entregasse completamente ao presente.

Em breve haveria um novo e importante item na lista de coisas que não poderia fazer por ser demasiado velha. O perigo era óbvio: mulher de meia-idade apaixonada por homem gay engravidada para compensar frustrações.

Não conseguia pensar no assunto sem me rir. Contudo, a ideia magoava-me. Jonathan tinha um emprego e um amante que eu não conhecia. Tinha toda a latitude ainda disponível a um homem de vinte e sete anos. Com as mamas a descair, eu desejava qualquer coisa de permanente. Queria oferecer a uma criança aquilo que os meus pais não tinham conseguido oferecer-me. Quero dar melhor uso ao meu dinheiro, saúde e boa sorte.

Uma noite Bobby saiu da casa de banho em boxers a cantar «Wilc Horses». Cruzei-me com ele no corredor, a caminho do meu quarto. Ele sorriu-me. Tinha um corpo macio, robusto, músculos em competição com a gordura incipiente. A minha mãe ter-lhe-ia chamado «um. sujeito encorpado», aprovadora. O casamento tinha-a curado do seu antigo interesse por homens esbeltos e desleais. Bobby era um espécimen do Midwest. Era forte e largo de ossos, sereno.

- Olá, jeitoso - cumprimentei-o.

Bobby corou. Nos finais dos anos 80 ainda havia um homem em Nova Iorque que corava ao ouvir um piropo.

- Hum, visto-me num instantinho - disse ele.

Estávamos a preparar-nos para sair. Já não me lembro aonde íamos essa noite.

- Não te apresses. Ninguém aparece antes da meia-noite.

- Está bem. - Bobby entrou no quarto que partilhava com Jonathan. Depois de uma hesitação, entrei na casa de banho e abri um círculo na superfície embaciada do espelho. Lá estava eu. Nem bonita nem feia. Sempre fora uma estranha mistura do meu pai e da minha mãe.

Surpreendentemente, a minha mãe estava a tornar-se mais atraente. Numa idade em que as mulheres são consideradas «interessantes» mais do que «belas», ela tornara-se de facto muito interessante: ligeiramente masculina, de rosto largo, pele rosada e cabelo de um cinzento metálico. O

seu rosto inexpressivo permanecia liso e os seus modos abruptos, precisos, eram agora mais atraentes, enquanto que a maioria das mulheres da idade dela começavam a aparecer em vestidos de folhos rígidos e demasiado rouge. A minha mãe tinha-se encontrado. Descobrira a sua própria beleza. Sempre tivera sessenta anos, mesmo em rapariga.

Por outro lado, o meu pai murchara como uma passa. O rosto encovou-se-lhe. Perdeu a farta cabeleira de um negro azulado, pregas trémulas de pele penduravam-se-lhe no pescoço. Durante a minha juventude procurara no meu rosto, esperançada, qualquer vestígio do rosto do meu pai. Agora procurava os sinais do seu declínio - e encontrava-os. O meu pescoço perdera elasticidade. A pele em redor dos olhos escurecia. Os genes cumpriam a sua missão.

Mãe, não devias ter tido tantos ciúmes do amor do pai por mim. No fim de contas, quem ganhou foste tu. És uma advogada atraente, imperturbada pelos apetites da carne. O pai e eu estamos a murchar, e não sabemos o que fazer connosco próprios.

Passei os dedos pelo cabelo. Depois dirigi-me ao quarto de Bobby e Jonathan e parei junto à entrada. Bobby estava debruçado sobre uma das gavetas da cómoda, à procura de um par de meias. O rabo dele era maior que o ideal, mas bem torneado. Se o termo «rubensesco» se aplicasse aos homens seria perfeito para descrever Bobby. A carne dele era ampla mas bem proporcionada, como a dessas velhas beldades brancas e rosadas, refasteladas nas sombras dos bosques. Havia qualquer coisa de virginal na reticência de Bobby, se bem que ele não fosse minimamente feminino. Era como um veado. Uma criatura precisa, de cascos pequenos; assustadiço, mas não frágil.

- Por que não vestes a camisa preta de gabardina? - sugeri. O som da minha voz sobressaltou-o. Havia qualquer coisa de erótico no acto de o surpreender. Senti um arrepio no estômago. Eu era a caçadora e ele o gamo corpulento, desprevenido.

- Hum, está bem - concordou. Dirigi-me ao guarda-fatos e tirei a camisa.

- É uma das minhas preferidas - confessei. - Devíamos tentar arranjar-te outra deste género.

- Pois.

Ergui a camisa contra o tronco nu de Bobby.

- Lindo - disse eu.

Uma vez mais, a cara de Bobby enrubesceu. Não estava a funcionar. Nada de sexual permeava a atmosfera do quarto. A minha preocupação com a aparência dele era demasiado maternal. Ainda não tínhamos desenvolvido um subtexto erótico.

Certas coisas não se podem forçar. Levei bastante tempo para aprender essa pequena lição.

- Talvez seja melhor tomarmos primeiro um copo em qualquer sítio - comentei. - Não queremos chegar lá cedo demais.

- Pousei a camisa no futon de Jonathan. Era preta e dura sobre o algodão branco, um instantâneo de beleza masculina assexuada. Fui para o quarto preparar o rosto para mais outra noite na cidade.

Passou um mês. O Inverno chegou cedo esse ano. Inesperadamente, uma semana antes do Dia de Acção de Graças, começou a nevar, flocos do tamanho de moedas que rodopiavam em torno dos candeeiros públicos. Os lojistas da nossa rua varriam freneticamente a neve fresca dos passeios como se tentassem apagar os vestígios de antigos erros. Um fim de tarde, ao regressar do trabalho, Bobby encontrou-me sentada no sofá da sala, a pintar as unhas dos pés e a beber um copo de vinho.

- Olá - cumprimentou, sacudindo a neve dos ombros. Acenei com a cabeça. Não estava com disposição para conversar. O Inverno tinha regressado mais cedo do que o previsto. - É espantoso - disse ele. - Quer dizer, não pensei que o clima em Nova Iorque fosse assim tão rigoroso. Percebes?

- Está sujeita às forças da Natureza - respondi. - Como qualquer outro lugar.

Queria que ele engolisse o seu entusiasmo juvenil. Nessa noite não servia de companhia para ninguém, à excepção de viúvas viciadas ou padres despadrados.

- É mesmo lindo, sabes - continuou. - A rua está tão tranquila. Queres sair para um passeio?

Lancei-lhe um olhar que exprimia bem a minha opinião sobre andar aos pulos na neve. Mas Bobby não esmoreceu. Aquele tempo excitava-o. Sentou-se no sofá ao meu lado.

- Cuidado com o frasco de verniz - disse eu.

- Gosto dessa cor.

- É verde bÍlis. É a minha cor preferida para esta estação.

- Queres ir ao cinema esta noite? - perguntou-me.

- Não. Esta noite tenciono embebedar-me e mergulhar na autocomiseração.

- Estás bem?

- Não sei. Não me faças uma pergunta dessas neste momento, a não ser que estejas realmente interessado em ouvir uma resposta.

- Mas estou - insistiu. - A sério que sim.

- Esquece. É do Inverno, sabes. Não me cai bem. Voltarei a ser a Clare alegre e divertida dentro de seis meses, mais ou menos.

- Pobre Clare - murmurou. Eu reprimi a vontade de lhe pintar a cara com verniz.

- A merda do Inverno chegou um mês antes do tempo - protestei -, e o meu ex vai aparecer por aí dentro de duas semanas. São demasiadas coisas num só mês.

- O teu ex-marido?

- Pois. A companhia dele anda outra vez em digressão. Vão actuar na Brooklyn Academy.

- Vais vê-lo?

- Ele telefona com certeza. Quando vem a Nova Iorque, telefona sempre. Acha que não nos insultámos o bastante durante os nossos anos de casados.

- Nunca falas dele. Às vezes, sabes, esqueço-me de que foste casada.

- Eu própria tenho tentado esquecer-me.

- Hum, onde o conheceste? - perguntou ele.

- Queres-te rir? Em Woodstock. Sim, no concerto. Sete anos de tormento nascidos de um fim-de-semana de paz e amor.

- Estiveste em Woodstock?

- Estive. Fui expulsa de quatro colégios diferentes e juntei-me a um bando de gente que andava pela Nova Inglaterra a comprar roupas velhas para vender em Nova Iorque. Revistávamos os sótãos das pessoas em busca de camisas havaianas e coisas do género. Estávamos a poucos quilómetros de Woodstock quando ouvimos falar do concerto, que era de borla. Enfim, não é coisa que me atreva a dizer a toda a gente, sabes.

- Estiveste mesmo em Woodstock? Assististe ao concerto?

- Faz-me parecer uma relíquia, não é? É como se já cá andasse desde antes da invenção dos carros.

- E que tal foi o concerto?

- Lamacento. Nunca tinha visto tanta porcaria a não ser numa pocilga.

Senti-me atraída pelo Denny porque ele tinha uma grande barra de sabão Lifebuoy. Depois de nos termos lavado num charco ele sugeriu que nos pirássemos dali e fôssemos à cidade comer um hambúrguer. Aceitei imediatamente. Estava farta do pessoal da roupa usada. Quer dizer, eles achavam-se uma espécie de místicos, mas andavam a pagar cinco dólares às velhotas por trapos e peles que vendiam por duzentos na cidade.

- Estiveste lá - insistiu Bobby num tom de assombro estrangulado. - Foste ao concerto.

- E desde então a minha vida tem sido desilusão atrás de desilusão. Bobby, Woodstock não foi nada como as pessoas dizem, sabes. Foi só um concerto. Sujo, apinhado de gente. Eu vim-me embora muito antes de ter acabado e casei com um perfeito idiota três meses depois.

Tinha acabado de pintar a unha grande do pé. Olhei para Bobby e apercebi-me da alteração. Os olhos dele brilhavam, ligeiramente húmidos. Estava sentado a olhar para mim avidamente, o pescoço esticado na minha direcção.

Julguei reconhecer aquela expressão. Alguns homens tinham olhado para mim dessa forma quando eu era mais nova; quando eu era bonita e exótica, e não apenas colorida. Era desejo. Desejo puro e simples. Ali mesmo, no rosto de um homem que ainda nem tinha trinta anos.

Não dormimos juntos nessa noite. Foi preciso que outra semana se passasse. Mas, dessa noite em diante, a possibilidade de sexo foi permeando uma relação que fora até então meramente cordial e amena. Tínhamos sido amigos e agora éramos mais qualquer coisa. Arreliávamo-nos um ao outro e, sempre que estávamos a sós, caíamos numa certa timidez. Quando não nos ocorria nada para dizer, o silêncio pesava.

Mesmo assim, Bobby jamais seria capaz de dar o primeiro passo. Era demasiado inseguro. Acomodara-se ao nosso padrão de irmã-instruindo-irmão-mais-novo. Jamais conhecera alguém tão intocado pelo mundo. Na Idade Média os homens deviam ser assim: penosamente atenciosos, aterrados perante a perspectiva de tocar a manga da mulher amada. Para que alguma coisa acontecesse, teria de ser eu a tomar a iniciativa.

Foi o que fiz numa noite de quinta-feira. Não agendei o encontro de acordo com o meu período fértil. Não era assim tão calculista. Gostava demasiado de Bobby. Lidava melhor com a atracção que sentia pela sua pessoa do que com o interesse, mais complicado, pelos seus genes. Isso, pensei eu, viria mais tarde.

Tínhamos visto o filme Providence no St. Marks e por pouco não desisti de todo o projecto. Bobby tinha falado durante o filme. Perguntou-me se o lobisomem era real. Perguntou-me se a Elaine Stritch era a mãe ou a namorada do Dirk Bogarde.

Respondi às perguntas dele, pensando: «Oh, Jonathan, por que será que não gostas de mulheres?»

Mas depois do filme, enquanto caminhávamos de regresso a casa, recuperei o interesse. Bobby era em parte uma criança, um inocente. Não podia censurá-lo pelas suas insuficiências. Nova Iorque estava cheia de gente com quem podia ir ao cinema. Mas havia outras qualidades mais difíceis de encontrar.

Quando chegámos a casa pus a tocar uma cassette dos Stones. Acendi um charro e perguntei a Bobby se queria dançar. Nessa noite Jonathan estava com o namorado.

- Dançar? - disse Bobby. Passei-lhe o charro. Ele inalou, parado no meio da sala, de calças de ganga, T-shirt preta e um cinto de cowboy com uma cabeça de bezerro na fivela. Era difícil manter aquele jogo de sedução sem desatar às gargalhadas. Sentia-me como uma galdéria, de rímel e faixa à cintura, usando uma velha cassette para tentar levar para a cama um rapaz do campo.

- Bobby - comecei -, vou fazer-te uma pergunta directa. Importas-te?

- Não. Não me importo. - Devolveu-me o charro.

- Responde com franqueza. O que é que te agrada em mim?

- Ah?

- Não me obrigues a repetir a pergunta. É demasiado embaraçoso.

- O que é que me agrada em ti?

- Estás... bem, interessado em mim?

- Hum, claro. Claro que estou.

Voltei a dar-lhe o charro e ele inalou profundamente o fumo.

- Bobby, já dormiste alguma vez com uma mulher?

- Oh. Bem, não. Nunca.

- Alguma vez pensaste nisso? - Bobby não respondeu. Não se moveu.

Os Stones cantavam «Ruby Tuesday». - Chega aqui - pedi-lhe. - Pousa o charro e dança um bocadinho comigo, está bem?

Obediente, Bobby deu outra passa e pousou o charro num cinzeiro. Abri os braços para o receber. Ele apertou-se contra mim. Tentei não me sentir como uma aranha; uma velha criatura voraz que se alimenta da carne



relutante de rapazes não muito inteligentes. Fiz os possíveis para afastar esse pensamento.

Girámos num círculo solto. Bobby era bom dançarino, o que facilitava as coisas. Não era desajeitado nem indeciso; o corpo dele não dependia do meu para lhe indicar o ritmo ou o movimento seguinte. A dançar nos braços um do outro, ligeiramente pedrados, não nos sentíamos descontraídos nem excitados. Podíamos ser irmã e irmão praticando para futuros romances, mas vagamente atraídos um pelo outro, atraídos e dominados pela culpa e entristecidos pela incerteza daquele trivial mas intenso e subtilmente perigoso contacto. Irmão e irmã, praticando.

Bobby tinha um cheiro limpo a madeira que me fazia pensar em aparas de lápis frescas. As costas dele eram sólidas como as de uma cantora de ópera.

- Quando foste ao concerto chegaste a ver o Hendrix? - perguntou ele.

- Hum?

- Em Woodstock. Viste o Jimi Hendrix?

- Claro que vi o Jimi. Ficámos muito amigos. Mas agora anda daí comigo. Estou a ver que não há maneira fácil ou sofisticada de fazermos isto. - Parei de dançar e conduzi-o ao meu quarto. Bobby não se mostrou propriamente cooperativo, mas também não resistiu. Não liguei a luz. Fechei a porta atrás de nós. - Estás nervoso? - perguntei.

- Estou.

- Não estejas. Isto é só para passarmos um bom bocado. É só porque gosto de ti. Não há razão nenhuma para estares nervoso. - Desabotoei-lhe a camisa e ajudei-o a despi-la. Os ombros de Bobby, salpicados de pêlos, estavam húmidos.

- Não estou em grande forma - comentou ele, se bem que por essa altura eu já o tivesse visto de tronco nu uma centena de vezes.

- Eu acho-te lindo - disse eu. Despi a blusa e deixei-a cair no chão. Nunca usava sutiã. Peguei-lhe na mão e pousei-a no meu seio esquerdo. - Para falar com franqueza, as minhas mamas são mais pequenas que o normal. Hás-de estar com outras mulheres mais bem fornecidas.

- As outras mulheres não me interessam - respondeu ele.

- És incrível, sabias?

- Que foi que eu disse?

- Nada. Não tem importância. Vá lá, despe-te. A velha Clare vai ensinar-te meia dúzia de truques. - Despimos rapidamente o resto da roupa,

como se os verdadeiros inquilinos da casa pudessem aparecer a qualquer momento para nos apanharem em flagrante. Quando estávamos completamente nus, voltei a abraçá-lo. Beije-o, com mais delicadeza que paixão. O hálito dele era quente e um pouco forte, mas não fétido. Era o hálito de um carnívoro. - Não tenhas medo - tranquilizei-o. - É a coisa mais natural deste mundo. Pode ser até que gostes.

- E gosto - disse ele. - Acho que gosto.

Guiei-o até à cama e fi-lo deitar-se. Nunca tinha controlado tão inteiramente uma situação daquelas. Talvez fosse um dos privilégios da idade. Havia qualquer coisa de agradavelmente assustador no acto de gerir uma queca.

Bobby estava deitado de través na cama, nu. O sexo dele, mole, repousava contra a coxa - era purpúreo, circuncidado, grande mas não enorme. Os pêlos púbicos eram espantosamente escassos. Conseguia ouvir a respiração dele.

- Está tudo bem, querido - disse eu. - Descontra-te e deixa-me tratar de tudo. - Ajoelhei-me no colchão ao lado dele e massajei-lhe o peito e a barriga. Ele lançou-me um olhar indeciso. - Chiu. Não faças nada, não penses em nada. A tua irmã mais velha vai tratar de tudo sozinha. Fecha os olhos.

Bobby fechou os olhos. Debrucei-me sobre ele e lambi-lhe os mamilos. A situação era completamente nova para mim. Bobby era tão grande e inerte. A minha carreira sexual envolvera geralmente pessoas enérgicas que me desejavam, que me perseguiam com imperativos obscuros que eram só seus. Fiz o que pude para simular a serena competência de uma mulher mais velha. Tão subtilmente quanto possível, observei-lhe o sexo em busca de sinais de excitação.

- Clare - disse ele. - Clare, não sei se...

- Chiu. Não fales. Eu aviso-te quando for altura para falar. Beije-lhe o estômago e apertei-lhe a pila flácida. Era como um

brinquedo de borracha. Tinha de manter em mente a sua humanidade sensível. Meti-a na boca e brinquei com ela, vagarosamente, acariciando-a com a língua.

Não me apressei. Titilei-o e afaguei-o com a ponta dos dedos, percorri-lhe o escroto com a língua, mordisquei-lhe suavemente as coxas. Forcei-me a não apressar as coisas. Os homens do meu passado tinham desejos próprios, modos de fazer as coisas e brincadeiras predilectas. Helene

costumava orientar-me a cada passo. Jamais alguém se entregara assim aos meus cuidados. Meti o sexo de Bobby na boca e imaginei-me como uma puta num filme. Uma puta esperta e triunfante, que sabe o que faz.

Arrepelei-lhe os pêlos púbicos com os dentes, lambi-lhe a glândula violácea. Finalmente começou a endurecer.

Comecei então a trabalhar com mais afinco. Voltei a metê-lo na boca, a subir e a descer sobre ele até me doer o pescoço. Acariciei-lhe o peito com as mãos e belisquei-lhe ligeiramente os mamilos. A respiração dele tornou-se mais ofegante. Ouvi-o gemer suavemente, uma espécie de pequeno arrulho de pomba. Também eu comecei a sentir-me excitada. Não intensamente, mas com essa sensação comichosa que me recordava as paixões da minha juventude, na época em que comecei a sonhar com corpos grandes e poderosos que ansiavam por controlo e lhe resistiam.

Quando o momento me pareceu apropriado, levantei-me e escarranchei-me em cima dele. A expressão de Bobby surpreendeu-me. Esperava encontrar prazer no rosto dele, mas Bobby estava corado e em pânico. Mesmo assim, sorri-lhe para o reconfortar. Sabia que não era altura para perdersmos balanço.

- Estás pronto? - perguntei. Sem esperar pela resposta, procurei a posição certa e meti o sexo dele dentro de mim. Havia qualquer coisa de errado. O rosto de Bobby mantinha aquela crua expressão de terror. Mesmo assim, continuei. Já não havia volta atrás. Não estava a pensar no meu próprio prazer. Subia e descia, subia e descia. - Oh, querido, estás a ir muito bem - sussurrei-lhe. - Oh, sim. Estás a ir maravilhosamente bem. - Não era exactamente o que eu tencionara dizer. Mas foi o que me ouvi dizer. Acariciei-lhe o peito. A cara dele estava brilhante de suor. Inclinei-me e afastei-lhe da testa uma madeixa de cabelo suado.

E subitamente, inesperadamente, ele veio-se. Senti o espasmo. Bobby soltou um lamento de profunda agonia. Como se tivesse sido esfaqueado na barriga. Era um som horrível, inconsolável. Esqueci-me do que era suposto fazer e mantive-me de cócoras, os joelhos apertados contra as costelas dele, à espera que o lamento se extinguisse. Seguiu-se um momento de silêncio espesso, ressoante. E então Bobby começou a chorar, aberta e extravagantemente, como um bebé. Estendi a mão e toquei-lhe o rosto. O sexo dele continuava dentro de mim. Compreendi que nos tínhamos perdido um do outro de uma forma permanente, irremediável. A partir desse momento Bobby seria um mistério. Deitei-me ao lado dele e disse-lhe que

estava tudo bem. Disse-lhe que estava tudo ótimo. Ele afagou-me pesadamente a cabeça com a palma da mão.

- Nunca pensei - disse ele. - Nunca pensei que acontecesse.

- Mas aconteceu - murmurei.

Bobby apertou-se contra mim. Senti o calor das lágrimas dele. Não disse mais nada. Adormeceu na minha cama e eu deixei-o ficar, se bem que não conseguisse adormecer. Fiquei acordada durante muito tempo, a inalar a sua forte e suada essência e a tentar perceber que raio tinha eu feito ao certo.

## JONATHAN

Na noite do dia em que Arthur, o crítico de teatro, foi hospitalizado, eu e Erich partilhámos as nossas histórias. Nunca tínhamos falado do passado, à excepção de alguns pormenores mais gerais sobre os locais de origem e os temperamentos familiares. Quando estávamos juntos, a memória arrastava atrás de si a consciência, e qualquer acontecimento com mais de um dia ou dois mergulhava numa escuridão pré-natal. Falávamos apenas de um presente contínuo e superficial, no qual o desespero e as velhas aspirações românticas não existiam; no qual as vicissitudes comuns da vida profissional assumiam dimensões wagnerianas e os períodos entre as exigências irrealistas de um patrão e a hostilidade de um motorista de táxi constituíam intervalos de absoluta e anódina tranquilidade.

Nessa noite, contudo, estávamos sentados no apartamento dele, em frente a uma garrafa de Merlot, na disposição de falar. Erich tinha posto um disco de John Coltrane na aparelhagem.

- Bem sei que é difícil - disse eu. Tinha de me mostrar apologético, já que fora eu a insistir em falar do assunto.

- Um pouco - disse Erich. - É um pouco difícil, sim. Não sou muito... aberto em relação a essas coisas. Nem mesmo com o meu terapeuta. Só consegui dizer-lhe que era homossexual ao fim de mais de um ano de sessões.

- Não és obrigado a dizer-me nada que não tenhas já dito ao teu terapeuta - tranquilizei. - Só quero que a gente fique, sabes, com uma ideia geral sobre o passado um do outro. Para pôr as coisas com delicadeza.

Erich corou e emitiu uma daquelas gargalhadas agudas e dolorosas que o desconforto social provocava nele. De certa forma, era um imaturo. O monstruoso sofá de imitação de couro no qual estávamos sentados tinha sido um presente dos pais, uma recompensa pelo ingresso do filho na faculdade de Direito de Michigan. Naturalmente os pais tinham imaginado que Erich estava a embarcar numa vida de sucesso e luxo, mas, ao fim de menos de um ano, ele trocara o curso pela esperança de se tornar actor em Nova Iorque. Agora os pais não lhe falavam e o sofá ocupava toda uma parede do estúdio, como um pacote encalhado numa piscina.

- Foi só uma sugestão - disse eu. - Não tens de fazer confissões humilhantes.

- Bem sei. Francamente não sei por que sou tão hesitante neste tipo de conversas. Não sei porquê. Sempre fui mais do tipo de ouvir as outras pessoas, sabes. Acho que é um hábito que se adquire quando se trabalha ao balcão de um bar.

- Começo eu - propus-lhe. E, durante quase uma hora, trocámos histórias antigas, tanto boas como más, histórias que julgávamos demasiado enterradas no passado para que pudessem afectar fosse o que fosse que estivéssemos a tentar fazer com as nossas vidas.

Aparentemente ambos encaixávamos algures no centro do espectro de risco. Nenhum de nós tinha sido voraz. Não tínhamos frequentado os quartos escuros dos bares. Nunca tínhamos dormido com doze homens diferentes numa única noite na sauna; nunca tínhamos pago à hora aos jovens e violentos prostitutas das West Forties. Mas, entre os dois, tínhamos levado para casa um verdadeiro pelotão de desconhecidos. Ambos tínhamos engatado homens nos bares e em festas; tínhamos dormido com amigos de amigos de visita à cidade, vindos de São Francisco, Vancouver ou Laguna Beach. Tínhamos vivido na vaga esperança de nos apaixonarmos por alguém, sem nos preocuparmos muito com o assunto, já que imaginávamos ter todo o tempo do mundo pela frente. O amor parecia uma coisa tão definitiva, tão enfadonha - fora o amor que destruíra a vida dos nossos pais. O amor conduzira-os a uma vida de contas e reparações domésticas, a profissões rotineiras e aos corredores fluorescentes dos supermercados. Nós sonhávamos com outro tipo de amor, um amor que reconhecia e perdoava a

nossa fragilidade humana, mas não menosprezava os nossos sonhos e ilusões. Parecia possível. Se não nos precipitássemos, se não entrássemos em pânico, esse amor simultaneamente provocador e protector haveria de surgir. Era possível na medida em que podíamos imaginá-lo. E, nesse entretanto, entregávamo-nos ao sexo. Julgávamos estar a viver no início de uma orgiástica nova era, na qual tanto homens como mulheres podiam ceder sem hesitação às inofensivas inclinações da carne. Fora com esse mesmo sentido de um leque de opções ilimitado que eu dormira com um flautista simplório que conheci em Washington Square Park, com um velho francês de casaco de caxemira roxo que encontrei no irt e com um simpático casal de médicos que adoçava a sua união com um convite ocasional a um terceiro elemento. Por volta dos vinte anos via-me como um duende travesso, lépido e incorrigível. As casas e os dias estéreis do Ohio pareciam-me cada vez mais longínquos a cada nova aventura.

Não falámos do passado caso a caso. Não éramos assim tão clínicos. Referimos os pontos principais, alongando-nos mais explicitamente - mais alegremente - nos prazeres que tínhamos negado a nós próprios.

- Nunca me interessei muito pelo sexo totalmente anónimo - confessou Erich, franzindo as sobrancelhas e rodeando o copo com os dedos compridos. - Nunca foi o meu género. Conheci muitos homens por trabalhar nos bares, mas nunca entrei muito na vida da noite. Tentei ir às saunas, mas aquilo aterrava-me. Limitava-me a fazer um pouco de sauna e a voltar para casa. - Ao fim de uma pausa, acrescentou: - Para me masturbar. - Sorriu, atormentado, de testa quase purpúrea.

Se bem que estivéssemos sentados juntos no sofá gargantuesco, não nos tocámos. Ocupávamos diferentes poças de luz. Esse tipo de reticência caracterizava a nossa relação, mesmo enquanto falávamos de amores passados que esperávamos não nos terem sido fatais. Na nossa vida quotidiana mantínhamos sempre uma distância cordial. As pessoas que nos vissem passar na rua poderiam supor que éramos antigos colegas de faculdade, começando a perder a nossa velha intimidade, mas ainda não preparados para a declararmos morta. Apenas em casa, nus, conseguíamos vencer essa distância. Na aparelhagem, Coltrane tocava «A Love Supreme».

- O mais engraçado - continuei eu -, é que costumava sentir remorsos por não ser mais aventureiro. Ouvia os outros homens a dizer que tinham engatado quatro tipos numa só noite e pensava: «Sou o homossexual mais reprimido do mundo.» Quer dizer, na maior parte dos casos eu sabia que

provavelmente não voltaria a ver os homens com quem ia para a cama. Mas tinha sempre de sentir que talvez quisesse voltar a vê-los, como se houvesse uma hipótese remota de me apaixonar por eles. Mesmo que isso nunca acontecesse.

Erich olhou para dentro do copo e resmungou qualquer coisa de inaudível.

- Hum?

- Bem, achas que nós estamos... sabes, apaixonados? - perguntou.

Nunca tinha visto ninguém tão embaraçado. A cara dele tingiu-se de vermelho e as mãos tremiam-lhe.

Julgo que sei aquilo que Erich desejava. Desejava desfalecer nos braços do amor. A vida era demasiado aterradora. Não obstante os seus melhores esforços, a fama continuava a iludi-lo, e o futuro com que todos contávamos podia ser revogado por uma tosse insistente, uma mancha violácea na canela da perna.

- Não - respondi. - Gosto de ti. Mas não. - Erich acenou com a cabeça. Não abriu a boca. - E tu? Estás apaixonado por mim? - perguntei, embora soubesse a resposta. Erich desejava desesperadamente estar apaixonado por alguém. Eu cumpria os requisitos fundamentais de idade, peso e altura. Mas o desejo dele não se ligava directamente a mim. Não era assim tão pessoal.

Ele abanou a cabeça. Ficámos sentados em silêncio durante algum tempo; finalmente estendi a mão para pegar na dele. Obrigava-me a ser meigo com Erich porque o odiava; porque me apetecia gritar-lhe por ser vulgar, por não ter conseguido mudar a minha vida. Também eu estava assustado; também eu queria apaixonar-me. Acariciei-lhe a mão. O braço do gira-discos, programado para repetir, voltou ao princípio do disco. Erich tentou uma gargalhada, mas engoliu-a juntamente com uma grande golada de vinho.

Apetecia-me matá-lo, se bem que os seus únicos defeitos fossem a falta de concentração e a pequenez de espírito. Apetecia-me espetar-lhe uma faca no peito porque ele era uma personagem periférica promovida pelas circunstâncias a um papel que não poderia desempenhar adequadamente. Não posso negá-lo: eu acreditava merecer alguém melhor.

Em silêncio levantámo-nos do sofá e fomos para a cama. Foi o nosso único momento de sintonia psíquica - geralmente explicávamos em grande pormenor os nossos mais simples actos e movimentos. Mas nessa noite pegámos nos copos de vinho e fomos para a cama sem abrir a boca,

despimo-nos e deitámo-nos nos braços um do outro.

- São tempos assustadores - disse eu.

- Pois são.

Ficámos deitados por uns instantes sem discutir o derradeiro pormenor da nossa história erótica - o facto de não termos tomado qualquer precaução na cama. Agora era demasiado tarde para nos protegermos um do outro. Não havia explicação racional para aquela imprudência, além do facto de nos termos conhecido numa época em que a doença parecia afectar apenas um outro tipo de homens. Claro que estávamos a par dela. Claro que tínhamos medo. Mas ninguém que conhecíamos pessoalmente adoecera até ao momento. Acreditávamos - com um certo esforço de vontade - que o mal atacava apenas os que faziam doze engates por noite, os de sangue debilitado por demasiadas drogas. Erich tinha uma boa colecção de discos e fotografias emolduradas da família: um bando de irmãos e irmãs franzinos em pose junto a um lago, num quarto com paredes forradas a papel, junto a um Camaro vermelho e luzidio. Falava de audições, de mudar de emprego. Parecia demasiado atarefado para morrer prematuramente. Não sei dizer de que modo Erich resolveu intimamente esta equação, já que o assunto não parecia estar ao alcance das nossas conversas. Abraçámo-nos longamente, em silêncio. Depois, com uma nova gravidade, fizemos amor, enquanto o disco de Coltrane tocava uma e outra vez.

Alguns dias depois Bobby contou-me o que se passava entre ele e Clare. Eu tinha estado no hospital, de visita a Arthur, que recuperava da pneumonia. Arthur tinha-se mostrado optimista em relação ao futuro, certo de que a abstinência de álcool e a adopção de uma dieta macrobiótica poderiam restabelecê-lo completamente. Se bem que tivesse ainda trabalho para fazer no escritório, não me senti com forças para tanto. Resolvi ir para casa e passar o serão com Bobby e Clare.

Quando cheguei estavam os dois na cozinha a preparar o jantar. A nossa cozinha acolhia duas pessoas com a generosidade de uma cabina telefónica, mas eles tinham conseguido de algum modo encaixar-se lá dentro. Da sala ouvi as gargalhadas de Clare.

- Vais ter de mover o teu rabo mais um centímetro ou dois, caso contrário não vou conseguir tirar isto do forno - ouvi Bobby dizer.

- Olá, meus amores - cumprimentei-os.

- Jonathan - exclamou Clare, em voz aguda e bem-humorada. - Valha-me Deus, ele já chegou.



Devem ter tentado sair da cozinha ao mesmo tempo e ficado encravados na porta. Ouvi mais gargalhadas e um gemido de Bobby. Foi Clare que entrou primeiro na sala de estar. Usava uma camisa de bowling amarela e um colar de contas de vidro vermelhas. Bobby entrou atrás dela, de T-shirt e calças de ganga pretas.

- Olá, querido - retribuiu Clare. - Que surpresa. O jornal incendiou-se?

- Não. Tive saudades vossas. Resolvi tirar folga esta noite. Querem ir ao bowling ou coisa do género?

Clare beijou-me na cara e Bobby imitou-a.

- Estamos a fazer galinha e bolinhos - disse ele.

- Como nenhuma das nossas mães jamais fez - acrescentou Clare. - Não sei como foi convosco, mas na minha terra a cozinha caseira era uma embalagem congelada de carne de vaca à moda da Salisbúria. Galinha com molho de natas parece uma coisa tão exótica e estrangeira.

- A mãe do Jon era uma excelente cozinheira - disse-lhe Bobby. - Nunca comprava comida congelada. Nem enlatada.

- Pois - respondeu Clare. - E pescava as suas próprias pérolas e caçava as suas próprias martas. Jonathan, querido, apetece-te um cocktail?

- Imenso - disse eu. - E se fizéssemos um litro de martini?

Recentemente tínhamos adoptado os martinis. Tínhamos comprado três copos de pé alto e mantínhamos frascos de azeitonas verdes no frigorífico.

- Excelente ideia - concordou Bobby. - Podemos fazer um brinde.

- Já me conheces. Brindo a tudo o que quiseres. Hoje não é o dia de Guy Fawkes, ou coisa parecida?

- Bem... - disse Bobby. Sorriu com cordial embaraço.

- Haverá algo de mais específico a que brindar? - perguntei.

- Vou tratar dos martinis - disse Clare. - Esperem por mim. Regressou à cozinha.

- Que se passa, companheiro? - perguntei a Bobby.

Ele continuava a sorrir. Olhou para o chão, como se houvesse segredos impressos no tapete. Bobby não tinha habilidade para subterfúgios. Podia não conseguir responder a uma pergunta, mas jamais mentiria. Nunca cheguei a perceber se era uma questão de ética ou simples falta de imaginação. Por vezes as duas coisas estão tão intimamente ligadas que se tornam indistinguíveis.

- Jonny - começou. - A Clare e eu...

- A Clare e tu quê?

- Bem, nós... Quer dizer, começámos a andar juntos. Tu sabes.

- Não. Não sei.

- Sabes, pois.

- Andam a dormir um com o outro? - perguntei. - É isso? - Bobby levantou os olhos do chão, mas não conseguiu encarar-me.

Estava a sorrir e a piscar o olho ao mesmo tempo, num ataque de hilaridade contida a custo, como se estivesse à espera que eu percebesse que me tinha esquecido de vestir as calças.

- Bem - disse ele, ao fim de algum tempo. - Oh, Jonny. Estamos, sabes, apaixonados. Não é incrível?

- É. Verdadeiramente incrível.

Não esperei que a minha voz soasse tão fria e impertinente. Tinha pretendido responder em voz firme, mas amigável - para atalhar todo aquele disparate romântico. Ao som da minha voz, Bobby olhou-me, inseguro. O sorriso gelou-lhe no rosto.

- Jon - chamou. - Agora somos uma verdadeira família.

- O quê?

- Nós os três. Oh, não vês como é maravilhoso? Quer dizer, agora estamos os três apaixonados.

Clare entrou na sala transportando os martinis num tabuleiro que passara a fazer parte do nosso ritual de cocktail. O tabuleiro era um maltratado souvenir do Sul da Califórnia, com laranjas de cor acastanhada e beldades de lábios negros, altivas e enfadadas, estendidas numa praia de um turquesa pálido.

- Já lhe contei - disse-lhe Bobby.

- Tal como disseste que farias. - Clare fitou-me com uma expressão simultaneamente irónica e apologética. - Toma, Jonathan. Bebe.

- É verdade? - perguntei-lhe.

- Sobre o Bobby e eu? É. Estamos a anunciar formalmente o namoro.

Bobby tirou um dos copos do tabuleiro e ergueu-o.

- Um brinde à família - disse ele.

- Oh, francamente, Bobby - protestou Clare. - Por amor de Deus. Tu e eu andamos simplesmente a dormir juntos. - Voltou-se para mim. - Ele e eu andamos a dormir juntos.

Bebi um gole do meu martini. Sabia como devia sentir-me: feliz perante o velho hábito do amor de surgir inesperadamente para lançar a sua luz transformadora sobre os assuntos mezinhas da existência. Em vez

disso, senti-me seco e vazio, como areia a cair num buraco de areia. Fiz os possíveis para simular a alegria requerida. Imaginei que conseguiria senti-la se a fingisse com suficiente convicção.

- É incrível - comentei. - Há quanto tempo começou isto? Parece o título de uma canção, não é? Um dos problemas do amor é que não podemos falar dele sem sentir que estamos a citar velhas baladas.

- Há alguns dias - respondeu Clare. - Queríamos contar-te tudo, mas por qualquer razão o assunto não parecia vir a propósito durante as nossas conversas normais.

Acenei com a cabeça e fitei-a duramente. Nenhum de nós acreditava naquilo que ela acabara de dizer. Ambos sabíamos que ela e Bobby, conscientemente ou não, tinham escondido de mim aquela relação porque acreditavam existirem razões para isso.

- Agora podemos ter um bebé - disse Bobby. - Os três juntos.

- Bobby - Clare interrompeu-o -, faz-me a fineza de te calares. Por favor.

- Mas vocês queriam ter um bebé, não era? Tinham andado a falar nisso. E se tivéssemos um? Ou dois?

- Com certeza - respondi. - E por que não seis? Meia dúzia certa.

- Primeiro temos de ver se conseguimos suportar-nos uns aos outros até ao Natal - disse Clare.

- Bom, cá vai um brinde ao feliz casal - disse eu, erguendo o copo. Brindámos ao feliz casal. - Não estava nada à espera disto. Mas agora que aconteceu, até faz sentido. Mas a sério, Bobby, quando chegaste a Nova Iorque nunca me ocorreu que tu e a Clare pudessem...

- A mim também não - disse Clare.

- Acho que o melhor é contarem-me tudo - disse eu. - Todos os pormenores, por mais íntimos que sejam.

Bebemos os martinis e repetimos a dose enquanto Clare contava a história. Bobby ia acudindo de vez em quando com algumas clarificações suplementares. Ao contrário de Bobby, Clare tinha tanto talento para exagerar uma história que ela própria perdia por vezes a noção da diferença entre a hipérbole e a simples e comezinha verdade. Os exageros não a favoreciam pessoalmente. De facto, Clare preferia retratar-se em tom pouco lisonjeiro, surgindo habitualmente nas suas próprias histórias como uma personagem ingénuo e ligeiramente ridículo, uma figura condenada ao desastre como Lucy Ricardo e propensa a devoções infelizes e inexplicáveis

como a pobre tola do La Strada. Clare sacrificava sempre a veracidade em favor do colorido - as mentiras dela eram mentiras de proporção, não de conteúdo. Descrevia a sua vida num mundo circense, surreal, que lhe parecia convincente e, contudo, nada tinha que ver com a sua realidade íntima, marcada por velhas feridas e pela falta de esperança no futuro.

- Enfim, o que aconteceu foi que a Mãezinha resolveu ensinar ao Júnior uma ou duas coisas sobre a vida - explicou ela. - E, bom, parece-me que a Mãezinha se deixou arrastar um pouco pelo entusiasmo. Não sei o que dirão as minhas amigas da liga de bowling.

- Não vão gostar nada - disse eu. - Vão obrigar-te a devolver o equipamento.

- Oh, Tio Jonny. Tenho sido uma boa rapariga há demasiado tempo. Acho que não consegui aguentar mais.

- Pois bem, o teu Tio Jonny está mudo de espanto. É uma surpresa das grandes.

- Pois é - concordou ela.

Num espasmo de alegria nervosa, Bobby inclinou-se para apertar o cotovelo nu de Clare. Os dedos dele deixaram-lhe uma impressão pálida na carne macia do braço. Tive uma visão do futuro deles: Clare, uma velhota excêntrica e exaltada, de chapéu estrambólico e demasiada maquilhagem, a contar a bem ensaiada história daquele amor, e Bobby, pançudo e um pouco careca, escutando-a afogueado e murmurando: «Oh, Clare...» Acabamos sempre por nos transformar nas histórias que contamos sobre nós próprios.

- Acho que é o fim dos Hendersons tal como os conhecíamos - disse ela.

- Pois. Acho que sim.

Calámo-nos por uns momentos, mergulhando abruptamente num estado de desconforto social, como se fôssemos visitas deixadas a sós por um amigo comum.

- O jantar está quase pronto - anunciou Bobby. - Queres comer alguma coisa?

Disse que estava com fome. O jantar sempre seria qualquer coisa para fazer. A minha cabeça parecia flutuar algures acima do meu corpo. Anestesiado pelo gin, sentia as minhas próprias emoções como transmissões de rádio emitidas pela cabeça flutuante. Estava furioso e enciumado. Desejava Bobby. E, de uma forma diferente, desejava Clare.

Jantámos e falámos de outros assuntos. Depois do jantar fomos ao

Thalia ver o *Thieves Like Us*. Clare e eu já o tínhamos visto várias vezes, mas ela fez questão que Bobby o visse também.

- Já que nos transformámos numa espécie de tema de conversa - disse ela -, quero que ele veja alguns dos filmes fundamentais.

No cinema, Clare passou o tempo todo a segredar ao ouvido de Bobby e a apertar-lhe o joelho para sublinhar os momentos-chave do filme. Tinha pintado as unhas de um cor-de-rosa choque que as tornava claramente visíveis na escuridão da sala.

Depois do filme, recusei a proposta para tomar um copo, se bem que tivéssemos o hábito de acabar as nossas noites num bar, por muito tarde que fosse. Clare pousou-me a mão na testa e perguntou-me se estava a sentir-me bem. Disse-lhe que sim, que estava apenas exausto e que tinha de me levantar mais cedo no dia seguinte para compensar a folga do dia anterior. Prontificaram-se a voltar para casa comigo, mas eu encorajei-os a irem tomar um copo sozinhos. Despedi-me deles com um beijo e regresssei a casa. O ar estava tão límpido e gelado que podia ver-se a Ursa Maior, pulsando timidamente junto ao telhado da Cooper Union. O frio cintilava em torno das janelas iluminadas. Nem mesmo uma noite como aquela desencorajava os rapazes de olhos inexpressivos que percorriam as ruas de rádios pretos ao ombro, a música rasgando o frio.

Chegado a casa, enrolei o saco-cama de Bobby e guardei-o no armário. Sabia que a partir dessa noite ele passaria a dormir no quarto de Clare. Preparei outro martini. Começou a nevar ligeiramente, flocos serpeantes, pouco mais que o próprio ar coalescendo em grãos duros e cinzentos. Bebi o martini no quarto e imaginei Bobby e Clare embarcando num futuro juntos. Formavam um estranho par. Provavelmente a novidade acabaria por se esgotar e o caso deles dissolver-se-ia numa anedota. Mas havia uma hipótese, uma hipótese remota, de que acontecesse o contrário. Se permanecessem juntos - fosse por atracção física, irónica fatalidade ou simples boa sorte - teriam uma casa sua. Teriam provavelmente filhos. Teriam empregos banais e um belo dia dariam por si a empurrar carrinhos de compras pelos corredores fluorescentes dos hipermercados. Teriam tudo isso.

# ALICE

Seguindo as instruções do médico, Ned e eu encaixotámos o lar que tínhamos construído em Cleveland e estabelecemos um novo no deserto do Arizona. Comprámos uma casa com metade do tamanho da primeira, num complexo urbanístico que não cumpriu as expectativas dos seus criadores. Três anos após a conclusão das obras, cerca de metade das casas permaneciam desabitadas, e fiadas de flâmulas multicolores, algumas rasgadas, continuavam a decorar os portões de entrada. As casas organizavam-se em pueblos, as paredes de betão tingidas de um vermelho lamacento e as extremidades das vigas sobressaindo das janelas de caixilhos de alumínio. Conseguimos um bom preço por uma casa de duas assoalhadas, já que os nossos meios eram limitados. As vendas da casa e da sala de cinema de Cleveland não tinham rendido grande coisa.

Ned chamava à casa «Hacienda Glover» e, em momentos de menor optimismo, «Estrada do Tabaco, 1987».

Ned não se permitia grandes manifestações de tristeza ou pessimismo. Talvez fosse incapaz disso. As emoções que exprimia iam da aceitação pesarosa à calma desaprovação, e, enquanto me despedia da minha cozinha em Cleveland e da pereira do quintal das traseiras, compreendi que, de certa forma, sempre tinha planeado abandoná-lo. Ou melhor, tinha planeado uma vida futura que transcendesse a nossa benévola comédia doméstica, a cordialidade das nossas refeições e o nosso sono casto, sem sonhos. O problema de um casamento tranquilo é que se recusa a acabar - em momento algum um gesto de injustiça ou crueldade nos proporciona um pretexto para voltar costas e avançar, sem remorsos nem culpa, para um outro modo de existência. Vive-se nos pormenores: uma cozinha disposta à nossa maneira, tomates a amadurecer em filas semeadas e regadas pelas nossas próprias mãos. E agora Ned adoecera, fora banido para um lugar desconhecido, e eu não conseguia convocar a raiva e o egoísmo necessários para o mandar ir sozinho. Enquanto arrumava as minhas facas num caixote de papelão, reflectia sobre a subida da taxa de divórcio - como é que tanta gente conseguia fazê-lo? Os filmes e livros da nossa juventude não nos preparam adequadamente para a força do encanto das nossas futuras casas; não nos advertem contra os poderes de sedução exercidos pelas janelas de

uma sala voltada a sul, ou pelos vasos de malva-rosa ladeando duas portas de estilo francês.

E agora, de um momento para o outro, eu e Ned víamo-nos obrigados a dismantelar a nossa casa, porque os pulmões dele não conseguiam lidar com o ar encharcado de Ohio. A mudança foi quase escandalosamente fácil. Entregámos a propriedade a uma mulher de rouge e calças justas de malha que em menos de um mês a vendeu, a preço de pechincha, a um jovem casal de programadores informáticos disposto a investir num bairro que poderia ou não valorizar-se. A sala de cinema seria demolida para dar lugar a um parque de estacionamento. Menos de oito meses após a declaração do médico, estávamos a viver num sítio que eu jamais imaginara sequer visitar.

O deserto acabaria por revelar-nos a sua própria beleza selvagem; a sua estranha mistura de vazio e significado, o seu céu ardente, insondável. Entre o dia em que fechámos o negócio e o dia em que chegámos com os nossos haveres, o cacto em frente à casa nova produziu uma única flor cor de marfim, que usava como um chapéu extravagante. Há poucos destinos inteiramente desagradáveis, caso contrário talvez conseguíssemos escapar-lhes mais facilmente. Ned e eu lançámo-nos ao trabalho de mobilar e organizar aqueles pequenos compartimentos brancos; pendurámos as cortinas e arrumámos as painelas de cobre na prateleira da nova cozinha, onde reflectiam com igual intensidade a luz do deserto. Compreendi que aquele lugar assumiria em breve a sua própria inevitabilidade.

De facto, o processo começou quase imediatamente, enquanto debatíamos a disposição das cadeiras e dos quadros. Ned pousou-me o braço nos ombros, jovialmente, durante uma pausa no trabalho, apertando-me contra ele com a mesma firmeza e meiguice dos seus vinte e seis anos, na época em que me levava de descapotável a visitar os bayous da Louisiana.

- Isto não é assim tão mau - disse ele. - O que te parece, miúda?

Disse-lhe que tinha razão, que correria tudo bem, e a afirmação não me pareceu uma mentira. Somos criaturas adaptáveis. É essa a fonte do nosso conforto terreno e, suponho, da nossa raiva silenciosa. Ned abraçou-me naquela que viria a ser a nossa sala de estar. As nossas velhas cortinas estavam abertas, desvendando uma paisagem encantadora e desolada na qual um viajante desprotegido não sobreviveria durante um único dia.

# JONATHAN

Havia qualquer coisa de errado comigo. Faltava-me uma qualquer capacidade fundamental para estabelecer contacto, e temia que pudesse ser um primeiro sintoma da doença. Comecei por sentir uma espécie de aturdimento, como se a soma das minhas horas não equivalesse a dias completos e a minha presença - num avião ou na rua - não afectasse a paisagem do modo habitual das presenças humanas. Depois viriam talvez as dores e as febres, uma tosse impossível de curar. Era talvez assim que a morte se anunciava, destruindo o sentido de participação na nossa própria vida.

O avião deslizou pela pista, ergueu-se e atravessou as cascatas brancas rumo a um céu azul tão brilhante e incharacterístico como a mais formal das noções de recompensa celeste. Permaneci sentado em silêncio, atravessando o país num estado de alheamento que era quase embalador - quase como ir ao cinema. Vi-me a mim próprio como um homem de vinte e sete anos, de cinto apertado contra a turbulência prevista, vertendo scotch num copo de plástico transparente, a caminho de um reencontro com os pais numa casa desconhecida.

No Arizona, o meu pai falou-me pela primeira vez sobre a morte. Um segundo médico confirmara o diagnóstico - enfisema - mas garantira-lhe que, se tomasse determinadas precauções, poderia viver mais trinta anos. Mesmo assim, era tempo de falar de certas coisas.

- Filho, quando chegar a altura, quero que me enterres onde achares melhor - disse ele. Estávamos sentados à mesa de jantar a jogar Yahtzee, enquanto a mãe preparava o jantar. - A mim tanto me faz - acrescentou. - Estarei morto.

- Não sei, pai. Não sei se quero decidir semelhante coisa.

- Mas deves ser tu a decidir - insistiu. - Estamos a falar de um sítio que vais ter de visitar durante os próximos cinquenta anos. Ou os próximos cem, se eles descobrirem maneira de substituírem os órgãos humanos por plástico.

A mãe ouvia-nos facilmente da cozinha, que constituía a extremidade mais curta da sala de estar e jantar em forma de L.

- A imortalidade biológica passou de moda - comentou ela. - Está



ultrapassada, como os monocarris e as férias em Marte.

Aproximou-se da mesa transportando uma travessa com tortillas e molho. Tinha deixado de arranjar o cabelo desde a mudança para o Arizona; usava-o apertado num rabo de cavalo. Estava muito bronzeada. O meu pai, propenso a cancos de pele, estava branco como a Lua. Pareciam um colono e a sua noiva índia.

- Enfim, o assunto não é assim tão importante - disse o meu pai. - Desculpa ter falado nele. - Olhei para a minha mãe, que rejeitou qualquer participação na conversa com um encolher de ombros e regressou aos seus chilis rellenos. - Escuta, Jonathan - recomeçou o meu pai. - Se eu e a tua mãe cáissemos mortos neste preciso instante, se levássemos uma mão ao peito e enfiássemos a cara na travessa das tortillas, o que farias connosco?

- Não sei. Acho que vos levava para Cleveland.

- É exactamente isso que eu não quero que faças. Tu jamais voltarias a viver em Cleveland. Por que raio haverias de enterrar lá os teus pais?

- Porque vivemos lá muitos anos - expliquei. - Quer dizer, de certa forma Cleveland continua a ser a nossa casa.

- Passámos trinta anos a tentar escapar de Cleveland - corrigiu ele. - Aquela sala de cinema quase acabou comigo e o clima de Ohio quase nos matou aos dois, a mim e à tua mãe. Se me lebares para lá, juro-te que regresso do além para te assombrar. Vou passar a acordar-te todos os sábados de manhã durante o resto da tua vida para te obrigar a aparar o relvado.

- Bem, e se fosse aqui? - perguntei. - Vocês gostam do Arizona, não gostam?

- Aqui consigo respirar. E a tua mãe anda a aprender a fazer margaritas. É exactamente isto que Phoenix significa para nós.

Não conseguia imaginá-lo sepultado no Arizona. Parecia uma piada cruel, acabar no deserto do Oeste, com coiotes a uivar sobre a campa dele.

- Não sei se consigo continuar a falar sobre este assunto - disse eu. - Não sei o que dizer.

- Está bem - anuiu. - E se jogássemos outra partida de Yahtzee? Estás preparado para mais uma derrota?

- Acho que preferia esticar-me no sofá um bocadinho. Importas-te?

- Claro que não me importo. Sentes-te mal?

- Não - disse eu. - Mas apetece-me fechar os olhos por uns minutos. - Levantei-me e caminhei para o sofá que os meus pais tinham comprado em

Phoenix. Era uma cópia do sofá de Cleveland, de braços arredondados em madeira de bordo e estofado estampado ao estilo colonial. O sofá novo, que se abria com ruído para formar uma cama, tinha sido comprado de propósito para me acomodar durante as minhas visitas, já que a casa só tinha um quarto, tal como todas as outras do complexo. Era uma vizinhança de viúvos e viúvas.

- Por que não o abres e dormes uma sesta? - sugeriu o meu pai.

- Não, vou só esticar-me um pouco. - Deitei-me, pousando a cabeça numa almofada bordada. O tecido estampado do sofá apresentava imagens de juncos, barcos cor de ferrugem e patos-bravos castanhos a voar em séries repetidas de três. Uma pequena árvore de Natal reluzia na mesinha junto ao sofá, decorada com enfeites que eu próprio tinha escolhido há muitos anos, numa loja em Cleveland. Ao fim de vários anos de árvores de Natal sóbrias e sofisticadas - com bolas vermelhas e prateadas, doces e pequenas luzes brancas -, os meus pais tinham reproduzido, em versão miniatura, as árvores garridas e caóticas da minha infância.

- Estou contente por teres regressado a casa - disse o meu pai. - Mas acho-te um pouco pálido, sabes.

- Nesta época do ano não há uma única pessoa em Nova Iorque que não esteja pálida - respondi-lhe. - Se calhar devia mudar-me para o Arizona.

- Por que havias de te mudar para cá? - perguntou ele, sacudindo o copo dos dados. - Não há nada para a gente nova fazer.

- E vocês, o que é que fazem?

- Nada. Aqui ninguém tem nada para fazer. - Lançou os dados. - Pouca sorte - disse ele. - Queres outra bebida?

- Acho que não.

O meu pai dirigiu-se ao bar para se servir de outra bebida. Respirava com esforço. O bar, com a sua fila ordenada de garrafas sobre uma prateleira espelhada, era um recanto apertado entre a zona da sala de estar e a zona das refeições. Ao lado de um pequeno lavatório cromado havia uma toalha bege que nunca usávamos.

Os meus pais tinham trazido para o deserto o sentido de ordem de Cleveland. Aqui, onde as areias finas entravam pelas frinchas das janelas durante a noite e osovelos de tumbleweed arranhavam ocasionalmente as portas, as especiarias na prateleira da cozinha eram mantidas em rigorosa ordem alfabética. As plantas da casa refulgiam de vida, verdes e lustrosas, e a minha mãe inspeccionava-as todas as manhãs, recolhendo as folhas

mortas para um saco de plástico.

- Já que vais tomar outra bebida, faço-te companhia - disse eu. Ouvi o gorgolejar característico do bourbon a cair no copo.

- O Hope and Glory está em cartaz no cinema do centro comercial - disse o meu pai.

- Amanhã podemos ir à matinée, se quiseres - sugeri. - Sempre estamos protegidos do sol.

- Excelente ideia - concordou. Estendeu-me o copo de bourbon.

- Quanto ao vosso funeral, não me apetece muito pensar nas decisões a tomar, sabes.

- Não te preocupes tanto com isso. Quando chegar a hora o mais certo é que já estejas instalado em qualquer lugar. Basta que nos enterres a uma distância razoável da tua casa.

- E se eu ainda não estiver instalado?

- Vais estar, sim. É o que acontece a toda a gente, mais cedo ou mais tarde.

- Vou ver se a mãe precisa de ajuda na cozinha.

- Está bem.

- O problema é que não faço ideia do sítio onde me vou instalar - confessei. - Posso ir parar a qualquer lado. Posso ir parar ao Sri Lanka.

- Por mim, tudo bem. As pessoas devem viajar enquanto são jovens. - O meu pai voltou a lançar os dados e a amaldiçoar a sua pouca sorte.

- Já não sou assim tão jovem - lembrei.

- Ah! Isso é o que tu pensas.

Na cozinha, a minha mãe estava a lavar alface com fatigada eficiência. Era como se estivesse a mudar as fraldas ao décimo bebé. Aproximei-me. A minha mãe adquirira um odor semelhante ao das folhas secas.

- Olá, mãe - disse eu.

- Já viste aquilo a que chamam alface nesta terra? - perguntou-me. - Tive de entrar em três lojas para conseguir arranjar isto. Parece que alguém lhe veio a bater com um pau durante toda a viagem até Phoenix.

Falou num tom de voz alegremente irritado. Durante as minhas visitas mais recentes, primeiro a Cleveland e agora Phoenix, ela parecia alternar constantemente entre ataques de ironia e aquela jovial, irritadiça, boa disposição.

- É uma pena - disse eu.

Ficámos em silêncio enquanto o meu pai se içava da cadeira e subia as

escadas em direcção ao quarto.

- Então? - perguntou-me a mãe, depois de ele ter desaparecido de vista.

- Como te correm as coisas? Que tal está o Bobby?

- Está bem. Está tudo bem.

- Ótimo - respondeu, e abanou a cabeça entusiasticamente, como se a minha resposta tivesse sido completa e suficiente.

- Mãe?

- Sim?

- Para dizer a verdade, tenho andado... Oh, não sei. Às vezes sinto-me muito sozinho em Nova Iorque.

- Bem, é perfeitamente compreensível. A solidão é difícil de evitar. Seja em que sítio for.

Começou a cortar o pepino em fatias surpreendentemente finas e luzidias. A lâmina da faca parecia derramar luz sobre cada fatia.

- Ultimamente tenho andado a pensar numa coisa - disse eu. - Tenho-me perguntado por que razão tu e o pai não têm mais amigos. Quer dizer, quando eu era pequeno, sentia-me como se estivéssemos isolados num planeta diferente, ou coisa parecida. Como a família daquela velha série de televisão.

- Não me recordo de nenhuma série assim - disse ela. - Se tivesses um filho teu, uma casa e um negócio para administrar, garanto-te que não te sobraria muita energia para andares pela vizinhança a travar amizades. E depois, quando chegam aos dezoito anos, os filhos fazem as malas e vão-se embora.

- Claro que sim. Claro que se vão embora. O que esperavas que fizessem?

Ela riu-se.

- Vão-se embora se nós os educarmos como deve ser - corrigiu ela alegremente. - Querido, nenhum de nós esperava que voltasses a instalar-te no teu velho quarto depois de acabares o curso.

Não éramos uma família conflituosa. Não tentávamos confrontar-nos uns aos outros. Em vez disso, à medida que as nossas vidas mudavam, esforçávamo-nos por desenvolver novas formas de agir naturalmente na companhia uns dos outros.

- Mas ultimamente tenho-me perguntado, sabes, se a vida é apenas isto. Um apartamento, um emprego estável e algumas pessoas de quem gosto. Que mais posso eu desejar?

- A mim parece-me óptimo - disse ela.

- Mãe, quando é que percebeste que querias casar com o pai? - perguntei.

Houve um minuto de silêncio. A minha mãe acabou de cortar o pepino e começou a cortar um tomate.

- Bem, eu ainda não sei se queria casar com ele - respondeu finalmente.

- Ainda estou a tentar decidir.

- Vá lá. Fala a sério.

- Está bem. Deixa-me pensar. Na altura em que nos conhecemos eu tinha acabado de fazer dezassete anos, sabes, e o teu pai tinha vinte e seis. Ele pediu-me em casamento no nosso quarto encontro. Recordo-me que estava de sapatos brancos, se bem que o Dia do Trabalhador já tivesse passado há uma semana, e sentia-me provocadora e um pouco tola ao mesmo tempo. O teu pai e eu estávamos sentados no carro dele. Eu estava a fingir uma atitude contemplativa, quando, na verdade, continuava obcecada pelo facto de ter calçado aqueles malditos sapatos e então ele inclinou-se sobre mim e disse: «E se nos casássemos?» Assim mesmo, sem mais nem menos.

- E tu? O que disseste?

Ela pegou num segundo tomate.

- Não disse nada. Fiquei muda de espanto. E embaraçada, por estar a pensar nos meus sapatos num momento como aquele. Lembro-me de ter pensado: «Sou a pessoa mais frívola deste mundo.» Disse-lhe que precisava de algum tempo para pensar no assunto. E depois descobri que não havia uma única razão para que não nos casássemos. E casámos.

- Estavas apaixonada por ele? - perguntei.

A minha mãe contraiu os lábios, como se a pergunta fosse impertinente e ligeiramente irritante.

- Era uma miúda - respondeu. - Mas, sim, claro que estava apaixonada por ele. Estava louca por ele. Ninguém me fazia rir como ele. Lembras-te do teu avô, que era sempre tão sério? Nessa altura, o teu pai tinha um cabelo lindíssimo. Espesso, de um castanho claro.

- E percebeste que, de todos os homens do mundo, era com ele que querias casar? - perguntei. - Nunca temeste estar a cometer um grande erro, a falhar a tua verdadeira vida e a seguir, não sei, uma espécie de caminho sem retorno?

Ela sacudiu as mãos para afugentar a pergunta, como se se tratasse de

uma mosca vagarosa, mas persistente. Tinha os dedos brilhantes de molho de tomate.

- Nessa época não costumávamos fazer esse tipo de perguntas a nós próprios - disse ela. - Não é difícil para ti? Pensar, perguntar e planear tanto?

Ouvimos o autoclismo no andar de cima. Sabia que o meu pai voltaria a descer daí a pouco, pronto para mais uma partida de Yahtzee.

- Falando a sério, que tal está ele? - perguntei à minha mãe.

- Oh, tem altos e baixos - respondeu-me.

- Desde que cheguei parece em boa forma.

- É porque estás cá. Mas o Reuben diz que o enfisema é uma doença estranha. Pode melhorar de um momento para o outro.

- Achas que ele está a melhorar? - insisti.

- Não. Mas pode melhorar. Pode começar a melhorar a qualquer momento.

- E tu? Como estás?

- Eu? Saudável como um cavalo - disse ela. - Quase me sinto embaraçada por estar tão bem.

- Não me referia a isso. Disseste que querias arranjar um emprego aqui. Disseste que querias tirar um curso de gestão empresarial.

- Era o que devia fazer. Estou sempre a dizer a mim própria que tenho de tentar. Mas se o fizesse, o teu pai ficaria sozinho em casa o dia inteiro. É curioso. Ele era um homem tão capaz quando vivíamos em Ohio. Passava imenso tempo no cinema, de tal modo que imaginei que gostasse de estar sozinho. Mas, desde que viemos para aqui, fica nervoso quando eu me demoro um pouco mais no supermercado.

- Achas que está a ficar senil? - perguntei.

- Não. Está apenas assustado, só isso. O teu pai nunca foi um homem muito introspectivo. E agora, bem, quer estar sempre ocupado com qualquer coisa. Eu sou uma espécie de directora social num cruzeiro para uma só pessoa.

Sorriu-me, revirando os olhos, mas o bom humor era apenas um disfarce para a ironia.

- Duas pessoas - corrigi. - Vocês são dois.

- De certo modo.

No dia seguinte, o meu pai e eu fomos ver o Hope and Glory ao Phoenix Cinema Eight. A mãe afirmou que já tinha visto filmes suficientes

nessa semana e ficou em casa a trabalhar naquilo a que chamava jardim, um pequeno retalho de relva abundantemente irrigada e flores robustas, de caules grossos. Vimo-la sair para o calor, de calções axadrezados, chapéu de palha desbotado e luvas de jardinagem do tamanho das mãos da Rata Minnie.

- Lá vai a última das grandes rancheiras - disse o meu pai, a caminho da porta.

Ela voltou-se e lançou-lhe um olhar que tinha vindo a desenvolver desde a mudança para o deserto: o olhar paciente e afectuoso de uma boa enfermeira.

Fomos até ao centro comercial no Oldsmobile do meu pai, um grande Cutlass, azul carregado, silencioso e pesado como um submarino. O meu pai manteve ambas as mãos no volante. Usava um par de lentes escuras sobre os óculos comuns. Por cima de nós, o céu era de um azul derretido, mutável. As montanhas tremeluziam à distância, para lá dos bairros residenciais e dos centros comerciais. A carcaça de um armadilho obrigou-o a guinar.

- Quem diria que acabávamos por vir viver no deserto? - disse ele, abanando a cabeça.

- Quem diria que acabamos por viver seja onde for? - retorqui, encolhendo os ombros.

- Essa foi demasiado profunda para mim. - Virou para o parque de estacionamento do centro comercial, seguindo uma sequência de cowboys e cavalos de néon intermitente.

Além de nós, havia meia dúzia de pessoas na sala de cinema. Era dia de semana. Na sua desolação, a sala lembrava-me o velho cinema do meu pai em Cleveland. Embora não passasse de uma sala de tamanho médio, de paredes forradas por cortinas cor de açafão, possuía a mesma melancolia despovoada e o mesmo cheiro: bolor e pipocas velhas. Duas filas à nossa frente, uma mulher idosa voltou a cabeça para nos observar, atraída pela respiração ofegante do meu pai. Quando este lhe devolveu o olhar, a mulher voltou-se de novo para a frente, tocando ligeiramente num dos brincos.

Julguei saber aquilo em que estava a pensar: «Aquele sujeito não vai durar muito mais.» Era provavelmente uma viúva; uma frequentadora das matinées.

Apeteceu-me tocar-lhe no ombro gordo e contar-lhe a história da vida do meu pai. Queria que soubesse que ele não era apenas um velhote de

camisa de pólo, arquejando numa remota e triste sala de cinema.

O filme agradou-nos muito e depois da sessão passeámos um pouco pelo centro comercial. Era grande, com um oásis central onde palmeiras inundadas de luz mergulhavam as pontas das frondes numa fonte. Havia idosos sentados nos bancos e um homem sorridente, de camisa de ganga branca, tocava órgão.

- O Arizona é o estado dos mortos vivos - comentou o meu pai.

Entrámos numa loja da Montgomery Ward para ver o que estava em saldo.

Vimos as aparelhagens, as pequenas televisões e os caixilhos de janelas em alumínio. Vimos os cortadores de relva motorizados, dispostos num retalho de relva artificial.

- Esta é uma boa máquina - disse ele, experimentando a pega de um cortador vermelho brilhante.

- Acho que prefiro o Turf Titan - disse eu, referindo-me a um monstro carmesim do tamanho de um pequeno tractor. - Olha só, podemos conduzi-lo como um carro.

- Isso é ridículo para um jovem como tu - disse ele. - Este aqui está a um terço do preço inicial.

Imitámos tão impecavelmente um par de clientes que o jovem vendedor, de cabelo penteado de modo a esconder a careca, aproximou-se e começou a descrever as virtudes de um modelo mais caro que aquele que o meu pai tinha elegido. Enquanto o vendedor desfiava a sua lengalenga, uma mulher magra passou por nós transportando dois bebés gémeos numa espécie de mochila. Não era bonita; tinha cabelo áspero e baço e um pequeno queixo pontiagudo. Os olhos dela - o corpo inteiro - exprimiam um cansaço profundo, quase permanente, como se nenhum descanso do mundo pudesse restabelecê-la completamente. Contudo, possuía uma desenvoltura e autoconfiança que conferiam importância aos expositores pelos quais passava em busca da ferramenta de jardim adequada. Os gémeos fitavam o ar vazio à sua frente com uma expressão de absorta perplexidade. Enquanto a mulher percorria a loja, imaginei que teria uma vida perfeitamente estável e segura, apesar de todas as dificuldades domésticas. Daí a um ano, os gémeos começariam a andar e a falar. Daí a um ano, ela saberia exactamente quanto tempo tinha passado.

A mulher virou para a secção de Mobiliário de Jardim e desapareceu de vista. O vendedor aludia aos dispositivos de segurança do cortador de relva, indicando com as mãos os três pontos sensíveis que o impossibilitavam de



agarrar um braço ou uma perna e de os converter numa saraivada de sangue e lascas de osso. As mãos dele eram pálidas e magras, os polegares de tal modo curvados que imaginei que lhe doíam.

Ouvimo-lo atentamente e prometemos pensar sobre o assunto. O meu pai, acenando com a cabeça ao receber o cartão da loja, parecia pálido como a cera sob a fluorescência da loja. A luz branca e dura atravessava-lhe o cabelo ralo e iluminava-lhe o escalpe. Assim que o vendedor terminou o seu discurso, conduzi o meu pai para fora da loja e ofereci-lhe uma bebida na obscuridade silenciosa de um restaurante. Uma tabuleta fincada num vaso de tulipas de plástico anunciava os menus especiais de pequeno-almoço. Àquela hora éramos os únicos clientes na sala.

- Aquele rapaz da loja só disse disparates - disse o meu pai, erguendo o copo de bourbon. - Imagina pagar mais cem dólares só por um depósito maior! Podemos mandar fazer um à medida por menos de cem dólares.

- Seja como for, eu nem sequer tenho um relvado - disse eu.

- Mas quando isso acontecer, tens de saber escolher o cortador de relva mais adequado.

- Quando isso acontecer, voltaremos a falar do assunto.

- Posso já não estar cá - respondeu. - Mais vale que te dê já as informações necessárias.

- Escuta. Para falar com franqueza, acho que os relvados não fazem muito o meu género. Não tenho plantas. Nem sequer tenho carro.

- O meu tem menos de sessenta e cinco mil quilómetros - disse ele. - Julgo que ainda estará em boas condições quando o herdares.

- Não sei se quero um carro. Não sinto essa necessidade. Em Nova Iorque ninguém tem carro. Posso pagar um táxi quando preciso de ir a qualquer lado.

- E és feliz em Nova Iorque? - perguntou-me.

- Sou. Quer dizer, acho que sim. Claro que sim.

- É só isso que me interessa. Podes converter o Olds num bebedouro para pássaros, se te apetecer. Só quero que sejas feliz.

Respirei fundo e nesse momento, pela primeira vez em vários meses, senti-me prodigamente - quase escandalosamente - saudável. Durante a maior parte da minha vida tinha esperado em vão que o meu pai exprimisse desejos mais específicos e realistas do que aquele seu único desejo geral: que eu fosse completamente feliz, a cada minuto.

- Dá-me licença - pedi. - Tenho de ir à casa de banho.

- Espero aqui por ti.

As casas de banho ficavam junto à entrada do restaurante, por trás do balcão da caixa. Compreendi que, em vez de entrar na casa de banho, podia sair pela porta da frente sem que o meu pai percebesse, e foi isso que fiz, sem hesitação nem outra razão além do facto de que era possível fazê-lo. Passei a porta de vidro fosco para a luz regular, sem sombra, do átrio principal. Hesitei por uns momentos, pestanejando na súbita claridade, enquanto a porta se fechava atrás de mim com um suspiro. Senti um intenso frémito de liberdade; um sentimento vertiginoso e atordoante. Avancei por entre as pessoas em direcção à saída, passando as portas giratórias e mergulhando na luz do dia. O parque de estacionamento começava a encher-se de maridos e mulheres que saíam dos empregos - o sol dourado da tarde tingia os pára-brisas e as antenas de rádio dos automóveis.

Era uma luz outonal, não obstante o calor intenso. Comecei a andar, sem pensar em nada de especial, ao longo da extremidade oeste do parque, em direcção à fila de iúcas robustas que separava o centro comercial da auto-estrada. Do outro lado da auto-estrada havia um grupo de caravanas e, além das caravanas, estendia-se o deserto, a imensa planície salpicada de cactos e cercada por montanhas vermelhas e escarpadas. Pensei em atravessar a auto-estrada para me perder no deserto. Não pensei em motivos nem consequências. Percebi, pela primeira vez, que era possível partir por simples capricho. Era possível deixar para trás a morte do meu pai, a irónica solidão da minha mãe, o meu próprio incerto futuro. Era possível arranjar um emprego e arrendar um quarto sob um nome falso numa cidade desconhecida, percorrer as suas avenidas sem medo nem embaraço. Detive-me por uns instantes, fitando o deserto e os carros que passavam velozmente na auto-estrada.

Foi o meu pai que me demoveu. Ou melhor, foi a ideia da sua crescente preocupação perante a minha demora. Não me incomodava particularmente imaginá-lo a percorrer a casa de banho vazia, a entrar em algumas lojas e, finalmente, a chamar a polícia. Não me preocupavam as providências que pudesse tomar. Aquilo que me pareceu insuportável foi imaginá-lo naquele preciso instante, sozinho no restaurante, começando a compreender que acontecera qualquer coisa de errado. Atravessei numa corrida o parque de estacionamento e tive de parar por uns minutos em frente ao restaurante para recuperar o fôlego.

- Sentes-te bem? - perguntou ele, quando regressei à mesa. - Estava a preparar-me para ir à tua procura.

- Estou ótimo - respondi. - Uma pequena indigestão.

- Não me pareces muito bem. É melhor voltarmos já para casa.

- Não - recusei. - Estou perfeitamente bem. Acho que não estou habituado a beber a meio da tarde, só isso.

A empregada, uma mulher da minha idade, de pele estragada e empoada, riu-se de qualquer coisa que o empregado do bar lhe disse. Estavam ambos a fumar cigarros. O empregado do bar era um homem de meia-idade com o aspecto exaltado e amistoso de um terrier. O seu reflexo pairava no espelho escuro por trás dele, sombrio como uma figura suspensa no gelo. Por cima das garrafas iluminadas, um grupo de pequenos pôneis de plástico puxava uma furgoneta de cerveja num círculo eterno.

Nessa noite, depois do jantar, quando o meu pai tirou do armário o tabuleiro de Scrabble, perguntei-lhe se não preferia que déssemos um passeio.

- Não há sítios onde passear - disse ele. - São só casas. Quilómetros e quilómetros de casas.

- Vai, Ned - disse a mãe. - O médico aconselhou-te a fazer um pouco de exercício.

- Um pequeno passeio - disse eu. - Dez minutos. Ele ergueu-se, ofegando ligeiramente.

- Está bem - concordou. - Mas não penses que te safas de uma partida de Scrabble.

- Vou só à casa de banho - disse eu. - Não demoro nada.

- Este miúdo passa mais tempo na casa de banho do que fora dela - disse ele, voltando-se para a mãe.

- Este miúdo já tem vinte e sete anos - respondi. - Sou mais velho do que tu eras quando te casaste com a mãe.

Na casa de banho, forrada de papel com botões de rosa cor de laranja, lavei a cara com água fria. Detive-me em frente ao espelho por uns momentos, sob o ténue zumbido da lâmpada fluorescente. Não olhei para o meu reflexo. Olhei para o papel de parede, para os botões de rosa em filas bélicas, cada um deles suspenso sobre uma única folha de um verde mortiço.

Aos dezanove anos eu costumava usar um fio de pérolas ao pescoço e tatuei um dragão no ombro direito. Abandonei os estudos durante um

semestre, sem dizer nada aos meus pais, e usei o dinheiro da mesada para me inscrever numa escola de hotelaria. Imaginei que podia transformar-me no tipo de pessoa capaz de fazer uma coisa assim. E agora ali estava eu, numa casa de banho em Phoenix, sem saber o que havia de fazer com o meu pai, vivo ou morto. Nunca imaginara vir a encontrar-me numa situação tão comum. Demorei-me na casa de banho tanto quanto o razoável. Puxei duas vezes o autoclismo à laia de justificação.

- Tens a certeza de que estás bem? - perguntou o meu pai, quando me juntei a ele.

- Estou óptimo - respondi. - Anda lá. Vamos ao tal passeio.

Lá fora, a noite do Arizona era límpida, pejada de estrelas.

- Para que lado queres ir? - perguntou o meu pai quando chegámos à rua. - Não há nada de especial em nenhuma direcção.

- Pode ser à esquerda.

Virámos à esquerda. De cada um dos lados, as janelas brilhavam nas pequenas casas cor de pergaminho. O meu pai começou a cantar baixinho «Give My Regards to Broadway» e eu juntei-me a ele.

- Se atalharmos pelo meio destas casas, vamos ter ao deserto, não é? - perguntei, ao fim de um ou dois quarteirões.

- Está cheio de cobras - disse ele. - E de escorpiões. - A ideia de que Ned Glover, o antigo proprietário de um cinema em Ohio, vivia numa terra de cobras e escorpiões era tão inverosímil que desatei a rir. Ele deve ter pensado que estava a zombar da sua prudência. - Bem, espero que os teus sapatos tenham solas grossas - avisou, e começou a caminhar por entre duas casas em direcção ao campo aberto.

Segui-o a alguns passos de distância, ligeiramente inquieto por causa das cobras. O meu pai avançou cerca de vinte metros, voltou-se para me apressar, e continuou a andar. Quando saiu da sombra de uma casa para o luar do deserto, o vento ergueu-lhe o cabelo no ar. Era como se emergisse de um túnel. Corri para me juntar a ele, de olhos postos no chão.

- A sério que há cobras por aqui? - perguntei.

- Há, pois. Cascavéis. Uma das nossas vizinhas, a Mrs. Cohen, encontrou uma afogada no jacuzzi. - Avançámos juntos pelo deserto adentro. O chão era plano como o cenário de um filme, manchado aqui e ali pela sombra negra de uma iúca. À nossa frente erguiam-se as montanhas de cume plano e iluminado pelo luar. Nas sombras profundas dos sopés pulsavam luzes ténues e aquosas; lanternas de ermitas, fantasmas de

navajos ou acampamentos de extraterrestres. - Está uma bela noite - disse o meu pai.

- Linda. Pai?

- Que foi?

- Nada.

Eu temia que o tempo estivesse a esgotar-se. Se bem que sempre tivesse presumido que o meu pai morreria primeiro que eu, imaginava que a sua morte ocorreria num futuro remoto; um futuro em que eu próprio me sentiria mais forte e sólido, mais presente. Subitamente - de um momento para o outro - os pulmões dele tinham começado a deteriorar-se e era bem provável que o meu próprio sangue estivesse sob invasão, preparado para manifestar os primeiros sintomas da doença. Tinha certas perguntas para fazer ao meu pai, mas parecia não conseguir pronunciá-las em casa, no Oldsmobile ou no centro comercial. Esperava ter mais determinação ali, sob as estrelas.

- O gato comeu-te a língua? - perguntou-me.

- Acho que sim.

Continuava a esforçar-me por inventar uma versão alternativa de mim próprio, uma personagem orgulhosa e determinada, capaz de olhar o pai nos olhos e de lhe contar os seus últimos segredos. Desejava que ele me conhecesse, que ele me visse. Tinha estado à espera de me sentir firme e realizado, de modo a poder apresentar-me nos termos de uma felicidade que ele pudesse compreender.

- Tenho estado a pensar naquele cortador de relva - comentou.

- Ah, sim?

- É uma verdadeira pechincha. E se voltássemos amanhã à loja para o comprar? Posso guardá-lo aqui até que precises dele.

- Mas entretanto podes dar-lhe algum uso, não?

- Eu? Para cortar o quê? As pedras do jardim? A nossa garagem tem espaço para dois carros. Pode ficar guardado até que precises dele.

- Para o caso de eu vir a ter um relvado? Queres comprar-me um cortador de relva com dez ou vinte anos de antecedência?

- A qualidade destes aparelhos é cada vez pior - disse ele. - A tua mãe daria uma fortuna para voltar a ter o primeiro Hoover que comprámos. Já não se encontram em lado nenhum. Hoje os aspiradores são todos de plástico.

- Não podes estar a falar a sério.

- Claro que estou a falar a sério. Seja como for, vais herdar a casa e tudo o que estiver dentro dela. Vais gostar de ter um cortador de relva como deve ser. Nessa altura devem ser todos feitos de borracha.

- Não quero um cortador de relva, pai. A sério. De qualquer maneira, obrigado.

- Mesmo assim, acho que vou comprá-lo - insistiu ele. - Fica guardado para ti. Se não o quiseres, podes doá-lo ao Exército de Salvação ou coisa parecida.

- Pai, não quero o cortador de relva - repeti.

- Bem, espera e verás.

- Não quero um berbequim, nem um microondas, nem um Mercury sedan. Não quero bilhetes para a reserva índia. Não quero uma serra eléctrica, nem uma cana de pesca, nem um termo que mantém o café quente o dia inteiro.

- Está bem, pronto. Não precisas de ficar todo abespinhado.

- Aquilo que eu gostava - disse eu -, era de saber o que me aconteceu. Por que será que não consigo ter uma vida de jeito?

O rosto dele contraiu-se. Eu conhecia aquela expressão, aquele encrespar dos músculos faciais sob a pele - acontecia sempre que ele era contrariado ou se via confrontado pelo inexplicável. A cara dele parecia pregar-se e encolher-se enquanto os músculos se reuniam em redor de um ponto central. Era como se estivesse a espreitar qualquer coisa longínqua através do buraco de uma fechadura.

- Não desanimes - disse-me. - Ainda és jovem. Tudo leva o seu tempo.

- Mas o que é que aconteceu? Tu estavas lá, deves saber. Tenho a impressão de que aconteceu qualquer coisa, mas o quê? Tenho um bom emprego, relações, amigos. Por que será que me sinto tão anestesiado e só? Por que será que me sinto um fracasso? Fizeste-me algum mal? Juro que não vou culpar-te. Mas preciso de saber.

Ele deteve-se para respirar. A cara dele continuava a contrair-se.

- Amei-te - disse ele. - Trabalhei muito. Não sei. Devo ter cometido alguns erros. A tua mãe e eu fizemos o melhor que podíamos e sabíamos.

- Sim, eu sei - respondi. - Eu sei. É por isso que estou a perguntar. Como é possível que eu me tenha tornado nesta desgraça?

- Não és desgraça nenhuma - protestou. - Quer dizer, se tens problemas...

- Responde à pergunta, está bem?

- Não sei como responder. - Os olhos dele tornaram-se vítreos. Entreabriu ligeiramente os lábios. De que estaria a lembrar-se? É claro que devia ter acontecido qualquer coisa - um momento de ódio inspirado por um incessante ataque de choro, qualquer gesto de mesquinhez nascido do ciúme.

Qualquer pequeno acto ou omissão, um breve e trivial lapso do amor que, no fim de contas, não explicaria coisa nenhuma.

Ficámos por uns momentos em silêncio, o que era raro. Normalmente o meu pai e eu evitávamos o silêncio. Éramos bons conversadores e sabíamos ocupar o ar à nossa volta com conversas, jogos ou canções. A forma curva de um falcão deslizou por entre as estrelas. Uma lata de 7-Up vazia cintilava ao luar como algo de precioso.

- Pai, escuta - recomecei. Não respondeu. Foi só então que compreendi que estava a lutar para conseguir respirar. - Pai? Sentes-te bem? - A cara dele estava sombria, os olhos anormalmente dilatados pelo esforço. Tinha a expressão chocada de um peixe puxado da água para um mundo de luz lancinante, irrespirável. - Pai? Consegues falar? - Ele abanou a cabeça. O meu primeiro impulso foi fugir dali. Ainda podia escapar; podia negar tudo. Ninguém suspeitaria de mim. - Pai - chamei, desesperado. - Oh, pai, que hei-de fazer? - Ele fez-me sinal para que me aproximasse. Agarrei-lhe os ombros, inspirando o seu odor a whiskey e água de colónia que não tinha mudado desde a minha infância. Os pulmões dele chiavam como balões vigorosamente esfregados. Cuidadosamente, como se ele fosse de porcelana, ajudei-o a sentar-se no chão. Sentei-me ao lado dele, abraçando-o, sobre a terra fina como talco. Então é assim, pensei. A morte do meu pai é isto. Não sabia como ajudá-lo, o que fazer; onde devia sepultá-lo. Acaricieei-lhe o cabelo ralo, que em tempos fora espesso e abundante o bastante para servir de incentivo a um casamento. Abri a boca para falar e descobri que não tinha nada a dizer-lhe. Só me ocorriam os clichés habituais, que qualquer estranho poderia dizer-lhe. Mesmo assim, disse-os. A alternativa era deixá-lo morrer em silêncio. - Está tudo bem - disse eu. - Está tudo bem.

O meu pai não conseguia responder. O esforço obscurecera-lhe e entumecera-lhe o rosto. - Não te preocupes com a Mãe e comigo - disse-lhe. - Vamos ficar bem. Está tudo bem, a sério. Está tudo bem.

Não sabia se ele conseguia ouvir-me. Parecia ter recuado profundamente para dentro de si mesmo; parecia ter abandonado o próprio

cérebro, concentrando toda a energia que lhe restava na acção insuficiente dos pulmões.

Continuei a afagar-lhe a cabeça e os ombros. Continuei a dizer-lhe que estava tudo bem.

E, ao fim de algum tempo, ele recuperou. Começou a respirar de novo; o rosto dele perdeu gradualmente aquela expressão desesperada, estrangulada. Continuámos sentados lado a lado enquanto os pulmões dele, frágeis como gaze, retomavam de algum modo a sua função natural.

- Acho que exagerei um pouco - conseguiu ele dizer por fim.

- É melhor ficares aqui - disse eu. - Vou pedir ajuda. Ele abanou a cabeça.

- Já estou melhor - garantiu. - Mas temos de regressar muito devagarinho. Está bem?

- Está. Claro que sim. Desculpa, pai.

- Desculpo o quê?

Ajudei-o a levantar-se e iniciámos a longa viagem de regresso a casa. Levámos mais de uma hora para percorrer a distância que tínhamos feito em vinte minutos. As estrelas cadentes atravessavam o céu sobre nós.

Certa vez, tinha eu quinze anos, acompanhei o meu pai numa viagem de carro até Chicago para fazer compras. No regresso fomos apanhados por uma tempestade. A chuva caía a potes; o céu adquirira esse verde-acinzentado opaco de onde nascem os tornados. O tempo piorou de tal forma que decidimos estacionar numa área de descanso junto a um lago lamacento rodeado pelo vasto verde de um campo de cevada. A chuva martelava o tejadilho e o capot do carro. Ficámos sentados em silêncio, pigarreando de vez em quando, até que um relâmpago tingiu de amarelo lívido a superfície do lago. Desatámos a rir, como se o relâmpago fosse a conclusão de uma longa e complicada anedota. Quando acabámos de rir falámos sobre o meu futuro, sobre a possibilidade de arranjar um cão, sobre os nossos dez filmes preferidos. Depois da tempestade regressámos a casa com o rádio ligado e as janelas abertas. Mais tarde soubemos que houvera de facto um tornado, que arrasara um reservatório de água e um cemitério Amish a cerca de trinta quilómetros do sítio onde tínhamos estacionado o carro.

Agora caminhávamos lado a lado, muito devagar, através da noite azul-prateada do deserto.

- Pai? - disse eu.



- Diz, filho.

- E se fôssemos outra vez ao cinema amanhã? Ouvi dizer que o Moonstruck não é nada mau.

- Ótimo. Já me conheces, estou sempre pronto para um filme.

Insectos desconhecidos emitiam um zumbido suave, mas insistente; um sussurro que poderia ser o som da própria terra a girar pela escuridão do espaço. As luzes das casas brilhavam. Não estavam muito distantes. Contudo, pareciam quase demasiado reais e acessíveis para as podermos tocar. Eram como buracos abertos na noite, derramando luz de um outro mundo, mais feliz. Por uns momentos pude imaginar como é ser-se um fantasma - vaguar eternamente através de um silêncio mais profundo que o silêncio, avistar as luzes de casa sem conseguir jamais alcançá-las.

## CLARE

Jonathan limitara-se a dizer: «Uma simples visita aos pais. Culpa e filmes. Eles agora vivem num pueblo.» Mas tornara-se mais silencioso, mais propenso ao secretismo e a meias palavras. Mantinha a porta do quarto fechada. Em Março anunciou que estava a pensar sair do apartamento.

Perguntei-lhe porquê.

- Para arranjar uma vida - respondeu.

Quando lhe perguntei o que diabo pensava ele estar a viver nesse momento, respondeu: «Um bilhete cancelado.»

Era manhã. Uma dessas pálidas e lamacentas manhãs de Março que se sucedem umas às outras, como um novelo que se desenrola. Jonathan olhava para a rua através da janela da sala de estar. Ao pronunciar a palavra «bilhete» deu um piparote no cabelo com a ponta dos dedos, num estilo afectado e taciturno.

- Por favor, querido - disse eu -, explica-me o que queres dizer em inglês corrente.

Ele suspirou, relutante em expor o assunto em termos mais simples. As manifestações de alegria, afecto e generosidade eram-lhe fáceis. Jonathan

sabia exprimir com clareza esses sentimentos. Mas, sempre que se sentia irritado ou triste, recorria às metáforas. Já o tinha visto encolerizado ao estilo cáustico e esbugalhado da Bette Davis. Vira-o sofrer embaraços como um putto de rua, de olhos baixos e punhos cerrados. Mas aquela atitude de piparotes no cabelo e olhares pela janela era novidade.

- Vá lá - insisti. - Fala comigo. - Jonathan voltou-se para me encarar.

- A vida para a qual me tinha vindo a preparar foi cancelada - explicou.

- Julguei que pudesse manter-me descomprometido e amar uma série de pessoas diferentes. Tu e o Bobby incluídos.

- E podes. E amas.

- Não posso nada. É uma nova era, as pessoas estão todas a casar-se.

- Eu não, muito obrigada.

- Tu também. Agora estás com o Bobby. E eu tenho de encontrar alguém que seja só meu. E já não sinto que tenha todo o tempo do mundo. Quer dizer, Clare, e se eu estiver doente?

Hesitei.

- Não estás doente - respondi.

- Como é que sabes? Podem passar-se vários anos antes que a doença se declare.

- Jonathan, querido, estás a ser melodramático.

- Estou?

- Estás. Eu sei que estás de perfeita saúde, a sério. És perfeitamente saudável. Por favor, não saias de casa. Vais destruir a família.

- Tu e o Bobby são a família - disse ele. - Vocês os dois. - Voltou-se de novo para a janela. A vizinha da frente, uma jovem mulher porto-riquenha, pendurava cuecas de rapazes e meias de homem pretas numa corda.

Estava certa de que engravidaria em breve. Deixei de tomar precauções. Mas não parecia conseguir dizê-lo a ninguém, nem a Bobby, nem a Jonathan. Suponho que sentia vergonha dos meus próprios motivos. Não gostava de me ver como uma mulher calculista ou dissimulada. De facto, tudo o que eu queria era engravidar por acidente. A inesperada desvantagem da vida moderna é a nossa vitória sobre os nossos próprios destinos. Somos chamados a decidir sobre quase tudo e conhecemos minuciosamente as repercussões dos nossos actos. Se vivesse noutros tempos, teria tido bebés aos vinte anos, quando estava casada com Denny. Ter-me-ia tornado mãe sem o decidir. Sem pesar as consequências. Mas Denny e eu tínhamos sido demasiado sensatos ao início - vivíamos com o

meu dinheiro e tínhamos grandes ambições - e, mais tarde, demasiado furiosos um com o outro para gerarmos um filho. Na verdade, engravidei por acidente, mas de um dos elementos da companhia de dança de Denny que se dizia homossexual. Tive de tratar do assunto. Nessa idade, nessa época, as pessoas desembaraçavam-se do desnecessário. Mantinham-se livres e desimpedidas, prontas para viajar.

Agora eu queria um bebé e desejava criá-lo em conjunto com Jonathan. Podíamos ser um novo tipo de família. Uma família enorme e desarticulada, com tios e tias espalhados por toda a cidade. Estava a tentar encenar o meu próprio acidente. Só precisava de um pouco mais de tempo.

Numa tentativa para animar Jonathan, persuadei-o a convidar Erich para jantar connosco lá em casa. Jonathan não gostava da ideia. Tive de ser persistente. Levei mais de uma semana, mas não desisti, já que acreditava naquilo que estava a fazer. A minha teoria sobre os problemas de Jonathan era muito simples. A vida dele era demasiado compartimentada. Tinha o emprego no jornal e a amizade comigo e com Bobby. Tinha os amigos da faculdade e uma vida sexual fortuita com desconhecidos e um caso amoroso mais estável com um homem que nenhum de nós conhecia. Eu acreditava que deviam existir mais pontos de contacto entre as diversas áreas da vida dele.

- Por que não trazes o Erich para jantar cá em casa? - perguntei-lhe numa manhã nublada em que as ameaças de chuva pareciam não conseguir cumprir-se. - Tens vergonha de nós?

Eu usava um roupão de banho de veludilho cor-de-rosa e prendera o cabelo com uma fita às riscas pretas e brancas. Por uns momentos consegui imaginar-me como uma esposa astuta, de mãos apoiadas nas ancas ossudas. Não era uma imagem lisonjeira. Mas não me importava muito. Pelo menos era uma mulher que sabia o que queria. Nesse momento, a ambiguidade e as indecisões não esvoaçavam à minha volta como moscas.

- Claro que não - respondeu Jonathan. - Já te expliquei. O Erich não se sentiria muito à vontade na companhia dos Hendersons.

Estava a preparar-se para sair. Tinha calçado um sapato. Beberricava uma caneca de café enquanto Bobby lhe preparava uma torrada.

- Não precisamos de convidar os Hendersons - sugeri. - Seríamos apenas nós, quatro pessoas normais demasiado preocupadas com os seus próprios defeitos para repararem nos dos outros.

- Eu e o Erich não temos esse tipo de relação - disse ele.

- Que tipo?

- O tipo de «conhecer os amigos um do outro». Seria demasiado desconfortável. Para todos.

- Como podes saber, se ainda não experimentaste? - perguntei. - Querido, para falar com absoluta franqueza, acho que limitas as tuas relações ao decidires de antemão e completamente sozinho aquilo que devem ou não devem envolver.

Bobby levou a torrada a Jonathan e deu-me uma palmada afectuosa no traseiro. Pensei, com temor, nos sossegados serões que passaríamos sozinhos. Nas invariáveis rotinas domésticas que desenvolveríamos.

- Talvez tenhas razão - disse Jonathan. - Mas agora tenho de ir. Adeus. Segui-o até ao patamar.

- Prometo que não lhe contamos nenhum dos teus segredos - gritei-lhe. - Nem anedotas parvas. Nem lhe mostramos os slides das nossas viagens.

Finalmente, por meio da simples persistência, consegui o que pretendia. A minha persistência, se bem que funcionasse geralmente, não contava como verdadeira virtude, já que não conseguia baseá-la na paciência. A minha determinação canina tinha-me já conduzido, não obstante todas as advertências em contrário, a um casamento com um bailarino fanático e a uma relação com uma escritora de renome que prometera ensinar-me a renunciar ao ódio que sentia por mim própria; tinha-me conduzido ao negócio da roupa em segunda mão, a um curso de cabeleireira, ao budismo e à dança moderna. Os buldogues devem experimentar um tipo similar de problema. Assim que enterram os dentes na orelha ou no rabo de um touro, acreditam provavelmente que trataram da saúde ao animal inteiro.

Erich veio jantar connosco numa noite de sexta-feira. Bobby e eu preparámos o tipo de refeição ligeira que estava então em voga: massa cozida com ervas frescas, galinha assada, vegetais importados de três continentes diferentes. Queríamos impressioná-lo. Enquanto cozinhávamos, especulámos sobre o aspecto e personalidade de Erich.

- Imagino-o cismático - disse eu. - Um desses sujeitos calados e temperamentais que as pessoas costumam considerar «difíceis», mas que geralmente não passam de uns parvalhões.

- Achas que o Jonathan escolheria uma pessoa assim? - perguntou Bobby.

- Acho que pode sentir-se atraído por uma pessoa assim - esclareci. -

Lembra-te que ainda não o apresentou a nenhum dos amigos.

Bobby estava a picar um pimento amarelo. Eu estava de costas contra as costas dele, a lavar erucas. Tínhamo-nos habituado a trabalhar juntos naquela cozinha minúscula. Tínhamos aprendido a mover-nos em sintonia.

- Pois - disse ele. - Bom, talvez tenhas razão. Eu imagino-o mais como uma espécie de criminoso.

- Um criminoso? A sério?

- Não que seja um assassino. Não estou a pensar num criminoso desse género. Estou a pensar num traficante de drogas. Sabes. Num tipo que se mete em negócios escuros.

- Mas ele é actor - lembrei. - Pelo menos sabemos isso.

- Oh, acho que muitos desses tipos vendem drogas. Não achas? Quer dizer, de outro modo como conseguiriam sobreviver?

- E o aspecto dele, como achas que é?

- Bem, moreno - disse Bobby. - Mais interessante do que realmente bonito. Modernaço. Imagino-o com um pequeno rabo de cavalo.

- Hum. Eu imagino-o muito jovem. Sabes, um desses louros muito lavadinhos que chegam às carradas do Midwest e acabam a fazer anúncios às pastas dos dentes.

- Bem, em breve saberemos - disse ele. E, meia hora mais tarde, soubemos.

Jonathan e Erich chegaram juntos. Trouxeram tulipas de estufa amarelas e uma garrafa de vinho tinto. Erich entrou primeiro e Jonathan demorou-se um pouco sob a ombreira da porta, como se estivesse a preparar-se para fugir, deixando-nos sozinhos com o namorado.

Erich cumprimentou-nos com um aperto de mão.

- Prazer em conhecê-los - disse ele.

Era magro, de cabelo ralo. Usava calças de ganga e uma camisa de pólo azul escura com a insígnia de Ralph Lauren - o pónei do pólo - bordada a vermelho no peito.

- Erich - disse eu. - O homem mistério.

A testa alta de Erich enrubesceu. Erich tinha um rosto afilado, queixo e nariz bicudos e olhos pequenos, brilhantes e muito juntos. Era um rosto comprimido, assustado. Era como se tivesse a cabeça entalada nas portas de um elevador. Acenou com a cabeça.

- Não sou bem um mistério - disse ele. - Oh, não, não sou mistério nenhum. É uma pena que a gente ainda não se tivesse conhecido. Eu, bem,

sinto-me muito contente por estar aqui.

Soltou uma gargalhada aguda, como se tivesse recebido um murro no estômago.

- E se tomássemos uma bebida? - sugeri. Erich disse que lhe apetecia uma água com gás e Jonathan correu a preparar as bebidas. Sentámo-nos na sala de estar.

- É um apartamento muito giro - disse Erich.

- É uma espelunca - retorqui. - De qualquer maneira, obrigada. Não tiveste de passar por cima de nenhum cadáver no átrio, pois não?

- Oh, não - respondeu. - Não. Porquê? Costumam acontecer esse tipo de coisas cá no prédio?

Não consegui perceber se a ideia de um homicídio no átrio o repelia ou excitava. Tinha uma dessas vozes entusiásticas e indecifráveis.

- Ultimamente não - disse eu. - O Jonathan disse-me que és actor.

- É verdade. Bom, já não sei muito bem. Ultimamente tenho sido mais empregado de bar. E tu, o que é que fazes?

Erich estava sentado no cadeirão de braços que eu tinha encontrado no passeio da Primeira Avenida, um velho monstro de costas curvas e estofado de brocado verde. Manteve-se encolhido, de pernas cruzadas e mãos pousadas sobre a coxa, como se o tivessem aconselhado a ocupar o menos espaço possível.

- Sou traficante de bagatelas - respondi-lhe. - Faço brincos com velharias.

Ele acenou com a cabeça.

- E consegues viver disso? - perguntou.

- De certa forma.

Nunca falava aos desconhecidos do dinheiro da minha herança. Fazia-me sentir frívola e mimada, diferente de todas as pessoas que conhecia.

Sempre trabalhei, mas nunca tive um desses empregos horríveis, implacáveis, que as pessoas são obrigadas a aceitar para pagarem as contas.

Mas agora sentia-me, de um modo impreciso, como se tivesse revelado qualquer coisa de incriminatório. Erich podia ser um espião da cia. Um agente secreto, tão óbvio e mal disfarçado que as pessoas eram levadas a confessar-lhe os seus erros banais por uma simples questão de desconforto social.

Jonathan apareceu com as bebidas.

- Um brinde ao fim do mistério - disse eu. Brindámos todos.

- Hum, gostas de algum tipo de música em particular? - perguntou Bobby.

Erich olhou para ele, pestanejando.

- Adoro música - respondeu. - De todos os tipos.

- Vou pôr uma cassete - disse Bobby, erguendo-se. - Apetece-te ouvir alguma coisa em especial?

- Deixa-me ver o que tens - pediu Erich. Ergueu-se do velho cadeirão com surpreendente graciosidade e seguiu Bobby.

Jonathan e eu aproveitámos a oportunidade para trocar um olhar. Jonathan desenhou com os lábios as palavras: «Eu bem te avisei.»

Bobby acocorou-se em frente às prateleiras onde guardávamos as cassetes.

- Temos um pouco de tudo - disse ele. - Um pouco de todos os géneros.

- Têm Coltrane - disse Erich. - Oh, vejam só, têm The Doors!

- Gostas de The Doors? - perguntou Bobby.

- Quando era mais novo queria ser o Jim Morrison - confessou Erich. - Costumava treinar os trejeitos dele no quintal das traseiras. Treinava todos os dias, fazia playback. Mas depois compreendi que me faltava parte do equipamento fundamental. - Soltou uma gargalhada, o mesmo som surpreso e ofegante.

- Então cá vai - disse Bobby, metendo a cassete de The Doors no aparelho. - Gostas do Bob Dylan?

- Oh, claro que gosto. Também quis ser o Bob Dylan.

- Quando me mudei para cá, trouxe alguns dos meus velhos discos - contou Bobby. - Tenho alguns bastante raros. Gostas do Hendrix?

- Adoro o Hendrix. Era o maior.

- Consegui arranjar alguns deles em cassete. Mas há outros demasiado raros. Queres vê-los?

- Claro. Claro que quero.

- Não podemos ouvi-los - explicou Bobby. - Ainda não temos gira-discos. Temos de comprar um. Se bem que estejam a ficar fora de moda.

- Eu tenho um gira-discos - disse Erich. - Podes aparecer lá em casa para ouvires os teus discos. Se quiseres.

- Oh, óptimo. Gostava muito. Anda daí, os discos estão no quarto.

- Dão-nos licença um minuto? - disse Erich, olhando para mim e Jonathan. E, subitamente, consegui imaginá-lo aos oito ou nove anos: um rapazinho bem-educado e entusiástico, propenso às lágrimas, um mistério

para os pais.

- Com certeza - respondi. Bobby e Erich foram para o quarto. - Bem, os miúdos parecem estar a dar-se às mil maravilhas - comentei a Jonathan, em voz baixa.

Jonathan abanou a cabeça.

- Eu bem te disse que ia ser um desastre. Não me quiseste ouvir.

- Que disparate. Não é desastre nenhum. O Bobby está perdido de amores por ele.

- E tu achas que ele é uma anedota e um chato.

- Por amor de Deus, Jonathan. Só o conheço há cinco minutos.

- Cinco minutos chegam bem. Terias de dormir com ele para o conheceres melhor do que conheces neste momento.

- Não sei por que continuas a andar com ele se te desagrada assim tanto - protestei.

- Sexo - respondeu Jonathan. - E a minha própria maluquice. Oh, suponho que gosto dele à minha maneira, sem romantismos. Mas não queria misturá-lo com o resto da minha vida. E tinha razão quanto a isso.

- És uma pessoa muito esquisita.

- Julgas que eu não sei?

Quando Bobby e Erich regressaram à sala, sugeri que pegássemos nos copos e fôssemos ver o pôr do Sol ao terraço. O mais importante era manter aquela pequena festa em movimento, fisicamente se necessário. Era uma tarde de finais de Março anormalmente quente. O tipo de clima que sugere o princípio da Primavera ou os efeitos de um teste nuclear.

Jonathan concordou entusiasticamente, Bobby e Erich nem por isso. Sabia o que estavam a pensar. Se fôssemos para o terraço, perderiam a faixa seguinte do Strange Days.

- Meninos, podemos ouvir a cassete desde o princípio quando voltarmos a descer - disse eu, e o tom maternal da minha voz surpreendeu-me.

Subimos as escadas para o terraço, um quadrado alcatroado, limitado por uma balaustrada de betão. O Sol cor de laranja pairava sobre o horizonte de Nova Jérсия. As antenas de televisão projectavam sombras complicadas, que lembravam pássaros. As janelas dos arranha-céus cintilavam em tons de âmbar e bronze. Uma grande nuvem salpicada de cor-de-rosa, de ondas e pregas nítidas e precisas como marfim inculpido, suspendia-se sobre Brooklyn, absorvendo os últimos raios de luz. No



edifício do outro lado da rua havia uma janela aberta com cortinas aos folhos de onde escapava uma melodia de ritmo latino. Ficámos voltados para oeste, projectando sombras de seis metros.

- Que maravilha - exclamou Jonathan. - Quando começamos a pensar em mudar-nos para o campo, a cidade faz-nos uma coisa destas.

- Adoro o terraço - disse eu. Uma vez mais, o tom da minha própria voz surpreendeu-me. Soava como uma anfitriã modelo.

- Não se ouve música deste género no meu bairro - disse Erich. - Esta música mexicana.

- Eu gosto - disse Bobby.

- Eu também - respondeu Erich.

Bobby começou a balançar as ancas ao ritmo da música e em breve estava a dançar. Ao vê-lo cumprir as rotinas diárias ao seu jeito bem-disposto, ligeiramente desnorteado, esquecíamos-nos de como dançava bem. Era uma das suas surpresas. A música despertava nele uma graça e vivacidade de movimentos que geralmente não possuía. Nesses momentos parecia libertar-se de um qualquer peso interior. Um fantasma do corpo, todo ele cartilagem e osso, que se dissolvia ao som de uma guitarra ou ao primeiro balido de um trompete. No disco, uma mulher de voz rouca, acompanhada por maracas e guitarras, cantava em espanhol com uma paixão despudoradamente simples. Bobby, que amava a música, toda a música, dançou enquanto o Sol se punha.

Erich olhou para Jonathan e para mim. Compreendi aquilo que queria.

- Fica à vontade.

Com um sorriso tímido, Erich começou também a dançar.

Não era tão bom dançarino como Bobby, mas movia os pés ao ritmo da música e fazia pequenos movimentos nervosos com os braços. Bobby voltou-se para ele no momento em que o céu se despediu do seu último azul e uma estrela ténue surgiu no espaço violeta que alastrava a leste.

Jonathan e eu ficámos a observá-los, de copo na mão.

- Acho que não me apetece ficar simplesmente a olhar para a festa - disse Jonathan. - E tu?

- Não - respondi. - Não particularmente.

Jonathan pousou o copo no parapeito do terraço e começou a dançar com Bobby e Erich. Era um dançarino gracioso, se bem que contido. Movia-se numa pequena coluna de ar, cujos limites nunca ultrapassava. Observei-os. Por um momento - um só momento - senti que o turbilhão do

mundo se afastava para longe de mim. Vi-me a mim própria sob a derradeira luz do dia, envelhecendo num vestido roxo em segunda mão, enquanto três homens mais jovens dançavam juntos. Não foi, nem por sombras, um momento comum. E, contudo, tinha a impressão de que já o tinha vivido.

Para regressar à realidade, comecei a dançar. Que mais podia eu fazer? Os saltos dos meus sapatos espetavam-se no alcatrão, emitindo uma espécie de suspiro abafado, e acabei por decidir descalçar-me.

- Muito bem - disse Jonathan -, agora vamos fazer o número do terraço do West Side Story. Estão prontos?

- Como é que começa? - perguntei.

- Deixa cá ver. I like to be in America.

- Okay by me in America.

- Everything free in America.

- For a small fee in America.

Gritámos e batemos palmas. Quando o número chegou ao fim, fiz três piruetas perfeitas. Não fazia aquilo há pelo menos quinze anos. Senti as minhas pernas a atravessar o ar, direitas e implacáveis como lâminas.

- Fui chefe de claqué - expliquei. - Antes de decidir que preferia ir para o inferno.

Qualquer coisa se apoderou de nós ali em cima. Lembrei-me dessa sensação da infância, quando um jogo ganhava balanço. Bobby desabotoou a camisa, que esvoaçou ao vento. Dançámos com movimentos exagerados, como bailarinos de um coro da Broadway, com saltos e reviravoltas. Quando a música latina acabou, desatámos a cantar. Cantámos canções dos Jets e de «Officer Krupke». Cantámos os números todos de Hair.

- O meu irmão costumava ouvir esse disco dez vezes por dia - disse Bobby. - Até ao dia em que a minha mãe o deitou para o lixo. Mas ele comprou outro. E ela deitou a aparelhagem para o lixo.

- Um dos meus primos entrou numa produção do Hair - disse eu. - Aqui há uns anos, na Florida.

Cantámos alguns números de South Pacific, e tudo aquilo de que conseguimos lembrar-nos do My Fair Lady. Dançámos ao som das nossas próprias vozes. Quando nos cansámos de dançar, sentámo-nos no alcatrão aquecido pelo sol, inalando o seu cheiro a terra acre e químicos. Continuámos a cantar. A certa altura, enquanto cantávamos «Get Me to the Church on Time», olhei para Jonathan e surpreendi-o a fitar-me com uma

expressão que nunca lhe tinha visto. Era um olhar ferido, soturno, onde a raiva e a tristeza se misturavam. Quando o nosso olhar se cruzou, Jonathan apressou-se a desviar os olhos para o céu. Cantámos «I Heard It Through the Grapevine» e «Norwegian Wood». Bobby e Jonathan cantaram algumas canções da Laura Nyro, até que eu os obriguei a mudarem para qualquer coisa que todos conhecêssemos. Ficámos sentados a cantar no terraço até a escuridão chegar, até a cidade começar a luzir à nossa volta com a intensidade de dez milhões de festas.

## BOBBY

No dia a seguir à festa no terraço, Jonathan desapareceu no labirinto da sua vida. Não deixou nada atrás de si, além de algumas palavras rabiscadas numa folha de papel fixa à mesa pelo pimenteiro. «Queridos B. e C, espero que sejam muito felizes juntos. Que frase tão foleira, não é? Enfim, decidi começar de novo noutra sítio. Francamente, ainda não sei onde. Depois telefone. Façam o que quiserem com as minhas coisas. Beijos, J.»

Clare e eu lemos aquelas linhas vezes sem conta, como se fossem um código para uma outra mensagem, mais razoável. Clare telefonou para o jornal e descobriu que Jonathan tinha pedido a demissão nessa manhã, sem aviso prévio. Não deixara um novo endereço. O quarto dele estava tão branco e vazio como sempre. Tanto quanto podíamos ver, só tinha levado algumas peças de roupa.

- Raios o partam - disse Clare. - Aquele cabrão. Como pôde fazer isto?
- Não sei - disse eu. - Fez e pronto.

Clare estava furiosa e eu estupidificado. As partidas provocavam em mim uma espécie de apatia - sentia o meu cérebro enevoar-se. Quando alguém partia, eu perdia a noção de tudo. Sentia-me mergulhado numa confusão densa, palpitante, como se estivesse sob o efeito de uma droga. Suponho que era uma espécie de atraso mental. Uma qualquer conexão neural defeituosa. Alguém que estivera ali deixara de estar. Não conseguia compreender.

- Jonathan, grande parvalhão - disse Clare. - Logo agora que as coisas tinham começado a funcionar. - Amarrotou o bilhete e atirou-o para o caixote do lixo, se bem que mais tarde o tenha recuperado, como se pudesse vir a ser útil como prova.

- Ele vai voltar? - Tencionara fazer uma afirmação, mas a frase soou como uma pergunta.

- Qual é o problema dos homens afinal? - perguntou Clare. Estava de pé sobre o tapete da sala, de braços cruzados sobre o peito e expressão furiosa. Compreendi que numa outra vida Clare poderia ter sido uma professora louca, uma dessas solteironas exaltadas que começam por nos parecer patéticas, mas acabam por mudar as nossas vidas. Não lhe respondi. Estava sentado no cadeirão de veludo coçado, aquele que tínhamos arrastado para casa desde a esquina de Eighteenth Street. Apertei as mãos entre as coxas. - Diz lá, a sério - insistiu ela. - Adorava saber. Tens alguma ideia? Que se passa na cabeça dos homens? O que é que eles querem? - Encolhi os ombros. Não sabia responder àquela pergunta, se bem que Clare parecesse aguardar uma resposta. Senti-me o pior aluno da turma, incapaz até de responder às perguntas mais fáceis que ela reservava para mim. - Vou sair - anunciou. Lançou o blusão para cima do ombro, o blusão de cabedal desbotado com o símbolo da paz nas costas. Os brincos dela tilintavam e cintilavam. Desceu as escadas, os saltos dos sapatos martelando os degraus com tanta determinação que acreditei que em breve estaria de volta, arrastando Jonathan por uma orelha. Percorreria as estações de comboio e os aeroportos, faria parar o trânsito na ponte de George Washington. Era demasiado alta e furiosa para poder ser evitada. Contudo, ao fim de uma hora, regressou sozinha. Eu mal me tinha mexido. Deixei-me ficar sentado na sala, assistindo ao paciente desenrolar dessa hora. Clare entrou na sala e deteve-se por uns momentos, fitando-me com uma expressão confusa.

- Encontrei-o? - perguntei.

- Claro que não o encontrei. - Aproximou-se de mim, brusca e determinada. - Amas-me? - perguntou ela.

- Não sei - respondi. Não me ocorreu outra coisa além da verdade.

- Eu também não sei se te amo - confessou ela. Despiu-me a camisa com força suficiente para a rasgar pelas costuras. Fizemos amor no chão da sala. Mordeu-me o pescoço e os mamilos, puxou-me o cabelo, arranhou-me as costas e as nádegas.

Jonathan levantara o dinheiro todo que tinha no banco e comprara um

bilhete para qualquer lado. Clare e eu passámos algumas semanas de angústia, na expectativa de receber notícias dele.

- Não compreendo isto - dizia Clare. - Não parece real. É uma espécie de gesto. Sabes como o Jonathan é.

- Sim, sei como ele é. - A verdade, porém, é que Jonathan tinha partido. Alice e Ned não sabiam dizer-nos nada e de Erich só sabíamos o primeiro nome e o facto de que trabalhava num restaurante qualquer. Depois do jantar daquela noite tínhamo-nos congratulado mutuamente pelo sucesso do encontro. Prometemos voltar a juntar-nos o mais brevemente possível. Não nos parecia que precisássemos de pretextos para nos mantermos em contacto.

E agora era como se Jonathan se tivesse escapulado por um alçapão secreto. Vimo-lo pela última vez na cozinha, a lavar a louça; bebera um último gole de scotch e dera-nos um beijo de boas-noites. Tinha saído para o emprego mais cedo do que o costume. E nessa noite, ao regressar a casa, Clare e eu tínhamos encontrado aquele bilhete.

- O estúpido de merda - disse Clare. - Qual é o problema dele?

- É uma pessoa dramática - expliquei. - Não consegue evitar. Esperei pelo aparecimento dos meus verdadeiros sentimentos.

Esperei por todas as reacções apropriadas: raiva e desilusão, um sentimento de traição. Mas as semanas passaram e o vazio persistia. Não acontecia nada, absolutamente nada. Sentia-me mergulhar na minha antiga condição de Cleveland, a viver uma vida feita de pormenores. No trabalho, ralava montanhas de queijo e cortava o meu peso em cogumelos. Em casa via televisão, assistia à mudança da luz nas janelas, via o tempo a passar enquanto ouvia música. Descobri com surpresa que Nova Iorque podia ser tão banal e desoladora como Cleveland. Podia transmitir o mesmo sentimento de desuso. Se bem que pensemos nos mortos como habitantes do passado, acredito agora que eles vivem num presente infinito.

Não há esperança de que as coisas melhorem. Não há memória da vontade humana que conduziu a cada momento.

Na ausência de Jonathan, passei a assombrar a minha própria vida. Não conseguia estabelecer contacto. Atravessava as horas como uma sombra, percorria num estado de desamparada perplexidade os espaços onde Jonathan tinha dançado e chorado e amado; os espaços onde ele estivera em tempos, vivo o bastante para os ignorar.

Clare lidava com um curso de sentimentos mais previsível e conseguiu

superá-lo. Ensinou-se a aceitar os mistérios de Jonathan, o seu irritante egocentrismo. Inventou uma história para contar aos amigos: não se deve confiar em pessoas com menos de trinta anos.

- Aos vinte e oito anos as pessoas não são responsáveis pelos seus actos - dizia. - Nessa idade ainda estão a tentar definir-se. Desejo a melhor sorte do mundo ao Jonathan, a sério que sim. Só espero que me telefone um destes dias, depois de ter desenvolvido uma personalidade.

Durante algum tempo detestou-me por eu ter vinte e oito anos. Depois daquela suada e furiosa sessão no chão da sala, pôs fim às nossas relações carnavais e mandou-me dormir na cama de Jonathan. Disse-me que não queria sentir a minha falta quando também eu decidisse desaparecer. Finalmente, passado quase um mês, apareceu no meu quarto uma noite e deitou-se ao meu lado.

- Tenho sido uma estúpida, não tenho? - sussurrou ela. - Por favor, perdoa-me, querido. O abandono é um dos meus pontos fracos. O que é que tu achas? Achas que vamos conseguir desenrascar-nos, só nós dois?

Disse-lhe que provavelmente sim. Tanto quanto sabíamos, estávamos envolvidos numa espécie de relação amorosa. Eu gostava de fazer amor com Clare; gostava do calor e surpresa do corpo dela. Gostava do trilho de pequenos pêlos loiros que lhe uniam o umbigo ao púbis, gostava daqueles vincos fundos que lhe separavam as nádegas das coxas. Fizemos amor nessa noite, pela primeira vez desde há um mês, e, se bem que tivesse sido muito agradável, continuava a faltar qualquer coisa de essencial. Era o que eu esperava. O sexo convertera-se numa sucessão de pormenores, com uma doce implosão no fim. Era mais um elemento da rotina diária.

Depois dessa noite voltámos a dormir na mesma cama. Fazíamos amor uma ou duas vezes por semana. Mas, ao partir, Jonathan levava consigo uma parte do ar - e as coisas não avançavam em nenhum sentido. Clare e eu estávamos encurralados no presente. De acordo com a filosofia em voga na época, era o lugar certo. Mas a verdade é que, ao perdermos a noção do nosso passado e futuro, começámos a vogar à deriva. Clare também o sentia. Chamava-me «querido» e «meu amor» mais vezes. Olhava-me com uma espécie de doçura que era o perfeito contrário do desejo. Comecei a reparar que os tendões do pescoço dela estremeciam quando falava. Tornei-me mais consciente do modo como arranhava desenhos invisíveis na toalha da mesa, ou dos borbotos pegajosos de rímel que por vezes se formavam nas pestanas dela.

Continuámos a fazer o que sempre tínhamos feito. Víamos televisão, íamos ao cinema, comprávamos roupa usada e dávamos longos passeios pelo bairro em contínua mudança. Às vezes saíamos à noite, íamos a festas. Mas os momentos que passávamos juntos pareciam escapar-nos. Não encontrávamos nada de importante para dizer um ao outro. Eu não era grande conversador. Absorvia as coisas, mas não as devolvia transformadas em linguagem. Jonathan sempre falara pelos dois. Agora havia silêncios que não alcançavam nenhum fim lógico. Ninguém chegava a casa além de Clare e de mim. Não tínhamos ninguém sobre quem falar, ninguém com quem nos preocupar, além de nós próprios.

Pensei nos meus pais. Pensei em Ned e Alice.

Aquilo era o amor entre um homem e uma mulher. Pelo menos tinha aprendido isso.

O Verão passou, chegou o Outono. Só voltaria a ver Jonathan em Novembro - e por mero acaso. Tinha ido consultar um quiroprático ao Upper West Side, para tratar um mau jeito que dera nas costas ao levantar uma grade de garrafas de champanhe. Aquela zona era como uma cidade diferente - nós vivíamos a vida do centro. Caminhando por Central Park West a caminho da estação de metro, fitei como um turista as folhas amarelas do parque e os cãesinhos de pêlo tosquiado saltitando em redor dos lustrosos sapatos dos donos. Estava tão absorvido pela luxuosa estranheza do local que quase passei por Jonathan sem o ver.

Jonathan estava encostado à parede de tijolo de um edifício de apartamentos, a ler o *The Village Voice*. Fiquei especado a olhar para ele como se fosse uma das peculiaridades do bairro.

- Jonathan? - chamei. Ele levantou os olhos.

- Bobby.

- Jonathan, eu... És mesmo tu, não és? Ele acenou com a cabeça.

- Sou mesmo eu. Voltei há duas semanas.

- Eu... Oh, nem sei que dizer, pá. Hum... Está tudo bem contigo? O reaparecimento de Jonathan confundiu-me tanto quanto a sua partida. Uma vez mais, os meus circuitos cerebrais bloquearam. Senti-me flutuar no vazio.

- Está tudo óptimo. Oh, Bobby, não queria nada que nos reencontrássemos desta maneira.

- Hum... Bem, será que podes explicar-me o que está a acontecer? - Jonathan suspirou.

- Desculpa o modo como desapareci. Foi um bocado ridículo, não foi? Só que... Eu sabia que não havia outra maneira de o fazer. Continuar a ser o tio Jonny até que tu e a Clare se mudassem para outro sítio e me deixassem sozinho naquele apartamento horrível. Como está a Clare?

- Está ótima. Está... Bem, está na mesma. Acho que estamos os dois na mesma.

- Dito assim, parece uma fatalidade terrível - disse ele. Encolhi os ombros e Jonathan voltou a acenar com a cabeça. Era uma visão demasiado familiar para que conseguisse realmente fixá-la. De algum modo, a cara e as roupas de Jonathan pareciam-me difusas, esborratadas. Por uns momentos acreditei que tinha perdido o juízo e que estava a falar com uma pessoa simplesmente parecida com Jonathan. Nova Iorque está cheia de pessoas que cedem ao peso das suas perdas pessoais e que decidem conversar com toda a gente que encontram na rua. - Queres ir tomar um copo? - perguntou-me.

- Quero - respondi. - Claro que quero.

Entrámos no primeiro sítio que encontramos, um bar irlandês que servia refeições quentes. Era a versão local dos bares da Village que costumávamos frequentar nas nossas noites dos Hendersons. As decorações de Natal em papel de crepe tinham-se tornado ali permanentes e a televisão de imagem trémula, demasiado brilhante, transmitia uma telenovela em benefício da única velhota sentada ao balcão, pronta a gritar com a primeira pessoa que se atrevesse a dirigir-lhe a palavra.

Jonathan pediu um Dewar com gelo e eu uma cerveja. Bateu suavemente com o copo dele no meu.

- Esperavas voltar a ver-me algum dia? - perguntou ele.

- Não sabia o que pensar. Como havia de saber?

- Claro. Como havias de saber?

- Por onde andaste? - perguntei. O sentido da realidade continuava a escapar-me. Passou-me pela cabeça levantar-me da mesa e usar o telefone das traseiras para chamar a polícia. Mas que havia de dizer-lhes?

- Bem, não tinha assim tanto dinheiro no banco. Quer dizer, se tivesse milhares, teria ido para Florença, ou Tóquio, ou qualquer outro sítio. Mas, com aquilo que tinha, decidi simplesmente ir para a Califórnia. Lembras-te da minha colega de faculdade, a Donna Lee? Agora vive em São Francisco com uma mulher chamada Cristina. Fui para casa delas e dormi no sofá da sala durante uns tempos. Tentei arranjar um novo modo de vida em São



Francisco.

Bebeu um gole e chupou um cubo de gelo, tal como eu sabia que faria. Continuava a usar o anel navajo de prata que tinha comprado em Cleveland quando tínhamos quinze anos. Um turbilhão de pormenores atravessou-me o espírito.

- Para falar com franqueza, não percebo nada disto - confessei-lhe. - Deixei de perceber a partir do momento em que nos deixaste aquele bilhete. Tínhamos passado um serão espectacular, o jantar com o Erich correu muito bem, e depois desapareceste de repente. Não faz nenhum sentido para mim.

- Bem, também não faz muito sentido para mim. Fiz vinte e nove anos no mês passado, sabes. Sinto que vou fazer trinta dentro de cinco minutos.

- Hum... Parabéns.

- E tu também vais fazer vinte e nove - lembrou ele. - Daqui a umas semanas.

- Pois vou - retorqui.

- Bem. Escuta, tenho de ir embora. A malta do jornal ainda não sabe se me aceita de volta. Tenho uma reunião com o Fred e a Georgeanne dentro de meia hora. Parece que ainda não conseguiram decidir se sou um génio excêntrico ou apenas um irresponsável. As bebidas ficam por minha conta.

Atirou com um molho de notas para cima da mesa. Estendi o braço e pousei a mão sobre a dele.

- Não queres aparecer lá em casa esta noite? - perguntei. - A Clare ia gostar de te ver.

Jonathan olhou para as nossas mãos.

- Não, Bobby - disse ele. - Não quero aparecer lá em casa. Este encontro foi um acidente. Nunca imaginei que frequentasses esta zona da cidade. Pensei que estivesse aqui tão escondido como se vivesse no Michigan.

- Não queres ver-nos?

Jonathan fitou-me. Libertou-se da minha mão.

- Bobby, o caso é o seguinte. Parece que me apaixonei por vocês os dois. Isto soa muito estranho, bem sei. Nunca esperei que uma coisa destas pudesse acontecer. Quer dizer... Bem. Não é uma coisa para a qual uma pessoa se possa preparar. Acho que me apaixonei pela Clare e por ti. Por vocês os dois, juntos. Percebi isso naquela noite no terraço. Não queria ser o namorado do Erich, nem de mais ninguém. Enfim, é uma situação impossível. Mas pelos vistos, enquanto vos conhecer, não consigo

apaixonar-me por mais ninguém.

Jonathan ergueu-se.

- Espera - disse eu. - Espera um minuto.

- Dá um beijo meu à Clare - disse ele. - Quando conseguir superar isto, se conseguir, eu telefono-vos.

Saiu do bar. Na minha confusão, perdi a noção do que deveria dizer ou fazer. Deixei-o afastar-se sob a luz da tarde de Novembro e quando saí para o passeio já ele tinha desaparecido.

Jonathan cumpriu aquilo que disse. Viveu uma vida à parte. Embora estivéssemos na mesma cidade, nunca mais voltei a encontrá-lo e ele não telefonou. O Outono e o Inverno passaram. Finalmente, na Primavera, Jonathan deixou uma mensagem no nosso gravador de chamadas.

- Olá, Bobby e Clare. É tão estranho dizer isto pelo telefone... Bobby. O meu pai morreu esta manhã. Achei que devias saber.

A voz dele foi seguida por um clique e um zumbido mecânico enquanto o aparelho avançava para a mensagem seguinte.

# CLARE

Voámos mais de três mil quilómetros para acompanhar o funeral de um homem que eu nunca conhecera. Olhei pela janela do avião e vi nuvens enormes lançando sombras sobre o Texas. O Texas era plano e unicolor como um envelope castanho. Lá em baixo, em quintas que se diluíam na terra infinita, haveria gente a olhar para o avião. Talvez ficassem a especular, como eu fazia por vezes, sobre as vidas cheias de interesse dos passageiros a caminho dos seus próximos incidentes.

- A sério que não queres um pouco de vinho? - perguntou Bobby.  
Abanei a cabeça.

- Vou tentar abster-me por uns tempos - disse eu. - Mas era capaz de beber um refrigerante ou coisa do género.

Bobby inclinou-se no banco para chamar a hospedeira. O ar frio do ventilador despenteou-o. Tinha começado a deixar crescer o cabelo, penteando-o para trás com gel. Penteei-o com os dedos. Depois mudei de ideias e voltei a despenteá-lo.

Estava grávida de dois meses. Não tinha dito a ninguém. Não estava certa do que havia de fazer quanto ao assunto.

- Estou muito contente por teres vindo comigo - disse ele.  
- Bem, já me conheces. Detesto perder um funeral.  
- Tenho andado a pensar numa coisa, sabes. Podíamos alugar um carro para a viagem de regresso, nós os três. Era uma oportunidade para vermos o país inteiro.

- Pois era - concordei.  
- Podíamos ver as grutas de Carlsbad. E o Grande Canyon.  
- Mmm... Sempre desejei ver o Grande Canyon.  
- Pois - continuou ele. - Se calhar até podíamos alugar botas de montanha e mochilas. Podíamos acampar lá uma noite.

- Bobby. Essas coisas não se alugam. Compram-se. Algumas pessoas passam a vida a acampar. Tu e eu somos mais do género boémio.

Não me importava de ver o Grande Canyon. Mas não fazia intenções de andar a passear dentro dele.

- Já percebi que a ideia não te agrada.

- Só trouxe roupa para o funeral - disse eu. - Consegues imaginar-me aos tropeções por um caminho de montanha de vestido preto e saltos altos?

Bobby abanou a cabeça. Passou os dedos pelo cabelo. A luz sobre o Texas brilhava, prateada, no rosto quadrado de Bobby, nas suas mãos pesadas, atravessadas por veias. Não obstante aquele cabelo brilhante ao estilo italiano, não obstante o brinco, o rosto dele era inocente como uma tigela vazia. Continuava a ser o rosto de um homem que acreditava que as diferenças humanas podiam ser resolvidas por meio de uma peregrinação a um famoso fenómeno geológico.

- Foi só uma sugestão - disse ele.

- Eu sei. Mas podemos deixar isso para outra altura.

Bobby acenou com a cabeça. O bebé que se formava dentro de mim seguia os ditames dos genes dele, bem como dos meus. Bobby levou o copo aos lábios. Ficámos a olhar pela janela para o vazio que se estendia lá em baixo.

Jonathan estava à nossa espera no aeroporto. Parecia fisicamente diminuído, como se lhe tivessem roubado uma medida de ar ou de fluido vital. Não o via há quase um ano. Teria sido sempre assim, tão pequeno e pálido? Estava rodeado de gente bronzeada e de roupa colorida. Na sua palidez e T-shirt preta, parecia um refugiado. Alguém acabado de chegar de um sítio lúgubre, em ruínas. Quando Bobby e eu nos aproximámos, Jonathan beijou-nos levemente no rosto, seco e formal, à maneira dos políticos franceses.

- Como está a Alice, Jon? - perguntou Bobby.

- Rija como o aço - disse ele. - Mais rija que eu.

- E tu, como estás? - perguntei eu.

- Histérico - respondeu calmamente. - Uma confusão.

Jonathan levou-nos para casa dos pais no enorme Oldsmobile azul que tinha pertencido ao pai. Nunca o tinha visto conduzir um carro. Tinha um aspecto simultaneamente infantil e paternal sentado atrás do volante, que segurava com ambas as mãos, como se conduzisse um navio.

Durante o caminho disse-nos que o pai morrera de um ataque cardíaco ao regressar da caixa do correio. Referiu esse pormenor em particular. O pai sempre sofrera de asma e mais tarde de enfisema. Aquela morte de ataque cardíaco fora tão inesperada como se ele gozasse de perfeita saúde.

- Ao regressar da caixa do correio? - disse Bobby, como se fosse esse o

pormenor mais pavoroso daquela fatalidade.

Pus os óculos escuros e observei os centros comerciais que ladeavam a auto-estrada. Tremeluziam sob o calor. Eram separados por extensões de campo aberto, de um cinzento avermelhado pejado de cactos. O Arizona era exactamente como eu o tinha imaginado. Enquanto seguíamos pela auto-estrada sob a luz ofuscante, senti-me poderosa e competente. Era uma mulher mais velha, de óculos escuros, que tinha vindo ao Arizona para ajudar dois homens confusos a lidarem com a dor da sua perda. Ocorreu-me subitamente que devia abandonar Bobby e ter a criança sozinha.

- Tinha-lhe escrito uma carta - contou-nos Jonathan. - A primeira desde há um ano, pelo menos. Mas não cheguei a metê-la no correio. Ainda a tinha no bolso do casaco quando soube da notícia.

A casa dos pais de Jonathan ficava num amplo complexo residencial cor de lama, a diversos quilómetros de um centro comercial chamado Teepee Town. Um letreiro junto à entrada do complexo anunciava «Unidades Ainda Disponíveis» em letras de um azul desbotado. Jonathan estacionou o carro. Conduziu-nos a um dos edifícios através de um caminho de saibro comprimido. Passámos a caixa do correio, de aspecto convencional e pintada de castanho para condizer com a cor de adobe dos edifícios. Suspeitei que o adobe tivesse sido pulverizado sobre as paredes com uma pistola de água. Perguntei-me que género de pessoas poderiam desejar viver num sítio assim.

O interior da casa era escuro e fresco. Em vez de tapetes índios e peças de cerâmica, havia cadeiras de braços, fetos, fotografias de família em molduras cromadas. O único indício de morte eram as flores. Havia meia dúzia de arranjos em vasos e potes revestidos por papel de prata. Uma pastora de porcelana branca erguia-se numa mesa redonda envernizada entre dois ramos de flores, serena e alarmante como um osso. Antes que conseguíssemos adaptar-nos à escuridão da casa, uma mulher pequena e muito bronzeada surgiu na sala, saindo provavelmente da cozinha. Limpou as mãos às calças de ganga.

- O filho pródigo regressa a casa - disse ela com um leve sotaque sulista. - Bem-vindos à reserva índia.

- Olá, Alice - cumprimentou Bobby.

Ela agarrou-o pelo queixo e voltou-lhe a cara para um lado e para o outro. Examinou-o cuidadosamente, como um antropólogo verificando o estado de conservação de um crânio. Subitamente compreendi onde é que

Jonathan fora buscar aquele modo rígido, político, de cumprimentar as pessoas.

- Olá, bonito - disse Alice. Depositou um pequeno beijo nos lábios dele.

Bobby permaneceu imóvel, de braços pendidos ao longo do corpo, como que ofuscado pela presença dela. Teve de ser Jonathan a apresentá-los. Alice observou-me com interesse científico e apertou-me a mão.

- Obrigada por ter vindo.

- Obrigada por me receber - respondi. Haveria coisa mais estúpida para dizer a uma mulher que tinha acabado de perder o marido?

- Lamento imenso pelo Ned, Alice - disse Bobby. Tinha pousado o braço, inseguro, sobre os ombros de Jonathan.

- Eu sei - disse ela. - Eu também.

- Somos os primeiros a chegar? - perguntei.

- Bem, não vamos transformar a ocasião numa grande festa - respondeu Alice. - Estou à espera do irmão do Ned, o Eddie, que vem de Muncie, e de algumas pessoas vizinhas. Vai ser uma coisa íntima.

- Oh. - Sem perceber exactamente como, tinha dito outro disparate, mas em vez de continuar a preocupar-me com o meu comportamento, decidi simplesmente que não gostava de Alice. Viúva ou não.

- E se bebêssemos qualquer coisa? - sugeriu Jonathan. - Alguém me acompanha?

Todos decidimos acompanhá-lo numa bebida. Jonathan foi prepará-las. Compreendi que tinha provavelmente crescido assim, como um pequeno mestre de cerimónias, propondo bebidas ou partidas de Scrabble ou passeios no parque. Conseguia imaginá-lo aos dois anos, interrompendo freneticamente as conversas com uma palavra nova que tinha aprendido para distrair a mãe de si própria. E agora, aos trinta anos, estava a transformar-se nela. Beijava secamente os amigos nos aeroportos. Cultivava uma vida tão ordenada e desligada do mundo como aquela sala de estar ao estilo americano primitivo.

Depois das bebidas e do jantar, Alice anunciou que ia passar a noite num motel. Bobby e Jonathan protestaram. Mas ela já tinha decidido.

- A casa não tem espaço para todos - disse ela. - E não há nada pior do que tentar respeitar a privacidade de uma velhota numa casa tão pequena.

Bobby disse-lhe que éramos nós dois quem devia dormir num motel, mas Alice não cedeu.

- Já fiz a mala - disse ela. - Volto amanhã de manhã, antes de se levantarem.

- Mas não está certo. - protestou Bobby. - Não queremos expulsar-te da tua própria casa.

Apertei-lhe discretamente o joelho. Será que não percebia o quanto Alice desejava passar a noite sozinha? Sabia perfeitamente o que faria. Imaginava-a a entrar no quarto limpo, a ligar o ar condicionado no máximo e a estender-se na cama impessoal. Passaria algumas horas longe da sua própria vida. Eu própria já o tinha feito, quando uma relação amorosa chegava ao fim e o meu apartamento se tornava de repente insuportavelmente pessoal. Tivesse ou não compreendido o significado do apertão, Bobby em breve desistiu dos seus protestos. Alice preparou-se para sair, prometendo-nos um pequeno-almoço de waffles belgas para o dia seguinte. Despedi-me dela secamente, numa atitude que podia ou não transmitir-lhe aquilo que sabia - que ela não estava a fazer um favor a ninguém. E que, por muito que compreendesse o seu impulso, isso não me fazia gostar mais dela.

Alice partiu. Ficámos sozinhos em casa, sem ideia do que devíamos dizer ou fazer. Se bem que eu tivesse já suportado bastantes despedidas, nunca tivera nenhuma experiência directa com a morte. Os meus pais ainda estavam vivos. Os meus avós tinham morrido discretamente, noutros estados, quando eu era muito pequena. A sensação de competência que tivera no banco traseiro do Oldsmobile evaporara-se. Em vez disso, sentia apenas um vago estupor, uma irritação ante a perspectiva de dormir numa casa estranha e de assistir ao funeral de um desconhecido.

- Querem outra bebida? - perguntou Jonathan.

Tomámos outra bebida. Instalámo-nos nos cadeirões de braços e no horrível sofá colonial. Até esse momento sempre imaginara o luto como um intercâmbio sem obstáculos, fluindo livremente, como água, entre pessoas que se amavam sem reservas ou se sentiam tão destroçadas pela dor que conseguiam pôr de lado os velhos ressentimentos e as pequenas diferenças que as separavam. Mas ali, beberricando água tônica naquela sala formal de mobília barata, não conseguia esquecer-me dos meus pequenos defeitos, da vaidade e mesquinhez comuns. Não conseguia sentir o choque daquela morte. Aos meus olhos, aquela casa não passava de um lugar onde a morte parecia lógica e, de algum modo, apropriada. Uma suave surpresa que jamais apanharia desprevenidos os seus habitantes.

- É uma pena que a gente se tenha reencontrado desta maneira - disse Jonathan. - Eu sabia que voltaria a estar convosco, mas imaginei outras circunstâncias.

Eu sabia que não lhe era fácil fazer uma afirmação tão directa como aquela sem adoptar os gestos e o tom de voz de outra pessoa. O mais forte instinto de Jonathan era agir como se estivesse tudo bem. Como se estivéssemos a passar os melhores momentos das nossas vidas.

- Eu também não imaginei isto - respondi. - Para falar com franqueza, não sabia bem se devia vir. E ainda não sei. - Ele acenou com a cabeça. Não me reconfortou. - Estou certa de que o teu pai era um homem maravilhoso - disse eu, quase de cabeça perdida de nervosismo e raiva.

- O Ned era fantástico - acrescentou Bobby. - Era mesmo fantástico. É uma pena que não o tenhas conhecido, Clare. Havia de gostar imenso dele.

- Aposto que sim.

Passou um silêncio. No copo de Jonathan, um cubo de gelo estalou.

- Escuta, Jonathan, não sei por que fizeste aquilo que fizeste. Suponho que tiveste de o fazer. Mas, já que estamos aqui, acho que devíamos tentar esquecer o que aconteceu.

- Eu expliquei tudo ao Bobby - disse ele. - E também tentei explicar-to a ti. A verdade é que, quando estou convosco, parece que não consigo ter uma vida de jeito.

- E agora? Tens uma vida de jeito?

- Mais ou menos. Não me aceitaram de volta no jornal, mas ajudaram-me a arranjar um lugar na redacção do Esquire. Voltei à estaca zero, mas as coisas vão indo. Os desaparecimentos inexplicáveis não são muito bem recebidos, nem mesmo no ramo do jornalismo.

- Bom, espero que sejas mais feliz do que antes - disse eu.

- Não sou - respondeu. - Mas posso começar a ser a qualquer momento.

- Ótimo.

Jonathan olhou em seu redor como se não fizesse ideia de como chegara ali - como se momentos antes tivesse estado deitado no quarto dele em Nova Iorque.

- Não paro de repetir a mim próprio: o meu pai morreu - disse ele. - Mas não consigo entender isto como um facto. Continuo a sentir que é qualquer coisa que aconteceu na televisão. Quer dizer, imaginei que fosse uma coisa muito dramática, mas na verdade parece-me bastante menor. Como se me tornasse menos importante. Uma espécie de actor secundário



ou coisa do género. Percebem o que quero dizer?

- O Ned era, sabes... - disse Bobby. - Um homem bom. Oh, Clare, tenho a certeza de que ias adorá-lo. A sério.

Percebi que Bobby podia começar a chorar a qualquer momento.

- Oh, Bobby - disse Jonathan. - Por favor, cala-te.

- Escusavas de ter dito isso - protestei. Levantei-me do cadeirão e fui sentar-me ao lado de Bobby no sofá. Acariciei-lhe o pescoço, que parecia atravessado por cabos de aço.

- O Ned era como um pai para mim - disse Bobby. - Como um verdadeiro pai. Mais até que o meu próprio pai.

Jonathan suspirou, um assobio seco e ténue que me fez lembrar a mãe dele.

- Bobby, se queres a minha família, podes ficar com ela - disse ele. - Dou-te a minha família toda. Podes ser tu a decidir onde enterrar o meu pai. Podes ser tu a preocupar-te com a minha mãe, que vai ficar sozinha e completamente desnorçada. Eu dou-te isso tudo, se quiseres.

Jonathan estava sentado no cadeirão enorme como uma criança bem-educada e furiosa. Tinha o rosto pálido e os olhos brilhantes de raiva. Nunca o tinha ouvido falar daquela maneira, mas compreendi de algum modo que era a sua verdadeira voz: clara, calma e vibrante de raiva. Nesse momento tive a impressão de que o seu lado terno e generoso não passara de um disfarce. O seu disfarce mais bem sucedido, um elaborado sistema de gestos afectuosos que ocultava todos os traços do rapazinho anão, frio, enraivecido, que agora nos fitava. A cabeça dele parecia demasiado grande para o corpo. Os pés mal roçavam o chão.

- Pára com isso - disse eu. - Não é altura para falares assim.

- Jon - murmurou Bobby. - Jonny, eu...

- Podes continuar a representar o meu papel - disse Jonathan. - Eu já não consigo e tu és melhor do que eu. Amanhã, quando meterem o meu pai na fornalha, podes ser o filho e eu serei o amigo. Verto algumas lágrimas, sinto-me muito deprimido durante algum tempo e depois regresso à minha vida normal.

- Jon - disse Bobby. Não estava a chorar, mas tinha a garganta obstruída, a voz espessa e pastosa.

- De qualquer maneira, és melhor filho do que eu. Sempre podes trazer as tuas namoradas cá a casa e um dia terás filhos. Não terás de aparecer sempre sozinho nas férias do Natal. Uma espécie de solteirão esquisito, com

um emprego e sem outra vida digna de nota. Não. O papel assenta-te melhor. Para o meu pai já é demasiado tarde, mas ainda podes ser o filho da minha mãe. Podes arranjar-lhe alguns netos, para que ela não tenha de ficar sozinha nesta casa a olhar para a areia arrastada pelo vento.

- Estúpido de merda - disse eu. Tinha-me levantado, sem tencionar fazê-lo. - O Bobby não tem feito outra coisa nesta vida se não adorar-te. E tu não tens feito outra coisa se não abandoná-lo. Não tens o direito de falar assim com ele.

- Oh, e tu também me saíste uma bela prenda - disse ele. - Deixas que eu me apaixone por ti e depois comesças a dormir com o meu melhor amigo. És mesmo a pessoa indicada para me dizeres aquilo que tenho o direito de fazer.

- Espera lá. Eu deixei que te apaixonasses por mim? Quem é que disse que estavas apaixonado por mim?

- Disse eu. Digo-o agora. Apaixonado por vocês os dois. E agora só quero que me deixem em paz.

- Jon - chamou Bobby. - Oh, Jon...

- Tenho de sair daqui - disse Jonathan. - Sinto que vou enlouquecer aqui dentro. Até logo.

- A tua mãe levou o carro.

- Então vou a pé.

Levantou-se do cadeirão e saiu pela porta da frente. A porta fechou-se atrás dele com um suspiro patético - o som da madeira barata encaixando numa moldura de alumínio.

- Vou atrás dele - disse Bobby.

- Não. Deixa-o ir, deixa-o refrescar as ideias. Ele volta.

- Não. Tenho de falar com ele. Tenho estado aqui sentado sem abrir a boca.

- O pai dele acabou de morrer - lembrei-lhe. - Ele não está no seu perfeito juízo. Precisa de estar sozinho.

- Não, tem estado sozinho há demasiado tempo - disse Bobby. - Precisa que eu vá atrás dele.

Bobby libertou-se das minhas mãos e correu para a porta. Não teria conseguido detê-lo mesmo que tentasse. Eu devia ter ficado na sala, mas não conseguia imaginar-me ali sentada entre os arranjos fúnebres e o tiquetaque do relógio. Saí atrás deles. Não para intervir, mas simplesmente porque não queria ficar à espera deles, sozinha, naquela casa imaculada.

Pela altura em que saí de casa, Jonathan já estava a um quarteirão de distância. Era uma figurinha ridícula a caminhar apressadamente, de cabeça baixa, sob a luz de um candeeiro. Cheguei ao passeio a tempo de ouvir Bobby chamar por ele. Ao ouvir o seu nome, Jonathan começou a correr sem olhar para trás. Bobby desatou a correr atrás dele. E eu, nervosa por me deixarem sozinha naquela casa assombrada, corri atrás de Bobby.

Bobby era o mais rápido dos três. Eu nunca fazia exercício, estava grávida, e tinha uns sapatos de salto alto que me obrigavam a correr como a heroína de um thriller. Uma mulher de pés pequenos, curvilínea, constantemente em perigo e em constante necessidade de um salvador. Enquanto trotava, ofegante, pelo passeio, vi Bobby encurtando a distância que o separava de Jonathan. As absurdas casinhas erguiam-se à nossa volta, rodeadas pelos seus caminhos de saibro. Algumas tinham as luzes acesas, mas muitas permaneciam às escuras, sem cortinas, desabitadas. Sobre o som da minha própria respiração, ouvia o zunido nocturno do deserto, o clamor do pó e do vento.

Dois quarteirões à minha frente, Bobby alcançou Jonathan. Vi-o agarrar a camisa de Jonathan e puxá-lo para si. Vi Jonathan espernear durante uns segundos, como um boneco num filme de desenhos animados. Depois vi-o girar sobre os calcanhares e atingir Bobby com um soco. Foi um soco estapafúrdio e ineficiente que apanhou Bobby no estômago e o fez dobrar-se sobre si, mais de surpresa que de dor. Jonathan recomeçou a correr, mas Bobby atirou-se para cima dele. Caíram juntos, golpeando-se um ao outro com os punhos.

- Parem com isso - gritei. - Seus parvalhões. Parem, ouviram? - Quando cheguei ao pé deles estavam a rebolar pelo chão, esperneando desajeitadamente e tentando dominar o corpo um do outro. Um risco de sangue atravessava o rosto de Jonathan. Inclinei-me sobre eles. Ao fim de uns momentos consegui agarrá-los aos dois pelo cabelo e arrepelei-os com toda a força. - Parem - disse eu. - Parem. Imediatamente.

Pararam. Não lhes larguei o cabelo até estarem separados e sentados frente a frente no alcatrão macio da rua. O golpe na cara de Jonathan sangrava. A manga da camisa dele estava descosida no ombro e adejava, expondo um retalho de pele pálida. Bobby, maior e mais forte, tinha uma nódoa de pó na testa e um rasgão nas calças sobre o joelho. - Idiotas - gritei. - Vocês são mesmo doidos, não são? Vocês os dois.

- Somos - respondeu Bobby. E, no mesmo instante, desataram ambos a

rir.

- Estás bem? - perguntou Jonathan. - Magoei-te?

- Não. Estou ótimo. E tu?

- Acho que estou bem. - Jonathan tocou no golpe com a ponta dos dedos, olhou com surpresa para o sangue. - Oh, olhem. Estou a sangrar.

- Não é grave - disse Bobby. - É só um golpezito.

- Nunca tinha entrado numa luta a sério - comentou Jonathan. - Nunca tinha esmurrado ninguém em toda a minha vida.

- Eu costumava andar à porrada quando era miúdo - disse Bobby. - Costumava dar murros ao meu irmão. Mas ele era muito maior do que eu. Ria-se e empurrava-me para o lado.

- Espero que saibam que estão a falar como um par de imbecis - disse eu.

- Acho que tens razão - concordou Jonathan.

- Eu também acho - retorquiu Bobby.

Levantaram-se e começámos a caminhar juntos de regresso a casa.

- Desculpem a forma como me portei - disse Jonathan a certa altura. - Quero dizer, esta noite e durante este último ano.

- Não faz mal - disse Bobby. - Acho que percebi as tuas razões. Acho que te compreendo.

Jonathan deu o braço a Bobby. Continuaram a caminhar tranquilamente, satisfeitos consigo próprios, como dois burgueses passeando pela aldeia sob o seu controlo. Jonathan ofereceu-me o outro braço, mas eu declinei. Caminhei sozinha, a alguns passos de distância. Suportaria o funeral até ao fim, regressaria a Nova Iorque e não voltaria a ver nenhum dos dois.

O funeral de Ned foi às quatro da tarde do dia seguinte. O irmão dele, um comerciante de móveis chamado Eddie, chegou nessa manhã do Indiana. O fumo dos cigarros de Eddie desprendia-se-lhe das narinas e entrava-lhe pelos olhos aquosos, como acontecia com o meu pai. Percebi que jamais poderia gostar dele. Na verdade, não conseguia gostar de nenhum dos presentes. Assistiram ainda ao funeral uma mulher alta de cabelo branco chamada Mrs. Cohen e uma mulher baixa de cabelo branco chamada Mrs. Black. Não senti nada de especial em relação a elas, mas as minhas observações tendiam para o desfavorável (uma bolsa cheia de lenços de papel, pó de arroz a escamar nas rugas em torno de uma boca), já que era para aí que tudo parecia tender.

Viajámos todos até ao crematório numa pequena fila de carros: o Oldsmobile, um Honda e um Plymouth. Reproduzimos a ordem dos carros durante a caminhada entre o parque de estacionamento e a capela: Jonathan, Alice e Eddie à frente, seguidos por Bobby e por mim, seguidos pelas duas mulheres.

- Por que será que a Alice quis um funeral tão íntimo? - sussurrei a Bobby durante o caminho.

- Não sei se foi ela que quis - respondeu ele. - Acho que só vieram estas pessoas.

Avançávamos por um caminho de betão ofuscante, ladeado por sebes floridas. Flores cor-de-rosa em forma de trompa emergiam por entre as folhas de um verde lustroso. Bobby suave no seu casaco preto. Tinha-me esquecido de trazer outros óculos escuros além dos triangulares de aros vermelhos, totalmente inadequados para um funeral.

- Mas com certeza que o Ned conheceu outras pessoas - disse eu. Meti a mão na curva do cotovelo de Bobby, para não me desviar do caminho sob aquela luz estonteante. Descobri que gostava de caminhar de braço dado com ele. A sensação nada tinha que ver com o afecto que sentia por Bobby. Caminhar de braço dado fazia-me sentir mais como uma verdadeira enlutada, e menos como uma pendura.

- O Ned passou a vida inteira num cinema em Cleveland - explicou Bobby. - Quer dizer, quem havia de vir? Os empregados que teve há dez anos?

- Sei lá - disse eu. - Alguém. - Tínhamos chegado à capela. Era um edifício com empenas que parecia feito de vitrais e espelhos. O crematório ficava por detrás do edifício. Estava à espera de ver chaminés em algum lado, mas a única coisa que vi por detrás da capela foi um edifício de cimento, de telhado plano e sulcos nas paredes, como se tivessem penteado o cimento fresco com um pente gigante. Era com certeza demasiado sofisticado para ter chaminés a sair do telhado.

Entrámos na capela e sentámo-nos nos bancos da frente, sob o ar condicionado e silencioso. Sobre o caixão de Ned, de madeira escura e fosca, suspendia-se uma cruz de plástico transparente. Em cima do caixão havia uma única coroa de malvaíscos. Lembrou-me a grinalda que Donna Reed atira para o mar no fim de From Here to Eternity. Ocorreu-me que Ned, antigo proprietário de uma sala de cinema, apreciaria certamente o pormenor.

Estava sentada na extremidade do banco, com Bobby à minha direita e ninguém à minha esquerda. A seguir a Bobby estava Jonathan, com Alice à sua direita. Jonathan chorava, calmamente, mas sem reservas. Tinha desistido de ser corajoso nesse dia. O golpe no rosto cicatrizara, apresentava uma crosta castanha, fina como um cabelo.

Uma única lágrima, manchada pela luz dos vitrais, tremia-lhe na ponta do queixo. Toquei no meu próprio queixo e as lágrimas começaram a saltar-me dos olhos como se tivesse carregado num botão. Pensei no meu pai. Certa vez, durante uma discussão alcoolizada com a minha mãe, ele deixara-me cair num montículo de neve. Julgo que é a minha memória mais antiga. A minha mãe tinha tentado tirar-me dos braços dele, e no meio da confusão eu caíra na neve. O meu pai possuía uma certa segurança de movimentos, mesmo quando bêbado. Não me deixaria cair se a minha mãe não tivesse tentado arrancar-me aos braços dele. A neve era branca, fria e silenciosa como a própria morte. Afundei-me profundamente nela. Os meus pais voltaram a desenterrar-me, insultando-se um ao outro. Se Ned fosse meu pai, eu teria feito os possíveis para que não acabasse daquela maneira, com um pequeno funeral no meio do deserto. As lágrimas corriam-me pelo rosto. Bobby apertou-me a mão. Por uns momentos senti-me como se Jonathan e eu fôssemos irmãos, confortados por um amigo comum. Depois lembrei-me que estava a chorar por mim própria, pelas minhas pequenas mágoas, e não pela grande mágoa de uma verdadeira morte. Essa ideia só me fez chorar mais ainda.

Depois do funeral o caixão foi transportado para o crematório. Nós voltámos para os carros e regressámos a casa. As cinzas estariam prontas no dia seguinte. A cremação era rápida. Perguntei-me se usariam algum novo processo. No momento em que saímos da capela, pus os óculos escuros para esconder os olhos vermelhos.

Regressámos juntos a casa de Alice, àquela que era agora a casa de Alice e que em tempos fora dela e de Ned. Imaginei que Alice devia detestar aquela casa, com as suas paredes pintadas da cor da lama e os seus aparelhos de ar condicionado zumbindo sob as pequenas vigas nuas. Ned teria talvez aprendido a gostar dela, de um modo bem-humorado. As pessoas que vão muito ao cinema são geralmente capazes de apreciar a ironia de uma grande variedade de situações.

Bobby não abriu a boca durante todo o caminho de regresso. Está a respeitar a minha dor, pensei com surpresa. A minha dor por um

desconhecido, ao passo que ele próprio tinha conhecido Ned em pessoa. Senti-me corar. Tinha perdido a noção das coisas. Afaguei-lhe a cabeça e deixei escorregar a mão para o peito dele, para os montículos macios de músculo e gordura.

De súbito, desejei-o ferozmente. Desejei a sua bondade e capacidade de sacrifício como se pertencessem a outra pessoa, a um desconhecido atraente e prestável. Não era desejo pelo Bobby que eu conhecia. Teria gostado que aquele compassivo desconhecido abandonasse a fila de carros e metesse por uma estrada secundária onde pudéssemos entregar-nos ao sexo. Compensei esse apetite com um beijo na orelha de Bobby.

- Está tudo bem, querido - sussurrei.

Ele sorriu. Por detrás das lentes ovais dos óculos escuros, os olhos dele eram tão ilegíveis como os meus. Não abriu a boca.

Bobby e eu, Jonathan e eu, o nosso amor e amizade misturados, a desequilibrada família que tínhamos tentado construir - tudo isso me parecera no dia anterior mais um disparatado episódio da minha vida. Mais uma casa de betão pintado com traves sobre as janelas. Agora, inesperadamente, o peso do momento parecia preencher o Honda alugado. Bobby e eu conduzíamos o segundo carro de um cortejo fúnebre improvisado, através de uma auto-estrada do deserto. Eu estava grávida. Ele era o pai do bebé. Jonathan, que nos tinha partido o coração de um modo que eu não conseguia propriamente definir, seguia no carro à nossa frente, ao lado da mãe impassível. O rádio, que transmitia uma velha canção dos Fleetwood Mac, emitia um brilho cor de laranja na luz branca e implacável da tarde.

Uma vez em casa, as duas mulheres mais velhas entraram directamente na cozinha para tratarem dos doces e salgadinhos. A preocupação humana com a comida em face da morte. Senti que o meu desejo por uma queca escaldante amainava no momento em que o caixão de Ned devia estar a deslizar para dentro da fornalha. O irmão de Ned, Eddie, estava sentado a fumar num cadeirão. Cheirava a água de colónia e a tudo o que a água de colónia deveria disfarçar. Perguntei-me onde estaria a mulher dele, e se teria filhos. Como poderia Eddie não ter mulher e filhos? Para a maioria das pessoas eram factos absolutamente simples e inevitáveis, e isso nunca deixava de me surpreender.

- Foi uma linda cerimónia - disse Eddie.

- Pois foi - respondeu Alice. As duas velhotas tinham-na expulsado da

sua própria cozinha. Pôs-se a andar às voltas pela sala, reordenando os bibelôs. Endireitou um quadro que estava já perfeitamente direito. Usava um vestido de noite preto que devia datar dos tempos de Cleveland. Era um vestido absolutamente desapropriado para o clima do deserto. Anos antes, ao fazer as malas, Alice devia ter decidido guardar o vestido para a ocasião presente.

Nesse momento consegui imaginá-la em Ohio, a preparar a mudança para uma disparatada casinha no deserto. Conseguia imaginá-la a arrumar as coisas, a empilhar roupa velha para doar às instituições de beneficência. Conseguia imaginá-la a olhar para aquele vestido. Sabia perfeitamente que iria precisar dele um dia. Ter-se-ia sentado na cama, apalpando o tecido lustroso e negro com um certo sentimento de incredulidade. Um vestido que tinha comprado num centro comercial, não demasiado caro, nada de especial. Alice ter-se-ia sentado por uns momentos na colcha de veludilho branco, de calças de ganga, com o vestido preto desdobrado sobre os joelhos. Depois, com os seus modos eficientes e precisos, tê-lo-ia embrulhado em papel de seda e guardado na mala, juntamente com os fatos de banho e as bermudas.

Conseguia vê-la com grande clareza. Abanei ligeiramente a cabeça para afugentar a imagem.

- Agora não há mais ninguém - disse Eddie. - Além das pessoas que aqui estão. Como diabo nos tornámos uma família tão pequena?

- Nesta vida não se conhece necessariamente muita gente - respondeu Alice. Humedeceu o polegar e esfregou a folha de um filodendro. - Fazemos o nosso trabalho e criamos os filhos e vivemos na nossa casa e pronto. O Ned e eu não éramos muito sociáveis.

- Mas tinham bastantes amigos em Cleveland - disse Eddie.

- Vizinhos - respondeu Alice. - Alguns deles muito agradáveis. Mas nós mudámos de casa. Enviaram-nos flores.

Atravessou energicamente a sala e abriu as cortinas. A luz inundou o compartimento como um holofote. Jonathan sobressaltou-se e disse «perdão» como se tivesse cometido uma pequena indiscrição corporal. Ned e Alice deviam ter sido um desses casais que inspiram sentimentos opostos nas pessoas - imaginei que toda a gente gostasse dele, mas ninguém a suportasse a ela. Se Ned tivesse sido meu marido, teria certamente alguns amigos que gostariam dele o suficiente para comprarem um bilhete de avião para o Arizona. Senti-me novamente à beira das lágrimas e cerrei os punhos



para as deter. Aproximei-me um pouco mais de Bobby. Desculpa, Ned, disse silenciosamente. Por uns momentos, Bobby e Ned misturaram-se na minha cabeça. Eu podia ser uma mulher de sessenta e cinco anos, sentada ao lado de Bobby, o meu marido morto, regressado do além para apontar os meus erros e defeitos.

As duas velhotas conversavam nervosamente na cozinha, fazendo tilintar os pratos e os talheres de vez em quando. Perguntei a Eddie pela esposa, só para afugentar o silêncio. Eddie era viúvo. Tinha duas filhas casadas, as quais, explicou ele, não tinham conseguido vir. Eddie era o veterano de uma vida ordeira, uma sequência de nascimentos e mortes em Muncie, Indiana. As recordações da minha própria vida estavam sempre a distrair-me da voz de Eddie. O meu pai pousara-me no balcão de um bar, aos quatro anos, para receber os aplausos e piropos dos homens em volta. Comprava-me vestidos cheios de rendas e folhos que a minha mãe não me deixava usar. «Parece uma pega», dizia a minha mãe, e durante muitos anos julguei que uma pega fosse uma mulher que seduzia o coração dos homens. Imaginei que fosse uma espécie de elogio relutante. O meu pai era divertido e indulgente. A minha mãe acreditava numa vida dedicada ao trabalho. Só quando cresci comecei a compreender o lado dela. O meu pai vociferava e chorava, caía pelas escadas abaixo. Destruía carros e começou a acusar-me de conspirar contra ele. Tornou-se demasiado barulhento e perigoso. Se a minha mãe tivesse uma ponta de alegria e sentido de humor, eu teria certamente passado para o lado dela. O meu pai tropeçava pelos corredores completamente nu. «Disse-me qualquer coisa que não compreendi e, pouco tempo depois, desapareceu. A minha mãe forrou o quarto deles com papel de parede salpicado de margaridas assexuadas. «A partir de agora as coisas vão melhorar», prometeu-me ela.

Eddie estava sentado a fumar, de olhos turvos e amarelados por cinquenta anos de fumo.

- Nunca esperei sobreviver ao meu irmão - disse ele. - Ele era o mais velho, sabem. Mas, mesmo assim...

- Sim - respondeu Alice suavemente. - Eu sei.

Mrs. Cohen e Mrs. Black emergiram da cozinha. Uma delas, não sei qual, limpava as mãos a um pano da louça às riscas.

- Que descanse em paz - disse a outra.

- Não teve uma vida má - continuou Eddie. - Sempre adorou filmes e acabou por comprar uma sala de cinema. Nada mau.

- Era um homem muito amável - disse a velhota que segurava o pano da louça, Mrs. Cohen ou Mrs. Black. - Eu dormia sempre mais descansada sabendo que podia chamá-lo caso precisasse de ajuda. Nunca precisei de o chamar, graças a Deus, mas saber que ele viria imediatamente se o chamasse era um grande conforto para mim.

- Um homem muito amável - concordou a outra. Jonathan arrastou-se para um cadeirão. Bobby sentou-se junto dele, no braço do cadeirão. Juntos constituíam um ser humano mais competente e ajustado.

- Obrigada por terem preparado o jantar - disse Alice às duas mulheres. - Já deve passar das cinco. E se tomássemos uma bebida? Ou duas, ou três?

- Oh, eu nunca bebo - respondeu a velhota do pano da louça. - Fui operada aos rins. Só tenho um rim, que me foi doado pela minha irmã.

- Pois foi - disse a outra.

Perguntei-me se as duas mulheres seriam irmãs.

Depois do jantar, as duas velhotas foram para casa. Eddie regressou ao motel para se refrescar, mas prometeu voltar para «beber um copo antes de dormir».

- Talvez vocês os dois, rapazes, queiram passar algum tempo a sós - sugeriu Alice. - Por que não vão tomar um copo a qualquer lado?

- Não sei - disse Jonathan. - Achas que sim? - Olhou para Bobby, indeciso. Bobby olhou para mim. Perguntei-me por que diabo haveria de ser eu a decidir. Fiz que sim com a cabeça, imperceptivelmente.

Jonathan perguntou se devia vestir um casaco. Bobby disse-lhe que era melhor.

- Que par - comentou Alice.

Nunca tinha visto ninguém tão perdido como Jonathan, tão dependente de orientação.

Bobby beijou-me levemente na cara, a caminho da porta.

- Não vamos demorar muito - sussurrou. Acenei com a mão para o enxotar, como faria a uma mosca. O meu sentido da realidade evaporara-se. Estava de regresso a um lugar fortuito, prestes a ser deixada a sós com uma mulher azeda que mal conhecia. Mas o episódio chegaria ao fim. Era apenas mais uma das pequenas histórias da minha vida.

Jonathan demorou-se alguns segundos junto à porta.

- Adeus. A gente já volta.

- Vão lá - disse eu. Se fosse irmã dele, poderia ter evitado que Alice lhe

sugasse a seiva. Teria colocado Alice no seu devido lugar e inspirado Jonathan a defender-se dela.

- Adeus, mãe - disse ele.

Alice agarrou-o pelo queixo, à sua maneira eficiente e científica. Olhou-o directamente nos olhos.

- Adeus, filho - disse ela. - Amo-te muito.

- Quer tomar alguma coisa? - perguntou-me Alice depois de eles terem saído, num tom jovial de anfitriã. Estava a recordar-me de que eu era simplesmente uma visita naquela casa.

- Não, obrigada - respondi. - Posso fazer alguma coisa por si?

- Não. Acho que vou passar a cozinha a pano.

- Posso ajudar?

- Não, obrigada - disse ela, com um sorriso firme. - Na verdade, prefiro fazê-lo sozinha. Deixe-se ficar aqui sentada, esteja à vontade.

Ótimo, pensei. Assim nenhuma de nós teria de fazer conversa. Depois de Alice ter entrado na cozinha, liguei a televisão. Pus o volume no mínimo, para que o som não lhe perturbasse os pensamentos.

Fiquei a olhar para o ecrã. Não reconheci o programa e pouco me interessou. Só tinha ligado a televisão para ter a impressão de estar a fazer qualquer coisa. Em casa costumava cortar o som e ligar a aparelhagem, para não ter de ouvir aquilo que uma personagem desconhecida dizia a outra.

Alice permaneceu na cozinha durante muito tempo. O programa acabou, um outro começou e acabou também. Eu ia olhando para a televisão e folheando algumas revistas. Só para matar o tempo. Imaginei que Bobby e Jonathan estivessem num bar junto à estrada, a beber demais e a falar de si próprios, de Alice e de mim. Senti ciúmes - não tanto do amor que tinham um pelo outro como da história que partilhavam. Do simples, neurótico facto daquela ligação. Eu, uma pessoa mais razoável e completa, regressaria a Nova Iorque e continuaria o meu caminho. Teria o bebé sozinha. Não havia nada de inevitável, nenhum elemento de fatalidade ou destino, que me prendesse a nenhuma daquelas pessoas. Folheei a Arizona Highways e a National Geographic.

Depois ouvi qualquer coisa a estilhaçar-se na cozinha. Não sabia se devia entrar ou não. Talvez Alice estivesse a sofrer uma crise de nervos temporária e preferisse que não a incomodassem. Não queria interferir. Na televisão, mil crianças cantavam silenciosamente as virtudes da Coca-Cola. Eu conhecia a canção. Era um anúncio antigo, misteriosamente recuperado.

Pensando melhor, decidi que seria má educação ignorar o que se passava com Alice.

Alice estava no meio da cozinha, segurando as duas metades de uma travessa.

- Deixei-a cair - explicou. Esboçou um sorriso estranho, como se o incidente constituísse uma espécie de triunfo.

- Oh, que pena.

- Não era nada de especial. Comprei-a por um dólar e noventa e oito no K mart. Posso comprar outra.

- Ótimo - respondi.

- É, não é? - Alice continuava a segurar as duas metades da travessa, perfeitas como meias-luas. Ao fim de uns segundos, voltou a deixá-las cair.

- Desculpe - disse ela. - A sério. Vá para a sala ver televisão. Eu estou ótima. - Voltou-me as costas e saiu para o quintal pela porta da cozinha. A porta bateu atrás dela, com o som abafado do alumínio.

Inclinei-me para apanhar os cacos. A travessa quebrara-se em diversos fragmentos grossos, triangulares. Peguei neles cuidadosamente e meti-os no caixote do lixo. Receava parti-los ainda mais. Permaneci por uns momentos na cozinha silenciosa, desejando que Bobby e Jonathan voltassem depressa. Estive a pontos de ignorar o problema e regressar para a sala, como me tinham ordenado, mas não consegui imaginar-me a fazê-lo. Decidi seguir Alice para lhe oferecer a minha ajuda, fazendo os possíveis para não me tornar muito importuna. No fim de contas, eu era simplesmente uma visita.

Abri a porta e avancei para o rectângulo de luz que a cozinha projectava sobre o chão do quintal. Apesar da claridade dos candeeiros públicos, viam-se as estrelas. O quintal era pequeno. Um simples retalho de relva esponjosa com um canteiro de flores e duas cadeiras de praia, circunscrito por um muro cor de adobe. Alice erguia-se no meio da relva, de costas voltadas para a casa. Segurava a cabeça com ambas as mãos e balançava de um lado para o outro. Quando comecei a avançar para ela, Alice emitiu aquilo que começou por ser um gemido, mas acabou por se converter num suspiro, uma exalação longa, lenta, sibilante. Vi-a levar uma mão à cabeça e arrancar um punhado de cabelo. Ouvi o ruído do arrepelão.

- Alice? - chamei.

Ela voltou-se, de punho cerrado. Os cabelos arrancados, com quase trinta centímetros, suspendiam-se sob a luz eléctrica.

- Não devia ter assistido a isto - disse ela. - Não é a sua vida. Volte para

dentro de casa.

- Posso fazer alguma coisa por si? - perguntei. Ela riu-se.

- Pode, minha querida. Corra ao K mart e compre-me uma travessa nova. E um novo marido.

Ficámos a olhar uma para a outra. Alice esperava certamente que eu voltasse para a sala, ofendida. Não me mexi. Talvez estivesse ofendida, mas não tencionava dar-lhe a satisfação de acatar as suas ordens.

Ao fim de um minuto Alice olhou para os cabelos arrancados.

- É tudo o que tenho. - Não respondi. Não me mexi. - Não quero que os rapazes me vejam neste estado - disse ela. - Não quero que o Jonathan me veja. Acho que ele não suportaria ver-me assim.

- Não se preocupe com isso.

- Preocupo, sim. Suponho que não faz mal que você me veja. No fim de contas, nunca me conheceu de outra maneira. Sim, você pode ver-me. Não faz mal, pois não?

- Não - respondi. - Não faz mal.

Alice ergueu a outra mão e agarrou nova madeixa de cabelo. Segurei-lhe o pulso.

- Não faça isso - pedi-lhe. - Não precisa de o fazer. Não tencionara tocar-lhe.

- Acha que não? - perguntou ela. - Acha que não preciso de fazer nada?

- Não - disse eu. - Nada.

Alice suspirou. Continuei a agarrar-lhe o pulso. Com força. Uma parte de mim esperava para ver o que Alice faria a seguir; a outra parte pensava no meu próprio filho depois de adulto, preso a mim por laços indistritáveis de amor e ódio. Na minha cabeça, ouvia as crianças do anúncio televisivo a cantarem sobre a Coca-Cola. Todas aquelas vozes. Era como ter uma coluna de som dentro da cabeça.

- Eu sou mais do que isto, sabe - disse ela. - Todos nós somos. Não, não era isso que eu queria dizer. Neste momento só sinto pena de mim, e não de toda a maldita raça humana. Nem sequer do Ned. Eu sou mais do que isto. Mas que vou eu fazer com o pobre do Ned? Como posso evitar que a gente se transforme numa anedota?

- Você não é uma anedota - interrompi.

- Oh, não me paternalize. Quer que lhe conte um segredo? - Não respondi. Continuei a agarrar-lhe o pulso fino. - Eu tinha decidido deixar o Ned - disse ela. - Estava a tentar arranjar uma maneira de lho dizer quando

ele caiu morto a caminho da caixa do correio.

- Oh, querida. - Não me ocorreu mais nada para dizer.

- O mais estranho é que tinha andado a planear deixá-lo ao longo dos últimos trinta anos. Mas não conseguia imaginar o que faria, para onde iria. Acho que perdi a noção daquilo que uma mulher sozinha pode fazer. E a nossa casa, a casa antiga de Cleveland, parecia tão permanente.

- Podia tê-lo expulsado de casa - disse-lhe.

- Oh, mas eu não queria ficar em Cleveland sozinha. Era um sítio pavoroso. E não conseguia deixar de pensar: «Se me for embora, esta deixará de ser a minha cozinha. Não voltarei a ter este armário da louça, nem a luz a entrar por este ângulo.» Conseguia imaginar os aspectos mais importantes. As noites solitárias, um emprego. Mas não conseguia abrir mão das coisas insignificantes do dia a dia. E depois seriam horas de fazer o jantar e era mais um dia que chegava ao fim.

- Bem, para falar francamente, admiro-a por ter ficado - confessei. - O meu pai abandonou-nos e eu acho que nunca conseguirei esquecê-lo.

- Não, a sério, acho que ficar é uma covardia - disse ela. - Obriguei Jonathan a fazer-me companhia e quando percebi que estava a apaixonar-se pelo Bobby tentei separá-los. Mandava o Ned para o cinema porque, bem, como imagina não se passava grande coisa entre nós na cama. E ele não era homem para arranjar amantes. Perdia-se nos filmes e era tudo. Agora estou velha e o Ned morreu e o pobre do Jonathan não sabe o que há-de fazer com a vida dele.

Um avião sobrevoou-nos silenciosamente.

- Não sei que dizer - disse eu por fim.

- Não há nada a dizer. Mas podia soltar-me um bocadinho o pulso. Está a cortar-me a circulação.

- Oh, desculpe. - Soltei-a e, para minha surpresa, Alice agarrou-me a mão.

- Não somos amigas - lembrou ela. - Nem sequer gostamos muito uma da outra. Talvez seja uma sorte para mim ter aqui alguém que não é minha amiga. Só consegui dizer-lhe aquilo que disse porque não a conheço. Obrigada por não ter fugido.

- Cale-se - disse eu. Não esperara ouvir tanta veemência na minha própria voz. - Se começa a agradecer-me, não conseguiremos voltar a olhar uma para a outra depois disto. Não estou a fazer nada por si que outra pessoa qualquer não fizesse.

- Mas está aqui. Viajou três mil quilómetros para estar aqui comigo.  
Estou-lhe grata por isso.

- É uma coisa de nada - disse-lhe.

- É muitíssimo - respondeu ela.

- Bem - murmurei, e ficámos as duas em silêncio, de mãos dadas, como adolescentes tímidos num primeiro encontro.

- Talvez possa fazer qualquer coisa por mim - disse Alice ao fim de uns segundos. - Eu sei que vai parecer-lhe muito estranho.

- O que é?

- Importa-se de me abraçar com força? Com muita força?

- Está a falar a sério?

- Estou. Por favor. - Desajeitada, pousei os braços em redor dos ombros dela e apertei-a. Não a conhecia suficientemente bem para recusar aquele pedido. Inalei o cheiro activo do cabelo dela. - Com mais força, por favor - pediu. - Por favor, não me trate como se fosse de vidro. Quero ser abraçada pela última vez por alguém que não me trate com delicadeza. - Inspirei fundo e apertei Alice contra o peito. Senti-lhe os seios, mais pequenos que os meus, as costelas e a espinha. Senti-lhe o esqueleto. - Ótimo - disse ela. - Com mais força ainda. - Entrelacei as mãos nas costas dela, como uma lutadora, e apertei-a até sentir que Alice perdia o fôlego.

Reparei que ela também me tinha abraçado. - Oh, céus - murmurou Alice. - Abrace-me com força. Não me largue.

Continuava a abraçá-la quando vimos um carro estacionar junto ao relvado da frente.

- O Bobby e o Jonathan já chegaram - disse eu, afrouxando o abraço.

- Oh, não - gemeu ela. - Preciso de mais algum tempo sem eles.

As portas do carro bateram.

- Então, então - disse eu, impotente. - Vai correr tudo bem.

- Ainda não estou pronta - insistiu. - Preciso de mais tempo. A porta da frente abriu-se. Não tínhamos para onde ir. O muro

cercava o quintal, à altura do peito, e do outro lado havia outras casas exactamente iguais àquela.

- Venha daí. Peguei-lhe na mão e conduzi-a ao canto mais afastado do quintal, onde a luz era menos intensa. - Fique aqui - disse-lhe, encostando-a ao muro. Ouvi Jonathan chamar pela mãe. Uma das janelas iluminou-se.

- Não estou a chorar, pois não? - perguntou-me.

- Não. Não se mexa. - Coloquei-me de modo a tapá-la, de costas

voltadas para a porta da cozinha, bloqueando a luz.

Momentos depois Bobby abriu a porta e ficou parado sob o umbral, uma silhueta negra recortada pela luz.

- Clare? - chamou ele. - Alice?

- Está tudo bem, Bobby - disse eu. - Volta para dentro. A gente já vai.

- Que aconteceu? - perguntou ele. - Passa-se alguma coisa?

- Oh, não o deixe vir - gemeu Alice.

- Não se passa nada, querido. Está tudo bem. Volta para dentro, por favor.

- O que foi? - Bobby avançou para a relva e manteve-se a alguns passos de distância. - Clare?

Alice tinha entretanto começado a chorar, de humilhação e desespero, longos soluços secos que se lhe prendiam na garganta e pareciam rasgá-la por dentro.

- É a Alice que está aí? - perguntou Bobby.

- Claro que é a Alice. Vai para dentro. - Bobby aproximou-se e ficou imóvel ao meu lado.

- Alice? - disse ele, como se não a reconhecesse.

Eu pousei as mãos nos ombros de Alice. Não tentei abraçá-la. Limitei-me a segurá-la pelos ombros, para que ela não sentisse que estava a cair para fora de tudo.

- Oh, Alice, lamento tanto - disse ele. - Oh, céus, tanto, tanto.

- Tu não fizeste... - foi tudo o que Alice conseguiu dizer.

Bobby inspirou ruidosamente e começou a chorar também. Apeteceu-me esmurrá-lo. Como se atrevia a ser fraco num momento como aquele? Cheguei a erguer uma mão para o esbofetear. Sempre desejara fazer um gesto desses. Mas a minha mão deteve-se a meio caminho, seguiu um intuito mais fácil, pousando, confortadora, nas costas dele. Que mais podia fazer? Eu não era do tipo heróico. Não tinha um plano de acção. Bobby estremecia e, quando o toquei, a sua agitação atravessou-me como um choque eléctrico. Pensei no meu pai. Subitamente estava ali, sólido como uma fotografia, bem parecido e arrogante no seu sobretudo. Mantive uma mão nas costas de Bobby e a outra no ombro de Alice. Conseguia ver claramente o meu pai e também a minha mãe: furiosa, competente, envelhecendo num casaco vermelho de ombros quadrados. Vi Ned distintamente como se o tivesse conhecido, rejeitado pela mulher descontente, assistindo aos filmes entre a sua pequena audiência, sonhando



com Faye Dunaway ou Elizabeth Taylor.

Segurei Bobby e Alice. Sem obedecer a ninguém além de mim própria, atirei a cabeça para trás e desatei a rir. Não que houvesse nada de engraçado naquela situação. Mesmo assim, continuei a rir. Sabia que devia sentir-me embaraçada por me rir num momento como aquele, mas as coisas já tinham ido demasiado longe. Decidi não me sentir embaraçada e o embaraço desapareceu. Continuei a rir. O facto de não haver ali nada de engraçado só me fazia rir mais ainda.

Em breve uma mão leve, hesitante, pousou-me no ombro. Era Jonathan, tímido e faminto, pedindo para ser aceite no círculo. Abri espaço para ele entre mim e Bobby e rodeei-lhe os ombros com o braço de modo a poder continuar a tocar Bobby. Continuei a rir. Senti que um peso começava a subir dentro de mim, qualquer coisa enorme e encharcada, como um pedaço de massa crua engolido há tanto tempo que me esquecera de que continuava alojado nas minhas entranhas.

Continuei a rir. Ri do meu pai, um rapaz bêbado e torturado pelo seu próprio amor à devassidão e à desordem, e da minha mãe austera e vingativa. Ri-me de Ned, um sonhador reduzido a cinza e osso. Ri-me do pobre do Jonathan, de Bobby e de mim, uma mulher de quarenta anos, grávida de um homem de quem talvez nem sequer gostasse. Ri-me de Alice, presa a uma casa de faz-de-conta no meio do deserto porque não conseguira imaginar uma vida sem um armário para a louça. Ri-me de tudo e de nada.

## JONATHAN

Clare enjoou em sete estados diferentes. Começou por sentir náuseas no Grande Canyon, pálida e direita como um fuso junto a um telescópio do South Rim, a olhar na direcção da paisagem por detrás dos óculos escuros. Enquanto Bobby se debruçava sobre o parapeito, espantado com a profundidade dos precipícios, Clare tocou-me no cotovelo.

- Querido - disse ela em voz baixa. - Acho que não aguento isto.
- Não agentas o quê? - perguntei.

- Isto - respondeu, acenando na direção do abismo. - Toda esta grandiosidade e beleza. Um grande momento como este. É demais para mim.

Aproximei-me dela. Se bem que a manhã estivesse calma, tinha a intenção de a proteger de qualquer lufada de vento que pudesse soprar da vastidão das ravinas. O Sol tinha acabado de nascer. Lançava uma luz dourada, matizada, sobre a superfície dos desfiladeiros que tombavam para uma massa insondável de escuridão purpúrea e translúcida. Bobby dançava, extático, junto à borda do precipício, abraçando-se a si mesmo e emitindo pequenos gemidos de surpresa.

- Não tens de fazer nada de especial - disse eu a Clare. - Só tens de olhar para a paisagem. E quando nos cansarmos de olhar, podemos ir tomar o pequeno-almoço.

A palavra «pequeno-almoço» deu-lhe volta ao estômago. Clare procurou amparo no telescópio, que girou com um guincho e ficou apontado para o alto, para um farrapo de nuvem de um cor-de-rosa vivo. Dobrou-se sobre si, gemendo, mas não conseguiu vomitar. Um fio de saliva suspendia-se-lhe da boca, reflectindo a luz.

Agarrei-a pelos ombros.

- Estás enjoada, querida - disse eu.

- Isto é demasiado belo. Acho melhor que voltes a levar-me para o Chevy Nova.

- Espera um minuto, vou chamar o Bobby.

- Deixa-o lá - disse ela. - Não o incomodes. Está em transe ou coisa do género.

Talvez tivesse razão. Bobby tinha interrompido a dança saltitante e estava agora imóvel, com ambas as mãos pousadas no parapeito, como um capitão comandando o navio através de uma tempestade. Era mais propenso do que Clare e eu a explosões sentimentais - não tinha a noção do exagero.

Ajudei Clare a entrar no Chevrolet alugado. Ela e eu tínhamos concordado, com sentimentos contraditórios de ironia e simples interesse, em regressar de carro a Nova Iorque. Era a nossa primeira manhã - tínhamos saído de casa da minha mãe às três da madrugada para podermos alcançar o Grande Canyon ao nascer do dia. Ao longo dos cinco dias seguintes atravessaríamos as Montanhas Rochosas e as Grandes Planícies, honraríamos os mortos de Ohio, compraríamos caixas Shaker na Pensilvânia. No fundo, era a viagem de Bobby. Seria ele a conduzir durante

a maior parte do tempo, insistindo em parar em lojas que anunciavam «Geleia Caseira» e «Artesanato Local» para comprar artigos que, na maior parte dos casos, eram produzidos na Ásia. Usando o meu cartão de crédito, Bobby gastaria mais de cem dólares em cassetes: Rolling Stones, David Bowie, Bruce Springsteen. Ouviria tantas vezes o «Born to Run» que Clare acabou por atirar a cassete pela janela na estrada para Sandusky.

Instalei Clare no assento da frente. O carro tinha um cheiro imaculado a borracha e ela inalou profundamente, como se o ar desinfetado pudesse reanimá-la.

- Obrigada, querido. Agora vai apreciar a paisagem.

- Não, fico aqui dentro contigo.

- Achas que quero ser a pessoa que te obrigou a estar dentro de um carro no Grande Canyon? Vai lá, por amor de Deus.

Fui. Juntei-me a Bobby na berma do desfiladeiro. Era muito cedo e estávamos na estação baixa, pelo que o miradouro estava deserto. Um copo de papel amachucado jazia, luminoso, na fina faixa de terra vermelha para lá do parapeito. A luz da manhã, brilhante mas fria, batia-nos no rosto e na roupa.

- Assombroso - disse eu.

Bobby voltou-se para mim. Não conseguia falar e provavelmente preferia que eu estivesse calado. Mas o seu bom feitio nunca o abandonava.

- Pois é - respondeu.

- Não estava à espera disto - disse eu. - Quer dizer, fartamo-nos de ver fotografias em todo o lado, em bases para copos, panos da louça e coisas do género. Estava à espera de uma coisa um pouco kitschy.

- Pois.

- A Clare não aguentou a emoção. Tive de a voltar a meter no carro.

- Hum. - Bobby pousou o braço nos meus ombros, porque gostava de mim e porque desejava ardentemente que eu me calasse. Rodeei-lhe a cintura com o braço. Lá estava o seu cheiro, a sua carne sólida, familiar. Contemplámos o nascer do Sol. Bobby era quente e substancial, o cérebro cheio de pensamentos que me eram ao mesmo tempo familiares e completamente estranhos. Ainda tinha no pulso o sinal cor de fígado. Clare esperava por nós dentro do carro, derrotada pela paisagem. Nesse momento acreditei que nunca tinha amado ninguém além dos meus pais e daquelas duas pessoas. Julgo que nunca recuperamos inteiramente dos nossos primeiros amores. Julgo que, na extravagância da juventude, oferecemos os

nossos afectos facilmente, quase arbitrariamente, na falsa convicção de que teremos sempre mais para dar.

Clare voltou a enjoar na manhã seguinte, em Pikes Peak.

- Acho que sou alérgica aos monumentos nacionais - disse ela.

Levámo-la à casa de banho de uma estação de serviço Shell e esperámos quase meia hora. Reapareceu pálida e hirta, de óculos escuros e batom vermelho aplicado de fresco. Parecia uma estrela de cinema de outros tempos.

Os picos de granito erguiam-se por detrás dela, polvilhados de neve.

- Querida - disse eu -, achas que devemos seguir directamente para Denver e meter-te num avião?

- Não - respondeu ela. - Acho que estou bem. Ontem consegui sobreviver, não foi? Não é nada de grave. Há-de passar.

De facto, às dez horas já estava recuperada. As cores voltaram-lhe ao rosto e o corpo dela perdeu a postura contraída, formal. Conduzimos por entre prados que começavam a exhibir o primeiro verde, cercados por montanhas cobertas de pinheiros e faias brancas de ramos nus. Era uma paisagem verdejante, descomplicada - aberta, sem sugestão de ameaça. Mais para norte, suspeitei, o terreno seria mais agreste, os picos mais escarpados, e, se nos afastássemos demasiado da estrada, correríamos o risco de ser engolidos pelas distâncias da terra e do céu. Mas ali, no coração do Colorado, atravessávamos simplesmente uma paisagem de ampla e inofensiva beleza. Havia montanhas e pastos. Havia ribeiros prateados que rumorejavam junto à estrada, bordejados por rochas cor de chocolate. A paisagem comovia-nos com a sua fértil benevolência, mas não nos modificava. Não nos estarrecia.

Viajámos o dia inteiro e chegámos ao Nebraska antes do anoitecer. Clare leu a Vogue, a Interview e a Rolling Stone.

- Aquilo de que mais gosto nas viagens de carro - disse ela -, é o modo como podemos ler revistas estúpidas durante horas a fio. Quer dizer, podemos apreciar paisagens em qualquer altura, as paisagens estão por todo o lado. Mas a oportunidade para ler uma Interview de fio a pavio sem sentir culpa? É uma coisa rara.

Pernoitámos num motel a oitenta quilómetros a oeste de Lincoln e voltámos à estrada ao amanhecer. Clare sentia-se apenas ligeiramente indisposta. Mergulhámos no ritmo sonolento da condução, das revistas, da comida e da música, com os campos do Nebraska, do Iowa e de Illinois a

rolar nas janelas. É preciso viajar pelas Grandes Planícies para conhecer verdadeiramente este país. As suas principais características não são o trânsito e as lojas de montras atafalhadas, mas uma solidão varrida pelo vento que carece da dignidade do verdadeiro isolamento - nenhum horizonte está verdadeiramente vazio. O sol bate sempre num reservatório ou silo remotos, num painel de publicidade ou num barracão de telhado de zinco.

A cada trinta ou quarenta quilómetros, passávamos por uma esforçada cidadezinha que continua a existir porque, algures no passado, se propôs existir. Parávamos para comer em alguns desses lugares, na esperança de encontrar bolinhos e empadões caseiros, mas a comida era sempre inerte, congelada, aquecida no microondas. Os campos passavam, semeados mas ainda nus, hora após hora de terras negras e vazias sob o céu cru. Clare leu-nos algumas páginas de um livro de contos de Flannery O'Connor. O carro estava cada vez mais sujo, pejado de embalagens e garrafas vazias. Ao anoitecer, quando parámos num motel do Indiana, tínhamos praticamente perdido a noção do nosso passado e futuro - era como se viajássemos desde sempre e para sempre na vastidão das planícies. É nisto que reside o encanto e o horror das viagens prolongadas. Perdemos o sentido da nossa própria vida com espantosa rapidez. Ao fim de duas semanas no espaço, um viajante interstelar deixará de se identificar como terráqueo; ao fim de seis meses, o mais provável é que jamais regresse à Terra.

No dia seguinte atravessámos Cleveland. Clare sentiu enjoos logo de manhã, mais intensos que no Nebraska, mas menos que em Pikes Peak. Pela altura em que chegámos aos arredores da cidade, pouco depois das onze da manhã, já estava mais ou menos recuperada. - Cleveland - disse ela. - Nunca imaginei conhecer um sítio tão remoto e exótico.

Bobby e eu fomos dominados por uma tontura nervosa. Apontámos os edifícios um ao outro, trocámos piadas sobre as suas dimensões. Nos velhos tempos pareciam tão magníficos. Atravessámos o tumulto calcário do centro, seguimos o caminho familiar. O itinerário foi breve. Passámos primeiro pelo parque de estacionamento de seis andares que se erguia no local outrora ocupado pela sala de cinema do meu pai. O novo edifício, de tijolo e betão, era uma estrutura de rampas sobrepostas. Uma seta de néon azul, dava-lhe uma beleza accidental, indicava a entrada. Era simples e sereno, absolutamente funcional, de aspecto sólido e permanente. O velho cinema do meu pai, construído nos anos da Depressão, fora um edifício de

ornamentos baratos, de tijolos amarelos dispostos em espinha e marquise de alumínio arqueada como uma onda. Devia ter parecido temporário mesmo quando novo, um pequeno monumento à fantasia e à evasão erigido em tempos difíceis. O parque de estacionamento era mais prático, duro e polido como um besouro.

- E pronto - disse eu. - Descansa em paz, pai. - Falei num tom brusco e irreverente, já que não suportava a ideia de me tornar sentimental num momento tão óbvio. O meu sentimentalismo não me incomodava, mas odiava ser piegas. Não lamentava inteiramente que o negócio do meu pai tivesse desaparecido. Sentia-me vagamente embaraçado e sozinho, mas satisfeito comigo próprio pelo simples facto de estar vivo, por continuar a avançar para o futuro. Só o nostálgico mais empedernido poderia contestar o facto de que aquela parte da cidade tinha melhorado. Havia novos restaurantes com letras douradas nas fachadas e uma cadeia de lojas famosa estava a remodelar o antigo armazém familiar que vendia roupas ultrapassadas e bijutaria de mau gosto.

Passámos pela antiga casa dos meus pais, que tinha óptimo aspecto. Os novos proprietários tinham-na pintado de verde-escuro e substituído o telhado. Tinham instalado uma clarabóia sobre o antigo quarto dos meus pais. Conseguia imaginar o aspecto actual dos compartimentos: as portas e rodapés pintados de branco, a alcatifa arrancada para expor os soalhos de carvalho. Haveria peças de arte e alguns móveis de cabedal.

- Merda - disse Bobby. - Olha só o que fizeram à tua casa.

- Está com óptimo aspecto - disse eu. - Não pares o carro. A casa já não é nossa. Nem penses em bater à porta para pedir que nos deixem entrar.

- Nunca faria tal coisa - respondeu ele, embora eu soubesse que o teria feito se estivesse sozinho. Bobby não tinha talento para deixar as coisas em paz.

A nossa última paragem era o cemitério. Conduzimos até ao antigo bairro de Bobby, passando o pequeno muro de betão armado com a palavra «Woodlawn» em letras de ferro forjado. O «n» final tinha desaparecido, mas a sua silhueta era ainda visível, uma sombra esbatida na superfície do muro. Seguimos a rua sinuosa, passando por casas que se repetiam em séries de três, e estacionámos no local da antiga casa de Bobby. A casa tinha desaparecido e o terreno permanecia vazio. Aparentemente, os habitantes do bairro tinham anexado a propriedade sem a adquirirem formalmente: havia um pequeno jardim, pronto para a sementeira de Primavera, e um baloiço

enferrujado entre as ervas daninhas. A propriedade dos Morrows parecia ter-se convertido numa espécie de parque popular nos subúrbios de Cleveland.

Os vizinhos, aqueles que ainda viviam nas casas rústicas desbotadas com os seus bebedouros para pássaros e duendes de gesso nos relvados, tinham-se apropriado dela. Conseguia imaginá-los reunindo-se ali ao fim da tarde, as crianças brincando no baloiço guinchador enquanto as mulheres plantavam girassóis e tagarelavam sobre os acontecimentos do dia. Tratava-se de uma ocupação ilegal, uma invasão perpetrada por gente que não tinha prosperado, que se limitava a sobreviver. O terreno tornara-se irrecuperável. Quem o comprasse teria de lutar contra aqueles que tinham aprendido a cuidar dele, e se arrasasse as suas pequenas obras e construísse uma nova casa, seria visto como um invasor, um colono, e enfrentaria a hostilidade local. Aquele quarto de acre suburbano tinha recuperado o seu mais selvagem propósito; não poderia ser redomesticado sem uma batalha que deixaria manchadas as mãos do vencedor.

- Era aqui - disse Bobby. Clare olhou em volta, incrédula. Não estava à espera de algo tão vulgar, se bem que nós a tivéssemos preparado o melhor possível. Saímos do carro e caminhámos para o retalho de terra nua sob o olhar pasmado de um miúdo ruivo que tinha estado a escavar a terra com uma colher de sopa. - A porta da frente era aqui - explicou Bobby, depois de entrarmos no terreno. - E aqui devia ser a sala de estar. A cozinha ficava além. - Permanecemos na casa fantasma durante uns minutos, olhando em volta. Estava tão absolutamente extinta, tão evaporada. O sol brilhava na terra desprotegida. Clare inclinou-se para apanhar um soldadinho de plástico bege. - Aqui ficava o escritório do meu pai, acho eu - continuou. - Ou talvez fosse um pouco mais para aquele lado. - Atravessámos o barranco que separava a propriedade do cemitério, saltando por cima do fio de água castanha que corria pelo fundo. Bobby fitou por uns minutos um anjo de pedra equilibrado sobre uma lápide, o maior monumento à vista. O anjo inclinava-se para a frente, em pontas de pés, de braços erguidos numa atitude mais extática que solene. Não me parece que o escultor tencionasse dar-lhe aquele ar de sexualidade triunfante. - Dantes havia aqui uma cerca - disse Bobby num tom de orgulho defensivo. - Para delimitar o nosso quintal.

Lembrei-me que aquele anjo era visível sobre a cerca do quintal dos Morrows, pairando entre os ramos das árvores.

- Hum - fez Clare. Tornara-se mais silenciosa desde a chegada a Cleveland. Não fazia ideia daquilo em que pensava.

Bobby conduziu-nos directamente às campas dos pais e do irmão. Ficavam a uma distância considerável da antiga casa, numa secção mais recente do cemitério. As filas de lápides continuavam ao longo de cerca de quinze metros e, para lá da maré enchente das campas, via-se um campo de ervas intocadas à espera daqueles que, nesse momento, estavam ainda vivos.

- É aqui - disse Bobby. O pai, a mãe e o irmão estavam sepultados sob lápides de granito idênticas, de um cinzento-escuro lúcido, onde se liam simplesmente os nomes e datas. Ficámos em silêncio. Bobby fitava as lápides numa atitude de respeito convencional, quase impessoal, como um turista de visita a um santuário. O luto tinha acabado e ele distanciara-se daquelas mortes. O pai, a mãe e o irmão tinham partido para outro lugar, deixando-o ali sozinho. - Por vezes pergunto-me se não devia haver, sabes, uma mensagem qualquer nas lápides - comentou, ao fim de algum tempo. - Não sabemos nada sobre eles, além de que eram da mesma família.

- Que tipo de mensagem gostavas que tivessem? - perguntei.

- Não sei. Só acho que... Oh, pá. Não sei.

Olhei para Clare, que estava a olhar para Bobby com uma expressão de surpresa e dúvida. Julgo que, até esse momento, não tinha ainda entendido Bobby como um ser humano completo, independente, com uma história privada de perdas e esperanças. Bobby apresentara-se-lhe como um feixe de equívocos e potencial por cumprir - ela tinha-o praticamente inventado. Tal como o hipnotizador entende o seu objecto como um campo onde semear sugestões, Clare vira Bobby como um projecto cujo sucesso ou fracasso se reflectiriam apenas nela. Era a primeira e única mulher com quem ele dormira. Escolhia-lhe as roupas, cortava-lhe o cabelo. Os casamentos arrançados deviam ser mais ou menos assim; a noiva chegava tão jovem e imatura que acabava por assumir as qualidades do marido, tornando-as indestrinçáveis das suas. Clare, o marido, estava a compreender pela primeira vez que Bobby tivera uma vida para além da sua esfera de influência. Não consegui perceber se a descoberta lhe agradava ou não.

Ao fim de algum tempo abandonámos o cemitério. Tinha a impressão de que devíamos ter dito ou feito mais qualquer coisa, mas os mortos são um assunto complicado. Aquilo que têm de mais notável é a sua constância. Estarão mortos exactamente da mesma maneira daqui a mil anos. Eu estava



ainda a tentar habituar-me à ideia da morte do meu pai. Durante o seu tempo de vida, eu tinha sempre pensado em termos de como poderíamos ainda mudar aos olhos um do outro. Agora já não podíamos continuar a reinventar-nos. O meu pai levava consigo essa possibilidade para o fogo do crematório.

Voltámos a entrar no carro. Toquei nas duas argolas de prata que usava numa orelha, olhei para as minhas roupas. Eu era um homem de botas de cowboy e calças de ganga pretas. Usava dez pulseiras de borracha pretas. Ainda podia viajar, mudar de emprego, ler Turgenev. O amor ainda era possível.

- Próxima paragem, Nova Iorque - disse Bobby por detrás do volante. Não estava propriamente triste, mas apenas um pouco ausente - era a sua velha resposta à mágoa. A voz dele perdia a cadência e Bobby assumia uma expressão de apatia. Nunca conheci ninguém assim. Bobby conseguia abandonar a própria pele, mergulhando profundamente para dentro de si; quando isso acontecia, ficávamos com a impressão de que não reagiria imediatamente à picada de uma agulha ou a qualquer outro estímulo. Nesses estados de ausência, Bobby não dizia nem fazia nada de diferente. O seu discurso e acções mantinham-se inalteráveis. Mas qualquer coisa o abandonava; assumia uma qualidade sonolenta que podia ser tomada por estupidez por aqueles que não o conheciam bem.

Perguntei-lhe se queria passar pela padaria para cumprimentar o antigo patrão e ele disse que não. Disse que já era tempo de voltar à estrada, como se tivéssemos hora marcada para chegar a Nova Iorque. Fiz-lhe uma festa no ombro enquanto seguíamos para a auto-estrada. Julgo que ambos nos sentíamos derrotados por Cleveland, pelos seus objectivos banais e perspectivas modestas. Para outras pessoas, o regresso à terra natal constitui talvez uma experiência mais agradável: para aqueles que escaparam aos bairros da lata ou se despenharam dos píncaros da felicidade e da riqueza. Talvez esses possam dizer com mais propriedade: «Em tempos estive aqui e agora estou noutra lugar.»

Quase não falámos ao longo da hora seguinte. Clare estava tão ensimesmada que lhe perguntei se estava outra vez enjoada. Disse-me que não em tom irritado.

A Pensilvânia chegou com a sua paisagem de celeiros brancos e pequenos montes. Prosseguimos na nossa pequena estufa de melancolia sem causa.

- Tenho estado a pensar - disse Bobby de repente, enquanto nos aproximávamos de um anúncio às pipocas Jay-Dee com sabor a queijo. - Já alguma vez vos apeteceu viver no campo? Numa casa onde pudéssemos morar todos juntos?

- Nós os três? - perguntei.

- Sim.

- As comunas estão fora de moda - comentou Clare.

- Não seria exactamente uma comuna. Quer dizer, nós somos mais como uma família, não somos?

- Acho que sim - respondi.

- Não somos nada como uma família - disse Clare.

- Somos, sim. Quer queiras, quer não - insistiu Bobby. - Agora já não há volta atrás.

- Pára o carro - disse Clare em voz baixa.

- O quê? Que se passa?

- Estás enjoada?

- Pára. Pára o carro.

Bobby encostou à berma da estrada, julgando que Clare queria vomitar. Estávamos literalmente em lugar nenhum, junto a um terreno baldio, cheio de ervas daninhas e lixo. Um anúncio da Texaco tremeluzia na curva seguinte.

- Estás a sentir-te bem? - perguntei.

Clare tinha aberto a porta antes mesmo de Bobby travar. Mas em vez de se inclinar para vomitar, saltou para fora do carro e começou a andar, com feroz determinação, ao longo da berma coberta de arbustos. Bobby e eu hesitámos, sem saber como reagir.

- Que se passa? - perguntei.

- Não faço ideia.

- É melhor irmos atrás dela.

Sáimos do carro e corremos para a alcançar. Um camião de dezoito rodas passou na estrada, levantando turbilhões de poeira e lixo em torno dos nossos pés.

- Ei - gritou Bobby. Tocou no ombro de Clare. - Ei, que se passa?

- Deixa-me em paz - disse ela. - Por favor, voltem para dentro do carro e deixem-me em paz.

Era possível que pretendesse, de um modo desorganizado, abandonar-nos ali, no meio da Pensilvânia. Talvez planeasse regressar a Nova Iorque à

boleia, ou iniciar uma vida de nómada pelo país, arranjando empregos como cabeleireira e alugando quartos em pequenos hotéis de província. Eu próprio tinha sentido esse tipo de impulsos.

- Clare - disse eu. - Clare. - Estava convencido de que o som da minha voz a acalmaria. Eu era o melhor amigo dela, o seu confidente. Ela voltou-se para nós. Tinha o rosto contorcido de raiva.

- Deixem-me em paz - repetiu. - Desapareçam. Os dois.

- O que foi? - perguntou Bobby. - Estás muito enjoada, é?

- É - respondeu. Para nos escapar, Clare abandonou a berma da estrada descendo para um campo plano de terra gredosa e inculta. Havia pneus velhos no meio das ervas e a pele enriçada de um guaxinim mumificado pela passagem das estações. Seguimo-la, um de cada lado.

- Clare, o que é que tens? Que raio se passa afinal? - perguntei-lhe.

- Estou grávida - respondeu, sibilando de fúria. - Está bem?

- Grávida?

- Vamos ter um bebé? - disse Bobby. - Tu e eu?

- Cala-te - disse ela. - Por favor, cala a boca. Não quero ter nenhum bebé.

- Queres, sim.

- Não quero nada. Oh, merda. Deixei passar três meses. Nunca tinha tido enjoos matinais. Da outra vez que engravidei, tratei do assunto antes que uma coisa destas acontecesse.

- Eu sei que queres ter o bebé - insistiu Bobby.

- Não quero nada. Foi apenas... Sei lá. Preguiça e estupidez.

- É claro que podemos ter o bebé. Nós os três.

- És doido. És completamente doido, não és?

- Um filho - disse Bobby, voltando-se para mim. - Vamos ter um filho.

- Não vamos ter filho nenhum - disse ela. - Eu posso vir a ter um bebé.

Ou não.

- Tens a certeza, querida? - perguntei.

- Oh, claro que tenho. A certeza absoluta.

Tínhamos chegado a meio do campo e prosseguíamos em direcção a lugar nenhum. À nossa frente não havia nada além de uma fila de árvores nuas, cor de cimento, que bordejavam um segundo campo. Mesmo assim, Clare continuou a avançar como se a resposta a todas as perguntas repousasse um pouco para lá do horizonte. O Sol brilhava anemicamente através de uma fina camada de nuvens.

- Clare - disse Bobby. - Pára.

Ela parou. Olhou em seu redor e pareceu compreender pela primeira vez que estava no meio de um campo aberto, sem destino razoável à vista.

- Não consigo continuar desta maneira - disse ela. - Das duas uma, ou me apaixono por uma só pessoa, ou tenho o bebé sozinha.

- Estás assustada, só isso - disse Bobby.

- Antes estivesse. Preferia estar assustada do que furiosa. E embaraçada. Sinto-me uma idiota chapada. Que havemos de fazer, matricular-nos num curso de puericultura? Todos três?

- Talvez - respondi. - Por que não?

- Não sou assim tão anormal - exclamou ela. - O meu cabelo é que é um bocado esquisito, só isso.

Clare olhou para Bobby e depois para mim com uma expressão simultaneamente desdenhosa e suplicante. Tinha quarenta anos, estava grávida e apaixonada por dois homens ao mesmo tempo. Suponho que se sentiu subitamente avassalada pelo absurdo da sua própria vida. Como muitos de nós, Clare crescera na esperança de que o amor conferisse sentido e dignidade à existência.

- Sê corajosa - disse-lhe eu. Bobby e eu estávamos parados à frente dela, confusos, desamparados e sem planos, assediados por um amor doloroso e caótico que se recusava a assumir uma forma convencional. O trânsito rugia atrás de nós. Um camião fez soar a buzina, um som monstruoso, oceânico. Clare abanou a cabeça, de exasperação mais que de recusa. Sem saber o que fazer, recomeçou a andar, mais lentamente, em direcção à fila de árvores.

# PARTE III

## BOBBY

Os prazeres da cidade eram demasiado complicados para a educação de uma criança. Estavam demasiado enterrados na podridão. Era o que eu pensava, e Jonathan dava-me razão. Clare não tinha tanto a certeza - temia que o bebé pudesse crescer com a imaginação atrofiada por demasiada paz.

- E se a criança se transforma numa espécie de Heidi? - dizia ela. - Não quero ter um filho demasiado bom. Acho que não ia conseguir aturá-lo.

Lembrei-lhe aquilo que Nova Iorque reserva às pessoas demasiado egoístas ou ignorantes para lutarem pelos seus direitos mais básicos. Inventei sondagens e estimativas sobre as escolas das pequenas cidades e os efeitos da cor verde sobre o desenvolvimento psicológico das crianças.

- Além disso, crescer no campo já não condena ninguém a uma vida bem comportada - disse Jonathan. - A maior parte dos assassinos realmente interessantes vêm de quintas isoladas e de parques de roulottes.

- Bom, está bem - concordou Clare por fim. - Suponho que toda a gente precisa de Nova Iorque como um sítio para onde fugir. Se criarmos o miúdo na cidade, o mais certo é que fuja para o campo quando crescer. - E assim começámos a fazer chamadas telefónicas.

Começámos a viajar para o interior do estado e a visitar propriedades suficientemente estranhas ou desoladas para as podermos comprar com o dinheiro da herança de Clare. Procurar uma casa barata proporciona-nos uma visão privilegiada sobre a derrota humana. Sente-se o cheiro húmido, vegetal, que atravessa as paredes saturadas de humidade, vêm-se tectos e soalhos num estado contínuo de colapso em câmara lenta. Percebe-se que o clima e a decadência vingam por meio da simples persistência, dia após dia,

até o dinheiro se esgotar. - Não podemos ser demasiado lentos a decidir - dizia Clare constantemente. - Temos de continuar à procura. Se hesitarmos muito, o mais certo é que eu recupere a razão e desista do projecto.

Ao fim de três semanas descobrimos uma casa castanha de dois andares a oito quilómetros de Woodstock. O sítio possuía uma espécie de dignidade maternal ligeiramente alienada e uma série de vantagens que contrabalançavam os seus defeitos. As paredes erguiam-se sobre alicerces sólidos. O preço era baixo - uma venda desesperada. A luz do campo de alfafa fluía pelas salas como se a passagem do tempo fosse a mais tola das ilusões humanas. A água que saía das torneiras vinha de um poço, límpida e fria como a própria virtude.

Em contrapartida, a instalação eléctrica tinha-se desintegrado e as canalizações estavam podres de ferrugem. Os velhos soalhos de pinho estavam vivos de caruncho e formigas.

- Esta pelo menos tem alma - disse Jonathan. - Percebem o que quero dizer? Sinto que ainda não é demasiado tarde. Esta ainda não está morta.

Clare acenou com a cabeça. Fez correr o polegar pela ombreira de uma porta e ficou a olhar para o dedo, crítica e irresoluta.

- Transmite-me boas vibrações - acrescentei. - Não sentem nada?

- Eu sinto - disse Clare. - Náuseas. Vertigens. Pânico. - Continuava a olhar para o polegar.

Debatemos o assunto durante uma semana e acabámos por decidir comprar a casa. Comprámos o poço e a luz da tarde. Comprámos quinze carvalhos, oito pinheiros, um matagal de amoras silvestres e um par de campas tão velhas que as lápides se tinham tornado lisas como a cal.

- Adeus, Paris e Istambul - disse Clare, grávida, sentada na cadeira de vinil verde a assinar os papéis.

- Adeus, Armani - disse Jonathan. - Adeus, sapatos de pele de crocodilo.

Trocaram uma pequena gargalhada amarga. O negócio estava fechado. Clare estava a oferecer-nos um novo começo com a fortuna do avô joalheiro. À laia de celebração, o agente imobiliário ofereceu-nos vinho branco em copos de esferovite.

Antes de deixarmos o apartamento de Nova Iorque desfizemo-nos de tudo o que estivesse gasto ou quebrado - quase metade dos nossos haveres. Pusemos os objectos no passeio em frente ao prédio, como ofertas para aqueles que acabavam de chegar, cheios de esperança, à cidade que nos

preparávamos para abandonar. Ficámos a observar da janela. Uma mulher levou um candeeiro. Dois skinheads e uma rapariga gorda e tatuada levaram o sofá de costas curvas e estofado de poliéster pele de leopardo.

- Adeus, tesouros - disse Clare. O hálito dela produziu uma mancha de vapor no vidro da janela.

- Adeus, velhas bugigangas - acrescentou Jonathan. - Querida, esse ataque de nostalgia não vem nada a propósito.

- Fui eu que arrastei aquele sofá desde Sixty-seventh Street - disse ela. - Há uma data de anos, com a ajuda do Stephen Cooper e do Little Bill. Carregávamos a maldita coisa durante alguns quarteirões, parávamos e sentávamo-nos nela, e depois voltávamos a carregá-la. Levámos a noite inteira nisso. Às vezes os vagabundos sentavam-se connosco e tomávamos uma cerveja juntos. Fizemos imensos amigos nessa noite.

- E agora és proprietária de uma casa e futura mãe - disse Jonathan. - Ou tencionavas passar o resto da tua vida a rebuscar os caixotes do lixo de Nova Iorque?

- O Little Bill morreu - disse ela. - Já te tinha dito?

- Não.

- Foi a Corinne que me disse. Morreu na Carolina do Sul. Há um ano, pelo menos. Tínhamos perdido contacto com ele.

- Que pena. O Stephen está bem?

- Oh, está óptimo. Chegou mesmo a abrir uma joalheria em Cape Cod. Suponho que está a fazer uma fortuna a vender baleias e gaivotas de ouro aos turistas.

- Ainda bem - disse Jonathan. - Quer dizer, pelo menos ainda está vivo.

- Hum-hum.

Assistimos ao transporte do sofá ao longo de East Fourth Street. Entretanto, no passeio por baixo da nossa janela, um homem e uma mulher de blusões de cabedal exclamaram de alegria perante o velho relógio de cozinha de Clare - uma coisa de plástico amarelo em forma de bumerangue com números cor-de-rosa e vermelhos.

- Não posso acreditar que me tenhas convencido a deitar fora aquele relógio - disse ela. - Vou lá abaixo dizer àquela gente que o pus no lixo por engano.

- Nem penses nisso - disse Jonathan. - Aqueles tipos davam-te um arraial de porrada.

- Jonathan, aquele relógio é uma peça de colecionador. Vale dinheiro.

- Mas não funciona, amorzinho - respondeu ele. - Já não diz as horas. Deixa-os ficar com ele.

Clare acenou com a cabeça e ficou a olhar para a rua, desalentada, enquanto o homem e a mulher corriam em direcção à Primeira Avenida, passando o relógio um ao outro como se fosse uma bola de rãguebi. Clare acariciou a barriga inchada. Respirou contra a vidraça.

Esse episódio aconteceu há mais de dez meses. Agora vivemos num campo voltado para as montanhas. Flores azuis e espinhosas trepam por entre as ripas da nossa cerca. As abelhas zunem no seu êxtase de labor diário e um céu branco leitoso suspende-se por detrás das árvores. As montanhas são velhas. Foram desgastadas pelo vento e pela chuva. Não exprimem anarquia ou grandiosidade, como as serranias mais fotogénicas. Estas montanhas projectam uma sombra regular - as suas escarpas não sugerem o movimento das placas continentais. Estão cobertas de pinheiros, que desenham um horizonte serrilhado.

- Odeio paisagens - diz Clare. - São tão óbvias. - Está de pé ao meu lado na erva selvagem. É o primeiro Abril da nova década e ela é uma nova Clare. Agora é mais mordaz, diz piadas mais azedas. Seria de esperar que a maternidade a tivesse embrandecido um pouco.

- Oh, por amor de Deus - digo-lhe. - Não sejas assim. - Um par de corvos paira sobre a casa. Um deles emite um grito roufenho, como metal roçando em metal.

- Abutres - diz Clare. - Necrófagos. À espera do primeiro a morrer de tédio.

Canto-lhe ao ouvido, suavemente. Canto: By the time we got to Woodstock, we were half a million strong, and everywhere there was song and celebration.

- Pára com isso - protesta, enxotando a canção como se se tratasse de um corvo. As pulseiras de prata tilintam no braço dela. - Nunca esperei acabar os meus dias como uma velha hippie.

- Há piores destinos, sabes - respondo.

- É demasiado tarde - diz ela. - As borboletas estão em vias de extinção. Não reparaste? E aposto que vão fazer urbanizações naquelas montanhas. Acredita em mim.

- Não me parece. Acho que não teriam muitos clientes. Clare fita as montanhas como se o futuro estivesse escrito nelas em pequenas letras brilhantes. Semicerra os olhos. Por uns momentos



parece uma mulher do campo, dura e desconfiada, não obstante o batom e a camisa verde-limão. Podia ser a mãe da minha mãe, na sua quinta do Winsconsin, a olhar reprovadoramente para a vastidão daquilo que não possui.

- Enfim, desde que haja clientes suficientes para o Homo Café. Oh, céus, ainda não acredito que lhe puseram esse nome.

- As pessoas adoram - digo eu.

- Oh, isto é tudo tão esquisito. É tudo tão retrógrado e... esquisito.

- Bem, é um bocadinho esquisito, sim - concordo.

- Um bocadinho é favor.

Clare é tão azeda e dura, é de tal modo uma versão revista de si própria, que eu sinto um espasmo de felicidade endiabrada a crescer dentro de mim. Ela é tão real; tão Clare. Executo uma dança agitada, espasmódica. Não tem nada que ver com graciosidade, nem com as leis invisíveis do ritmo - movo-me como um boneco de madeira num cordel. Clare revira os olhos, à maneira de uma esposa. Aqui há espaço para as pequenas peculiaridades do dia a dia.

- Ainda bem que um de nós está contente com tudo isto - diz ela.

- Oh, amor, por que não havia de estar contente? Agora somos alguma coisa. Quer dizer, aquilo que temos não vai acabar de um momento para o outro.

- Gostava de acreditar nisso - diz ela.

- Sabes o que eu gostava de fazer um dia? Gostava de transformar o barracão numa casinha independente para que a Alice pudesse mudar-se para cá quando se fartasse do negócio das comidas.

- Oh, claro. E, já agora, por que não construímos uma cabana para a minha professora primária?

- Clare? - digo eu.

- Que foi?

- Tu és feliz aqui, não és? Quer dizer, esta é a nossa vida, não é?

- Oh, claro que é. É a nossa vida. Tu já me conheces, resmungo por tudo e por nada. É o meu feitio.

- Pois é.

Ficamos imóveis a olhar para as montanhas e depois voltamo-nos para observar a casa. A casa é tão velha que os próprios fantasmas se fundiram nas paredes. Sente-se que é habitada não pela infelicidade privada de alguém, mas pelos dias reunidos de dez gerações, as suas refeições e

disputas, os seus nascimentos e últimos suspiros. Agora, neste instante, é uma união pouco recomendável de velhas e novas desilusões. As tábuas do soalho estão a esboroar-se e a cozinha remodelada fervilha de linóleo laranja e armários de contraplacado ao estilo espanhol. Tencionamos reconstruí-la lentamente, com o dinheiro que fizemos com o restaurante. Somos forças da ordem, chegados da cidade com talentos, ferramentas e fé num futuro generoso. Jonathan e Clare olham para a casa e vêem aquilo em que pode tornar-se. Falam de antiguidades, de uma prateleira de fogão em calcário resgatada de uma casa de Hudson e transportada para cá num camião. Se bem que eu não me oponha ao progresso, gosto da casa tal como está, de chão infestado de bichos e painéis de contraplacado que parecem a materialização da angústia e da preguiça. Acocorada nos seus quatro acres, a casa responde às montanhas antigas. Também ela é dócil e gasta. O tempo tornou-a humilde.

- Tenho estado a pensar - disse Clare. - E se pintássemos de azul os caixilhos das janelas? De azul cobalto, sabes? O que te parece?

- Pergunta ao Jonathan - respondo. - Ele é que percebe dessas coisas. Ela acena com a cabeça.

- Bobby? - diz ela.

- Diz.

- Oh, não sei. Às vezes ando às voltas pela casa e sinto-me como se estivesse de pé na asa de um avião. A dez mil metros de altitude. Gostava que tu e o Jonathan achassem isto tão estranho como eu. - Dentro de casa, a bebé começa a chorar. - Mas o mais estranho de tudo é isto - diz Clare. - Até agora, os meus erros eram meus e de mais ninguém. Nunca tive de me preocupar com outra pessoa.

- Vai correr tudo bem - tranquilizo-a. - Vai correr tudo às mil maravilhas. Confia em mim, está bem?

Clare acena com a cabeça, incerta. Não consegue libertar-se da dúvida e da ansiedade. É isso que a faz ferver em pouca água. Está a tentar desenvolver uma personalidade à altura das suas piores expectativas.

- Vamos ver se o Jonathan precisa de ajuda com a bebé - diz Clare.

- Está bem. Vamos lá.

Entramos em casa juntos. A porta principal dá acesso directo à sala de estar, um grande compartimento rectangular de aspecto carcomido e papel de parede com águias ameaçadoras e tambores azuis. Jonathan está a andar em círculos com Rebecca encostada ao ombro. Ela berra, uma série de

pequenos gritos penetrantes como soluços.

- Uma birra misteriosa - explica ele. - Está seca e comeu há meia hora.

- Deixa-me tentar a mim - diz Clare.

Jonathan não consegue esconder a sua relutância. Não gosta de entregar Rebecca, nem mesmo ao sono. Mas quando Clare estende os braços, ele dá-lha.

Clare aconchega-a nos braços, segreda-lhe ao ouvido.

- Olá, querida - murmura. - Que se passa? Um pequeno ataque de desespero existencial? - Rebecca é uma criatura com nove quilos, de cabelo penugento e olhos escuros e furiosos. Tem onze meses e já dá mostras de um temperamento próprio. É propensa à contemplação. Resiste ao riso e à angústia tanto quanto pode e depois entrega-se-lhes completamente.

Clare passeia-se pela sala com ela ao colo, sussurrando. Fala com a bebé tal como fala connosco, em frases completas. Com Rebecca, porém, não há sugestão de fúria na sua voz. - Então, então, menina Rebecca - diz ela. - Não estás a ser razoável. Mas, enfim, por que havias de ser razoável? Escuta, se alguma vez te começar a chatear com este tipo de exigências, dá-me um tiro, está bem?

Jonathan assiste à cena num êxtase de afecto nervoso. Rebecca trouxe consigo diversas surpresas - a maior de todas é a torturada devoção de Jonathan. Clare e eu conseguimos manter a calma perante a fragilidade de Rebecca e as suas intermináveis necessidades. Jonathan nunca mais descansou desde que ela veio ao mundo. É um exemplo vivo do poder do amor para nos desarranjar os nervos.

Agora, Jonathan tem qualquer coisa de vital a perder. Agora, há uma pequena vítima em cada tragédia que imagina.

Rebecca não se cala e decidimos levá-la para o quintal. Está perdida no choro, tal como um barco a motor se perde no ruído e turbulência que provoca. Passeamos pela propriedade e deixamos que os seus gritos se dissipem no ar do meio-dia. Jonathan colhe uma margarida. Fâ-la rodopiar perante o rosto vermelho e contorcido de Rebecca.

- Olá, miúda - diz ele. - Olá. Olha-me só esta coisa extraordinária e sem precedentes. - De todas as qualidades de Rebecca, Jonathan está principalmente apaixonado pela sua capacidade para o assombro. Quase chora de comoção quando a vê fitar de olhos esbugalhados um novelo de lã ou os reflexos da luz numa colher de chá. Mas Rebecca continua a chorar para cima da margarida.

- Não podes comprá-la com flores - diz Clare. Há uma nota de verdadeiro orgulho na voz dela. Se Jonathan adora Rebecca por ser a melhor espectadora do mundo, Clare adora-a pela obstinada insistência nos seus próprios mistérios.

Caminhamos para as árvores por detrás da casa. Aqui, nas sombras infinitas, quase não há relva. Há apenas o refugio da floresta - pinhas e ramos partidos, excrementos de gamos. Caminhamos por entre as árvores silenciosas com o berreiro de Rebecca esvoaçando atrás de nós como um cachecol esplendoroso.

- Telefonaram ao canalizador, rapazes? - pergunta Clare.

- Telefonei - responde Jonathan. - Só pode atender-nos desta terça-feira a quinze dias. Por que não me deixas pegar nela outra vez?

- Merda. Esta casa não vai ficar pronta antes do próximo século. Estão conscientes disso, não estão?

- Não há pressa - diz Jonathan. - Anda cá, Rebecca. Estende os braços para pegar na bebé, mas Clare não a larga.

- Não há pressa - repete ela. - Ou seja, vamos continuar a aquecer a água no fogão durante o resto das nossas vidas?

- Somos pioneiros - diz Jonathan. - Não podemos contar com todos os confortos citadinos de um momento para o outro.

- Acho que vocês os dois são uma espécie de atrasados mentais - protesta Clare. - A sério que acho.

Aperta Rebecca contra o peito e estuga o passo, adentrando-se pelo pequeno bosque. Feixes de luz, entrecortados pelos ramos dos pinheiros, suspendem-se pesadamente no ar. Jonathan corre atrás de Clare, como se acreditasse que tenciona raptar Rebecca e criá-la sozinha na floresta.

O nosso restaurante vai abrir em menos de uma semana. Jonathan e eu trabalhamos o dia inteiro nos preparativos finais. Não é nada de grandioso, apenas um restaurante com nove mesas num antigo bar. Remodelámos o bar como um par de noivas acabadas de chegar ao faroeste. Pintámos as paredes de branco, protegemos as janelas com cortinas às riscas. Jonathan decorou as paredes com fotografias antigas: crianças de escola de lacinho e bibe; homens e mulheres de calções axadrezados posando, bronzeados, nas margens de um lago; uma avó limpando neve com uma pá. Arranjou um salmão embalsamado de tamanho recorde pescado em 1957 e uma prateleira cheia de troféus. Nos troféus, homenzinhos dourados, de uma nudez assexuada como a dos anjos, representam a excelência humana nos

domínios do bowling, do golfe, do badminton e do civismo. Vai ser um sítio simples, onde se servem apenas pequenos-almoços e almoços. Comprámos mesas e cadeiras avulsas nas mesmas lojas de segunda mão onde encontrámos os troféus, as fotografias e o salmão laçado.

- Visitem-nos - diz Jonathan. - O Homo Café está prestes a abrir. - Aplica tinta branca sobre uma cicatriz no estuque junto ao tecto. Está de fato-macaco, de cabelo apanhado num rabo de cavalo.

Eu estou na cozinha, a arrumar nas prateleiras os frascos de conservas e ketchup.

- Esqueceram-se de nos mandar a geleia de morango. Só mandaram framboesa e pêsego.

- Pega no telefone e berra com eles. Devem achar que somos um par de tolos inexperientes e por isso só nos mandam o que lhes dá mais jeito.

Depois de guardar os frascos nas prateleiras, encosto-me ao balcão e observo Jonathan a pintar.

- A Clare diz que devíamos achar estranho aquilo que estamos a fazer - digo eu.

- E é mesmo estranho - diz Jonathan. - Quem é que disse que não é?

- Bom, ela acha que essa estranheza nos devia incomodar mais.

- A Clare está nervosa porque é ela quem paga as contas. Esperou a vida inteira por este dinheiro e agora está a ser gasto.

- Está a ser investido, queres tu dizer - respondo.

- Pois. Ultimamente a Clare tem sido uma chata, não achas?

- Oh, não sei.

- Eu acho que sim. Tem sido uma cabra há já bastante tempo. Na verdade, desde que engravidou.

- Bem, tu já a conheces - digo eu. Meto uma cassette na aparelhagem. Jimi Hendrix canta «Are You Experienced?».

- Há-de passar com o tempo - diz Jonathan. - A maternidade é difícil para todos nós. Para mim é, pelo menos.

Pego numa trincha e dou uma ajudinha com os retoques finais. Jimi solta o seu gemido aveludado, uma voz viva do mundo dos mortos, enquanto Jonathan e eu cobrimos de tinta as últimas imperfeições. Balançamos o corpo ao ritmo da música. Há uma espécie de pequena perfeição neste momento, enquanto pintamos a parede ao som de Jimi Hendrix. Sente-se o desenrolar do tempo, o passado desembocando no futuro. Compreendo subitamente, com surpresa: consegui aquilo que queria.

Um irmão com quem trabalhar. Um futuro novo, brilhando como uma lâmpada sobre as nossas cabeças.

Eis o que há de indizível na nossa relação: Jonathan e eu somos membros de uma equipa tão antiga que mais ninguém pode entrar, mesmo que quiséssemos. Adoramos Clare, mas ela não faz parte da equipa. Não inteiramente. Aquilo que nos une é mais forte que o sexo. É mais forte que o amor. Estamos ligados. Somos um só em corpos diferentes. Podemos amar Clare, mas ela não faz parte de nós. Retoco com tinta um defeito antigo. Os rostos aguardados dos miúdos da primária, todos eles com quarenta ou cinquenta anos actualmente, observam-nos alegremente das paredes, de dentes arreganhados e olhos límpidos.

Um pouco mais tarde fechamos o restaurante e atravessamos a rua principal em direcção ao carro. Prefiro caminhar pelo meio das coisas - dos três, sou eu quem gosta mais desta cidadezinha. Iniciei a viagem para Woodstock aos nove anos e agora, ao fim de mais de vinte anos, cheguei. O meu irmão tinha razão - ainda há pessoas aqui. O concerto aconteceu a dez quilómetros daqui, num vasto campo coberto de erva que permaneceu praticamente inalterado. Um espaço vazio rodeado de árvores verdes e negras. Jonathan e eu tentámos nadar no lago cor de chocolate enquanto Clare se sentou na erva com Rebecca, mas os mosquitos obrigaram-nos a voltar para o carro. Acabámos por almoçar no restaurante onde Clare tinha estado com o futuro marido depois de fugirem do concerto. Disse-nos que serviam hambúrgueres com três pickles e uma pequena embalagem de ketchup, e tinha razão.

Woodstock é aquilo em que as antigas cidades deviam ter-se tornado antes de o velho futuro ser cancelado e substituído por outro. Românticos barbudos continuam a dedilhar violas na praça do centro, continuam a imaginar-se como criaturas da natureza e aprendizes de mágicos. Sentadas nos bancos da praça, velhotas de cabelo grisalho frisado e solto abanam a cabeça ao ritmo das canções. Clare considera a cena patética e Jonathan não presta grande atenção a nada, mas eu aprecio a doçura destas ruas tranquilas e a alegre determinação das pessoas para viverem de um modo obsoleto.

Jonathan e eu voltamos para casa no Toyota em segunda mão, subindo e descendo as colinas, com as sombras das árvores a relampejar no pára-brisas. Jonathan vai sentado no lugar do morto, de pés apoiados no tablier.

- Vou dizer-te aquilo que é realmente estranho nisto tudo - diz ele. - Aquilo que é mesmo, mesmo estranho é o facto de estarmos aqui. As

peessoas estão sempre a dizer que vão mudar para o campo e abrir um pequeno café, mas quantos acabam realmente por fazê-lo?

- Nós fizemos. Estamos a fazer.

Quando chegamos ao cimo da última colina, paro o carro.

- Que se passa? - pergunta Jonathan.

- Nada - respondo. - Quero olhar para a paisagem por uns momentos.

Do sítio onde nos encontramos podemos ver a velha casa castanha de chaminé erguida entre as copas dos zimbros. As três janelas salientes do telhado agarram a luz que em breve se extinguiu por detrás das montanhas. As heras que cresceram ao acaso durante décadas agitam-se no vento, exibindo o reverso prateado das folhas. A casa resistiu à paisagem durante mais de um século. As plantas não se adentraram pelas paredes, as águas subterrâneas não se infiltraram nos alicerces. Se bem que eu costume cantar a canção de Woodstock a Clare para a arreliar, canto-a agora a Jonathan numa atitude quase séria e, por isso, muito mais agradável. We are stardust, we are golden, and we've got to get ourselves back to the garden. Jonathan escuta alguns versos e junta-se a mim.

Ao jantar falamos sobre o restaurante e a bebé. Ultimamente as nossas vidas são inteiramente dedicadas ao mundo real - preocupamo-nos com os ataques de tosse de Rebecca e com a entrega da arca frigorífica. Começo a compreender a verdadeira diferença entre a juventude e a idade adulta. Os jovens têm tempo para fazer planos e inventar novas ideias. As pessoas mais velhas têm de investir todas as energias na manutenção daquilo que já foi posto em acção.

- Não gosto do Dr. Glass - diz Clare. Está sentada junto à cadeirinha de Rebecca, a meter colheradas de creme de baunilha na boca dela. Entre cada colherada, Rebecca fita a colher com desconfiança, certificando-se daquilo que contém. Herdou o meu apetite, mas também o cepticismo de Clare. É simultaneamente glutona e cautelosa.

- Porquê? - pergunto eu.

- Bem, porque é um hippie. E não deve ter mais de trinta e cinco anos. Preferia levar a Rebecca a um médico mais velho. Um homem que use sapatos confortáveis e que tenha passado os últimos cinquenta anos a tratar a miudagem da cidade inteira. Quando o Glass me diz para não me preocupar com estes ataques de tosse, não consigo deixar de pensar: «Estou a receber instruções de um homem que usa sandálias de couro.»

- Concordo contigo - diz Jonathan. - O Glass pratica Tai Chi. Ficava

mais descansado se consultássemos alguém que se limite a jogar golfe.

- Eu acho o Glass ótimo - digo eu. - Quer dizer, gosto bastante dele. É uma pessoa com quem se pode conversar.

- Aquilo que estamos a tentar dizer é que, no que toca ao pediatra da nossa filha, preferíamos uma pessoa de tipo mais paternal - diz Jonathan. - Percebes? Uma pessoa que não seja afectada por modas.

- Exactamente - concorda Clare. - Amanhã começo à procura de um novo pediatra.

- Eu acho que o Glass é ótimo - insisto. - A sério.

Clare segura a colher a dois centímetros da boca aberta de Rebecca.

- Quero experimentar um médico diferente - diz ela. - Não confio no Glass. É demasiado não-te-roles para o meu gosto, OK?

- OK, OK - digo eu.

- OK. - Clare enfia a colher na boca de Rebecca com precisão meiga e experimentada. Está a transformar-se na Mãezinha dos velhos tempos dos Hendersons. Deixámos de falar nos Hendersons, talvez porque já não haja grande diferença entre a nossa vida e a vida deles.

Mais tarde, depois de termos deitado Rebecca, vemos televisão. Não há mais nada para fazer no campo quando se tem um bebé. Estamos deitados na grande cama de casal, rodeados de embalagens de salgadinhos de milho e de latas de cerveja e Diet Coke. Os quartos do andar de cima são aconchegados e sombrios. Os tectos seguem a curva do telhado. Os últimos proprietários - aqueles que forraram as paredes da sala com o papel das águias e mandaram instalar os armários ao estilo espanhol - devem ter ficado sem dinheiro a meio das escadas. Aqui em cima, a decadência tem mais patina. O papel de parede deste quarto exhibe flores desbotadas de aspecto carnívoro e os estores suspendem-se em fios puídos da cor do chá forte. Clare vai mudando de canais. Temos televisão por satélite, um magnete poderoso que aspira cada impulso invisível que nos sobrevoa. Além das estações normais apanhamos programas eróticos de Nova Iorque, telenovelas mexicanas, mulheres japonesas demonstrando alegremente invenções tão complexas que só podem ser inteiramente apreciadas por outras invenções. Ocasionalmente apanhamos um canal hesitante e difuso que chega a ser assustador - vêem-se homens e mulheres a andar, apenas a andar, através de um campo aberto. Deve ser uma transmissão que sintonizámos por acidente, qualquer coisa de um mundo clandestino e interdito.



- Cento e vinte canais e nada de jeito para ver - comenta Clare.

- Não está a dar nada que preste, vamos foder - diz Jonathan. Clare fita-o de sobrancelhas arqueadas e olhos sombrios.

- Fodam vocês os dois - diz ela.

Jonathan salta para cima dela e simula uma cópula frenética, como um coelho.

- Oh, querida, oh, querida, oh, querida - geme ele.

- Larga-me - protesta. - Sai de cima de mim. Francamente. Vai chatear o Bobby.

- Oooh, querida - diz Jonathan.

- Bobby, manda-o estar quieto. - Encolho os ombros, impotente. - Olha que eu grito - diz ela. - Olha que eu chamo a polícia.

- E o que dizias à polícia? - pergunta Jonathan.

- Dizia que sou mantida prisioneira nesta casa por dois homens. Que me atraíram aqui com intuitos de procriação e que me obrigam a viver eternamente no ano de 1969.

- Procriar já procriaste - diz Jonathan. - Se fosse essa a tua única função, há muito que te tínhamos posto a mexer.

- Mas a bebé precisa de leite, não é? - diz Clare. - E a casa precisa de uma mamã. Ou não precisa?

Jonathan hesita por uns momentos, reflectindo.

- Não - responde. - Podes ir embora, se quiseres. - Rola de cima dela e agarra o controlo remoto. - Vamos lá ver se vem alguma coisa que preste de Júpiter.

- Se me for embora - diz ela -, levo a criança comigo.

- Nem penses nisso - responde ele. Depois corrige o tom de voz. - A criança é de todos - acrescenta, em tom mais suave.

Clare recosta-se nas almofadas, inclina a cabeça na minha direcção.

- Bobby?

- Sim?

- Gostaria de conhecer o segredo dessa tua calma imperturbável. Aqui estamos nós, no meio de um arranjinho altamente peculiar e heterodoxo, numa casa que nos pode cair em cima a qualquer momento, com o Jonathan e eu a disputarmos a posse da minha filha...

- Da nossa filha - corrige Jonathan. - Francamente, Clare, tens de parar com essa treta de «minha».

- ... da nossa filha - continua ela -, e tu ficas para aí sentado como o

Dagwood Bumstead. Às vezes acho que quem vem de Júpiter és tu.

- Talvez tenhas razão - digo eu. - Quer dizer, nada disto me parece assim tão estranho.

Clare olha para o tecto, os olhos dilatados como discos negros.

- Devia ter percebido logo - diz ela. - Devia ter percebido no preciso momento em que te conheci, de cabelo guedelhudo e calças Calvin Klein. E depois conseguiste transformar-te num modernão da Village do dia para a noite. É tão estranho. Dá a impressão de que os verdadeiros conservadores somos eu e o Jonathan. Somos nós que temos de conseguir reconhecer-nos no espelho, dia após dia. Mas tu consegues ser tudo, não é? Tu consegues fazer tudo.

- Não. Não consigo fazer tudo.

- Dá-me um exemplo. Dá-me um exemplo de uma coisa que não consigas fazer.

- Bem, não consigo viver sozinho. Desde miúdo que não estou sozinho, sabes.

- Precisamente - diz ela. - És a companhia perfeita, não és? Espelhas os desejos de toda a gente. Oh, como é que ainda não tinha pensado nisto? Quando vivias com os pais do Jonathan eras um moço bem comportado de Ohio, quando vivias na East Village eras um boémio cheio de estilo, e agora que vivemos no campo és uma espécie de papá hippie e bonacheirão. Limitas-te a dar às pessoas aquilo que elas querem, não é?

- Não sei - respondo.

Há coisas que não consigo dizer-lhe, coisas que não saberia exprimir. Faço parte dos vivos e dos mortos. Não vivo só para mim próprio.

- Por amor de Deus, Clare - protesta Jonathan do fundo da cama. - Quem é que pensas que és, a Nancy Drew da psique? Achas mesmo que podes resumir o Bobby numa frase como essa?

- Esta vida tem de ser levada frase a frase - responde ela. Eu inclino-me e faço-lhe uma festa na cabeça. Tento beijar-lhe os lábios torcidos.

- Oh, rapazes, rapazes - diz ela, esquivando-se ao meu beijo. - Mas que raio de vida a nossa. Somos uma cambada bem esquisita.

- Não somos mais esquisitos do que qualquer outra família - digo eu. - Pelo menos gostamos uns dos outros. Não foste tu que disseste isso?

- Talvez. Há cerca de mil anos.

Olho para a cara assustada, envelhecida, de Clare. Acho que sei o que a

atormenta - a perda de uma certa capacidade para inventarmos o nosso futuro. Agora limitamo-nos a cumprir um plano que traçámos em cima dos joelhos, numa estrada da Pensilvânia. Agora as coisas boas são aquelas que previmos; as surpresas são coisas más.

Volto a encostar os lábios aos lábios dela. Desta vez Clare retribui-me o beijo. Jonathan continua a mudar de canais, observando-nos preguiçosamente pelo canto do olho.

## CLARE

Eu nunca imaginara uma coisa assim, um amor voraz, quase impessoal. Um amor que nos descentra, nos arranca à nossa forma. Se, ao atravessar uma rua com a bebé, um carro surgisse a toda a velocidade ao virar da esquina, buzinando furiosamente, eu sei que escudaria Rebecca com o meu próprio corpo. Fá-lo-ia automaticamente, do modo como erguemos os braços para proteger a cabeça e o coração. Defendemos as partes vitais com as partes mais rijas e dispensáveis. Nesse sentido, a maternidade era tal como me tinham prometido. Contudo, descobri que amava Rebecca sem um verdadeiro sentido de benevolência ou boa vontade. Era um amor furioso, ofuscante; um sentimento assustador. Protegeria Rebecca de um carro, mas amaldiçoá-la-ia por isso, como um prisioneiro amaldiçoando o seu carrasco.

Da boca de Rebecca saltou a palavra «mamã». Ficava inquieta sempre que eu a deixava. Um dia pagaria uma fortuna a terapeutas para a ajudarem a solucionar o mistério da minha personalidade. Haveria pano para mangas - uma mãe que vivia com dois homens, tortuosamente apaixonada por ambos. Uma mulher indecisa e desorganizada, incapaz de respeitar as regras mais básicas. Uma mulher que, aos quarenta anos, continuava a viver como uma criança. Até essa altura eu tinha sido apenas egoísta e descuidada, mas estava agora a converter-me no enigma fundamental da vida de outra pessoa.

Ser mãe era uma coisa pesada, inquietante. Em comparação, ser amante - ainda que pouco ortodoxa - era insípido e vulgar.

Talvez fosse esse o segredo que a minha mãe descobrira. Convencera-se de que o meu turbulento e indisciplinado pai seria a única aventura da sua vida. E depois dera à luz.

Entre os três, engendrámos uma variação sobre a disposição clássica. Bobby e Jonathan iam para o restaurante antes do nascer do dia e eu ficava em casa com Rebecca. Não estava interessada em abrir um negócio. Tencionava recomeçar a fazer jóias ou dedicar-me a qualquer outra pequena actividade. O restaurante era o projecto dos rapazes, uma forma de se sustentarem e de começarem a pagar-me o dinheiro investido. Eram bons trabalhadores e nunca se queixavam. Ou melhor: Bobby era o bom trabalhador que nunca se queixava e Jonathan seguia-lhe mais ou menos o exemplo. Saíam de casa às cinco da manhã, quando a escuridão começava a dissipar-se, e só regressavam a casa por volta das quatro ou cinco da tarde, quando a escuridão recomeçava a ocupar os cantos da casa. Para falar com franqueza, não sabia muito sobre o trabalho deles. Bobby cozinhava, Jonathan atendia os clientes e um rapazito da terra, de bom temperamento e um pouco obtuso, punha as mesas e lavava os pratos. Embora escutasse as histórias deles - clientes furiosos, electrodomésticos que explodiam ou deflagravam em chamas nas horas de maior movimento, furtos incrivelmente improváveis (alguém levava o salmão embalsamado, outra pessoa roubara o assento da sanita da casa de banho das senhoras) -, tudo isso parecia ocorrer no reino remoto e exagerado das anedotas. Tinha pena dos rapazes. Mas, para mim, o aspecto que mais os caracterizava era uma ausência diária de onze ou doze horas. A vida real, o seu âmago e peso, ocorria durante as horas em que estavam ausentes.

Durante anos, durante a maior parte da minha vida, eu tinha caminhado cuidadosamente sobre um poço subterrâneo de tédio e desespero que se estendia por debaixo da estreita camada da minha imaginação. Se ficasse quieta durante demasiado tempo, se decidisse descansar, cairia lá para dentro. Assim, fazia coisas; saía à noite, ia ao cinema. Mudava constantemente de penteado.

Agora, com Rebecca para cuidar, cada momento possuía uma gravidade electrificada que nem sempre era agradável, mas que me atravessava até ao âmago.

Às vezes aborrecia-me - os bebés nem sempre são interessantes -, mas havia sempre um momento ou ocasião em que ela precisava de qualquer coisa que só eu podia proporcionar-lhe. A cada dia, Rebecca parecia

desenvolver um novo gesto ou reacção que a aproximavam um pouco mais da sua eventual personalidade. Hora após hora, assumia mais inteiramente a sua própria pessoa. As horas encadeavam-se e não havia fraqueza ou desalento que ameaçasse desfazer o dia. Dava-lhe banho, alimentava-a, mudava-lhe as fraldas. Brincava com ela. Mostrava-lhe o que podia do mundo.

Admito que preferia estar a sós com ela. Assim que os rapazes regressavam, eu perdia um certo sentido de urgência contínua. Se bem que exaustos, diziam-me para relaxar enquanto tratavam de Rebecca. Cumpriam o papel de pais competentes e responsáveis. Bem sei que devia mostrar-me grata. Mas eu não queria relaxar. Queria sentir-me enervada e assoberbada. Queria estar freneticamente ocupada com Rebecca a cada minuto e mergulhar depois num sono negro e informe como o futuro por viver.

Bobby amava a nossa filha, mas não se sentia consumido pela sua vulnerável, ruidosa existência. Num mundo mais vasto poderia ter sido um colono, movido pelo ideal de reinventar a sociedade num recanto da terra, longe dos erros antigos. Bobby possuía essa qualidade religiosa. Era meigo e intensamente concentrado. Não estava profundamente interessado nos aspectos mais fundamentais da carne. Por vezes, quando pegava em Rebecca, eu sabia de que modo ele a entendia - como uma cidadã do seu futuro mundo. Respeitava-a por engrossar o número da população local, mas não se afligia com os pormenores da sua existência. Aos olhos dele, Rebecca fazia parte de um movimento.

Bobby e eu dormíamos juntos numa nova cama de casal. O quarto de Rebecca era contíguo ao nosso, depois ficava a casa de banho e o quarto de Jonathan. Os dias de Bobby eram inexoráveis. Batia ovos e cozia empadas, discutia com os fornecedores. Regressava a casa às birras e às fraldas de Rebecca. À noite dormia o sono dos exaustos e destituídos - uma inconsciência desesperada. Eu sentia-me grata pela sua falta de interesse pelo sexo, não apenas porque estava cansada, como também porque o aleitamento de Rebecca escurecera-me os mamilos. Três estrias amareladas atravessavam-me a barriga.

Tinha quarenta e um anos. Já não conseguia sentir-me bonita. Se Bobby fosse mais ardente ou exaltado, se confessasse abertamente que o meu corpo o repelia, teria qualquer coisa contra a qual lutar. Podia recorrer a um novo tipo de orgulho desafiador. Mas Bobby era Bobby, um homem terno, trabalhador. Dormíamos pacificamente.

Jonathan gerava mais electricidade estática com os seus movimentos. Enquanto Bobby se movia com a determinação metódica, ligeiramente bovina, de um aspirador, cumprindo cada tarefa e incumbência, Jonathan progredia ruidosamente, como uma batedeira. Era maníaco e afogueado, de olhar vago devido ao cansaço. Disse-me que, à falta de competência, oferecia simpatia aos clientes. Esquecia-se de encher os copos de água. Os ovos pedidos mexidos chegavam estrelados. Disse-me que em certas alturas de maior movimento, ao pequeno-almoço, chegava a adormecer enquanto andava de um lado para o outro. Num momento estava a abrir um pacote de natas e no momento seguinte a tomar nota de um pedido junto a uma mesa, sem memória do tempo intermédio. Acabaram por contratar uma empregada de mesa, pelo que Jonathan passou a desempenhar o papel simultâneo de anfitrião e moço de recados.

- O meu trabalho é garantir a satisfação de toda a gente - explicava ele.  
- Sirvo café e converso com os clientes. Quanto ao resto, contratámos uma especialista capaz de lhes servir aquilo que eles realmente pedem.

A verdadeira vocação de Jonathan era a bebé. Trazia-lhe sempre qualquer coisa da rua, ao regressar do trabalho: uma boneca de plástico, uma rosa colhida em qualquer jardim, um pequeno par de óculos escuros de aros brancos. Levava-a a dar longos passeios antes do jantar e lia-lhe histórias para a adormecer.

Por volta das quatro da manhã acordava-a, mudava-lhe a fralda e trazia-a para a nossa cama. Era comicamente paternal nos seus boxers, transportando a bebé adormecida nos braços.

- Bem sei que é uma crueldade acordá-la a esta hora - dizia ele. - Mas precisamos de a ver antes de ir cozer o pão. - Metia-se na nossa cama com Rebecca ao colo. Por vezes a bebé choramingava, tonta de sono, à luz do candeeiro. Outras vezes ria e pairava ininteligivelmente.

- Menina Rebecca - sussurrava Jonathan. - Oh, és um verdadeiro ponto, não és? Pois és. Sim senhor. Olha-me só para essas mãozitas. Vais ser jogadora de ténis, não é? Ou violinista, ou uma mosca humana. - Mantinha uma corrente contínua de palavras, um fluxo inesgotável. Por vezes, quando Rebecca chorava, só Jonathan conseguia confortá-la. Berrava nos meus braços, esperneava e guinchava nos de Bobby. Mas quando Jonathan pegava nela, acalmava-se. Fitava-o com olhos ávidos e surpreendentemente duros. Agarrava-se firmemente a Jonathan porque era fugidio e porque, durante as horas que passava em casa, era quem tratava dela com mais

atenção e ternura. Julgo que Rebecca, não obstante a idade, estava a apaixonar-se por ele.

Rebecca e eu partilhávamos um tipo de amor mais nervoso. Na ausência dos rapazes, ela e eu vivíamos num estado de necessidade constante. Rebecca necessitava da minha protecção, mas ressentia-se dela com crescente veemência. Eu precisava apenas de a saber em segurança, mas era uma necessidade absoluta e contínua. Precisava de a saber em segurança minuto a minuto. Eram estes sentimentos que davam forma ao dia. Por vezes, quando testava a temperatura da água do banho ou lhe tirava um lápis da boca, quase podia sentir a pergunta a vibrar no ar à nossa volta - E se a minha protecção falhar? Por vezes irritávamo-nos uma à outra. Eu perdia a paciência, era mandona; dava por mim a negar-lhe demasiadas coisas. Ela estava dependente dos meus medos. Chorava quando eu a controlava demais e chorava quando percebia que me tinha esquecido de a vigiar por uns momentos.

Comecei a compreender melhor a minha própria mãe. Depois de eu nascer, ela tinha feito uma opção. Não havia espaço em casa ou na sua paciência para duas crianças difíceis. A minha mãe fora forçada a escolher. Provavelmente fora isso que desencadeara a guerra. O meu pai tivera de lutar pelo seu quinhão. Usara as suas melhores armas, o sexo e a turbulência, mas a minha mãe prevalecera com os seus poderes de organização e rectidão. Eu amara mais o meu pai. Chamava-me Peg e Scarlett O'Hara, dizia-me que podia comprar tudo o que quisesse. Finalmente, quando ele começou a cair, praguejando, no relvado da frente e a partir a mobília em acessos de fúria alcoolizada, tive de começar a afastar-me dele. Em última instância, as crianças escolhem sempre a ordem em detrimento da paixão ou do encanto. Enquanto mulher adulta apaixonei-me pela inteligência e humor de Jonathan, bem como, suponho, pelo facto de ser inofensivo. Não era frígido nem perigoso. Não era homem nem mulher. Não haveria ameaça ou fracasso através do sexo. Compreendia agora que também Rebecca se apaixonaria por ele. Jonathan possuía a atracção de um pai. E tinha o calor de uma mãe sem a ameaça subjacente - Rebecca não morreria se Jonathan se esquecesse dela por uns momentos. Jonathan trabalhava o dia inteiro e depois regressava a casa com um presente nas mãos, afogueado pela simples excitação de a reencontrar ao fim de tantas horas de separação. Bobby era distante e eu demasiado presente. Jonathan exercia um encanto permanente tornado perfeito pela sua ausência diária.

Rebecca seria dele. Gostaria de Bobby e de mim, mas pertenceria a Jonathan.

Houve alturas - momentos - em que acreditei que encontrara de facto a minha recompensa. Tinha amor e um lugar na terra. Fazia parte de qualquer coisa mais doce e terna. Uma família. Era o que eu sempre acreditara desejar. A minha própria família fora destruída pelo ciúme e a raiva. Nenhum dos presentes de casamento dos meus pais sobreviveu, nem um só. Tínhamos devorado o passado. Agora nada havia para herdar além dos melhoramentos na casa que a minha mãe fizera, dos acessórios dourados e tecidos floridos. O meu pai tinha partido para deixar de beber e encontrar Cristo e recomeçar a beber.

Noutras alturas, contudo, sentia a falta da violenta obstinação da minha família. Tínhamo-nos tornado pessoas difíceis, conhecidas na vizinhança: «A pobre Amélia Stuckart e aquele homem com quem casou.» Eu era «a pobre miúda deles» e o título tornou-me famosa no bairro. Baseei as minhas primeiras auto-afirmações nos conceitos de carência e orgulho. Usava as saias mais curtas, transformava o cabelo numa tempestade enriçada. Aos catorze anos dormi com o meu primeiro baixista no banco traseiro de uma carrinha. As forças da ordem locais tornaram mais fácil a minha revelia por usarem sutiãs com chumaços e penteados formais, por encharcarem os maxilares de Aqua Velva. Diziam-me «junta-te ao nosso mundo» e eu arranjei um namorado que traficava droga. Vi-me diminuída aos olhos dos psicólogos e dos padres - «De facto, Mrs. Rollins, é possível que esta rapariga já esteja para lá da nossa ajuda.»

Ia para a escola com uma garrafinha de tequila escondida na carteira. Atravessava as noites geladas de Rhode Island fervilhando de speeds. Deixava atrás de mim um rasto de vapor. As pessoas bem comportadas desconhecem a liberdade de se ser má rês.

E agora, numa época tardia da vida, tinha sido salva. Os rapazes vinham directamente para casa depois do trabalho, tratavam de Rebecca, faziam o jantar. O amor deles não era irrepreensível. Provavelmente amavam-se mais um ao outro do que a mim. Provavelmente estavam a usar-me sem se darem conta disso. A ideia não me incomodava. Não me importava de tocar o fundo rugoso da boa vontade dos outros. Aquilo que por vezes me incomodava era a simples e banal doçura de tudo. Vivíamos num mundo de benevolência e ordem doméstica. Por vezes pensava em mim própria como uma espécie de Branca de Neve a viver entre os anões.



Os anões eram amigos dela, tratavam-na bem. Mas durante quanto tempo suportaria ela essa vida antes de começar a ansiar por alguém de tamanho normal? Durante quanto tempo continuaria ela a varrer e a costurar antes de começar a notar as subtis mas generalizadas insuficiências da sua aparente segurança?

## ALICE

Quando chamei Jonathan ao Arizona não lhe falei daquilo que tinha para lhe dar. Não era o tipo de conversa que pudéssemos ter ao telefone. Limitei-me a exercer a minha prerrogativa de mãe e a exigir uma visita. Geralmente eu não lhe dava muito trabalho e ele sofrera sempre de um exagerado sentido de culpabilidade. Julgo que Jonathan desejava que eu lhe pesasse mais. Julgo que teria encontrado algum alívio numa mãe exigente e importuna. Dada a sua natureza, não tinha alternativa se não obedecer quando lhe pedi que viesse visitar-me.

- O deserto é lindo nesta época do ano - disse-lhe eu. - Por favor, vem passar alguns dias comigo.

E ele veio.

Fui esperá-lo ao aeroporto de Phoenix. A vida no campo não o tinha mudado muito. Eu estava habituada a passar vários meses sem o ver desde que ele saía de casa para a faculdade, há mais de dez anos, pelo que tinha desenvolvido um novo tipo de objectividade. Enquanto criança, Jonathan fora uma espécie de invenção minha, e eu amara-o com uma ardente, complicada intensidade que por vezes me magoava. Era como se a parte mais terna de mim própria, a pequena parte ferida que desejava apenas chorar e ser abraçada, tivesse sido decepada e vivesse agora noutra sítio, para lá dos meus poderes de consolação. A existência de Jonathan obcecava-me e inquietava-me de tal maneira que mal me recordava do aspecto dele.

Agora amava-o menos desesperadamente, com um novo sentido de calma, e conseguia vê-lo com mais clareza nas suas particularidades

humanas. Entre os outros passageiros, Jonathan era pálido e bonito, mas de aspecto incompleto; comecei a compreender que corria o risco de envelhecer sem assumir uma qualidade visível de serenidade. Intocado e juvenil, com a beleza equina de um rapaz, Jonathan apresentava essa perene, inocente frescura que pode dar a um velho o aspecto de uma criança chocada, antiga. Acenei-lhe e Jonathan encaminhou-se para mim, animado mas um pouco inquieto, avançando cautelosamente como se temesse a presença de inimigos escondidos entre a multidão.

- Olá, mãe.

- Olá, meu querido.

Beijámo-nos, informámo-nos sobre a saúde e bem-estar um do outro e caminhámos juntos para o parque onde tinha deixado o carro.

- Que tal vai o negócio? - perguntou ele a meio do caminho.

- Em plena expansão - respondi. - Recebo mais encomendas do que aquelas que posso atender, mas detesto recusar seja quem for. Tenho andado a tentar contratar outra cozinheira. Mas é difícil encontrar alguém que faça as coisas à minha maneira.

- Estou muito orgulhoso de ti - disse ele. - Quem diria que havias de te transformar numa magnata do ramo do catering?

- Vê lá o que dizes. Não me paternalizes.

- Não era essa a minha intenção. Desde quando te tornaste tão sensível?

- Oh, não liguês ao que eu digo - disse eu. - São só nervos, suponho.

Nunca tinha tido um negócio meu, e muito menos um negócio bem sucedido. Não consigo deixar de pensar que as coisas podem ir pelo cano abaixo de um momento para o outro.

- Vá lá, não te preocupes tanto. Ou estarei a ser paternalista outra vez? Preocupa-te, sim. Acontecem coisas horríveis às melhores pessoas.

- É verdade. Absolutamente verdade. E o vosso restaurante, que tal vai?

- Uma loucura. Passamos o dia inteiro lá dentro, mas parece que estamos sempre a um passo de mergulhar no caos absoluto. Enfim, vai dando para pagar as despesas. Nos dias de maior movimento até conseguimos ter algum lucro.

- Ótimo - disse eu. - É um ramo difícil. Conseguir pagar as despesas logo no primeiro ano significa que estão a ter êxito.

- Suponho que sim. Mas acontece-me acordar sobressaltado a meio da noite, a pensar: «Esqueci-me de levar o café à mesa cinco!»

- Bem-vindo às linhas da frente.

Quando chegámos ao carro tivemos uma pequena e cordial disputa sobre quem deveria conduzir. Preferia ser eu a fazê-lo, já que conhecia bem o caminho, mas um filho adulto não gosta particularmente de ser conduzido pela mãe, mesmo que esteja de visita à terra dela. Para atalhar a discussão, entreguei-lhe as chaves do carro.

Seguímos pela auto-estrada plana e reluzente, falando de coisas banais. O sol, que não era demasiado impiedoso nessa época do ano, brilhava nas iúcas em flor e nos ramos cor de carvão dos algarobos. Pensei sem inveja nas chuvas e céus sombrios que prevaleciam nessa altura no Leste. Descobri que o deserto possui uma beleza demasiado austera para nos cativar imediatamente. O seu parente geográfico mais próximo era o glaciário - tal como um glaciário, o deserto podia levar o leigo a tomar a sua lentidão por entorpecimento. Mas nós, que vivíamos ali, amávamos o deserto pela sua simplicidade e pureza, a sua sugestão diária de eternidade. Uma paisagem florestada apresenta-se geralmente superpovoada e efémera, bela mas demasiado jovem, sujeita a imprevisíveis revezes da fortuna. Não é por acaso que as primeiras civilizações nasceram no deserto. Não é por acaso que os mais velhos regressam muitas vezes ao deserto.

- Estás com óptimo aspecto - disse Jonathan enquanto conduzia. - Gosto do teu novo corte de cabelo.

- Bem, agora tenho de ter mais cuidado com a aparência. Já não posso andar por aí como uma rústica que acabou de chegar das montanhas. Para te dizer a verdade, encontrei um barbeiro excelente. Sim, um barbeiro de homens. A maior parte dos salões de beleza de Phoenix continuam a insistir naqueles penteados armados, cheios de laca, e eu não gosto nada disso. Corto o cabelo todos os meses e não tenho de me preocupar mais com ele.

- Fica-te bem - disse ele. - A minha mãe é uma executiva de sucesso de cabelo curto. Não estou a ser paternalista, estou a ser lisonjeiro.

Estacionámos junto à casa e ele transportou o saco para dentro.

- A casa não mudou - comentou ele.

- Não. Limitou-se a ceder um pouco mais às forças da entropia - disse eu. - Tencionava dar-lhe uma arrumação geral para que estivesse com melhor aspecto quando chegasses. Mas uma das minhas melhores clientes telefonou-me a encomendar um jantar à última da hora, por isso passei o dia de ontem a cozinhar camarão com molho de coentros em vez de aspirar e limpar o pó.

- Não faz mal. Para te dizer a verdade, sempre achei que a nossa casa

de Cleveland era arrumada demais. Gosto de saber que não passas o dia inteiro a limpar a casa.

- Quanto a isso, não precisas de te preocupar. Acredita.

Uma vez que ele ia dormir no sofá da sala, não havia malas para desfazer e arrumar. Jonathan limitou-se a pousar o saco de viagem num canto. Nesse momento senti-me dominada pelo nervosismo - tinha-o convocado ao Arizona por uma razão tão estranha. Talvez devesse transformar a visita num reencontro normal entre mãe e filho. Podia limitar-me a alimentá-lo, a comprar-lhe algumas peças de roupa, não obstante os seus protestos, e a reenviá-lo para casa.

- Tens fome? - perguntei.

- Um pouco. Não comi nada no avião. A partir de determinado ponto na minha carreira de passageiro aéreo compreendi que podia limitar-me a recusar a comida que eles oferecem. Mesmo assim, continuo a sentir-me um pouco excêntrico ao fazê-lo. Como se estivesse a atirar dinheiro pela janela.

- Por que não saímos para almoçar? - sugeri. - Descobri um sítio maravilhoso a cerca de quinze quilómetros daqui, onde fazem umas excelentes tortillas. Adorava conseguir roubar-lhes a cozinha, que conhece realmente a cozinha mexicana, mas acho que não poderia pagar-lhe o suficiente.

- Parece ótimo - concordou. - Vamos lá.

Por uns momentos Jonathan lembrou-me tanto Ned que fiquei parada a olhar para ele, ligeiramente aturdida. Todas as mães devem passar por momentos assim, momentos em que um filho adulto - que parecia ter assumido tão irrevogavelmente uma personalidade própria - revela subitamente um traço tão puro e concentrado da natureza do pai que poderia ser o próprio, renascido em todos os seus tiques e peculiaridades. Aquilo que vi em Jonathan nesse momento foi a simples e frouxa boa vontade de Ned; a sua tendência para ser agradavelmente cordato, para aceitar as coisas em prol do bem-estar geral. Se eu fosse outro tipo de mulher, uma mulher mais corajosa, teria agarrado Jonathan pelos ombros e dito: «Defende os teus próprios desejos com mais ferocidade. Sê mais difícil e exigente, caso contrário nunca terás a vida que pretendes.» Em vez disso, peguei nas chaves do carro.

- É melhor ser eu a guiar desta vez - disse-lhe. - Nem eu mesma sei exactamente como se chega ao local e já lá estive uma dúzia de vezes.

Passámos os dois dias seguintes a conversar, a comer e a ver filmes.

Mostrei-lhe o espaço que tinha arrendado, uma cozinha e escritório improvisado, e apresentei-o aos meus três empregados. Fiz-lhe algumas perguntas sobre a vida dele, se bem que nem sempre estivesse segura quanto à melhor maneira de as colocar.

- Como está a bebé? - Era a introdução mais óbvia.

- Está ótima - respondeu ele, beberricando uma margarita. - É extraordinária. Dá a impressão de que muda um bocadinho todos os dias. Começo a compreender por que razão algumas pessoas têm tantos filhos: é difícil aceitar que ela já consegue gatinhar e que não voltará a ser tão indefesa como foi. Ao mesmo tempo, é também um alívio. Mas consigo compreender que as pessoas desejem outro bebé pelo simples prazer de o acompanharem ao longo desse período inicial em que são incrivelmente dependentes.

- Passas muito tempo com ela? - perguntei.

- Claro. Claro que passo. Sou o pai dela. Um dos pais dela. - Abanei a cabeça.

- Não sei se consigo compreender isso - disse eu.

- Não há nada a compreender. Tu já lá estiveste, já nos viste todos juntos. Somos três pessoas que têm um bebé. Onde está o problema?

- Não há problema nenhum. Enfim, suponho que sou simplesmente uma mulher antiquada.

- Não és nada antiquada. Com esse corte de cabelo?

- Pronto, está bem. Tenho é medo que estejas a ser explorado nesta história toda. O Bobby e a Clare têm-se um ao outro. E tu, o que tens?

Era um assunto delicado. Nunca tínhamos reconhecido formalmente as tendências dele - para além de Bobby, nunca lhe conhecera quaisquer ligações românticas. Tanto quanto sabia, Jonathan não as tinha. E eis a horrível verdade: eu preferia que assim fosse. Se ele insistisse, eu teria de tentar acomodar uma imagem mental do meu filho envolvido em actos sexuais com outros homens. Mas Jonathan não era propenso a insistências. Visitava a família no seu disfarce de solteirão casto, e Ned e eu sempre tínhamos estado dispostos a recebê-lo nessa qualidade. Jonathan continuava a parecer intocado pela vida, e, de algum modo, essa circunstância dava-nos a impressão de que tínhamos cumprido o nosso papel.

- Temo-nos uns aos outros - disse ele. - Tens razão, mãe. Não estás a compreender. Talvez fosse melhor falarmos de outra coisa qualquer.

- Se preferires. Mas diz-me só uma coisa. És feliz?

- Sou. Felicíssimo. Além disso, faço parte de qualquer coisa. Faço parte de uma família e de um negócio. Estamos a construir uma casa juntos. Acho que dás demasiada importância ao facto de não sermos uma família exactamente igual às outras.

- Está bem. Vou tentar ignorar esse aspecto.

Dito isto, mudámos de assunto. Eu estava disposta a ouvir qualquer confissão de amor pouco ortodoxo, se ele decidisse fazê-la. Mas não podia exigir-lhe tanta candura. A iniciativa teria de ser dele.

Só lhe falei do motivo que me levava a chamá-lo ao Arizona na noite anterior à partida dele. Tínhamos jantado em casa - uma simples salada de abacate com salmão grelhado.

- Jonathan, querido, desta vez tive uma razão para te chamar aqui - disse-lhe, depois de ter levantado os pratos e de ter posto o café a fazer. - Tenho uma coisa para te dar.

Jonathan arregalou os olhos - deve ter imaginado que eu guardara para ele um qualquer tesouro familiar. Por uns momentos vi-o com perfeita clareza aos quatro anos, numa loja de brinquedos, um rapazinho bem comportado e precoce, mas louco de ganância.

- O que é? - perguntou, disfarçando educadamente a sua avidez. Suspirei. Ter-lhe-ia oferecido de bom grado uma colcha antiga ou um relógio de ouro, mas Ned e eu não tínhamos guardado esse tipo de relíquias. Ambos procedíamos de famílias mais interessadas no futuro que no passado. Sem responder, subi ao quarto, tirei a urna da gaveta da cómoda e trouxe-a para a sala. Ele compreendeu imediatamente o que era. - Oh, mãe.

Pousei a urna na mesa, suavemente. Era uma caixa de madeira polida com uma placa de bronze onde se lia o nome completo e as datas de Ned.

- Chegou a altura de te encarregares disto - disse-lhe. - Foi o único desejo do teu pai. Que fosses tu a decidir o destino a dar-lhe.

Jonathan acenou com a cabeça. Olhou para a caixa sem lhe tocar.

- Eu sei. O pai disse-me.

- Tens pensado sobre o assunto? - perguntei.

- Claro. Claro que sim. É em parte por isso que estou a fazer aquilo que estou a fazer, mãe. Estou a tentar construir uma espécie de lar.

- Compreendo. - Sentei-me ao lado dele. Ficámos os dois a olhar para a urna como se suspeitássemos que pudesse mexer-se sozinha.

- Já a abriste? - perguntou ele.

- Já. De início pensei que não conseguiria suportar olhar lá para dentro.

Depois, à medida que o tempo passava, compreendi que não suportava não olhar.

- E então?

- É uma espécie de fuligem. De um cinzento amarelado. É bastante mais do que tinha imaginado. Julguei que fosse apenas uma mão-cheia, uma espécie de pó de talco que podíamos lançar ao vento de uma só vez. Mas não. É bastante mais do que isso. E há alguns pedacinhos de osso, escuros, que lembram marfim antigo. Oh, querido, consigo dizer-te estas coisas porque isto não é o teu pai. Não mais do que um par de sapatos velhos que lhe pertenceram. Queres ver?

- Não. Neste momento, não.

- Como queiras.

- Por que me estás a dar isto agora? - perguntou ele. - Quero dizer...

Bem, quero dizer isso mesmo. Porquê agora?

Hesitei. Eis a verdade: eu tinha começado a sair com um homem. Era mais novo que eu, chamava-se Paul Martinez e tinha começado a ensinar-me uma variedade de prazeres que eu nunca imaginara sequer durante os anos de casamento com Ned.

Era como se estivesse a viver ao contrário. Com Ned, tinha conhecido a ordem e a santidade doméstica, a serenidade que desejamos ter na velhice. Agora, no início da velhice, estava apaixonada por um homem impulsivo de pele morena que tocava viola e me beijava em partes que Ned hesitaria até em chamar pelos nomes. E parecia-me errado manter as cinzas dele ali em casa.

Aquilo que disse a Jonathan, contudo, foi bem diferente.

- Receio estar a transformar-me numa espécie de Morticia Adams com as cinzas do meu marido na prateleira da sala. Não devia tê-las guardado durante tanto tempo.

Haveria tempo para lhe falar de Paul, se o caso se revelasse sólido. Embora as atenções dele me excitassem, ainda não confiava nelas - existem inúmeras razões para que um homem mais jovem acredite fugazmente estar apaixonado por uma mulher mais velha. Porquê perturbar desnecessariamente Jonathan? Preferia esperar para ver se o romance era suficientemente sério.

- Compreendo - disse ele. - É incrível pensar que as cinzas do pai estão realmente aqui dentro. Parece uma coisa de outro século. Que um cidadão comum possa ter em seu poder as cinzas do pai.

- Podemos espalhá-las no deserto, se quiseres - disse eu. - Podemos ir agora mesmo.

- Aqui? Quer dizer, levá-las lá para fora e espalhá-las atrás da casa?

- Sim. Escuta-me. Esta não foi a vida com que o teu pai e eu sonhámos. Não foi a concretização das nossas fantasias. Nem por sombras. Mas viemos parar aqui, e não fomos infelizes. Para falar com franqueza, tenho sido muito feliz.

- Ele disse-me que não o enterrasse no deserto. Disse-mo explicitamente. Queria que eu me instalasse e que o sepultasse no sítio onde construísse a minha casa.

- Jonathan, querido. Não achas que há qualquer coisa de... kitsch em toda essa ânsia por uma casa?

Jonathan pestanejou, fingindo assombro.

- Mãe - disse ele -, estás a dizer-me que sou piroso?

- Estou a dizer-te para deixares de te preocupar tanto - respondi. - O teu pai morreu. Preocupava-o o facto de não teres raízes porque ele próprio não conseguia imaginar que alguém pudesse ser feliz sem estar preso a um lugar. Era a natureza dele. Mas seria uma pena que permitisses que a falta de imaginação do teu pai limitasse a tua própria vida. Especialmente estando ele já morto.

Jonathan acenou com a cabeça. Após um momento de hesitação, estendeu as mãos e tocou na urna. Fez correr os dedos suavemente pelas letras gravadas na placa.

- Mãe - disse ele, sem levantar os olhos -, se me acontecer alguma coisa...

- Não te vai acontecer nada - disse eu rapidamente.

- Mas se acontecer.

Sustive a respiração e olhei para ele. Eis a verdadeira razão pela qual aceitara acriticamente o hipotético celibato de Jonathan, a sua suposta vida de abstinência sexual. Sabia que um dia podia vir a receber um telefonema de Bobby, Clare ou de alguém que nunca conhecera, comunicando-me o nome e endereço de um hospital.

- Está bem - aceitei -, se acontecer.

- Se acontecer e tu ficares com as nossas cinzas, não quero que as espalhes no deserto. A ideia dá-me arrepios. Está bem?

Não respondi. Levantei-me e servi o café.

- Preferes que as espalhe em Woodstock? - perguntei enquanto pousava



as chávenas na mesa.

- Talvez. Não tenho a certeza.
- És tu que decides - disse eu. - A decisão é inteiramente tua.
- Bem sei. Hei-de arranjar um sítio. E se fôssemos ao cinema?
- Preferia que jogássemos uma partida de Scrabble. Que dizes?
- Está bem - concordou. - Ótimo. Vamos a isso.

No dia seguinte tomámos a direcção do aeroporto com as cinzas de Ned no saco de viagem de Jonathan, aconchegadas entre peúgas e cuecas. Desta vez reclamei o lugar do condutor e Jonathan não protestou. Estava um dia invulgarmente sombrio, o céu cheio de nuvens pesadas que o vento tinha arrastado desde as Montanhas Rochosas. O ar era prateado, impregnado de uma luz sólida, sem sombras nem causa, que parecia irradiar do chão do deserto tanto quanto da atmosfera.

Jonathan estava a falar-me do seu crescente interesse pela carpintaria quando abandonei a auto-estrada para seguir uma estrada secundária.

- Ei - disse ele. - É um atalho?
- Não. Não é um atalho.
- Onde vamos?
- Espera e verás.
- Vou perder o avião - disse ele.
- Não vais nada. Mas se perderes, podes ir noutro.

A estrada, uma faixa estreita recentemente asfaltada, conduzia às montanhas onde alguns homens e mulheres abastados tinham construído casas. Um dos meus clientes vivia aí, numa casa tão intimamente integrada nas rochas que mal se distinguia da paisagem. Porém, antes de alcançar essas sofisticadas residências, a estrada descia uma ravina pouco profunda que continha uma das pequenas surpresas do deserto: uma manifestação superficial de água subterrânea, não tão abundante a ponto de formar um lago, mas com humidade suficiente para alimentar ervas luxuriantes e um modesto grupo de faias, cujas folhas pareciam tremeluzir de perpétua surpresa.

Parei o carro na ravina. Era especialmente bela sob aquela luz coada pelas nuvens. Os troncos brancos e as folhas pálidas das faias cintilavam. Um raio de sol furou as nuvens e iluminou a vertente avermelhada de uma montanha por detrás da ravina.

- Jonathan. Vamos espalhar as cinzas aqui. Vamos resolver o assunto de uma vez por todas.

- Aqui? - perguntou ele. - Porquê aqui?
- E por que não? É um sítio encantador, não achas?
- Bem, claro que é. Mas...

Jonathan lançou uma olhadela ao saco, pousado no banco traseiro.

- Tira a urna do saco - disse eu. - Vá lá. Confia em mim.

Lentamente, com ponderação, Jonathan inclinou-se sobre as costas do assento e abriu o fecho do saco. Agarrou na urna com ambas as mãos.

- Tens a certeza? - perguntou.
- Tenho. Anda daí.

Sáimos do carro e caminhámos alguns metros sobre a erva espessa. Jonathan transportava a urna. As moscas zumbiam indolentemente à nossa volta e um lagarto da cor do pó imobilizou-se sobre uma rocha rosada, fitando-nos, pronto a fugir.

- Não há dúvida de que é um sítio bonito - disse Jonathan.
- Passo por aqui às vezes - disse eu. - Tenho clientes para estes lados.

Nas tuas futuras visitas podemos vir até aqui, se quiseres.

- Abro a urna?
- Abre. Não é difícil. Já viste como se faz?
- Acho que sim. - Jonathan tocou no ferrolho da urna. Depois retirou a mão, sem abrir a tampa. - Não. Não consigo. Não é o lugar certo.

- Querido, são apenas cinzas. Vá lá, vamos espalhá-las e continuar com as nossas vidas.

- Eu prometi-lhe. Não é o sítio certo. Não é o que ele queria.
- Esquece aquilo que ele queria - pedi-lhe.
- Esquece tu, se quiseres. Eu não consigo.

Segurou firmemente a urna, os nós dos dedos empalidecendo de esforço, como se temesse que eu lha arrebatasse das mãos.

- Estás a ser injusto.
- Não sei se estou a ser injusto. Mas estou a ser verdadeiro. Mãe, por que é que casaste com o pai?

- Já te contei essa história.

- Falaste-me de uns sapatos brancos, do lindo cabelo que ele tinha. Disseste que não havia nenhuma razão para que não se casassem. Mas por que casaste, por que continuaste casada, se já não estavas interessada nele? Achaste simplesmente que o teu dever era casar e ter filhos?

- Atenção ao que dizes, rapaz. Eu amava o teu pai. Cuidei dele até ao fim. Acordei muitas vezes durante a noite, quando ele não conseguia

respirar e entrava em pânico.

- Eu sei. Mas amaste-o? É só isso que eu quero saber. Sei que te sacrificaste por ele, que o apoiaste, tudo isso. Mas estavas apaixonada por ele?

- Que raio de pergunta para fazeres à tua mãe. - Jonathan embalou a urna nos braços. - Eu acho que estive apaixonado por ele - respondeu, suavemente. - Adorava-o.

- Era um homem igual aos outros.

- Bem sei. Achas que não sei? - Ficámos imóveis por uns instantes junto ao pequeno bosque de faias. Nada aconteceu, nada se moveu. Jonathan segurava a urna, de expressão obstinada, os olhos semicerrados. - Jonathan, encontra uma pessoa a quem possas amar - disse eu ao fim de algum tempo.

- Já encontrei.

Ouvir-nos falar assim provocou-me uma sensação de vertigem - uma sensação entontecedora de peso e falta de protecção. Tínhamos sido sempre extremamente circunspectos um com o outro. E agora, numa fase bastante tardia, descobria que não tinha palavras para lhe dizer aquilo que queria.

- Sabes perfeitamente aquilo que quero dizer - disse eu. Jonathan desviou os olhos, petulante, como se alguma coisa no

horizonte à minha direita lhe tivesse prendido a atenção. Ali, à minha frente, evitando olhar-me, furioso, estava o rapazinho de quatro anos que eu conhecera mais intimamente do que a mim própria. Regressara sob a aparência de um homem que envelhecia de um modo britânico, professoral, assumindo um aspecto esgaldado, pálido, ligeiramente doentio.

- Não sabes do que estás a falar - respondeu-me por fim. - A nossa vida não é como imaginas.

- Mas conheço bastante bem as mulheres - disse eu. - E posso garantir-te uma coisa. Aquela mulher não vai permitir que tenhas os mesmos direitos sobre a filha dela.

Jonathan olhou-me por fim. Os olhos dele eram duros e brilhantes.

- A Rebecca não é filha dela - disse ele. - A Rebecca é nossa filha.

- Num certo sentido.

- Não. Literalmente. Não sabemos qual de nós é o pai. Decidimos que seria assim.

Não acreditei nele. Tinha a certeza - sabia-o de algum modo - de que ele e aquela mulher nunca tinham sido amantes. Jonathan estava a inventar

uma história, como costumava fazer quando era pequeno. Mesmo assim, fiz de conta que acreditava.

- A Clare também quis que fosse assim?

- Sim. Foi o que ela quis.

- Talvez fosse o que ela quis - disse eu. - Ou talvez fosse o que ela pensou que queria.

- Não conheces a Clare. Estás a pensar numa pessoa diferente.

- Não, meu querido. Tu é que estás. Eu sei o que é acreditar que as pessoas que conhecemos são diferentes, que a nossa vida vai ser diferente. Mas estou agora a dizer-te que existem leis universais. As mulheres não partilham os seus filhos.

- Mãe - disse ele, com exagerada paciência. - Mãe, estás a falar de ti própria. Tu é que nunca conseguiste abrir mão do teu filho.

- Escuta o que te digo. Procura uma pessoa a quem amar. Arranja um bebé teu, se é isso que queres.

- Já tenho um bebé - insistiu ele. - A Rebecca é tão minha como deles.

- Três é um número ímpar. Quando há três pessoas envolvidas, uma delas acaba sempre por perder.

- Mãe, não sabes do que estás a falar - repetiu. - Não tens a mínima ideia, porra.

- Não fales comigo assim. Ainda sou a tua mãe.

- Oh, não puxes pelos galões. Foste tu que quiseste falar no assunto.

Ele tinha razão. Fui eu que quis falar no assunto. Fui eu que me deixei anular pelo casamento, que me deixei arrastar pelos mais simples confortos da rotina doméstica. E agora, num bosque no meio do deserto, queria falar no assunto.

- Só estou a dizer - continuei -, que existem certos limites. Já é bastante difícil manter uma relação com uma só pessoa, quanto mais duas.

- E eu - disse ele -, acho sinceramente que somos nós que estabelecemos esses limites. O Bobby, a Clare e eu somos felizes juntos. E planeamos continuar juntos.

- A história diz-nos outra coisa.

- A história muda, mãe. O mundo já não é o mesmo. O mundo vai acabar a qualquer momento, por que não havemos de ter tudo aquilo que queremos?

- As pessoas acreditam no fim do mundo desde o princípio dos tempos, querido. Mas ainda não acabou. E também não mudou assim tanto.

- Como podes dizer isso? - disse ele. - Olha para ti própria.

Estava consciente do chão sob os meus pés, gredoso, cinzento-avermelhado. Estava consciente de mim própria, de calças de ganga e blusão de camurça, sob o céu aberto.

- Achas que o Bobby vai optar por ti quando as coisas começarem a correr mal? É isso, não é? Achas que a Clare vai recuar e que tu e o Bobby vão poder criar a Rebecca juntos.

Jonathan olhou para mim e eu vi-o. Vi tudo: o seu desejo por homens, a sua culpa e desilusão, a sua raiva. Vi que, de certa forma, aquela raiva era uma raiva feminina. Jonathan possuía o sentido de traição de uma mulher. Acreditava que tinha sido injustamente empurrado para uma posição secundária, que tinha sido amado pelas pessoas erradas, pelos motivos errados. Por uns momentos tive medo dele. Tive medo do meu próprio filho, ali, naquele lugar selvagem tão isolado de tudo. Tínhamo-nos refugiado no silêncio porque a única alternativa era uivar, arranhar, morder e guinchar. Éramos ambos demasiado tímidos para os ataques de fúria mais comuns.

- Não sabes o que estás a dizer - disse ele calmamente, e eu admiti que provavelmente não sabia. Tínhamos perdido contacto um com o outro; éramos estranhos de um modo profundo, impenetrável, que corria como um rio sob o nosso afecto e cordialidade. Talvez tivesse sido sempre assim.

- Vamos embora - disse eu. - Talvez ainda consigas apanhar o avião.

- Sim. É melhor.

- E quanto às cinzas, a decisão é tua. Depois diz-me o que decidires, quando decidires.

Ele fez que sim com a cabeça.

- Talvez as dê à Rebecca um dia. Toma, miúda. A tua herança.

- Ela também não saberá o que fazer com elas - respondi-lhe.

- Se depender de mim, saberá, sim. Quero que cresça sem dúvidas quanto ao destino a dar às cinzas do avô.

- Seria óptimo. Seria óptimo para ela.

- Pois.

- Bom, anda lá, então - disse eu. - Se nos despacharmos, talvez cheguemos a tempo.

Voltámos para o carro e fizemos o resto do caminho em silêncio. Jonathan voltou a guardar a urna no saco de viagem e correu o fecho. Tentei oferecer-lhe um qualquer conselho maternal, mas não me ocorreu nada.

Sempre desejara dizer-lhe uma coisa que eu levava quase sessenta anos a aprender: que os mortos nos pertencem ainda menos do que os vivos, que a nossa única hipótese de felicidade - uma hipótese bastante remota - reside na aceitação da mudança. Mas não consegui dizer-lho.

Estávamos muito atrasados, pelo que Jonathan teve de sair no passeio em frente ao terminal.

- Adeus, mãe - disse ele.

Adeus. Tem cuidado contigo.

- Está bem. É o que sempre faço.

- Não tenho muito a certeza disso. Vai, depressa. Ainda perdes o avião.

Jonathan saiu do carro e lançou o saco sobre um dos ombros. Antes de correr para o terminal, deu a volta ao carro e aproximou-se da minha janela.

- Até um destes dias - disse ele.

Estaria doente, ou apenas a envelhecer? Por que teria aquele ar ligeiramente macilento, aqueles olhos grandes demais para a cabeça?

- Jonathan? Liga-me quando chegares a casa, está bem? Só para saber se correu tudo bem.

- Está bem. Claro que ligo.

Inclinou-se junto à janela do carro e eu beijei-o levemente na boca. Disse-lhe adeus. E depois, sem um aceno nem um olhar para trás, Jonathan desapareceu.

## JONATHAN

Bobby e eu chegámos à estação alguns minutos antes da chegada do comboio de Erich. A estação, que não passava de um pequeno edifício de tijolos castanhos junto a uma plataforma de betão, dava-nos a verdadeira noção do nosso isolamento. Ali, onde o campo se encontrava com a cidade, compreendíamos que a importância de um comboio que chegava era a sua subsequente partida para outros lugares. Enquanto observávamos o comboio prateado serpenteando em redor da última colina verde, podia já imaginar o turbilhão de fumo que causaria ao partir. Cinzas e um copo de

papel amachucado esvoaçariam brevemente em torno da gare, voltando depois a pousar no silêncio reconquistado. Uma velha máquina de venda automática, vermelha e torta, erguia-se escancarada entre as urtigas e rabinhos do outro lado da linha.

Tinha telefonado a Erich porque me sentia só. É mentira: devia chamar a minha condição pelo seu verdadeiro nome. Quando nos mudámos para Woodstock imaginei que houvesse mais homossexuais descomprometidos nas redondezas; imaginei que pudesse conhecê-los em bares e vendas de garagem. Contudo, como viria a saber, todos os homossexuais radicados naquela região tinham chegado aos pares. Assim, acabei por ligar ao Dr. Feelgood, convidando-o a passar um fim-de-semana connosco.

Dei uma palmadinha no ombro de Bobby porque me sentia nervoso. Não via Erich há mais de um ano. Além de nós, a única pessoa no cais da estação era uma velhota obesa que rebuscava com crescente irritação o interior de um saco de palha branco. Mantive a mão no ombro de Bobby enquanto o comboio se aproximava. Uma personagem da minha vida anterior, mais razoável, estava prestes a visitar-me na minha estranha e bucólica vida nova.

O comboio entrou ruidosamente na estação, as portas abriram-se com um suspiro. Uma família apeou-se, seguida por um homem calvo de mala castanha, seguido por uma jovem obesa que foi recebida pela velhota do saco de palha branco. Por uns momentos acreditei que Erich tinha perdido o comboio. E depois vi-o, segurando uma mala de sarja azul, ao cimo dos três degraus de metal de uma carruagem.

Percebi tudo no preciso momento em que o vi. Num homem tão magro como Erich a simples perda de dois quilos teria um efeito notável. Ele tinha perdido pelo menos cinco. A pele dele era cinzenta e opaca.

Erich sorriu. Desceu os degraus com competência, se bem que lentamente, movendo-se como se equilibrasse um jarro invisível em cima da cabeça. Bobby agarrou-o pelo cotovelo no momento em que pousou o pé na gare.

- Olá - cumprimentou. - Cá estou eu.

- Cá estás tu - disse eu. Após uma breve hesitação, abraçámo-nos. Pude sentir a verdadeira magreza do corpo dele através das roupas - calças de ganga pretas e camisa de ganga azul. Era como abraçar um molho de paus. Senti um acesso de pânico nos braços dele. O sangue subiu-me à cabeça, estonteando-me. Só conseguia pensar em escapar-lhe, saltar do cais para as

ervas da linha. Enquanto abraçava Erich, o mundo estilhaçou-se em fragmentos brilhantes, um turbilhão de cores dolorosamente vivas, e por uns momentos apeteceu-me atirá-lo ao chão, lançá-lo para debaixo das rodas do comboio para que fosse esmagado. Para que deixasse de existir. Em vez disso, pousei-lhe as mãos nos ombros escalavrados. - É óptimo voltar a verte - disse-lhe.

O comboio recomeçou a mover-se, afastando-se sob uma nuvem furiosa de poeira cintilante.

Obrigado - disse ele, acenando com a cabeça. - Muito obrigado. É óptimo estar aqui. Há muito tempo que não vinha ao campo. Olá, Bobby.

Erich e Bobby apertaram as mãos. A expressão de Bobby não me dizia se tinha compreendido alguma coisa. Bobby transportou a mala de Erich para o carro com a segurança impassível de um velho criado da família. Erich movia-se com facilidade, se bem que avançasse com cautela, com essa ponderação característica dos mais idosos, como se tivesse ossos frágeis e quebradiços como a cera.

- Fizeste boa viagem? - perguntei-lhe.

- Foi óptima. Oh, sim, óptima. O comboio passa por algumas zonas muito bonitas. A paisagem desta região é realmente uma maravilha, não é?

- É. Para quem aprecia este tipo de coisas. - Erich pestanejou, confuso. Compreendia as anedotas formais, mas perdia-se nas pequenas ironias. - Nós gostamos disto - acrescentei. - Cumpre todos os requisitos tradicionais do campo. É sossegado, repousante e monótono.

- Oh - disse ele. - Ótimo, ótimo.

Metemo-nos no carro e seguimos para casa. Bobby conduzia e Erich ia sentado ao lado dele. Eu ia no banco traseiro, o lugar das crianças. Enquanto seguíamos pela estrada familiar, olhei para os campos de erva selvagem e não consegui deixar de pensar em me esconder no meio dela; em abrir uma toca na terra e permanecer completamente invisível entre a erva verde-amarelada, que começava a empalidecer com a chegada da nova estação. Eu e Erich tínhamos sido cuidadosos ao fazer amor pela última vez, há catorze meses. Mas anteriormente não tínhamos tomado qualquer precaução. Afaguei o peito suavemente com os dedos e fitei as ervas balançando sob o céu.

- Trouxeste os teus discos para cá, Bobby? - perguntou Erich.

- Oh, claro que sim. Já me conheces. Comprámos um gira-discos e tudo.



- Trouxe-te alguns presentes da cidade - disse Erich. - Há uma discoteca ótima no bairro financeiro, imagina.

- Oh, já lá estive.- respondeu Bobby. - Pois Costumava ir lá. A conversa progrediu espasmodicamente. Descobri, com surpresa, que sentia verdadeira aversão perante a ideia de perguntar a Erich pela sua saúde. Aquilo que me impedia de tocar no assunto não era horror, mas simples embaraço; era como se ele tivesse chegado da guerra sem os braços ou as pernas. Do meu lugar no banco traseiro podia ver-lhe o escalpe doente através do cabelo ralo - a pele e o cabelo de Erich tinham perdido um brilho de que só me apercebia agora, na sua ausência. Erich nunca fora um homem robusto, mas agora o cabelo dele dava a impressão de poder quebrar-se nas nossas mãos. O escalpe de Erich era duro e seco; estéril. Aquilo que fiz, confrontado com o seu evidente declínio, foi apontar-lhe as minhas vistas preferidas, descrever as excentricidades dos habitantes locais e contar-lhe a nossa recente visita à feira do condado, onde se exibiam orgulhosamente leitões e pepinos premiados. Não conseguia deixar de afagar o peito. Atravessámos o Hudson. Por baixo de nós, alguns barcos sulcavam a água castanha e reluzente. As árvores da margem oposta estavam a tornar-se amarelas e vermelhas em resultado das primeiras geadas nocturnas. Entre as árvores, mansões arruinadas de milionários mortos fitavam cegamente o céu frio, azul como o gelo. Chegámos finalmente ao caminho de cascalho miúdo que conduzia à nossa casa.

- Oh, isto é maravilhoso - exclamou Erich, boquiaberto. - Nem posso acreditar que a casa é vossa.

Nunca tinha ouvido aquela nota de excitação na voz dele - aquele trémulo tom de espanto. Não me pareceu genuíno. Soava a falso, a exagero. Era o tom de voz da esposa de um executivo ambicioso gabando a casa de campo do patrão.

- Espera até a veres por dentro - disse eu. - Ainda há muita coisa a fazer.

- Oh, não. É perfeita, perfeita - continuou ele. - Seja qual for o aspecto que tiver por dentro.

- Espera e verás.

Clare estava no alpendre com Rebecca ao colo, à nossa espera. Rebecca, que acabara de tomar banho, fitava-nos de olhos atónitos, como se nunca tivesse visto nada de semelhante em toda a vida - três homens saindo de um carro e subindo os degraus do alpendre.

- Olá, rapazes - cumprimentou Clare.

- Olá - disse Erich. - Oh, é ótimo voltar a ver-te. Oh, olha o bebé!

Pela expressão do rosto de Clare compreendi que suspeitava de qualquer coisa. Quase podia imaginar o seu processo mental, esforçando-se por conciliar aquele Erich com o Erich que conhecera alguns anos antes. Teria sido sempre assim tão magro e macilento? Teria tido sempre aquela pele baça?

- Esta é a Rebecca - disse Clare ao fim de um momento. - Apanhaste-a num dia bom, tem sido angélica desde o momento em que abriu os olhos esta manhã. É melhor que a admires depressa, porque as coisas podem mudar a qualquer momento.

Erich, que não tinha jeito para lidar com bebés, manteve-se a alguns passos de distância.

- Olá, bebé. Como vai isso?

Rebecca abriu a boca e ficou a olhar para ele ou para o ar à sua volta, com um fio de saliva voluptuosamente pendurado no queixo. Tinha começado a falar há alguns meses. Em privado pairava durante horas, misturando palavras verdadeiras com o seu vocabulário próprio, mas na presença de desconhecidos ensimesmava-se, fitando-os num deslumbramento ligeiramente receoso. Limitava-se a observar os acontecimentos, sem se comprometer. Mas nem mesmo quando se sentia insegura deixava de reivindicar o privilégio dos bebés, e havia nos seus olhares fixos e esbugalhados uma qualidade de abandono que era quase sexual. Eu já tinha aprendido alguma coisa sobre a paternidade - em parte amamos os nossos filhos porque os conhecemos completamente nus. Os bebés não têm segundas intenções; em comparação, as outras pessoas são criaturas artificiosas, dissimuladas, cheias de afectações patéticas. Ao fim de um ano e meio, eu aprendera que, embora Rebecca pudesse vir a enfurecer-me, magoar-me ou desiludir-me no futuro, jamais conseguiria tornar-se uma estranha aos meus olhos. Nem que viesse a pesar cento e cinquenta quilos. Nem que viesse a pregar o poder de um deus insecto ou cometesse um homicídio por dinheiro. Estávamos ligados; tínhamos estabelecido uma intimidade que não poderia ser desfeita enquanto vivêssemos.

- E se me desses um xi-coração? - disse eu. Relutantemente, Clare passou-me para os braços. Rebecca fitou-me com inabalável assombro. - Como tem passado, menina Rebecca? - perguntei eu, e ela soltou uma

gargalhada abrupta e deliciada, como se eu tivesse acabado de saltar de dentro de uma caixa.

Apertei-a contra o peito. Encostei o nariz ao ombro rechonchudo e inalei.

- Isto é muito interessante - comentou Erich. - Aquilo que estão a fazer aqui. É muito interessante.

- Para dizer o mínimo - disse Clare. - Entra, vou mostrar-te o teu quarto. Oh, sempre desejei dizer isto!

Clare conduziu Erich para dentro de casa e Bobby seguiu-os transportando a mala. Fiquei no alpendre com Rebecca durante uns momentos. A luz da tarde, que assumira o peso dourado de Outubro, destacava cada uma das árvores que cobriam a vertente da montanha. Uma aranha gorda e pintalgada permanecia imóvel no centro de uma teia hexagonal, esticada entre dois pilares e o corrimão do alpendre. De pouco nos valia destruir as teias com uma vassoura. Aquelas aranhas do campo - algumas de cores berrantes, outras pálidas com o pó - voltavam sempre a reconstruí-las. Rebecca murmurou qualquer coisa. Começou a agitar os braços do modo frenético, exasperado, que costumava preceder os seus inexplicáveis acessos de choro. Afaguei-lhe a cabeça, à espera do início das lágrimas. Pensei fugir com ela, levá-la comigo para a montanha.

- Ainda há tanto a fazer - sussurrei. - É preciso mudar os soalhos. E ainda nem começámos as obras na cozinha.

Levámos Erich ao restaurante, que funcionava suficientemente bem para podermos entregá-lo por algumas horas aos cuidados de Marlys, a cozinheira aprendiz, e à namorada dela, Gert, a nova empregada de mesa. A ideia inicial por detrás do projecto fora criar o tipo de sítio que tínhamos esperado encontrar durante a viagem de regresso do Arizona - um cafézinho excêntrico onde se servia comida honesta preparada por mãos humanas. Como viríamos a descobrir, não estávamos sós no nosso desejo por esse tipo de local. O restaurante estava sempre cheio e, aos fins-de-semana, os clientes faziam fila até meio do quarteirão. Era gratificante e ligeiramente desconfortável ver as pessoas tão ávidas por um tipo de comida tão vulgar: pão e biscoitos caseiros, sopas e guisados, dois tipos diferentes de empada todos os dias. Por vezes sentia que estávamos a enganar o público simulando simplicidade - nós, que levávamos uma existência complicada e neurótica, ganhávamos a vida a preparar doces com maçãs que vinham de um pomar da região e a encomendar conservas caseiras a uma avozinha

local. Porém, metade dos nossos clientes usavam roupas rústicas que compravam por catálogo e camisolas de lã grossa tricotadas em Hong Kong ou na Guatemala. Não creio que estivéssemos a enganar ninguém.

- Oh, isto é maravilhoso - exclamou Erich. O restaurante já tinha fechado as portas, se bem que ainda houvesse bastante gente a acabar de comer.

Marlys e Gert saudaram-nos ao seu modo característico, uma mistura de alegre camaradagem e fugaz, insondável aversão. Descobri que a palidez e magreza de Erich me embaraçavam vagamente - era como se tivesse trazido uma perversidade íntima, um segredo desagradável, ao local onde tinha simulado inocência.

Marlys chamou Bobby à cozinha para lhe dizer o que fazia falta e para lhe mostrar a fuga no lava-louças que ela tinha conseguido selar temporariamente. Como tínhamos descoberto, um restaurante opera num contínuo estado de crise, por pequeno e bem sucedido que seja. As máquinas avariavam, incendiavam-se, falhavam nos momentos em que eram mais necessárias. Os legumes chegavam pisados ou verdes e a farinha cheia de larvas. O gosto da clientela seguia padrões nítidos, mas imprevisíveis, pelo que os ingredientes que se esgotavam numa semana estragavam-se nas prateleiras na semana seguinte. Os lucros, se bem que regulares, eram limitados, e havia sempre mais empadas para cozer, mais tomates para cortar, mais uma discussão a ter com o vendedor de legumes por causa de uma caixa de alfaces podres. Por vezes entrava na sala e via, com alguma perplexidade, todas as mesas ocupadas. As pessoas comiam despreocupadamente, conversando sobre os factos da sua existência. Pareciam considerar normal que nós tivéssemos de lutar contra a putrefacção e os parasitas, contra a mesquinha desonestidade dos fornecedores, para lhes servir aquela comida simples naqueles pratos de cerâmica branca. Nas raras ocasiões em que um cliente se queixava de um ovo muito cozido ou de uma fatia de bacon mal passada, tinha de me conter para não gritar: «Não percebe que já é uma sorte termos conseguido abrir esta casa? Não percebe? Por amor de Deus, mostre alguma gratidão.» Comecei a compreender melhor a atracção da comida congelada e preparada no microondas. Isto sabe quase tão bem como a comida fresca. Já vem cortado aos cubos ou às rodelas, já foi amassado ou picado. Não apodrece. Vai conservar-se até que os clientes decidam pedi-lo. Há menos de dois anos, os proprietários daqueles cafés desolados e fluorescentes junto

à estrada tinham-me parecido verdadeiros inimigos, vendendo comida corrupta por ganância ou preguiça. Agora via-os como vítimas de uma espécie de derrota mais prática e tentadora.

Gert perguntou-nos se queríamos comer alguma coisa. A máquina do café ainda estava ligada e tinham sobrado duas fatias de empada de mirtilo.

Teria ela percebido que Erich estava doente? Seria esse o verdadeiro motivo da sua solicitude? Percebi que Erich estava encantado com Gert, já que ela era, de facto, encantadora, uma mulher de rosto forte e corado e cabelo grisalho que desistira de um excelente emprego no ramo editorial para viver com Marlys em Woodstock. Vestia-se como a mulher de um agricultor, com vestidos cor-de-rosa e camisolas de lã, mas falava russo e tinha editado a obra de um grande poeta. Depois de termos recusado o café e a empada, e de Gert ter regressado aos clientes, tive de me conter para não sussurrar ao ouvido de Erich: «Desconfiamos que ela anda a roubar dinheiro da máquina registadora.»

- Este lugar tem um ar tão simpático - disse Erich na sua nova, superanimada, voz.

- Faz parte da estratégia - disse eu. - Foi tudo cuidadosamente preparado para atrair determinada clientela alvo.

- Quem são estes miúdos todos? - perguntou ele, referindo-se às fotografias penduradas nas paredes.

- Gente desconhecida - respondi. - Comprámos tudo numa loja de velharias da região, um dólar por cada cinco fotografias. Actualmente, metade desses miúdos são alcoólicos, ou fanáticos religiosos, ou reclusos numa das penitenciárias do estado. A outra metade vive em parques de roulottes com a filharada.

Erich acenou com a cabeça, aprovadoramente, como se aqueles tristes destinos lhe agradassem. Bobby emergiu da cozinha seguido por Marlys, uma mulher robusta e sardenta de cabelo cor de damasco.

- A máquina da louça não vai durar muito mais - anunciou. - Parece em muito mau estado.

- Bonito - disse eu. - Vamos ter de esperar umas semanas largas para que nos entreguem outra. Já sabes como são as coisas por estas bandas.

Marlys cumprimentou-me com um soco simulado.

- Olá, rapaz.

Cobri a cabeça com as mãos.

- Oh, não me batas - gemi.

Foi o método que engendrámos para percorrer o nosso labirinto de sexualidade e poder. Marlys ganhava bom dinheiro no nosso restaurante e estava constantemente a sovar-nos, a beliscar-nos as bochechas e a dar-nos palmadas no rabo. Eu era o patrão dela e fingia um terror físico não totalmente diferente dos meus verdadeiros sentimentos. Marlys era ampla, calma e competente no que tocava às questões práticas. Tinha reparado a máquina da louça durante o período mais movimentado do dia. Praticava vela e esqui e conhecia os nomes das árvores.

- Bem, vamos ter de nos arranjar com esta até estourar de uma vez por todas - disse Bobby. - Tu e eu vamos ter de voltar a lavar pratos à mão durante algum tempo. E rezar para que o inspector de saúde não apareça por cá.

- A vida fascinante dos donos de um restaurante - disse eu a Erich, que acenou com a cabeça, satisfeito.

Nessa noite jantámos em casa e falámos quase exclusivamente de Rebecca. Clare e eu explorámos as capacidades de ouvinte de Erich, discorrendo sobre as minudências da puericultura. Entre o milho, os hambúrgueres e a salada de tomate, descrevemos à vez as peculiaridades de Rebecca, as diversas questões morais e físicas da nossa condição de pais, e as nossas diferentes resoluções sobre o melhor modo de a encaminhar, relativamente incólume, para uma vida de amor e recompensas. Erich, cujas boas maneiras lhe estavam impressas nos genes, fingiu um ardente, inabalável interesse naquilo que dizíamos. Ou talvez o sentisse, de facto. Com ele, era impossível saber ao certo.

Depois do jantar metemos Rebecca na cama e vimos um dos filmes que Clare tinha trazido do clube de vídeo. «Este fim-de-semana não vamos estar inteiramente dependentes das conversas», dissera ela. («Temos filmes, jogos, etc. Teria contratado um número com cães amestrados se soubesse de algum.») Depois do filme, espreguiçámo-nos, bocejámos e confessámos cansaço - o que era parcialmente verdade. Sim, eram horas de ir para a cama. Erich estava sentado num cadeirão, encolhido, de mãos entaladas entre as coxas, como se a sala estivesse gelada. Era uma pequena figura e estava determinado a ser um hóspede exemplar - daqueles que concordam com tudo, que insistem em secundar todos os desejos dos anfitriões.

- Erich, há quanto tempo estás assim? - perguntei eu, quase sem querer.

Erich fitou-me com uma expressão de surpresa e desapontamento, pestanejando. Ocorreu-me que ele podia considerar-me a fonte da sua

doença. O que, aliás, era possível.

- Não sabia que se notava assim tanto. - Falou tão baixo que quase não consegui ouvi-lo. A voz dele era suave como o assobio de um radiador. Mas pestanejava furiosamente, apertando as mãos entre as coxas com mais força. - Ultimamente tenho andado a sentir-me melhor - disse ele. - E, bem, pensei que estivesse com bom aspecto.

- Há quanto tempo? - perguntou Clare. Tinha-se levantado antes de eu falar, com o pretexto de fazer um chá de ervas, e permanecera de pé, perfeitamente imóvel, ao lado do sofá. Bobby, ainda sentado, observava.

Erich hesitou, como se estivesse a fazer um esforço de memória.

- Bem, comecei a sentir-me adoentado há mais de um ano - respondeu. - Mal podia acreditar. Quer dizer, é tão estranho ter imaginado claramente estes sintomas e depois começar a senti-los... No início julguei que estava a ser hipocondríaco. Mas depois... Enfim. Recebi o diagnóstico há cerca de cinco meses.

- E não me telefonaste? - disse eu.

- Para quê? - respondeu ele. Agora a voz de Erich cortava nitidamente o ar, como um cabo através do nevoeiro; tinha perdido o tom polido, entusiástico, e assumido um azedume que nunca lhe ouvira. - Não é como se houvesse uma cura. Não é como se pudesses fazer alguma coisa além de te atormentares.

- Já estivemos juntos depois de adoeceres - disse eu. - Não me falaste do assunto.

Mas, no mesmo instante, lembrei-me: Erich e eu não tínhamos uma verdadeira relação. O nosso intercâmbio baseara-se principalmente no sexo e na partilha da solidão.

Erich olhou-me. Os olhos dele eram terríveis.

- Para falar com franqueza, tive vergonha - confessou. - Antigamente, quando pensava que uma coisa destas podia acontecer-me, quando pensava no assunto e tentava imaginar a situação, sabia que ficaria assustado e furioso. E, bem, cheio de sentimentos de culpa. Nenhum desses sentimentos me surpreendeu. Mas estou surpreendido por sentir esta vergonha.

- Oh, querido, não faz mal - disse Clare. Erich acenou com a cabeça.

- Claro que não faz mal - disse ele. - Por que havia de fazer?

- Não sei - disse ela. - Desculpa.

- Andava a trabalhar para um dia ter uma casa como esta. A tentar perceber o que queria fazer com a minha vida. Julguei que um dia teria

dinheiro suficiente para comprar uma casa assim.

- Aqui as noites são muito compridas - disse Clare.

- É o paraíso - retorquiu ele. - Não tentem enganar-me. É o paraíso, porra. E vocês sabem-no.

Ficámos onde estávamos, envolvidos pela luz do candeeiro e o tiquetaque do relógio. Eu só conseguia pensar em Rebecca. Nessa tarde teria gostado de me esconder na erva alta e agora desejava apenas ir para o quarto dela, acordá-la, confortá-la. Pensei nos pezinhos perfeitos de Rebecca, no modo como agarrava o cabelo com uma mão enquanto chuchava o polegar da outra. Perguntava-me se algum vestígio desse hábito resistiria até à sua idade adulta. Será que, aos vinte e cinco anos, Rebecca tenderia a brincar com o cabelo quando se sentisse ansiosa ou cansada? Será que alguém amaria nela esse gesto - o cabelo castanho torcido e retorcido em torno de um dedo? Será que alguém se sentiria exasperado com isso, olhando um dia para o nervosismo dela, o dedo girando incansavelmente, e pensando «estou farto disto»?

- Vou ver se a bebé está bem - disse eu.

- A bebé está óptima - respondeu Clare. - Não abriu a boca durante toda a noite.

- Mesmo assim, vou só ver.

- Jonathan, a Rebecca está bem - insistiu Clare. - A sério. Não a incomodes.

Nessa noite Erich dormiu sozinho na minha cama. Disse-lhe que dormiria no sofá da sala, mas acabei na cama de Bobby e Clare. Deitei-me no meio deles, com os braços cruzados sobre o peito.

- Aquilo que me faz sentir realmente mal - expliquei -, é o facto de estar tão preocupado comigo próprio. O Erich está doente, e eu tenho pena dele, mas de uma forma um pouco vaga. É como se a preocupação comigo próprio fosse uma marcha de Sousa e a doença de Erich um flautim a tocar muito ao fundo.

- É natural - disse Clare. - Mas, escuta, não te preocupes tanto. Tens estado saudável há mais de um ano desde a última vez que tu e o Erich...

- O período de incubação pode durar pelo menos cinco anos - lembrei-lhe. - E até mesmo dez, pelo que ouvi dizer ultimamente.

Clare acenou com a cabeça. Havia qualquer coisa de errado; não estava a reagir do modo que eu esperava, com a determinação e desenvoltura que lhe eram características. Parecia ter mudado de personalidade.



Bobby permanecia em silêncio, deitado ao meu lado. Quase não tinha aberto a boca desde o jantar.

- Bobby? - disse eu.

- Sim?

- Que se passa? Estás tão calado...

- Não se passa nada - respondeu. - Estou só a pensar.

Clare apertou-me o cotovelo. Compreendi o sinal: «Deixa-o em paz, dá-lhe tempo para se decidir por uma reacção.» Bobby lidava com as surpresas do mundo com uma ponderação que era quase sonolenta. Clare e eu tínhamos decidido em privado que, se a casa pegasse fogo, um de nós assumiria a responsabilidade de o ajudar a escolher a janela por onde fugir.

- Mas sinto-me tão... estranho - disse eu. - Como vou conseguir viver a partir de agora sem estar sempre obcecado com o mais pequeno sintoma?

- Querido, o mais provável é que estejas bem - disse Clare, mas não havia convicção na voz dela. À laia de compensação, afagou-me o peito. Clare tornara-se mais propensa ao contacto físico desde o nascimento de Rebecca, se bem que as suas carícias fossem ainda vagas e fugazes, como se suspeitasse que a carne dos outros pudesse queimar-lhe as mãos.

- O que é que tu achas, Bobby? - perguntei.

- Eu acho que está tudo bem contigo - respondeu ele.

- Ótimo. Ainda bem que pensas assim.

- Como será que o Erich se vai desenrascar sozinho? - disse Clare. - Tenho a impressão de que não tem muitos amigos.

- Claro que tem amigos - disse eu. - Achas que vive isolado? Achas que não tem vida própria?

- Como é que sabes? - perguntou-me.

Compreendi, pelo tom da sua voz, que ela me recriminava de algum modo por não ter sabido amar Erich. Desde o nascimento de Rebecca, Clare tinha abandonado parte do seu antigo cinismo e passara a julgar as pessoas de acordo com padrões rígidos de amor e desamor.

- Por favor, não te ponhas impertinente comigo - pedi-lhe. - Neste momento não. Podes ser duplamente impertinente noutra altura.

- Não estou a ser impertinente - disse ela. Um dos hábitos de Clare era negar as suas atitudes no preciso momento em que as tomava. Compreendi então que o seu modo de ser poderia prejudicar seriamente a bebé. Rebecca cresceria com uma mãe que grita: «Não estou a gritar!»

- Oh, claro que não - disse eu. - Não estás a ser impertinente. Sabes

sempre aquilo que dizes e tudo o que os outros ouvem não passa de uma alucinação auditiva.

- Não precisamos de ter uma discussão neste momento - disse ela. - A não ser que queiras muito.

- Talvez queira. Estás furiosa comigo por eu não estar apaixonado pelo Erich, não estás?

- Claro que não. Como poderia estar furiosa por uma coisa dessas? Não podemos obrigar-nos a gostar de outra pessoa. Ou estamos apaixonados, ou não.

- Oh, entre nós as coisas costumam ser bem mais ambíguas. Não é verdade? Diz-me uma coisa. Achas que dei cabo da minha vida? Achas que há alguma coisa de errado no facto de ter estado apaixonado por ti e pelo Bobby enquanto tinha uma relação estritamente sexual com o Erich?

- És tu que estás a dizer isso - disse ela.

- Mas quero saber o que é que tu achas. Achas que sou incompleto de alguma forma, não é? Achas que o Bobby e eu somos as duas metades de um homem. Foi por isso que ficaste com os dois. Juntos formamos uma pessoa completa aos teus olhos, não é?

- Pára com isso. Estás perturbado e não é muito boa altura para falarmos do assunto.

- Eu não escolhi isto - disse eu. - Mas foi o que aconteceu. E não quero que te vires contra mim por causa disto. Clare, por amor de Deus, estou demasiado assustado.

- Eu não... - começou ela a dizer, mas interrompeu-se. - Oh, talvez tenhas razão. Eu também estou assustada.

- Não sou obrigado a amar o Erich só porque está doente - insisti. - Não sou obrigado a assumir a responsabilidade por ele.

- Pois não. Não és obrigado a isso.

- Merda, por que raio o convidei a vir?

- Jonathan, querido - disse Clare. - A vinda do Erich não faz diferença nenhuma. Parece que achas que ele trouxe micróbios cá para casa.

- E não trouxe? Antes de o ver, eu podia passar um dia inteiro sem pensar no assunto. Agora é impossível.

- Aquilo que dizes não faz sentido - disse ela. - Quer dizer, faz uma espécie de sentido amalucado. Compreendo o que queres dizer. Mas não o culpes a ele. Não é culpa dele.

- Eu sei - concordei, infeliz. - Eu sei.

A minha limitação era a minha própria racionalidade. Eu era demasiado equilibrado, demasiado sensato. Se fosse um tipo de pessoa diferente teria andado pela casa a bater com as portas, a partir louça e a arrancar quadros das paredes. Claro que não resolveria nada, mas encontraria uma espécie de libertação voluptuosa - o único prazer em que conseguia pensar nesse momento. A ideia do sexo repugnava-me, tal como o consolo de amigos que se sabiam perfeitamente saudáveis. O meu único desejo era correr pela casa aos gritos, rasgar as cortinas e destruir a mobília, partir os vidros de todas as janelas.

- Tenta dormir - disse Clare. - Não vale a pena ficares acordado a pensar nisso.

- Eu sei. Vou tentar.

- Ótimo. Boa noite.

- Boa noite.

Clare pousou o braço na minha barriga e puxou-me para junto dela, para o seu ninho privado de calor e perfume. Do outro lado, Bobby respirava suavemente. Sabia que devia sentir-me reconfortado, mas a sensação escapava-me. Sentia-me isolado num lugar remoto, na companhia de pessoas cujas vidas continuariam inalteráveis depois de eu morrer. Estava deitado entre Clare e Bobby, atento aos ruídos de Rebecca. Se ela acordasse e chorasse, iria ter com ela para a consolar. Dar-lhe-ia o biberão, aconchegá-la-ia nos braços. Fiquei à espera do primeiro gemido, mas Rebecca continuou a dormir.

## BOBBY

Passava da meia-noite. As nuvens tinham sobrevoado a casa na sua longa viagem entre o coração do continente e o Atlântico. A luz da Lua cheia entrava livremente pela janela do quarto. Atravessei as tábuas do soalho iluminadas e detive-me para olhar Jonathan e Clare, adormecidos sob as sombras do tecto inclinado. Clare ressonava levemente, um assobio tímido, ofegante. Jonathan tinha a cabeça voltada para o outro lado, como

se não quisesse perturbá-la com o ruído dos seus sonhos.

Atravessei o corredor e bati à porta de Erich, mas não esperei por uma resposta. Naquele lado da casa não havia luar, a escuridão era mais profunda. Hesitei por uns momentos à entrada do quarto.

- Erich? - sussurrei.

- Sim?

- Estás a dormir?

- Não. Ainda não.

- Eu só... Bem, só queria certificar-me de que estás confortável.

- Estou - respondeu ele. - A cama é boa.

A cabeça dele era um ponto de escuridão móvel na borda da colcha de cores garridas. Distingui algumas partes do rosto dele: os olhos, a testa redonda. O quarto não cheirava a doença.

- Era a antiga cama da Clare - disse eu. - Bem, foi dela e minha durante algum tempo. Agora é do Jonathan. Nós arranjámos outra.

- É uma cama boa. O colchão não é demasiado mole. Sempre pensei que as pessoas do campo dormissem em camas demasiado moles.

- Às vezes aparecem ratos neste quarto. Estamos sempre a dizer que devíamos arranjar uma ratoeira, mas ainda não conseguimos. Ainda nos faltam algumas qualidades para sermos gente do campo, sabes.

- Os ratos daqui devem ser mais asseados que os de Nova Iorque - comentou ele. - Devem ter um ar mais genuíno e natural.

Houve um silêncio. Ao fim de algum tempo ouvimos um rato a esgravatar dentro das paredes. Rimo-nos.

- Tens alguém em Nova Iorque que possa cuidar de ti? - perguntei.

- Bem, há os grupos de voluntários - respondeu ele. - Se ficar muito doente, posso telefonar a uma dessas instituições.

- E a tua família?

- A minha família excomungou-me.

- Não te ajudam? - perguntei.

- Nem sequer falam comigo. Para eles é como se já estivesse morto. Às vezes a minha irmã telefona-me, mas não gostaria de estar no mesmo quarto que eu. Acha que posso contaminar os filhos dela.

- Ainda estás a trabalhar?

- Não. Despediram-me há algumas semanas, depois de ter ido para o hospital com uma pneumonia.

- E os teus amigos?

- Alguns deles morreram no ano passado. Foi uma coisa repentina. Morreram três, uns a seguir aos outros, no espaço de seis meses. O tipo que sempre considerei o meu melhor amigo está mais doente que eu, no hospital. Não reconhece as pessoas, a não ser que esteja num dia muito bom.

- Tens medo? - perguntei.

- O que é que tu achas?

- Pois. Bem, eu também teria. - Erich suspirou.

- E outras vezes não tenho - disse ele. - O medo aparece e desaparece.

Agora as coisas parecem mudar de minuto para minuto. Mesmo quando não tenho medo, as coisas são diferentes. Sinto-me... Oh, não consigo explicar. Diferente, pronto. Antes costumava perder contacto comigo próprio, sabes. Era como se não tivesse corpo, como se... Não sei. Como se eu fosse a rua por onde caminhava. Agora nunca perco a noção de mim próprio.

- Estou a ver.

- E, sabes - continuou ele -, quando pensava na morte, imaginava-me velho, sem arrependimentos. Estás a ver? Imaginava-me mais ou menos como um velhote famoso, deitado numa cama, rodeado por pessoas, a dizer: «Não me arrependo de nada.» é uma tolice, não é?

- De que é que te arrependes ao certo? - perguntei-lhe.

- Oh, bem... De nada, acho eu. Quer dizer, julguei que conseguisse fazer mais qualquer coisa com a minha vida. Julguei que tivesse mais tempo. E, como já te disse, imaginei que seria famoso e que um dia acabaria por me retirar para um sítio parecido com este.

- Hum. Bem, a vida do campo não é para toda a gente - disse eu. - Só há uma sala de cinema. E não há sítios onde se possa ouvir boa música.

Erich riu-se, um som ténue e arranhado, como se descascasse uma batata. Apercebi-me da doença no riso dele.

- Essas coisas nunca fizeram parte da minha vida em Nova Iorque - disse ele. - Eu só, bem, acho que podes dizer que andei a arriscar a minha vida. Julgo que é a palavra certa. Achei que as coisas iriam correr pelo melhor. Achei que bastava trabalhar muito e ter um pouco de fé.

Aproximei-me da cama. Fiquei de pé junto à mesinha de cabeceira, enquanto o rato continuava a arranhar o interior da parede.

- Hum... Ei, e se eu me deitasse contigo durante uns momentos? - sugeri.

- O quê?

- Não me parece bem que estejas aí sozinho - disse eu. - E se eu me metesse debaixo dos cobertores por uns minutos?
- Estou nu - disse ele.
- Não faz mal.
- Que ideia é a tua? - perguntou-me. - Queres dormir comigo porque estou doente?
- Não.
- Terias tido essa ideia se eu não estivesse doente?
- Não sei.
- Oh, por amor de Deus. Desaparece daqui, está bem? Importas-te de sair?
- Desculpa. Não queria ofender-te.
- Eu sei. Mas sai. Por favor.
- Está bem - concordei.

Saí do quarto e fechei a porta atrás de mim. Sentia um peso nas pernas e nos braços, uma sensação entorpecedora de desilusão e indefinível embaraço. Não tinha pretendido invadir a privacidade de Erich. Desejara apenas abraçá-lo por uns momentos, oferecer-lhe o conforto do meu peito. Desejara apenas abraçá-lo enquanto ele se entregava à lenta voragem da morte.

## JONATHAN

Erich regressou no fim-de-semana seguinte. Não percebi ao certo por que razão fora feito e aceite o convite - nenhum de nós, incluindo Erich, parecia ter-se divertido especialmente durante a primeira visita. Erich passara todo o domingo carrancudo e ensimesmado. Mesmo assim, quando o levámos à estação, Bobby disse-lhe:

- Queres voltar no próximo fim-de-semana?

Erich hesitou antes de dizer que sim. Disse-o num tom de voz inexpressivo e determinado, como se reclamasse qualquer coisa que lhe pertencia por direito.

- Queres mesmo voltar a ver o Erich tão cedo? - perguntei a Bobby no caminho de regresso a casa.

- Jon. O rapaz precisa de passar algum tempo no campo. Olhaste bem para ele?

Por uns momentos pareceu-me que Bobby não compreendia ainda a natureza da doença de Erich; parecia convencido de que ele estava simplesmente exausto e stressado, a precisar de um bom descanso.

- O Erich precisa de muito mais do que isso - disse eu.

- Bom, alguns dias no campo é tudo o que podemos oferecer-lhe. Ele agora faz parte da família. Quer gostemos, quer não.

- A família - repeti. - Sabes, vais dar comigo em doido com essa treta da família.

Bobby encolheu os ombros e sorriu pesarosamente, como se eu estivesse a ser petulante em face de uma condição que estava claramente para lá do controlo de todos. Erich estava agora ligado a nós, por muito subtilmente que fosse, e, de acordo com as leis da economia privada de Bobby, éramos obrigados a oferecer-lhe tudo o que tínhamos.

Erich regressou na sexta-feira seguinte, no comboio das cinco. Tinha recuperado o entusiasmo polido, ligeiramente esganiçado, se bem que fosse agora mais propenso a lapsos. Bobby assumiu a responsabilidade de olhar pelo conforto e bem-estar de Erich, e, ao fim da segunda visita, tinham embarcado ambos numa espécie de namoro. Bobby era-lhe dedicado como um cão e Erich aceitava as suas atenções com uma avidez ligeiramente irritada, como um fantasma indignado que regressara do além para pedir explicações aos vivos.

Num fim de tarde de domingo eu estava na cozinha com Clare e Rebecca. Clare cortava um abacate. Rebecca estava sentada na banca da cozinha a brincar com moldes em forma de animais e eu estava junto dela para evitar que caísse. Através da janela podíamos ver Bobby e Erich sentados na erva selvagem, conversando. Bobby fazia gestos amplos com as mãos, indicando enormidade, e Erich abanava a cabeça sem grande convicção.

- O Bobby encontrou um novo amor - comentei.

- Não sejas mauzinho, querido - disse Clare. - Não te fica bem. Clare pousou as fatias de abacate num prato e começou a descascar uma cebola.

- Não estou de acordo que o Erich se transforme de repente na nossa obra de caridade preferida - disse eu. - É praticamente um desconhecido.

- Temos espaço de sobra para um desconhecido, não temos? Não nos falta nada.

- E agora deste em Madre Teresa, tu? Parece-me um bocado repentino.  
- Clare fitou-me com uma expressão de calma paciência mais recriminatória do que qualquer palavra de censura. Tinha acontecido qualquer coisa a Clare. Já não conseguia decifrá-la - tinha abandonado o seu antigo cinismo e assumido uma doçura maternal opaca. Ainda éramos amigos, mas já não éramos íntimos. - Eu sei, eu sei - disse eu. - Sou uma pessoa horrível. - Clare deu-me uma palmadinha no ombro. - Não faças isso, por favor - protestei. - Antigamente nunca me davas palmadinhas nos ombros. - Rebecca, que tinha estado a contemplar, babosa, um dos moldes em forma de alce, começou a chorar. A discórdia cortava-lhe a pele como uma lâmina; chorava sempre que ouvia alguém falar com fúria. - Ei, miúda - disse eu. - Está tudo bem, não liguês ao que nós dizemos.

Tentei pegar nela ao colo, mas ela rejeitou-me. Insistiu em ser levantada por Clare, que a levou para a sala de estar enquanto eu acabava de picar a cebola.

Erich acabou por fixar residência lá em casa. Além do seu minúsculo e desconfortável apartamento nas East Twenties, não tinha para onde ir. Teria suportado a doença com a ajuda de voluntários até se instalar num dos hospitais acessíveis às pessoas sem dinheiro nem seguro de saúde. Bobby não parava de o convidar a visitar-nos e, quando a viagem se tornou demasiado incómoda, Erich instalou-se definitivamente. Acabei por ceder-lhe o meu quarto, afirmando que preferia dormir no andar de baixo. Acolher Erich não foi um processo simples. Eu recriminava-o secretamente por estar doente e, ao mesmo tempo, sentia-me compelido a tratar dele do modo como esperava ser tratado se eu próprio adoecesse. Exercitei a ternura que esperava inspirar nos outros, caso perdesse a saúde e o meu corpo começasse a mudar. Por vezes a obrigação transformava-se em afecto genuíno, em verdadeira preocupação. Outras vezes limitava-me a simular esses sentimentos. Após um período inicial de oposição, Erich aceitou instalar-se no meu quarto, renunciando desse modo a um certo grau de participação no imparável mundo dos vivos. O momento poderá chegar para muitos de nós, a determinado ponto da nossa vida. Abandonamos a nossa velha obrigação de considerar as necessidades dos outros, entregando-nos aos seus cuidados. É uma mudança de estatuto. Tornamo-nos cidadãos de um novo reino. Embora possamos manter o melhor e o pior



da nossa personalidade, já não comandamos fisicamente o nosso destino. Erich precisava do meu quarto para o complicado processo da sua morte. Era uma pessoa reservada e não se daria bem no meio do tráfico doméstico. Assim, com um sorriso educado e ligeiramente ofendido, deixou-se conduzir à minha cama. Completei trinta e dois anos um dia depois de ele se ter instalado definitivamente em nossa casa.

Costumávamos levá-lo a passear pelo bosque, escolhíamos cuidadosamente os alimentos que lhe dávamos. Erich era um espírito antigo que ocupara a casa, às vezes cortês, outras vezes impaciente. Era como se o nosso avô tivesse vindo viver connosco.

O Inverno passou, a Primavera chegou. O restaurante prosperava. Nasceram novos dentes a Rebecca, que descobrira entretanto a luxuriante possibilidade de dizer não a tudo o que lhe pedissem. O estado de Erich agravou-se imprevisivelmente. Melhorava e piorava, por vezes de hora para hora. Tinha problemas intestinais, febres, falta de vista. Por vezes o espírito dele divagava - tornava-se vago e distraído. Fazia viagens semanais a um hospital de Albany. Nos seus melhores dias ia para o bosque colher cogumelos com um cesto no braço. Nos piores, permanecia enroscado na cama, mergulhado num estado indeterminado, algures entre o sono e a vigília.

Eu vivia ligeiramente à parte no meio de tudo. Não teria convidado Erich a viver connosco, mas não conseguia persuadir-me a desejar ardentemente que partisse - sentia-me demasiado inseguro quanto ao meu próprio estatuto de excêntrico da casa. Ser meigo e atencioso com Erich proporcionava-me algum conforto. Oferecia-me a obscura esperança de aplacar as Parcas.

Num fim de tarde, ao regressar do trabalho, encontrei Erich sentado no alpendre, embrulhado num cobertor. As sombras tinham começado a reunir-se em redor da casa, se bem que o céu ainda estivesse luminoso - naquela casa sofreríamos sempre crepúsculos prematuros. Erich estava sentado numa velha cadeira de verga, coberto até ao pescoço por um cobertor azul que me pertencia. Parecia um adolescente tuberculoso. Assumira um aspecto cada vez mais juvenil à medida que emagrecera, de costelas salientes e orelhas, mãos e pés demasiado grandes para o corpo.

- Olá. Como te sentes?

- Bem - respondeu ele. - Menos mal.

Prevalecia entre nós uma certa formalidade, tal como nos tempos em

que dormíamos juntos. Éramos afáveis e distantes um com o outro. Continuávamos a agir como se tivéssemos acabado de nos conhecer.

- O Bobby vai ter de fazer serão no restaurante - disse eu. - A Marlys foi a uma espécie de reunião de mulheres e ele teve de ficar a fazer as empadas para amanhã. Onde estão a Clare e a Rebecca?

- Estão lá dentro - respondeu.

- Vou ver a Rebecca. Talvez a traga aqui para fora durante uns minutos.

- Jonathan?

- Sim?

- Não sei bem como dizer isto. Mas tenho estado a pensar. Nunca te interrogas sobre nós? Quer dizer, sobre tu e eu?

- Penso sobre nós - disse eu. - Claro que penso.

- Não era isso que eu queria dizer. Pensar é uma coisa, mas... Quer dizer, bem, nunca te perguntas por que razão fomos sempre tão retraídos? Parece-me que podíamos ter feito muito mais pela felicidade um do outro.

Era-lhe difícil falar daquele modo, abertamente, mesmo na condição extrema em que se encontrava. Os dedos de Erich beliscavam a bainha do cobertor. Batia secamente com o pé na perna da cadeira de verga.

- Bem, nós tínhamos um tipo especial de relação. Era aquilo que desejávamos na altura, não era?

- Suponho que sim. Suponho que era. Mas ultimamente tenho-me perguntado, sabes. De que estávamos à espera?

- Acho que estávamos à espera de que as nossas verdadeiras vidas começassem. Acho que provavelmente cometemos um erro.

Erich inspirou, catarroso. No centro de uma teia esticada entre os pilares do alpendre suspendia-se, imóvel, uma aranha amarela.

- Cometemos um erro, sim - concordou. - Acho que sim. Acho que estava apaixonado por ti, mas não consegui admiti-lo. Estava... Não sei. Demasiado assustado para o admitir. E agora parece-me tudo um grande desperdício.

Fiquei imóvel nas tábuas gastas do alpendre, sobre a minha própria sombra purpúrea. Olhei para ele. Erich assumira um aspecto vetusto, profundamente digno. Não era velho nem novo; não era homem nem mulher. Despontando sobre as dobras espessas do cobertor, o rosto de Erich era pálido, de olhos brilhantes. Era como uma esfinge apresentando um enigma.

Eu julgava saber a resposta. Erich e eu nunca tínhamos estado

apaixonados e aquela relação não devia ter acontecido. Não tínhamos perdido uma oportunidade romântica. Limitámo-nos a esconder-nos um no outro, no sexo e na simples camaradagem, enquanto esperávamos pelo verdadeiro amor. Como dois criados, dois homens castos, que tinham sacrificado as suas vidas em favor de vagos ideais de obediência e ordem.

Mas não consegui dizer-lhe isso.

- Julgo que também estive apaixonado por ti - menti.

Não queria que Erich morresse intocado, caso contrário também eu poderia morrer nessa condição.

- Estás a mentir.

- Não estou nada.

Pensei naquela noite no deserto com o meu pai, nas banais palavras de conforto que lhe murmurara. O meu pai morrera ao voltar da caixa do correio, com as mãos cheias de catálogos e panfletos publicitários. Eu tinha uma carta para ele dentro do bolso.

- Estás, sim - disse Erich.

Hesitei.

- Não, a sério - insisti. - Acho que também estive apaixonado por ti.

Erich abanou a cabeça, numa raiva fria. Eu não tinha conseguido confortá-lo. Uma traça, quase translúcida de tão branca, mais uma agitação de ar do que uma presença física, esvoaçou à nossa volta.

- Podíamos ter feito mais um pelo outro - disse Erich. - O que havia de errado connosco, afinal?

- Não sei - respondi.

Não nos movemos nem falámos durante pelo menos um minuto. Entreolhámo-nos com furiosa descrença.

- Somos uns covardes - disse eu por fim. - Não cometemos um erro dramático. Foi apenas um errozinho estúpido que acabou por escapar ao nosso controlo. Como é que as pessoas lhes costumam chamar? Pecados por omissão.

- Acho que é isso que mais me chateia.

- A mim também - disse eu. E depois, como não havia mais nada a dizer, entrei em casa para ver Rebecca.

# CLARE

Erich trouxe algo de novo à casa. Ou talvez tenha conjurado qualquer coisa antiga, qualquer coisa que sempre existira ali. Cambaleava pelos corredores, respirava com dificuldade no ar poeirento. Os simples factos da doença e da morte podem parecer-nos remotos desde que não sintamos o cheiro da cal imaculada dos medicamentos. Desde que não vejamos um rosto assumir a cor do barro.

Ser mãe tornava certas coisas impossíveis, coisas que anteriormente teria feito quase sem pensar. Não podia negar a Erich aquilo de que precisava; contudo, não podia acolhê-lo inteiramente. Descobrira que, de um modo mais ou menos involuntário, me tornara apenas capaz de protecção. Suponho que era uma coisa sentimental, se bem que Erich não inspirasse em mim qualquer tipo de sentimentos. Sentia-me dura e clínica, glacial. Pela primeira vez na vida não pensava apenas em mim própria. Uma parte do meu cérebro, a parte que julgava ser eu, parecia ter desaparecido sem deixar vestígios. Em seu lugar havia aquele simples e constante impulso para fazer o que quer que as circunstâncias exigissem. Dava de comer a Erich durante a ausência dos rapazes, certificava-me de que tomava os medicamentos à hora certa, ajudava-o a ir à casa de banho nos dias em que precisava da minha ajuda. Falava-lhe suavemente. Nada me poderia impedir de o fazer. Mas não gostava dele. Num certo sentido, as nossas relações eram estritamente comerciais. Preocupava-me apenas, verdadeiramente, com Rebecca, que estava viva e crescia. De certa forma, Erich já tinha partido para outro mundo. Se bem que o seu conforto e segurança fossem vitalmente importantes para mim, a sua existência não o era. Agora compreendia melhor por que razão as mães surgiam nas histórias de fadas como santas ou monstros. Não somos humanas no sentido comum do termo, pelo menos enquanto os nossos filhos são muito pequenos. Transformamo-nos em monstros do amor, inexoráveis, e se por vezes nos esquecemos dos aspectos mais elevados e imperecíveis da alma enquanto atendemos à fragilidade do corpo, nada podemos fazer para o evitar.

Passava a maior parte do dia sozinha com Rebecca e Erich. Agora que tinham a ajuda de Marlys e Gert, os rapazes costumavam chegar a casa mais cedo. Mesmo assim, passava a maior parte do tempo na companhia de uma

criança de dois anos e de um homem moribundo.

Alugava filmes e servia copos de sumo. Comecei a ensinar Rebecca a usar o bacio e mudava ocasionalmente os lençóis sujos de Erich. Ele tinha dias razoáveis e dias terríveis. Nos dias maus tornava-se rabugento comigo. Dizia subitamente: «Odeio puré de maçã. Estou tão farto disto! Não podias ter arranjado outra coisa?» Queixava-se dos filmes que eu escolhia. «Mrs. Miniver? Bolas! Não havia mais nada?»

Mas nunca perdia a paciência com Rebecca. Por vezes, nos dias em que ele ficava na cama, viam filmes juntos. Eu alugava o Dumbo, a Branca de Neve e tudo o que envolvesse os Marretas. Erich também gostava desses filmes. Não fascinava Rebecca tão completamente como Jonathan, mas sabia despertar e manter o interesse dela. Erich possuía uma invulgar capacidade de concentração. Creio que Rebecca se sentia segura com ele. Erich não tinha jeito para lidar com crianças, mas sabia representar esse papel na perfeição. Submetia-se às ordens de Rebecca. Executava, a pedido dela, uma dança espástica com um macaco de peluche misteriosamente baptizado com o nome de Shippo, enquanto Rebecca agitava no ar uma boneca chamada Baby Lou. Erich participava em todos os jogos que ela inventava, muitos dos quais implicavam passear um dinossauro de borracha para a frente e para trás enquanto se recitava uma longa, sempre variável, lista de exigências. Erich sabia imitar a voz do Sapo Cocas, um talento que Rebecca parecia considerar hilariante e vagamente perturbador.

Por vezes, quando lhes levava o lanche, encontrava-os recostados na cama dele a olhar para a televisão, com os brinquedos espalhados por todo o lado. Por vezes respirava fundo ao vê-los assim, Erich acariciando distraidamente a cabeça de Rebecca enquanto assistiam a um filme de desenhos animados, Rebecca tagarelando e passeando um dos seus animais de plástico pelos joelhos escanzelados de Erich. Por muito doente que se sentisse, Erich era sempre atencioso com a minha filha. Os seus poderes de concentração eram formidáveis. Parecia ter assumido uma missão: nunca ser mesquinho ou desagradável na presença daquela criança. Era diferente de Jonathan. Não amava Rebecca. Mas gostava muito dela. Ser bom para Rebecca era um dos princípios fundamentais que guiavam os seus dias. Era a sua função.

A princípio senti-o como um vago mal-estar na barriga, uma sensação a meio caminho entre a náusea e a dor. Por vezes acreditava que estava a desenvolver uma úlcera, ou qualquer coisa pior, se bem que o médico me

tivesse dito que era apenas ansiedade. Finalmente, ao fim de vários meses, compreendi o que era. Eu estava a chegar a uma decisão. Ou vice-versa. A decisão crescia dentro de mim, quase contra a minha vontade consciente.

Mas só alcançaria o seu estado de perfeita maturidade numa tarde de Maio, estava eu a dormir a sesta com Rebecca. Esta começara a mostrar-se avessa às sestas e só se deitava durante a tarde se eu a levasse para a minha cama e lhe lesse os seus livros de histórias preferidos. Nessa altura, Rebecca já tinha quase dois anos e meio. Tinha desenvolvido obsessões por diversas histórias, incluindo uma sobre um coelho que dava as boas-noites a todos os objectos do quarto e outra sobre um porco que encontrava um osso mágico. Líamos ambos os livros duas vezes e acabávamos por adormecer juntas. Nessa tarde de Maio acordei pouco depois de ter adormecido, ao som da voz de Rebecca. Estava deitada ao meu lado, a contar uma história a si própria. Era um dos seus mais recentes hábitos. Conversava consigo própria durante horas a fio. Mantive-me quieta, à escuta.

-- Vou à loja - disse ela. - E compro um osso que fala. A menina nunca o tinha visto. Agarrou no osso e foi a casa do Coelhoinho. E o Coelhoinho estava em casa e o Jonathan estava em casa. E eles disseram: «Ena, ena, ena, mas que lindo gatinho.» E o Jonathan pegou no osso. E agora vou fazer qualquer coisa boa com isto, disse ele. E fez... papas de aveia. Estavam muito, muito boas. E o Coelhoinho disse, humm, e depois a mamã e o Bobby e o Erich disseram. E eu dei ao Erich uma salada, porque ele estava doente. E o Jonathan também comeu um bocadinho. E depois já era de noite e o Coelhoinho teve de ir para a cama. E depois já era o outro dia e o gatinho foi à cidade. «Ena, ena, ena», disse o gatinho. Imaginem a surpresa dele.

Enquanto a escutava, uma sensação de pânico contraiu-me o peito. Senti a onda de calor subir-me ao rosto. De início não compreendi por que razão estava eu tão perturbada com aquilo que ouvira. Era apenas a habitual corrente de consciência de Rebecca, o género de palreio que lhe vinha ouvindo há mais de um mês. Mas lentamente, enquanto permanecia deitada ao lado dela, fui compreendendo os meus motivos. Rebecca estava a transformar-se em si mesma. Estava a emergir do seu nebuloso egocentrismo e a começar a aperceber-se da vida independente das outras pessoas. Em breve abandonaria o seu etéreo mundo infantil. Lembrar-se-ia das coisas. Era uma máquina fotográfica pronta a disparar. Clique. Uma casa castanha com uma porta azul. Clique. Os seus brinquedos favoritos. Clique. Jonathan aparecendo de manhã para a acordar. Rebecca guardaria

para sempre essas imagens. Como iriam afectá-la?

E se ela assumisse a sua plena consciência enquanto Erich morria e Jonathan começava a adoecer? E se as suas primeiras memórias envolvessem o declínio e eventual desaparecimento das pessoas que mais amava no mundo?

Uma manhã, algumas semanas mais tarde, eu estava na cama com Rebecca, Bobby e Jonathan. Era uma manhã normal. Rebecca tinha acordado de bom humor e contava a si própria uma história complicada que envolvia o Coelho e um elefante voador. Dentro de uns momentos Bobby desceria à cozinha para fazer o café. Erich ainda dormia e Jonathan estava sentado ao meu lado, debaixo do lençol.

- Hoje tenho de substituir algumas telhas depois do trabalho - disse Bobby. - Caso não tenham reparado, o vento arrancou uma série delas. O telhado está uma verdadeira desgraça.

- Devíamos arranjar um telhado novo e pronto - disse eu. - Por que não começamos já à procura de alguém para fazer o serviço?

- Quando a casa estiver mais ou menos pronta - disse Jonathan -, quero voltar a convidar a minha mãe a passar uns dias connosco. Julgo que ela teria mais facilidade em aceitar a minha vida se a conhecesse um pouco melhor.

- Enfim, os pais... - murmurei. - Sabes, tenho andado a pensar. Gostava de levar a menina Rebecca a Washington, a casa da minha mãe. Só por uns dias.

Tal como eu esperava, Bobby levantou-se para fazer o café.

- Por que não a convidas a vir cá? - perguntou ele.

- Porque ela tem sessenta e cinco anos e não é uma mulher liberal, nem pouco mais ou menos. Acredita em mim, não ias gostar de ter a Amélia cá em casa a resmungar sobre o nosso estilo de vida. É isso que ela pensa que nós temos. Não uma vida, mas um estilo de vida.

- Não achas que ela devia começar a habituar-se à ideia? - disse Jonathan.

- Querido, a minha mãe ainda não se habituou à ideia de eu ter mamas. É por isso que se sente tão desconfortável quando me vê nua. Confia em mim. É melhor que seja eu a levar a Rebecca durante uns dias.

- Bem, se achas que é mesmo necessário - disse Bobby, e desceu para cumprir as tarefas da manhã.

- Só por uns dias - disse Jonathan. - Está bem? Dois ou três dias?

Acenei com a cabeça e acariciei o cabelo de Rebecca. Receei que ela sentisse a tensão nos meus dedos e começasse a chorar. Mas Rebecca continuou a falar, imperturbada. As nossas mentiras não afectam grandemente o mundo.

Estava apenas semiconsciente daquilo que andava a engendrar. Não se tratou de um plano até dar por mim a pô-lo em prática, e, nesse momento, tive a impressão de que seguia uma estratégia estabelecida há meses ou mesmo anos. Emalei as coisas de Rebecca: roupas e alguns brinquedos, o carrinho de passeio e a cadeirinha alta. Jonathan ajudou-me a levar as coisas para o carro.

- Para quê tanta coisa? - disse ele. - Só vão estar fora alguns dias. Não vão ficar até à passagem do milénio.

- Quero estar prevenida - expliquei. - É preciso evitar a todo o custo fazer compras com a minha mãe. Se ficar sem fraldas, ela leva-me ao Saks.

- Não me parece assim tão terrível - disse Jonathan. Usava um blusão de ganga e um crachá com o rosto branco e afável de Albert Einstein preso na lapela. Tinham brotado no relvado algumas tulipas de um negro avermelhado. Uma cotovia-dos-prados maluca, que tinha o ninho ali perto, sobrevoou-nos numa fúria, saltando dos ramos mais baixos de um carvalho. Meti o carrinho de passeio na bagageira, enquanto Jonathan ajeitava o saco das fraldas no espaço que sobrara.

- Não quero que ela gaste dinheiro comigo, faz-me sentir uma espécie de culpa decadente - disse eu. - É melhor evitar tudo isso. Não quero ver-me na obrigação de aceitar um vestido de quinhentos dólares, do género que as mulheres dos astronautas usam. É melhor levar reservas suficientes para não termos de sair de casa.

Perguntei-me se não estaria a explicar-me demais. Não queria soar como uma criminosa de alibi estranhamente perfeito, a justificar com demasiada minúcia todos os seus movimentos.

- Tu lá sabes - respondeu Jonathan. Não havia desconfiança na voz dele. - Jonathan fechou a porta da bagageira. - Vou ter saudades tuas - disse ele.

Bobby devia estar a aparecer com Rebecca a qualquer momento. Estendi a mão e agarrei a manga do blusão de Jonathan.

- Escuta - disse-lhe. - Desculpa.

- Desculpo o quê?

- Oh, tu sabes bem o quê. Desculpa ser tão covarde em relação à minha



mãe. Da próxima vez convidamo-la a vir. Tens razão. Vai ter de se habituar a nós.

- Bem, os pais são complicados - concordou. - Acredita que sei do que estou a falar.

- Mas desculpa na mesma. A sério. - Senti que estava prestes a chorar.

- Que se passa, querida?

Nesse momento tive a certeza de que Jonathan sabia. Abanei a cabeça.

- Nada.

Jonathan apertou-me ligeiramente o braço para me reconfortar.

- A tolinha da Clare - comentou. - Sua coisinha maluca.

Na verdade, Jonathan não se apercebera de nada. Ainda não tinha desenvolvido o hábito da perda. Acreditava numa vida cada vez mais rica. Era provavelmente esse o seu erro de percepção fundamental. Era talvez por isso que não conseguia apaixonar-se.

- Oh, não me chames coisinha maluca, está bem? Sou uma mulher adulta.

- Pronto, pronto. Desculpa.

- A sério, Jonathan, eu só queria que...

- O quê? O que é que querias?

- Não sei. Durante quanto tempo planeias ser um miúdo? A tua vida inteira?

- Achas que devia mudar para miúda? - perguntou ele.

- Acho que... Oh, esquece. Hoje estou a ser uma cabra. Senti-o no preciso momento em que acordei.

- Ouve, liga-nos quando chegarem a casa da tua mãe, está bem? Só para sabermos se a viagem correu bem.

- Está bem. Claro que ligo. - Ficámos calados por uns momentos, olhando em redor como se a paisagem nos fosse estranha. Como se tivéssemos acabado de sair do carro para esticar as pernas e apreciar a beleza da região. - As coisas deviam ser mais simples do que isto, não achas? - perguntei.

- O Bobby diz que é um mundo novo. Diz que podemos fazer tudo o que quisermos.

- O Bobby é um idiota cheio de ilusões. No melhor sentido do termo. Compreendi que continuava a agarrar a manga do blusão de Jonathan. Quando o larguei, a ganga reteve a forma do meu punho.

- Vou ver por que razão estão a demorar tanto - disse eu. - Se não nos

pusermos a caminho depressa, apanhamos a hora de ponta em Nova Iorque.

- Está bem.

Jonathan ficou à nossa espera junto ao carro, as mãos metidas nos bolsos das calças de caqui, o cabelo claro reflectindo a luz do sol. Voltei-me para ele no momento em que cheguei ao alpendre. Lançou-me um sorriso irónico, cúmplice, e eu entrei em casa.

Bobby estava a descer as escadas com Rebecca ao colo.

- Estava a ver que nunca mais descias - disse eu. - Se não conseguirmos passar Manhattan antes da uma...

Bobby levou um dedo aos lábios.

- O Erich está a dormir - disse ele. - Teve uma manhã difícil.

Tirei-lhe Rebecca dos braços. Também ela estava a ter uma manhã difícil.

- Não quero ir - disse ela.

- Já está tudo no carro? - sussurrou Bobby.

- Já. Despede-te do Erich por mim, está bem?

- Está bem.

- Não quero - repetiu Rebecca.

Bobby estava parado no último degrau, a pequena pança visível sob o tecido da T-shirt. Tinha um ar tão inocente e bem intencionado. Apeteceu-me bater-lhe por ser tão lorpa, tão leal e optimista. Conseguia imaginá-lo mais velho, arrastando-se pela casa em chinelos. Afirmando que a casa convalescente estava óptima, perfeita.

«Fazemos pudim de chocolate às sextas-feiras», diria. «A nova empregada chama-se Harriet. Costuma mostrar-me fotografias dos filhos.»

- Escuta - disse eu. - Tive uma ideia um pouco maluca. Queres vir comigo?

- O quê?

- Agora mesmo. Mete algumas coisas num saco e vem con-nosco..

- Pensei que a tua mãe não aprovasse a nossa relação.

- Que se foda a minha mãe. Queres vir ou não?

- Temos de tomar conta do Erich - disse ele.

- O Jonathan pode tomar conta do Erich. Já é altura de assumir algumas responsabilidades, não achas? Eles lá se hão-de arranjar sozinhos, não te preocupes.

- Que se passa, Clare? O que é que te deu? - Apertei a bebé contra o peito.

- Nada - respondi. - Esquece. Sou uma coisinha maluca, só isso.

Saí para o alpendre com Rebecca nos braços e Bobby seguiu-me até ao carro. Sentei Rebecca na cadeirinha e apertei-lhe o cinto de segurança. Rebecca começou a espernear e a choramingar. O movimento do carro acabaria por embalá-la, mas por enquanto nada a poderia consolar. Preparei-me para a ouvir gritar.

- Adeus, rapazes - disse eu.

- Não - protestou Rebecca do banco traseiro. - Não, não, não, não, não.

Os rapazes beijaram-me, disseram-me para conduzir com cuidado. Beijaram Rebecca. As suas atenções foram o bastante para a fazerem chorar.

Rebecca escancarou a boca e quase se engasgou a meio do uivo que tinha vindo a preparar desde o pequeno-almoço.

- Adeus, menina Rebecca - disse Jonathan através da janela. - Oh, a gente gosta muito de ti, mesmo quando és monstruosa. Diverte-te com a tua horrível avó.

- Cuidem-se - disse eu. Liguei o motor e fiz marcha atrás até alcançar o caminho de cascalho. Acenei-lhes e eles retribuíram o aceno. Estavam muito juntos, de costas para a casa delapidada. Quando comecei a afastar-me, Jonathan desatou a correr atrás do carro. Por uns momentos julguei que tinha qualquer coisa a dizer-me, mas depois compreendi que decidira apenas correr atrás de nós durante alguns metros, tolo e leal como um cão. Segui em frente. Jonathan alcançou o carro e acompanhou-nos por uns breves momentos, atirando-nos beijos. Acenei-lhe pela última vez. Antes de alcançar a curva, olhei pelo retrovisor e vi-os aos dois. Jonathan e Bobby, parados no meio do caminho. Pareciam um par de beatniks, vestidos com desleixo num lugar remoto, insignificante. Nos seus óculos escuros e T-shirts e cabelos despenteados pareciam estar imóveis à beira do velho ciclo: os anos 60 prestes a rebentar em torno deles, uma longa tempestade de amor e raiva e expectativas frustradas. Bobby pousou o braço nos ombros de Jonathan. Ficaram os dois a acenar.

A estrada parecia de prata ao sol da manhã. Era um dia perfeito para viajar. Rebecca continuava a guinchar no banco traseiro. As rodas giravam, engolindo quilómetros. Sabia que não teríamos uma vida fácil. Imaginei-nos às duas num apartamento em São Francisco ou Seattle, com gente desconhecida a discutir do outro lado da parede. Levá-la-ia a passear por ruas estranhas, em busca de um supermercado. Rebecca não perceberia de

imediatamente a estranheza da nossa vida - só mais tarde, quando começasse a compreender que as outras meninas tinham uma vida diferente. E então começaria a odiar-me por eu estar sozinha, por ser velha e excêntrica, por lhe ter roubado uma infância com um quintal e um quarto de brinquedos e um pai. Por uns momentos pensei voltar para trás. O impulso dominou-me; se tivesse encontrado um sítio para virar o carro, tê-lo-ia feito. Mas estávamos num troço direito de auto-estrada. Segui a linha amarela até que o impulso se diluiu na crescente distância. Mantive as mãos no volante, e não pensei se não no próximo quilómetro e naquele que se seguiria. Olhei para Rebecca através do espelho. O movimento do carro começava finalmente a acalmá-la. Antes de adormecer, olhou-me sombriamente, de nariz ranhoso e o chapéu de algodão entortando para um dos lados.

- Mamã - disse ela. Pronunciou a palavra num distinto tom de desespero.

- Ainda vais agradecer-me por isto, querida. Ou talvez não. Agora estou sozinha com isto. Este amor. Um amor que atravessa

a carne como um raio X, que não contém nenhum verdadeiro elemento de bondade ou misericórdia.

Perdoem-me, rapazes. Afinal parece que consegui aquilo que queria. Um bebé só meu, uma direcção a seguir. A casa e o restaurante poderão não ser grande coisa para oferecer em troca, mas é tudo o que tenho para vos dar.

Saí da auto-estrada e virei para oeste.

## BOBBY

A Lua segue-nos, um quarto crescente branco num céu azul poeirento. Regressamos a casa vindos do supermercado: Erich, Jonathan e eu. Ultimamente Erich é uma presença fugidia. Vai e vem. Se não tivesse as mãos no volante agarrá-lo-ia para evitar que esvoaçasse para fora do carro.

- Como está ele aí atrás? - perguntei a Jonathan. Jonathan olha para o banco traseiro.

- Estás bem, Erich? - pergunta.

Erich não responde. Está a ter um ataque de ausência. Quem sabe se consegue ouvir-nos?

- Acho que está bem - responde Jonathan. Aceno com a cabeça e continuo a guiar. Passamos por quintas de ambos os lados da estrada. As vacas cumprem os seus movimentos comuns, sólidas como a própria história.

Chegamos a casa e ajudamos Erich a sair do carro. Guiamo-lo até às escadas do alpendre. Ele sorri com a beatitude confusa dos idosos. Talvez esteja feliz por termos chegado a casa. Talvez esteja a lembrar-se de um brinquedo que lhe ofereceram quando tinha quatro anos. Arrumamos as mercearias nos armários da cozinha.

- E se lhe déssemos banho? - sugiro.

- Achas que ele está a precisar? - pergunta Jonathan.

- Acho que ele ia gostar - respondo.

Conduzimo-lo ao andar de cima e abrimos as torneiras da banheira. O vapor dá um novo brilho aos azulejos brancos, rachados. Enquanto a banheira enche, ajudamos Erich a despir as roupas. Não resiste nem colabora. A cara dele reflecte um vago receio, algo que difere da sua habitual inexpressividade. Nos momentos em que perde contacto consigo próprio, Erich assume uma expressão de incompreensão muda, como se não pudesse acreditar no vazio em que se vê mergulhado. É uma perplexidade que nada tem que ver com o horror e o assombro. Não se compara à expressão de um bebé.

Sentamo-lo na tampa da sanita, nu. A banheira enche-se a pouco e pouco. Erich permanece sentado, calmo e obediente, as mãos penduradas entre os talos das coxas. Jonathan estende a mão e toca-lhe no cabelo.

- Vou pôr um pouco de música - digo eu.

- Está bem. - Jonathan fica ao lado de Erich, amparando-lhe os ombros dos ombros com uma mão. Com a outra continua a afagar-lhe timidamente o cabelo.

Ligo o rádio do quarto. Está sintonizado numa estação de clássicos, a música da nossa infância. Van Morrison canta «Madame George». Subo o volume para que possamos ouvir a música na casa de banho.

- Esta canção é ótima - diz Jonathan, no momento em que volto a entrar. - Foi sempre uma das minhas favoritas.

- Queres dançar? - pergunto-lhe.

Erich fita os próprios pés. Jonathan larga-o, cuidadosamente. Erich não se desequilibra. Ao fim de um momento Jonathan abraça-me e valsamos juntos. Os nossos sapatos martelam os azulejos desprotegidos do chão. Sinto o tumulto contínuo da vida de Jonathan; agita-se-lhe ao longo da pele como uma teia de fios vibráteis. Percorro-lhe os botões da espinha com as mãos. Van Morrison canta: «Say Goodbye to Madame George. Dry your eyes for Madame George.»

- Bobby? - diz Jonathan.

- Sim?

- Oh, esquece. Ia dizer qualquer coisa parva como «tenho medo». Mas claro que tenho. Todos temos.

- Pois é. Quer dizer, acho que tens razão.

Dançamos até ao fim da canção. Gostaria de poder dizer que Erich sorri ou abana a cabeça ao ritmo da música. Gostaria que ele se juntasse a nós de algum modo. Mas Erich está perdido no seu próprio mistério, fitando um abismo cada vez mais fundo. Ajudamo-lo a entrar na água. Esfregamos-lhe a cabeça e o pescoço magro, o peito encovado e as axilas fundas. Ele sorri fugazmente. Está a reagir às sensações da água ou a qualquer coisa de mais privado.

Depois do banho, metemo-lo na cama. A tarde está a chegar ao fim.

- Vou dar um salto ao restaurante para organizar as coisas para amanhã, está bem? - diz Jonathan. Digo-lhe que vou substituir as telhas que o vento arrancou.

Cumprimos as nossas tarefas. É uma tarde normal, que corre em direcção à noite. Jonathan mete-se no carro e arranca para a cidade, eu encosto o escadote à parede da casa e subo os degraus com uma pilha de telhas novas debaixo do braço. Vão parecer cruas e amarelas entre as telhas velhas, cor de café. As telhas velhas, cobertas de caruma, são duras e quebradiças sob as minhas mãos e pés.

Do telhado consigo ver a paisagem. Vejo a nossa pequena propriedade e os campos e montanhas que a envolvem. Vejo um descapotável vermelho a deslizar pela estrada. Na erva, junto ao alpendre, vejo um dos brinquedos de Rebecca, uma boneca chamada Baby Lou. Está deitada de costas, sorrindo ao céu, num êxtase pétreo. Custa-me a crer que Clare se tenha esquecido de a levar.

Atravesso um momento de pânico. Sei que Clare e Rebecca não regressarão. Podia ter dito qualquer coisa antes de partirem, mas tive medo

de arriscar - e se Jonathan decidisse ir também? Não posso abandonar a casa ao seu declínio. Levou demasiado tempo a construir. Jonathan e eu pertencemos-lhe, juntos. Clare levou Rebecca para o mundo dos vivos - para os seus ruídos e surpresas, os seus riscos de desilusão. Provavelmente está certa. É onde Rebecca deve estar. Nós vivemos noutra mundo, num lugar mais tranquilo, mais propenso ao perdão. Segui o meu irmão até este mundo e nunca o abandonei completamente.

Tenho trabalho a fazer. Tenho de consertar o telhado.

O pânico passa.

Rebecca regressará um dia e a casa há-de estar à espera dela. Não é grande coisa - um esqueleto roído pelas térmitas, reconstruído aos poucos, com o esforço de mãos inexperientes. Não é grande coisa, mas continua em pé - e em pé há-de estar quando Rebecca tiver vinte anos.

Consigo vê-la neste preciso instante. A cena é límpida como uma janela aberta sobre o futuro. Vejo uma jovem mulher de cabelo castanho claro, sem esse tipo de beleza favorecido pelo mundo, mas senhora de uma graça subtil e de um modo seguro de ocupar a própria pele. Vejo-a caminhar para o alpendre da casa que herdou. Uma casa que não pediu e com a qual não sabe bem o que fazer. Vejo-a aqui, de casaco de Inverno, exalando nuvens de vapor no ar brilhante. É tudo o que vejo. Não é uma visão importante. Mas vejo-a com surpreendente clareza. Vejo as botas pisando as tábuas do soalho, o cabelo eriçado no ar invernal. Vejo o modo como ergue o queixo e atravessa a luz frígida em direcção a esta herança indesejada. Toco o meu próprio queixo. Ajoelho-me no telhado, tacteando o bojo simples e mortal da parte inferior do meu rosto. O tempo passa e eu lanço mãos ao trabalho. O martelo produz uma espécie de música metálica, compassada, que faz estremecer o esqueleto da casa. Fixo uma das telhas no seu lugar. Fixo outra.

Mais tarde, durante a noite, Jonathan toca-me no rosto para me acordar. Abro os olhos e vejo a cara dele, brilhante na escuridão do quarto. Está tão próximo que sinto na pele a respiração dele. Jonathan leva um dedo aos lábios e faz-me sinal para que o siga. Saio para o corredor atrás dele. As pintas dos boxers de Jonathan flutuam no escuro. Ele usa apenas os boxers; eu estou de cuecas e camisola interior. Jonathan volta a acenar com a mão e eu sigo-o até ao andar de baixo. As sombras penduram-se-lhe nas costas.

- Desculpa ter-te acordado assim - diz ele quando chegamos à sala. - Mas preciso da tua ajuda para fazer uma coisa. - Pergunto-lhe que tipo de

coisa quer ele fazer à meia-noite. À laia de resposta, Jonathan pega num objecto que está pousado na mesinha junto ao sofá. Faço um esforço para perceber o que é - é a urna com as cinzas de Ned. Segurando a caixa com ambas as mãos, Jonathan caminha para a porta da frente. - Anda comigo - diz ele.

Sáímos para o alpendre e detemo-nos junto ao parapeito, olhando para a escuridão profunda, como dois passageiros num transatlântico. Nas noites sem luar a casa parece flutuar; parece navegar no espaço. A única coisa que vemos é um campo de estrelas e o desassossego das árvores.

- Mudei de ideias, não quero esperar mais tempo - explica Jonathan. - Ocorreu-me subitamente que este lugar serve tão bem como qualquer outro.

- Queres espalhar as cinzas do Ned aqui? Agora?

- Quero. E quero que estejas comigo.

- Hum. E a Alice? Não achas que gostaria de estar aqui também? Quer dizer, não achas que devíamos fazer uma cerimónia ou coisa do género?

- Não. A minha mãe vai ficar feliz por saber que tratei do assunto. Hoje em dia não é muito dada a cerimónias.

- Se tu o dizes.

- Anda daí. - Jonathan desce os degraus do alpendre e eu sigo-o. Pisar a erva é como mergulhar no próprio espaço. Caminho, de cabeça leve, como um astronauta.

- Jon - digo eu. - Jonny, talvez devêssemos esperar um pouco mais. Não achas que te vais arrepender por não teres planeado melhor as coisas?

- Se não quiseres vir, vou sozinho. - Jonathan avança alguns passos em direcção à estrada, que é uma mancha de claridade esbatida no meio da escuridão. Os sapos emitem os seus estalidos. As Plêiades pulsam no céu, um pequeno tumulto de estrelas. Sigo-o. Ao atravessar a estrada lembro-me de quando era miúdo e seguia o meu irmão até ao cemitério para festejarmos juntos o nosso heróico futuro. Jonathan move-se com uma determinação ritualística e ligeiramente irracional. Está apenas de boxers às pintinhas, enquanto as galáxias explodem sobre ele.

Do outro lado da estrada estende-se um campo de alfafa vazio. A alfafa roça-nos as pernas nuas, suspirando. Sei que o campo termina num matagal de silvas, junto a um barracão abandonado, mas tudo o que consigo ver por enquanto é o mar de alfafa.

- Compreendi finalmente que é ridículo guardar as cinzas do meu pai até encontrar uma espécie de lugar perfeito para elas - diz Jonathan,



enquanto caminhamos. - Decidi que este sítio é perfeito. Este campo. Nem sequer sei de quem é. Tu sabes?

- Não.

- Oh, Bobby. Gostava de fazer parte de qualquer coisa que não estivesse a morrer.

- E fazes.

- Não, não faço. Julguei que sim, mas acho que não é verdade.

- Jon - digo eu. - Jonny.

Ele espera que eu fale, mas não consigo dizer-lhe nada. Não consigo dizer-lhe aquilo que sei - ambos temos devoções fora do mundo dos vivos. É isso que nos separa de Clare e das outras pessoas. É isso que nos tem mantido unidos, mesmo nos momentos em que as circunstâncias nos empurravam para caminhos diferentes.

- Enfim, acho que chegou a altura de resolvermos este assunto - diz Jonathan ao fim de algum tempo. - Agora. Aqui. O lugar parece-me perfeito.

Adentramo-nos pelo campo de alfafa e a escuridão fecha-se sobre nós, engolindo a estrada e a casa. Só conseguimos ver a alfafa. Os grilos cantam e os mosquitos esvoaçam à nossa volta, excitados pela nossa inesperada presença. Ficamos ali, numa escuridão estrelada e rumorosa, uma escuridão absoluta como o fim do mundo.

- A tampa é difícil de abrir - diz ele. - Espera um minuto. Pronto, já está. - Jonathan pousa a urna no chão. - É difícil acreditar nisto. O meu pai costumava carregar-me aos ombros. Uma vez fez-me tantas cócegas que eu mijei nas calças de tanto rir. Ainda me lembro de como ele se sentiu mal. E embaraçado. E também um pouco indignado.

- Queres dizer algumas palavras? - pergunto.

- Oh, acho que já as disse. Escuta, metemos as mãos ao mesmo tempo, está bem?

- Está. Se é isso que queres. Debruçamo-nos sobre a urna.

- Vou contar até três - diz ele. - Um, dois, três. Metemos as mãos na urna. Há um saco de plástico lá dentro e os

nossos dedos abrem caminho através dele. As cinzas de Ned têm um toque aveludado, terroso. Estão cravejadas de lascas de osso. Quando as tocamos, Jonathan respira fundo.

- Oh - murmura. - Tudo bem. Acho que o pior já passou. Agarraste algumas?

- Agarrei.

Ficamos parados, com as mãos cheias de cinza e osso.

- Ela tinha razão - diz Jonathan. - Isto não é o meu pai, não mais do que um dos seus velhos sapatos. Bem... Aqui vai.

Em silêncio, espalhamos as cinzas pelo campo. Giramos em pequenos círculos, dispersando-as à nossa volta. Está demasiado escuro para as vermos cair. As cinzas desaparecem das nossas mãos. O som que produzem é abafado pelo ruído dos insectos e o roçar da alfafa.

Voltamos a meter as mãos na urna, uma e outra vez. Mantemos silêncio até ao fim da função.

- Pronto - diz Jonathan. - Pai, cheguei até aqui. Foi o melhor que consegui fazer.

Jonathan pega na urna. Começamos a caminhar para a escuridão onde supomos que fica a casa. Tínhamos perdido o sentido de orientação ao espalhar as cinzas. Erramos a direcção da casa em cerca de seiscentos metros. Temos de regressar pela estrada. Oferecemos aos ocupantes de um Volvo uma visão enigmática - dois homens caminhando por uma estrada rural de roupa interior, segurando uma caixa vazia.

- Bobby? - diz Jonathan.

- Sim?

- Sabes por que resolvi fazer isto de repente?

- Não.

- Foi depois da Clare e da Rebecca terem saído. Comecei a achar que não queria que regressassem com o Erich tão doente e as cinzas do meu pai guardadas num armário do meu quarto. Achei que havia morte a mais lá em casa. Foi por isso que resolvi espalhá-las no campo. Afinal, estava a guardá-las para quê?

- Para nada.

- Quero pintar o quarto da Rebecca - diz ele. - As paredes estão muito sujas. E se amanhã fôssemos comprar umas latas de tinta, depois do trabalho? Uma daquelas cores vivas que ela adora, cor-de-rosa choque, por exemplo. Meu Deus, não sabia que os bebés têm tão mau gosto. - Consigo ouvi-lo respirar. A luz das estrelas, cinzenta e vaga, ilumina-lhe a pele nua. Caminhamos em silêncio durante vários minutos. - Escuta.

- O que é?

- Se me acontecer alguma coisa, este é um bom sítio para espalhares as minhas cinzas. Se esse momento chegar, quero que o digas à minha mãe.

Diz-lhe que era o meu último desejo. Céus, se eu e o meu pai acabarmos os dois neste campo, para onde irá ela depois de morrer?

- Também pode vir para aqui.

- Bem, ela passou a vida inteira a ser arrastada para lugares desconhecidos. Por que haveria de ser diferente depois de morrer?

- Pois. Agora é a este lugar que todos nós pertencemos.

- E se isso fosse mesmo verdade? - diz Jonathan. - Seria uma maravilha, não achas?

Não voltamos a falar. Há demasiadas coisas a dizer. Percorremos a curta distância que nos separa da casa, observados por animais nocturnos invisíveis. É como um sonho, um desses sonhos infantis de embarço público, de andar pelas ruas de cuecas rotas. Contudo, neste sonho particular, não sinto embarço. Estou apenas aqui, despido, numa estrada rural, com o vento negro a soprar à minha volta. As cinzas de Ned misturam-se com a terra num mundo miniatural de formigas e escaravelhos couraçados. Erich está mergulhado no seu sono leve, intrincadamente iluminado por sonhos. Existe beleza no mundo, embora seja mais austera do que imaginávamos. É uma beleza tão diferente da quinta outonal no papel de parede da sala dos meus pais como um osso é diferente de um homem ou uma mulher. Algures neste continente Clare e Rebecca dormem, num quarto de motel ou na sala de estar de um amigo. Quando a silhueta azul da casa aparece à nossa frente, eu compreendo que um lar é também um sítio ao qual escapar. A casa pertence-nos; podemos fugir e regressar.

Agora está demasiado escuro para podermos ver o futuro - as manhãs frias, as longas noites, a música quotidiana. Jonathan e eu estamos aqui para preservar um presente, para que as pessoas possam regressar quando lhes faltar um futuro. Foi tão longa a caminhada que nos trouxe a esta casa. Começamos a subir o caminho de cascalho e eu vejo qualquer coisa a agitar as cortinas da janela do meu quarto. Por uns momentos acredito que Clare regressou. Agarro o ombro de Jonathan.

- Que foi? - pergunta. - Que aconteceu?

- Nada. Não foi nada. Esquece.

Entre o sobressalto e o toque, caio em mim. Clare não regressou. Aquilo que vi foi apenas o vento. O vento ou o espírito da própria casa, inquieto pela nossa ausência nocturna, mas demasiado antigo para se surpreender com os gestos nascidos do hiato entre aquilo que imaginamos e aquilo que podemos, de facto, criar.

# JONATHAN

Numa tarde de Abril, vários meses antes da morte de Erich, Bobby e eu levámo-lo a um lago que conhecíamos, no meio dos bosques. Ficava a dezasseis quilómetros da nossa casa. Era um círculo de água negra-azulada, tremeluzente, rodeado de pinheiros. O tempo ainda estava frio, pelo que tínhamos o lago só para nós.

- O primeiro mergulho da estação - disse Bobby quando saímos do carro. - É uma tradição nossa.

- É lindo - disse Erich. Estava muito fraco. As pernas doíam-lhe e custava-lhe a andar - a doença corria dentro dele mais velozmente que na maioria das pessoas. O rosto de Erich tinha mudado durante o Inverno. Os olhos pareciam ligeiramente maiores e o queixo mais quadrado. As formas do crânio tinham começado a emergir sob a pele.

- Não vínhamos aqui desde o último Verão - disse eu. Ajudámos Erich a descer o pequeno caminho inclinado, em direcção ao semicírculo de terra e caruma que servia de praia. A tranquilidade do lago era quase sobrenatural - ainda não tínhamos chegado ao tempo das abelhas, das libélulas, dos reflexos das folhas na água. Um mês antes havia ainda restos de neve nos recantos mais sombrios. Agora os troncos das árvores eram húmidos e luzidios como o pêlo dos animais e o sol era quente, mas de uma brancura invernal, ainda receoso das cores mais profundas que assumiria em Maio.

O lago reflectia a única nuvem em forma de charuto que se estendia de margem a margem. Ficámos de pé na praia estreita e Bobby lançou uma pedra através da superfície da água, que era lisa e plácida como uma placa de ardósia.

- Costumam nadar aqui no Verão? - perguntou Erich.

- Sim - respondi. - Isto enche-se de gente, é a Coney Island cá do sítio. Vale a pena ver. O lago fica cheio de bebés e cães e velhotes de oitenta anos a nadar em pelota.

Erich acenou com a cabeça, solenemente. Arrependi-me de falar de

uma estação futura, uma estação que ele talvez não chegasse a conhecer. Eu ainda não estava habituado ao sistema particular de cortesia que prevalece entre os doentes. Era como acolher um parente pobre na prosperidade da nossa casa. A sua impróspera presença lembrava-nos o quanto a nossa própria riqueza estava ligada a tudo o que fazíamos e dizíamos.

- E então? - disse ele. - Entramos na água ou quê?

- Está gelada - respondeu Bobby.

- Disseste que era o primeiro mergulho da estação - insistiu Erich. - Disseste que era uma tradição.

- Foi só uma força de expressão - disse-lhe eu. - Só viemos para homenagear o lago. A água precisa de mais um mês, pelo menos, para aquecer um pouco. - De início supus que Erich estava apenas a fingir entusiasmo, mas percebi pela voz dele o quanto desejava entrar na água. Erich não podia confiar nas estações - pela altura em que a água estivesse mais quente, era bem possível que já não conseguisse andar. E, mesmo que conseguisse, era demasiado inibido para exhibir o corpo doente às multidões de estranhos que encheriam o local assim que a estação quente começasse. - Apetece-te mesmo entrar na água? - perguntei-lhe.

- Apetece - respondeu ele, num tom de insistência infantil.

- Era uma boa maneira de arranjaras uma pneumonia - disse Bobby.

- Está bem, vamos dar um mergulho - disse eu. - Venham lá, a água está óptima. O gelo já derreteu há pelo menos três semanas.

- És doido - protestou Bobby.

- Podes crer. Anda lá, Erich. Vamos.

- Não pode ser - insistiu Bobby. - A água está demasiado fria.

Comecei a despir-me e Erich seguiu-me o exemplo. Não fomos graciosos nem provocantes - não havia sugestão de sexo. Ou, se houvesse, seria profundamente secreta, como essa emoção que prevalece entre os jogadores de futebol antes de um desafio, um amor pela identidade física suficientemente generoso é ilimitado para se estender aos outros corpos simplesmente porque estão presentes e são mais ou menos parecidos. Desembaraçámo-nos dos blusões e das botas, enquanto Bobby nos censurava pela nossa falta de bom senso. Ficámos completamente nus sob a luz branca e tépida. Bobby cedeu finalmente, começando também a despir-se. Não queria ver-se excluído de um erro que não conseguira evitar.

Enquanto Bobby se despia, Erich e eu ficámos de pé, juntos, nus, a olhar para a água. Éramos demasiado tímidos para olharmos directamente

um para o outro, se bem que eu pudesse ver-lhe o corpo pelo canto do olho. Os braços e pernas dele eram nodosos nas articulações, salpicados de pequenas manchas purpúreas. O peito e a barriga apresentavam também as mesmas lesões dispersas, como velhas tatuagens esborratadas. Senti uma onda de repugnância, provocada não apenas pelas mudanças no corpo dele, como também pelo seu evidente envolvimento com a doença. Em calças de ganga e camisola, Erich tinha um aspecto doente, mas comum; nu, dir-se-ia a personificação da própria doença. Era como se a sua humanidade estivesse a ser devorada e substituída por outra coisa.

Estendi o braço e peguei-lhe na mão, para nos proteger a ambos. Ao fazê-lo, os sentimentos que costumava exprimir tornaram-se reais. Sofri por ele, uma alma assustada e não melhor preparada para enfrentar a morte do que eu estaria se a doença começasse a minar-me por dentro nesse preciso momento. Senti o rosto a arder.

- Estás pronto? - perguntei-lhe.

- Estou.

Entrámos juntos na água enquanto Bobby despia as calças. A primeira sensação foi de calor - havia um centímetro de água temperada à superfície, sobre o frio entorpecedor das águas mais baixas.

- Oh - exclamou Erich. A água lambia-lhe os tornozelos.

- Se calhar não foi grande ideia - disse eu. - Quer dizer, não te vai fazer bem nenhum.

- Não - disse ele. - Vamos só entrar mais um bocadinho, aos poucos. Eu quero... Bem, apetece-me, pronto.

- Está bem - concordei. Continuava a segurar-lhe a mão. Pela primeira vez senti-me íntimo de Erich, embora nos conhecêssemos há anos e tivéssemos feito amor centenas de vezes. Cada novo centímetro de pele exposto à água era uma agonia. A própria areia do fundo parecia gelo sob os nossos pés.

Bobby aproximou-se de nós, chapinhando.

- Doidos - disse ele. - Doidos de um raio. Erich, ao fim de dois minutos levo-te para o carro.

Estava a falar a sério. Pegaria em Erich ao colo e transportá-lo-ia para a margem se fosse necessário. Desde que éramos miúdos que assumia a função de salvar doidos de águas geladas.

Porém, tínhamos dois minutos, e avançámos um pouco mais. A água era límpida, teias luminosas flutuavam em torno dos nossos pés.

Espantámos peixes minúsculos, visíveis apenas pelas sombras que atravessavam as areias do fundo. Olhei para Bobby, grave e sólido como um barco. Era o oposto de Erich; o tempo tinha-o tornado maior. A barriga dele era larga e proeminente, o pequeno tufo de pêlos acobreados no peito enegrecera e dispersara-se para os ombros e as costas. E eu estava a perder o cabelo, podia apalpar o círculo no alto da cabeça onde começava a rarear.

- É bom - disse Erich. - Quero dizer, isto é muito agradável. - Não era agradável. Era uma tortura. Mas julguei compreender

aquelas palavras - era uma sensação forte, uma sensação que provinha do mundo exterior, e não do mundo interior. Erich estava a despedir-se de um certo tipo de dor.

- Estás a tremer - disse Bobby.

- Só mais um minuto. Depois vamos embora.

- Está bem. Um minuto certo.

Ficámos imóveis na água, a olhar para a linha quebrada de árvores da margem oposta. Foi tudo o que aconteceu. Bobby e eu levámos Erich a dar aquele que seria, de facto, o seu último mergulho, mas só entrámos na água até aos joelhos. Contudo, enquanto estive no lago, aconteceu-me qualquer coisa. Não sei se consigo explicar isto. Senti que qualquer coisa se estilhaçava. Até esse momento eu tinha vivido para o futuro, num estado de contínua expectativa, e o processo parou bruscamente enquanto me erguia ali, nu, com Bobby e Erich, nas águas pouco profundas do lago gelado. O meu pai estava morto e era bem possível que também eu estivesse a morrer. A minha mãe tinha um novo corte de cabelo, um negócio e um amante mais jovem; uma vida nova que lhe servia melhor do que a antiga. Eu não tivera um filho, mas amava uma criança como se fosse minha - conhecia esse tipo de amor. Não posso dizer que me tenha sentido feliz. Não havia em mim nada de tão simples como a felicidade. Estava apenas presente no momento, talvez pela primeira vez na minha vida adulta. O momento nada tinha de extraordinário. Mas pertencia-me completamente. Habitava-me.

Compreendi que, se morresse em breve, teria pelo menos conhecido esse momento, um sentido de ligação à minha própria vida, aos meus erros e pequenos sucessos. A oportunidade de ter sido um de três homens nus num pequeno círculo de água transparente. Não morreria incompleto porque tinha estado ali, ali e em mais sítio nenhum. Não abri a boca. Bobby anunciou que o minuto tinha chegado ao fim, e voltámos a levar Erich para a margem.

